

# O SUCESSO ESCOLAR EM INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO PARA CRIANÇAS E JOVENS EM RISCO

Dissertação de Mestrado

Marta Vieira de Oliveira

Trabalho realizado sob a orientação de

Professor Doutor Rui Duarte Santos

Leiria, março de 2015

Mestrado em Ciências da Educação – Especialização em Educação e

Desenvolvimento Comunitário

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

# O SUCESSO ESCOLAR EM INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO PARA CRIANÇAS E JOVENS EM RISCO

Dissertação de Mestrado

Marta Vieira de Oliveira

Trabalho Realizado sob a orientação de

Professor Doutor Rui Duarte Santos

Leiria, março de 2015

Mestrado em Ciências da Educação – Especialização em Educação e

Desenvolvimento Comunitário

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

## AGRADECIMENTOS

Chegou um dos momentos mais desejados quando se chega ao término deste percurso, agradecer a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para o presente trabalho. Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus pais por acreditarem em mim e por me darem um apoio incondicional ao longo da minha vida. Ao meu irmão e à Susana pelo apoio constante e pela amizade. À minha Catarina pelos sorrisos que me arrancava nos momentos de maior angústia. Ao Valter pela ajuda constante e pela motivação que me dava todos os dias. Às minhas amigas pela amizade de sempre. Ao meu orientador Doutor Rui Santos por ser o meu “guia” nesta caminhada recheada de apoio, de partilha de conhecimentos e de preocupação. Aos professores que lecionaram ao longo do mestrado, bem como aos meus colegas pela partilha de experiências. Também não poderia deixar de agradecer às instituições de acolhimento por me terem “deixado” entrar no mundo delas, nomeadamente aos jovens e técnicos entrevistados. Igualmente quero agradecer à minha entidade patronal por me ter proporcionado este objetivo pessoal e profissional. Às minhas colegas de trabalho pela boa disposição, pela preocupação e pela disponibilidade. E por fim, às minhas meninas pelo carinho de sempre.

## RESUMO

Uma das medidas de promoção e proteção para crianças e jovens em perigo que poderá ser aplicada em Portugal é o acolhimento institucional de acordo com a Lei nº 147/99. Assim, por todo o país, existem instituições que acolhem crianças e jovens vindas de famílias disfuncionais. Estas instituições devem proporcionar condições que permitam o desenvolvimento integral das crianças e jovens, nomeadamente a sua educação e bem-estar.

No que concerne à situação escolar das crianças e jovens em acolhimento institucional, são diversificadas as boas práticas, mas também as dificuldades que as instituições têm de enfrentar. Assim, este estudo pretende compreender de que modo as instituições de acolhimento de crianças e jovens em risco contribuem para alcançar o sucesso escolar dos acolhidos.

Este é um estudo qualitativo, realizado nos distritos de Leiria e Santarém, com uma amostra total de 4 instituições de acolhimento, 1 Centro de Acolhimento Temporário (CAT) e 3 Lares de Infância e Juventude (LIJ). Em cada instituição foi selecionado um jovem acolhido e um técnico para a realização de entrevistas. Foi também aplicado um questionário sociodemográfico aos técnicos entrevistados com o objetivo contextualizar a realidade das instituições.

Os resultados revelam que existe um número insuficiente de colaboradores para acompanhar e supervisionar a área escolar em duas instituições de acolhimento. Para colmatar esta lacuna os técnicos contam com a existência de alguns voluntários, estagiários e professores colocados ao abrigo do Plano CASA. Também foi encontrado como limitação a falta de formação na área escolar por parte dos colaboradores. Os locais de estudo localizam-se na sala de estudo e nos quartos apresentando na generalidade boas condições. Os jovens mantêm uma boa relação com colaboradores e colegas da instituição encontrando-se integrados na sua comunidade educativa. As instituições de acolhimento mantêm uma relação próxima com os estabelecimentos de ensino tendo uma comunicação fluída.

Relativamente a regras relacionadas com a área escolar destaca-se o estudo diário. Por fim, todos os jovens manifestaram gostar da área/curso que estão a tirar, sendo que o tempo máximo de deslocação é de uma hora de autocarro para o seu estabelecimento de ensino. Assim, este estudo demonstra algumas diferenças e similitudes entre as instituições analisadas, mas também alterações relativamente à perceção dos jovens e técnicos sobre o contributo das instituições de acolhimento no sucesso escolar. Cada instituição de acolhimento apesar das limitações que possui tenta adequar a melhor metodologia de intervenção na área escolar para promover o sucesso escolar das crianças e jovens acolhidos.

## **Palavras-chave**

Acolhimento Institucional, Crianças e jovens em risco e Sucesso Escolar

## ABSTRACT

One of the measures of promotion and protection of endangered children and young people that may be applied in Portugal is the institutionalization based on Law No. 147/99. Thus, all over the country, there are foster care institutions for children and young people, who come from dysfunctional families. These institutions should provide conditions which permit children and youth full development, including their education and welfare.

With regard to their educational situation in foster care institutions, there are many good practices, but also the difficulties that institutions have to face. Thus, this study aims to understand how foster care institutions contribute to achieving the school success of the hosted children and youth.

This is a qualitative study conducted in the districts of Leiria and Santarém, with a total sample of four foster care institutions, 1 Temporary Foster Care Centre (CAT) and 3 Foster Care for Children and Youth (LIJ). In order to conduct the interviews, in each institution were selected a young people and a professional. A sociodemographic questionnaire was also applied to the professionals interviewed, in order to contextualize the reality of institutions.

The results show that there is an insufficient number of collaborators to monitor and supervise the school area in two foster care institutions. To fill this gap professionals rely on the existence of some volunteers, trainees and teachers placed under the CASA plan. It was also found as limiting the lack of formation on school area by collaborators. The study places are located in the study room and bedrooms, generally with good condition. The young people have a good relationship with collaborators and institutional colleagues, being integrated into the educational community. The foster care institutions maintain a close relationship with the schools having fluid communications.

In respect of rules related to the school area highlights the daily study. Finally, all young people expressed like the area/course they are attending, and the maximum travel time is one hour by bus to their

school. The results show some differences and similarities between the institutions analyzed, but also some changes to the perception of young people and professionals on the contribution of foster care institutions on the school success. Each foster care institution, despite the limitations they have, try to adapt the best intervention methods in the school area to promote the academic success of the hosted children and youth.

## **Keywords**

Children and youth at risk; Foster care institutions and School success

# ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS .....	ii
RESUMO .....	iii
ABSTRACT .....	v
ÍNDICE GERAL .....	vii
ÍNDICE DE GRÁFICOS .....	x
ÍNDICE DE TABELAS .....	xi
ABREVIATURAS .....	xii
INTRODUÇÃO .....	1
<b>CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>3</b>
<b>1. Sistema de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens em Perigo.....</b>	<b>3</b>
1.1 <i>O Atual Enquadramento Legal Português .....</i>	3
1.2 <i>O Acolhimento Institucional de Crianças e Jovens: Breve Resenha Histórica .....</i>	6
1.3 <i>Respostas Sociais no Sistema de Acolhimento: Lares de Infância e Juventude e Centros de Acolhimento Temporário .....</i>	9
<b>2. Os Jovens em Acolhimento Institucional .....</b>	<b>13</b>
2.1 <i>A Adolescência .....</i>	13
2.2 <i>Caracterização dos Jovens em Acolhimento Institucional em Portugal: CAT e LIJ</i>	15
<b>3. O Sucesso Escolar no Ensino Português.....</b>	<b>17</b>
3.1 <i>O Ensino em Portugal .....</i>	17
3.2 <i>O Sucesso Escolar .....</i>	19
3.3 <i>O Sucesso Escolar e o Desenvolvimento Comunitário .....</i>	21
3.4 <i>O Sucesso Escolar em CAT e LIJ: Contributos e Boas Práticas .....</i>	23
<b>CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO .....</b>	<b>25</b>
<b>1.Problemática e Pergunta de Partida.....</b>	<b>25</b>
1.1 <i>Objetivos da Investigação e Mapa Concetual.....</i>	26
<b>2. Opções Metodológicas .....</b>	<b>30</b>
2.1 <i>Paradigma do Estudo .....</i>	30
2.2 <i>Estudo de Caso .....</i>	31
<b>3.Técnicas de Recolha de Dados.....</b>	<b>31</b>
3.1 <i>Questionário .....</i>	32



3.2 Entrevista Semiestruturada .....	32
3.3 Análise Documental.....	33
<b>4. Delimitação do Campo de Pesquisa .....</b>	<b>34</b>
4.1 Constituição da Amostra .....	35
<b>5. Procedimentos.....</b>	<b>36</b>
<b>6. Técnicas de Tratamento de Dados .....</b>	<b>39</b>
 <b>CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	 <b>40</b>
<b>1. Fatores Institucionais .....</b>	<b>40</b>
1.1 Formação dos Colaboradores.....	40
1.2 Modo de Organização .....	42
1.3 Importância dada à escola .....	45
1.4 Síntese da Categoria de Análise: Fatores Institucionais .....	48
<b>2. Fatores Ambientais e Recursos da Instituição .....</b>	<b>49</b>
2.1 Locais de Estudo.....	49
2.2 Condições dos Locais de Estudo .....	49
2.3 Recursos Tecnológicos e Materiais.....	50
2.4 Síntese da Categoria de Análise: Fatores Ambientais e Recursos da Instituição ....	50
<b>3. Fatores Individuais dos Jovens.....</b>	<b>51</b>
3.1 Percepção sobre o Acolhimento Institucional.....	51
3.2 Historial Escolar dos Jovens.....	52
3.3 Relação com os Colaboradores.....	52
3.4 Relação com os Colegas da Instituição.....	53
3.5 Relação com a Comunidade Educativa.....	54
3.6 Projeto de Vida dos Jovens .....	55
3.7 Aspirações Acadêmicas/Profissionais.....	57
3.8 Importância do Sucesso Escolar .....	57
3.9 Síntese da Categoria de Análise: Fatores Individuais dos Jovens.....	58
<b>4. Fatores Metodológicos de Intervenção Escolar dos CAT/LIJ.....</b>	<b>59</b>
4.1 Relação entre CAT/LIJ e Estabelecimentos de Ensino .....	59
4.2 Formas de Comunicação entre CAT/LIJ e Estabelecimentos de Ensino .....	60
4.3 Definição do Encarregado de Educação .....	60

<i>4.4 Regras Institucionais na Área Escolar</i> .....	61
<i>4.5 Acompanhamento e Supervisão do Estudo Diário</i> .....	63
<i>4.6 Dificuldades Sentidas pelos Técnicos</i> .....	63
<i>4.7 Sugestões e Ações Futuras</i> .....	64
<i>4.8 Síntese da Categoria de Análise: Fatores Metodológicos de Intervenção Escolar dos CAT/LIJ</i> .....	65
<b>5. Fatores Escolares/Formativos do Meio Envolverte</b> .....	65
<i>5.1 Respostas Escolares/Formativas</i> .....	65
<i>5.2 Proximidade das Respostas Escolares/Formativas ao CAT/LIJ</i> .....	66
<i>5.3 Adequabilidade das Respostas Escolares/Formativas ao Mercado de Trabalho</i> .....	67
<i>5.4 Síntese da Categoria de Análise: Fatores Escolares/Formativos do Meio Envolverte</i> .....	67
 <b>CAPÍTULO IV – CONCLUSÕES</b> .....	68
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	77
<b>ANEXOS</b> .....	85
Anexo I – Questionário .....	86
Anexo II - Entrevista Semiestruturada para os Jovens .....	91
Anexo III - Entrevista Semiestruturada para os Técnicos .....	97
Anexo IV - Pedido de Autorização para o Trabalho de Investigação .....	104
Anexo V - Declaração ESECS - IPL .....	106
Anexo VII – Transcrição das Entrevistas .....	111
Anexo VIII – Categorias e Subcategorias de Análise .....	255
Anexo IX – Grelhas de Análise de Conteúdo .....	257

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - N.º de técnicos de acordo com a sua formação académica em cada IA.....	40
<b>Gráfico 2</b> – N.º de colaboradores da equipa educativa de acordo com a sua formação académica em cada IA.....	41
<b>Gráfico 3</b> - N.º de colaboradores da equipa de apoio de acordo com a sua formação académica em cada IA.....	41
<b>Gráfico 4</b> - N.º de reuniões realizadas por mês com os diferentes elementos em cada IA .....	45
<b>Gráfico 5</b> - N.º de crianças/jovens de cada IA de acordo com o tipo de ensino letivo..	46

## ÍNDICE DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Operacionalização dos Conceitos .....	29
<b>Tabela 2</b> - Caracterização de cada Instituição de Acolhimento (IA).....	34
<b>Tabela 3</b> - Caracterização dos jovens acolhidos entrevistados, à data das entrevistas ..	35
<b>Tabela 4</b> – Caracterização dos técnicos entrevistados, à data das entrevistas .....	36
<b>Tabela 5</b> – Número de colaboradores de cada equipa das instituições de acolhimento	42
<b>Tabela 6</b> – Relação entre o número de colaboradores de cada equipa e a capacidade máxima para acolher das instituições de acolhimento.....	43
<b>Tabela 7</b> – Outras pessoas que colaboraram no ano letivo 2013/2014 com o CAT/LIJ	44
<b>Tabela 8</b> – Relação entre o número de crianças/jovens acolhidas em cada IA e o n.º de reprovações escolares .....	46

## ABREVIATURAS

Art. – Artigo

CASA – Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens

CAT – Centro de Acolhimento Temporário

CEF – Curso de Educação e Formação

CID – Crianças, Idosos e Deficientes: Cidadania, Instituições e Direitos

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

IA - Instituição de Acolhimento

ISS – Instituto da Segurança Social

LIJ – Lar de Infância e Juventude

LPCJP - Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo

PCA – Percurso Curricular Alternativo

PIEF – Programa Integrado de Educação e Formação

P.N.U.D – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

# INTRODUÇÃO

A presente dissertação intitulada por “O Sucesso Escolar em Instituições de Acolhimento para Crianças e Jovens em Risco” é realizada no âmbito do Mestrado de Ciências da Educação – Especialização em Educação e Desenvolvimento Comunitário, lecionado pela Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria. Este interesse por realizar um estudo sobre esta temática surge do facto da investigadora desenvolver funções no âmbito escolar numa instituição de acolhimento, bem como dos assuntos abordados ao longo das aulas do respetivo mestrado.

Neste sentido, em Portugal quando uma criança ou jovem se encontra em perigo, uma das medidas de promoção e proteção que poderá ser aplicada é o acolhimento institucional (Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, 1999). As instituições que acolhem estas crianças e jovens possuem inúmeras responsabilidades, sendo que se destaca as educativas e escolares (Carvalho, 2013). Neste contexto, pretende-se conhecer o modo de organização de cada instituição de acolhimento que contribui para alcançar o sucesso escolar das crianças e jovens acolhidas. Assim, torna-se pertinente a realização deste estudo, uma vez que é importante as instituições de acolhimento reconhecerem os fatores que podem influenciar o sucesso das crianças e jovens que têm à sua responsabilidade. Por outro lado, permite a identificação de dificuldades que as instituições de acolhimento possuem, no intuito de melhorar as suas boas práticas na área de intervenção escolar em contexto institucional.

Para concretizar este objetivo, o primeiro capítulo tem a finalidade de enquadrar os conceitos essenciais para este estudo através de uma revisão bibliográfica. Assim, inicia-se o capítulo com o Sistema de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens em Perigo apresentando o atual enquadramento legal português seguido de uma breve resenha histórica das instituições de acolhimento, assim como as atuais respostas sociais nesta área social. No ponto os Jovens em Acolhimento Institucional descreve-se o período do ciclo vital da adolescência e uma caracterização dos jovens acolhidos em Centros de Acolhimento Temporário e Lares de Infância e Juventude. Em último, no ponto O Sucesso Escolar no Ensino Português expõe-se o atual ensino em Portugal enquadrando a definição do conceito de sucesso escolar. Também se enquadra o sucesso escolar e o desenvolvimento comunitário, assim como as boas práticas e os contributos

das instituições de acolhimento para que as crianças e jovens alcancem o sucesso escolar.

No capítulo II apresenta-se a metodologia de investigação a utilizar. Deste modo, através da problemática define-se a pergunta de partida que permite definir o mapa concetual e delimitar os objetivos específicos. Para atingir estes objetivos pretende-se utilizar o paradigma qualitativo com as seguintes técnicas de recolha de dados: questionário, entrevistas e análise documental. De igual forma, delimitou-se o campo de estudo, ou seja, 4 instituições de acolhimento, nas quais a amostra é constituída por 4 jovens e 4 técnicos. Por fim, apresenta-se as técnicas de tratamento de dados que se enquadram na análise de conteúdo para as entrevistas e na utilização de um programa informático para os questionários.

Seguidamente, no capítulo III pretende-se realizar a apresentação, a análise e a discussão dos resultados, tendo em consideração as categorias de análise que são: os Fatores Institucionais, os Fatores Ambientais e Recursos da Instituição, os Fatores Individuais dos Jovens, os Fatores Metodológicos e de Intervenção Escolar dos CAT/LIJ e os Fatores Escolares/Formativos do Meio Envolvente. Neste âmbito, articula-se os resultados dos questionários e das entrevistas com referências teóricas.

Em último, no capítulo IV expõe-se as principais conclusões deste estudo utilizando os objetivos específicos delineados. Também se apresenta as limitações da presente investigação, bem como sugestões.

# CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Neste primeiro capítulo pretende-se expor o suporte teórico do presente estudo. Deste modo, num primeiro momento apresenta-se como temática principal o sistema de promoção e proteção de crianças e jovens em perigo que inclui: o atual enquadramento legal português, uma breve resenha histórica sobre o acolhimento institucional e por fim, o atual funcionamento das instituições de acolhimento. Seguidamente, num segundo ponto - os jovens em acolhimento pretende-se descrever o ciclo vital da adolescência, bem como a caracterização dos jovens acolhidos em Portugal. Em último, no tema intitulado - o sucesso escolar no ensino português apresenta-se de forma sucinta o ensino em Portugal e a definição do conceito de sucesso escolar. Também se enquadra o sucesso escolar e o desenvolvimento comunitário, assim como os contributos e boas práticas para o sucesso escolar em instituições de acolhimento.

## 1. Sistema de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens em Perigo

### *1.1 O Atual Enquadramento Legal Português*

A família, segundo Amorim (2011), é um contexto privilegiado onde as crianças se desenvolvem, pois apresenta-se como um espaço primordial de segurança e de afetividade. Contudo, de acordo com esta autora, a família moderna pode surgir de duas formas: como um lugar privilegiado de afeição e de companheirismo entre os seus elementos e como um lugar privilegiado de violência designando-se este último por família disfuncional ou de risco. Também Alarcão (2006) utiliza o conceito de família multiproblemática enquadrando famílias com baixos recursos socioeconómicos; problemáticas como toxicodependência, alcoolismo, delinquência, maus tratos ou abandono de crianças.

É perante este contexto que atualmente, no âmbito da matéria de infância e juventude, Portugal apresenta uma diversidade de legislação, na qual se enquadra a Lei n.º 147/99 designada por Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP) criada a 1 de setembro de 1999 (Gomes, 2010). A LPCJP tem como objeto a promoção dos direitos e proteção das crianças e jovens que se encontram em perigo que residam ou se encontram em Portugal, no intuito de garantir o seu bem-estar e desenvolvimento integral (Perdigão & Pinto, 2009). Neste sentido, considera-se criança ou jovem uma



pessoa com menos de 18 anos ou com menos de 21 anos que solicite a continuidade da intervenção que teve início antes de completar os 18 anos (LPCJP, 1999, Art. 5.º).

Assim, de acordo com o n.º1 do Artigo 3.º, do diploma legal da LPCJP

“ A intervenção para promoção dos direitos e proteção da criança e do jovem em perigo tem lugar quando os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto ponham em perigo a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento, ou quando esse perigo resulte de ação ou omissão de terceiros ou da própria criança ou do jovem a que aqueles não se oponham de modo adequado a removê-lo.” (1999, p. 6116).

Segundo esta mesma Lei, no n.º 2 do Artigo 3.º, considera-se que existem diferentes situações de perigo para uma criança ou jovem, na qual permitem que exista intervenção, como:

“a) Está abandonada ou vive entregue a si própria; b) Sofre maus tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais; c) Não recebe os cuidados ou a afeição adequados à sua idade e situação pessoal; d) É obrigada a atividades ou trabalhos excessivos ou inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento; e) Está sujeita, de forma direta ou indireta, a comportamentos que afetem gravemente a sua segurança ou o seu equilíbrio emocional; f) Assume comportamentos ou se entrega a atividades ou consumos que afetem gravemente a sua saúde, segurança, formação, educação ou desenvolvimento sem que os pais, o representante legal ou que tenha a guarda de facto se lhes oponham de modo adequado a remover essa situação” (1999, p. 6117).

Deste modo, para proteger e zelar pela promoção dos direitos das crianças e jovens, a intervenção deve ser operacionalizada tendo em conta três patamares diferenciados de carácter informal e formal (Carvalho, 2013). Num primeiro nível, de âmbito informal, cabe às entidades implementadas na comunidade com competência em matéria de infância e juventude, no nível seguinte às Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) e por fim, no terceiro nível, aos Tribunais, sendo que os dois últimos são simultaneamente de carácter formal (Pereira & Santos, 2011).

Relativamente às entidades implementadas na comunidade estas podem ser pessoas singulares ou coletivas, como por exemplo escolas, centros de saúde, entre outros que estabeleçam um plano de intervenção com a família para proteger a criança ou jovem da

situação de perigo e que leve ao cessamento desta (Gomes, 2010). No que diz respeito às CPCJ, estas são instituições oficiais não judiciárias que pretendem intervir com o intuito de prevenir ou pôr termo a diferentes situações suscetíveis em que se encontrem as crianças ou jovens (Decreto-Lei 189/91, Art. 3.º). Tal como refere o Artigo 8.º da LCPCJ a intervenção por parte das CPCJ só deve acontecer quando as entidades em matéria de infância e juventude não conseguiram atuar de forma adequada e suficiente para remover a situação de perigo da criança ou jovem. Por outro lado, Gomes (2010) menciona que a intervenção das CPCJ deve desenvolver a sua intervenção junto das famílias das crianças e jovens tendo em conta os recursos da comunidade, no intuito de conseguir cessar a situação de perigo da criança ou jovem.

Para que ocorra intervenção por parte das entidades com competência em matéria de infância e juventude e pelas CPCJ, a LPCJP (1999, Art. 9.º e 10.º) expõe que tem que existir consentimento por parte dos pais, representantes legais ou quem tenha a guarda de facto da criança ou jovem, assim como a não oposição da criança ou do jovem a partir dos 12 anos de idade.

Por fim, a intervenção dos Tribunais sucede em última instância, sendo que existem diferentes razões para tal acontecer, como descreve o Artigo 11.º da LCPCJ

“ a) Não esteja instalada comissão de proteção de crianças e jovens com competência no município ou na freguesia da respetiva área de residência; b) Não seja prestado ou seja retirado o consentimento necessário à intervenção da comissão de proteção ou quando o acordo de promoção de direitos e de proteção seja reiteradamente não cumprido; c) A criança ou o jovem se oponham à intervenção da comissão de proteção, nos termos do artigo 10.º; d) A comissão de proteção não obtenha a disponibilidade dos meios necessários para aplicar ou executar a medida que considere adequada, nomeadamente por oposição de um serviço ou entidade; e) Decorridos seis meses após o conhecimento da situação pela comissão de proteção não tenha sido proferida qualquer decisão; f) O Ministério Público considere que a decisão da comissão de proteção é ilegal ou inadequada à promoção dos direitos ou à proteção da criança ou do jovem; g) O tribunal decida a apensação do processo da comissão de proteção ao processo judicial, nos termos do n.º 2 do artigo 81.º” (p. 6118).

As CPCJ ao nível administrativo e os Tribunais ao nível judicial são os únicos que podem aplicar e executar medidas de promoção e proteção, no caso da existência de

uma situação de perigo para uma criança ou jovem (Pereira & Santos, 2011). A Lei n.º 31/2003 de 22 de agosto, que altera alguns artigos da LPCJP, refere as medidas de promoção e proteção possíveis de aplicar:

“a) Apoio junto dos pais; b) Apoio junto de outro familiar; c) Confiança a pessoa idónea; d) Apoio para a autonomia de vida; e) Acolhimento familiar; f) Acolhimento em instituição; g) Confiança a pessoa selecionada para a adoção ou a instituição com vista a futura adoção” (Art. 35.º, n.º 1, p. 5315).

Todas as medidas podem ser aplicadas pelas CPCJ, exceto a medida de promoção e proteção g) Confiança a pessoa selecionada para adoção ou a instituição com vista a futura adoção que só pode ser aplicada pelos Tribunais (Carvalho, 2013).

De igual forma, estas medidas de promoção e proteção são executadas em meio natural de vida e em regime de colocação (Gomes, 2010). De acordo com a Lei n.º 31/2003 de 22 de agosto, do n.º 3 do Artigo 35.º, em meio natural de vida são executadas as medidas a), b), c), d) e g) relativamente à confiança a pessoa selecionada para a adoção, e em regime de colocação as medidas e), f) e g) instituição com vista a futura adoção. Por fim, a LPCJP (1999, Art. 4.º, alínea g)) ressalva que as medidas aplicadas devem prevalecer a sua família ou promover a sua adoção.

## *1.2 O Acolhimento Institucional de Crianças e Jovens: Breve Resenha Histórica*

Existe uma longa tradição de instituições de internato com diferentes dimensões: educativa, assistencial, protetora e punitiva (Alberto, 2008). Neste sentido, nas sociedades ocidentais existem registos desde a Grécia Antiga e do Império Romano, como por exemplo de Trajano na Grécia desenvolver as designadas Instituições Alimentares que eram geridas através de dinheiros públicos, situadas em quintas rústicas, acolhendo crianças até aos dezasseis anos (Casas, 1988, citado por Martins, 2004). Relativamente ao contexto português, no século XII o Hospício dos Enjeitados é a primeira instituição, que se encontra em registo documental, com a finalidade do acolhimento de crianças órfãs e abandonadas (Vilaverde, 2000, citado por Martins, 2004).

Nos séculos XV e XVI surgem os serviços de proteção para crianças de caráter religioso que tinham como objetivo a caridade, a assistência e a beneficência para diferentes públicos-alvo, nos quais se enquadravam as crianças (Martins, 2002). Neste contexto, a partir do século XVI a proteção de crianças abandonadas é realizada pelas autoridades municipais que não dispunham de equipamentos adequados para responder às necessidades destas utilizando hospitais, albergues ou similares para colocar as crianças abandonadas (Vilaverde, 2000, citado por Martins, 2004).

Por outro lado, nos séculos XVII e XVIII ocorreu a criação das Casas de Roda que pretendiam dar uma resposta normativa ao abandono de crianças (Guimarães Sá, 1997a, 1997b, citados por Martins, 2004). As crianças ao entrarem neste sistema teriam diferentes fins dependendo da sua idade: até aos sete anos eram entregues aos cuidados de amas, dos sete aos doze anos eram integradas em hospícios sob a tutela do tribunal e a partir dos doze anos teriam que prestar serviços de criadagem até atingir a maioridade, ou seja, até aos vinte e um anos, data em que cessava a proteção judicial (Vilaverde, 2000, citado por Martins, 2004). Esta tipologia de instituições de acolhimento de crianças e jovens são extintas em 1867, sendo que são criados os Hospícios de Acolhimento (Martins, 2004).

Posteriormente, o século XIX ficou marcado pelos seus reformistas e moralistas considerarem que o aumento de filhos ilegítimos, de abandonados, indisciplinados, delinquentes e marginalizados seriam consequência da ausência de uma moral familiar, da irresponsabilidade na educação dos filhos, bem como na desorganização da vida familiar das classes populares e operárias (Martins, 2002). No início do século XX perante as problemáticas relacionadas com as crianças, a nível jurídico ocorre a promulgação da Lei de Proteção à Infância a 27 de maio de 1911, na qual se destaca a prevenção e assistência à infância, bem como a classificação dos menores de ambos os sexos detidos até aos dezasseis anos em quatro categorias: “em perigo moral” (as abandonadas, as pobres ou maltratadas), os “desamparados” (ociosos, vadios ou mendigos), os “delinquentes” (roubavam ou furtavam) e por fim os “indisciplinados” (comportamentos vistos como inadequados em contexto familiar, escolar ou laboral) colocados em instituições especiais administradas pelos serviços jurisdicionais de menores e tutorias ou tribunais de menores e pelos serviços assistenciais (*idem*).

No início da segunda metade do século XX, no ano 1956, no distrito de Lisboa com influência da Santa Casa da Misericórdia ocorre uma reestruturação no acolhimento de crianças e jovens apresentando as seguintes alterações: recrutamento de pessoal qualificado para atender as crianças; reorganização e modernização dos equipamentos existentes; abertura de novos estabelecimentos e possibilidade de admitir crianças de ambos os sexos (Calheiros, Fornelos & Dinis, 1993, citados por Martins, 2004). Este período, segundo Martins (2004) é marcado pela criação de novos centros e encerramento de outros que foram considerados inadequados. Apesar deste investimento no acolhimento de crianças e jovens na década de 50, Rodrigues, Barbosa-Ducharne e del Valle (2013) referem que em Portugal até aos finais dos anos 80 do século XX, as instituições continham um grande número de crianças e jovens, nas quais existiam poucos técnicos e que tinham como o objetivo a satisfação de necessidades básicas (alimentação, higiene e saúde).

No ano 1986 através do Decreto-Lei n.º 2/86 é reconhecido o estatuto legal dos Lares de Crianças e Jovens (de carácter público ou privado), onde são definidos os princípios básicos que os lares deviam obedecer como resposta social para menores que de uma forma transitória ou definitiva se encontravam fora do meio familiar. De acordo com o artigo 2.º do Decreto-Lei anterior, estes eram considerados equipamentos sociais que deveriam proporcionar às crianças e jovens acolhidos uma vida tão próxima quanto possível da familiar promovendo-lhe um desenvolvimento físico, intelectual, moral e inserção na sociedade.

No término do século XX, em 1999, são apresentados dois diplomas legais que distinguem a tipologia de respostas sociais para as crianças e jovens que se encontram em situação de perigo daquelas que cometem factos considerados crimes pela lei penal (Perdigão & Pinto, 2009). A LPCJP (1999) reforça a regulamentação das instituições de acolhimento de crianças e jovens em Portugal.

Por fim, importa ainda salientar que a história das instituições de internato de crianças e jovens nos diferentes países, tal como aconteceu em Portugal, esteve dependente das políticas e dos distintos contextos (social, económico, pedagógico, judicial e cultural) em que se enquadravam, refletindo assim as representações e a atenção dada naquela época ao tema da infância e adolescência caracterizada como em risco (Quintãns, 2009). Casas (1988, citado por Martins, 2004) ainda acrescenta que os equipamentos de carácter

correcional foram predominantes em períodos ou regimes autoritários, enquanto políticas mais liberais promoveram a igualdade de tratamento de todas as crianças.

### *1.3 Respostas Sociais no Sistema de Acolhimento: Lares de Infância e Juventude e Centros de Acolhimento Temporário*

Para a concretização da medida de promoção e proteção da LPCJP – acolhimento em instituição (Art. 35 do n.º 1 da alínea f)) existem diferentes respostas sociais no Sistema Nacional de Acolhimento para Crianças e Jovens (Gomes, 2010), das quais se destaca os Centros de Acolhimento Temporário (CAT) e Lares de Infância e Juventude (LIJ). Estas instituições de acolhimento que poderão ser públicas ou cooperativas, sociais ou privadas com acordo de cooperação com o Estado (LPCJP, 1999, Art. 52.º) têm diferentes responsabilidades, tais como: jurídicas, sociais, educativas, escolares, entre outras, no intuito de fornecer às crianças e jovens, o suporte mais adequado para o seu desenvolvimento biopsicossocial e colmatar as necessidades que levaram ao seu acolhimento (Carvalho, 2013). Neste sentido, de acordo com a página oficial da Carta Social a 5 de fevereiro de 2015, em Portugal continental existiam 131 CAT e 227 LIJ.

Para alcançar estes objetivos as instituições de acolhimento funcionam em regime aberto e a sua organização em unidades deve favorecer: uma relação afetiva do tipo familiar, uma vida diária personalizada e uma integração na comunidade local (LPCJP, Art. 53.º, n.º 1). Assim, o CAT ou o LIJ deve ter diferentes espaços e compartimentos a nível de estrutura física, como: acesso e circulações; apoio técnico e administrativo; convívio e atividades (sala de estar e sala de estudo), refeições (sala de refeições); alojamento (quartos individuais ou partilhados e instalações sanitárias); preparação de refeições (cozinha e despensa); tratamento de roupa; arrumação/arrecadação e apoio ao pessoal (ISS, 2010a, 2010b).

Contudo, existem algumas diferenças entre estas duas respostas sociais, como por exemplo a duração do acolhimento de uma criança ou jovem que poderá ser de curta duração ou prolongado, tal como é mencionado no artigo 50.º do n.º 1 da LPCJP. Assim, nos CAT pretende-se que o acolhimento não seja superior a 6 meses, ou seja, de curta duração, enquanto nos LIJ seja de duração superior a seis meses designando-se por acolhimento prolongado (LPCJP, 1999, Art. 50.º, n.º 2 e n.º 4). Relativamente aos CAT no Artigo 50.º do n.º 3 da LPCJP existe a salvaguarda que se poderá exceder no tempo

quando existem razões justificadas. Carvalho (2013) enumera algumas situações para que este acolhimento de curta duração nem sempre seja cumprido, tais como: a dificuldade de respostas, a complexidade dos processos e o superior interesse da criança ou jovem se assim o justificar, no intuito de evitar-se passagem por outras instituições de acolhimento.

Neste sentido, independentemente da duração do acolhimento nestas instituições, as crianças e jovens carecem de um espaço tranquilo e securizante, no qual os colaboradores se tornam modelos para todos os acolhidos (Gomes, 2010). É neste contexto que de acordo com os Manuais de Processos-Chave dos CAT e LIJ criados no âmbito do Modelo de Avaliação da Qualidade das Respostas Sociais em 2007 é prevista a existência de três equipas de colaboradores nestas instituições de acolhimento: equipa técnica (técnicos qualificados, como por exemplo: psicólogo, assistente social, educador social, entre outros), equipa educativa (educadores ou técnicos com formação específica de carácter superior ou não) e equipa de apoio (cozinheiro, ajudante de cozinha, empregados auxiliares, entre outros considerados necessários). Ainda é de referir que segundo o referencial proposto pela Segurança Social para um CAT ou LIJ funcionar acolhendo 30 crianças ou jovens é o seguinte: equipa técnica – 1 técnico de serviço social, 1 psicólogo, 2 educadores sociais; equipa educativa - 14 ajudantes de ação educativa e por fim, equipa de apoio – 1 cozinheiro e 3 ajudantes de serviços gerais (ISS, 2010a, 2010b).

Assim sendo, todos os colaboradores que desempenham funções neste tipo de instituições de acolhimento devem ter acesso a formação, possuir conhecimentos, ter qualidades humanas e pessoais para executarem as tarefas de uma forma mais correta e adequada, tendo em consideração que são elementos fundamentais para o futuro destas crianças e jovens acolhidas (Gomes, 2010). Neste contexto um colaborador deve possuir qualidades humanas como: a sensibilidade, a afetividade, a idoneidade, a abertura e a disponibilidade para interagir com quem o rodeia, e por outro lado, deve ser incentivado à realização de formação contínua integrada num plano de acordo com as necessidades específicas do CAT ou LIJ (CID, 2005). Gomes (2010) ainda acrescenta que é importante a partilha de informações entre colaboradores através de distintas reuniões como: reuniões pedagógicas (para definir e avaliar os objetivos, assim como delinear estratégias para cada criança ou jovem) e reuniões de supervisão (através de um olhar

externo ajuda a realizar uma intervenção sustentada e adequada para suprimir as necessidades específicas de cada criança ou jovem e respectivas famílias).

Para além destes colaboradores, os Manuais de Processos-Chave dos CAT e LIJ (2007) mencionam a importância dos voluntários para colaborarem em diferentes áreas permitindo: aumentar fundos e recursos; crescer em conhecimento, em credibilidade e em reconhecimento social e fortalecer programas e serviços já existentes. De igual forma, o Ministério da Educação e Ciência conjuntamente com o Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social criaram o Plano CASA como experiência piloto em 9 Lares de Infância e Juventude no ano letivo 2012/2013, tendo como principal objetivo o apoio pedagógico a crianças e jovens em acolhimento institucional através da colocação de um professor (Alvarenga & Simões, 2014). Assim, este Plano pretendia contribuir para a minimização de distintas problemáticas relacionadas com a área escolar nas instituições de acolhimento, como: o absentismo, o abandono e o insucesso escolar (ISS, 2013a). Segundo Alvarenga e Simões (2014) esta experiência piloto revelou-se positiva, sendo que foi alargada ao ano letivo 2013/2014 em que foram colocados a nível nacional 59 docentes que proporcionaram diferentes fatores, como um estudo e apoio individualizado em ambiente reservado e adequado, aprendizagem e aquisição de métodos de estudo, promoção do sucesso escolar e enriquecimento da oferta formativa, alteração da imagem dos jovens na comunidade educativa e comunidade envolvente, entre outros. De acordo com as autoras acima referidas, 112 instituições manifestaram o seu interesse por ter professores no ano letivo 2013/2014, contudo não houve mais colocações devido ao tempo de inscrições por parte dos docentes ser muito curto (2 dias) e o tempo entre a inscrição neste Plano e a colocação ter sido de 5 meses o que permitiu que docentes fossem colocados em escolas.

Todos estes colaboradores de uma forma direta ou indireta acompanham as crianças e jovens na vida quotidiana da instituição, na qual segundo Gomes (2005) se enquadram: as regras, as atividades e escola, formação e emprego. No que diz respeito às regras, estas organizam e controlam os diversos momentos ao longo do dia dividindo-se em 6 categorias: os horários de levantar e deitar, a higiene e a limpeza, a alimentação, o estudo e as deslocações ao exterior. Estas regras quando não são cumpridas poderão conduzir a penalizações como a proibição de certas atividades desportivas ou de lazer.



Quanto às atividades desenvolvidas nas instituições de acolhimento estas são de natureza diversa, como desportiva, musical, religiosa, cultural e educativa, por exemplo. No entanto, estas poderão servir de prémio ou de castigo e encontram-se diretamente interligadas aos períodos de férias. Por fim, em relação à escola, formação e emprego verifica-se a valorização pela frequência na escola pelas instituições e o acompanhamento escolar é realizado através de uma técnica ou auxiliar. Não obstante, estas instituições de acolhimento regulamentam espaços e tempos que constituem a rotina diária apresentando uma dimensão securizante e organizadora para todos aqueles que fazem parte delas (Alberto, 2008).

Outro aspeto que se destaca nestas instituições de acolhimento é a existência de um projeto de vida para as crianças e jovens, no qual se perspetiva que num tempo próximo seja concretizado através de um plano de intervenção desenvolvido em que envolve os sujeitos em causa, a equipa técnica do CAT ou LIJ, as diferentes entidades (como CPCJ, Tribunais, Equipas Multidisciplinares de Assessoria aos Tribunais) e serviços da comunidade (Gomes, 2010). Este projeto de vida surge do diagnóstico realizado, tendo em consideração a situação pessoal e familiar da criança ou do jovem levando à elaboração de um plano de intervenção onde constam os objetivos e ações a concretizar num período delimitado, sendo que a situação portuguesa enquadra três situações possíveis para projetos de vida: (re)integração familiar (nuclear ou alargada), adoção e autonomia de vida (Fernandes, 2013). Segundo o Relatório CASA (2013b) nos CAT o projeto de vida com maior incidência é o de re(integração familiar), enquanto nos LIJ é o de autonomia de vida.

Por último e tendo em consideração o que foi anteriormente mencionado, cada instituição de acolhimento

“ (...) é um caso único (...) com identidade própria (...) é um organismo vivo, que se caracteriza e compõe de outros seres vivos, com vivências, afetos, projetos, passados, presentes e futuros próprios” (Alberto, 2008, p. 225).

## 2. Os Jovens em Acolhimento Institucional

### 2.1 A Adolescência

A adolescência é um período do ciclo vital, no qual ocorre um processo evolutivo em diferentes dimensões (Papalia, Olds & Feldman, 2009). Durante este período do ciclo vital destaca-se o desenvolvimento da autonomia, sendo este caracterizado por um processo dinâmico envolvendo mudanças biológicas, como por exemplo ao nível físico e cognitivo, e aspetos relacionados com o tipo de relação que se mantém com os cuidadores (Calheiros, *et al.*, 2013). Na literatura existem diferentes autores, como Taub (1995, citado por Calheiros *et al.*, 2013) que afirma que para o desenvolvimento de uma autonomia saudável nos adolescentes é importante as relações familiares positivas enquadradas num ambiente de segurança, de aceitação e de suporte emocional.

As autoras Diane Papalia, Sally Olds e Ruth Feldman (2009) também apresentam duas distintas perspetivas teóricas sobre a adolescência: a perspetiva cognitiva – teoria dos estádios cognitivos de Piaget e a perspetiva psicanalítica – teoria psicossocial de Erikson. Relativamente à teoria de Piaget, esta refere que ocorrem mudanças de carácter qualitativo ao nível do desenvolvimento cognitivo entre a primeira infância e a adolescência caracterizando quatro estádios, sendo que neste contexto torna-se pertinente evidenciar o estádio das operações formais. Sendo o último estádio que decorre entre os 11 anos até à idade adulta, este é caracterizado pela capacidade de utilizar o pensamento abstrato. Também é neste que o sujeito lida com situações hipotéticas – raciocínio hipotético-dedutivo (capacidade de desenvolver, considerar e testar hipóteses). Quanto à teoria psicossocial de Erikson, durante este período do ciclo vital a principal tarefa do adolescente é a construção da identidade *versus* confusão de identidade. Pretende-se que o adolescente resolva de forma satisfatória esta crise, no intuito de se tornar um adulto com uma identidade coerente que seja valorizado pela sociedade. Contudo, esta crise de identidade raramente é resolvida plenamente na adolescência, na qual poderá repetir-se durante a vida adulta de forma repetida. Segundo este autor para a construção da identidade é necessário a resolução de três aspetos: a escolha de uma ocupação, a adoção de valores e o desenvolvimento de uma identidade sexual que o satisfaça. Quando o adolescente resolve de uma forma satisfatória esta

crise desenvolve uma virtude designada por fidelidade – sentimento de pertencer a alguém de quem se ama ou a amigos ou companheiros.

Outro aspeto a ter em consideração durante este período do ciclo vital são as trajetórias de comportamento antissocial, que de acordo com o modelo teórico de Moffitt (1993, citado por Verhulst, 2004) podem iniciar-se na infância ou na pré-adolescência. Na temática dos comportamentos antissociais é habitual incluir-se diversas formas de conduta, como mentir, roubar, insultar, agredir, sendo que estas transgridem as normas de uma sociedade ou o desrespeitam os seus valores (Fonseca & Formosinho, 2014). Nos jovens que iniciam comportamentos antissociais durante a infância observa-se com maior frequência a persistência deste tipo de comportamentos com maior gravidade durante a idade adulta comparativamente com os jovens que só iniciaram na adolescência (Almeida, *et al.*, 2005). Deste modo, Moffitt (1993, citado por Alvarenga, Hutz, Pacheco, Piccinini & Reppold, 2005) distingue dois grupos de acordo com a idade de início dos comportamentos antissociais: um grupo com uma trajetória de comportamento antissocial persistente ao longo da vida e outro grupo com uma trajetória de comportamento antissocial limitado à adolescência. Ainda é de referir que, Fonseca e Formosinho (2014) salientam que o termo comportamentos antissociais remete-nos a

“um padrão de conduta que vai muito para além da psicopatologia, da delinquência ou da indisciplina, permitindo abranger várias outras condutas disruptivas que frequentemente ocorrem na escola ou nas suas proximidades” (p. 351).

Assim, na adolescência (entre os 12 e 17 anos) os atos antissociais podem agravar-se através de manifestações de crueldade para com as pessoas, de roubos utilizando a violência, de concretização de fugas de casa, de faltas às aulas, e de consumos regulares de estupefacientes (Almeida, *et al.*, 2005). Por outro lado, alguns estudos demonstram que o grupo de jovens com perturbações de conduta apresentavam com maior frequência um QI normal-baixo ou no limite inferior da normalidade e também dificuldades de aprendizagem quando comparados com jovens que não possuíam este tipo de perturbação (Lewis e Yeager, 2002, citados por Almeida, *et al.*, 2005).

Contudo, estes comportamentos poderão ser influenciados pela existência de fatores de risco, sendo que Fonseca (2007) refere as famílias com fracas competências parentais

que poderão proporcionar uma aprendizagem ativa dos comportamentos antissociais através do processo de modelação e do reforço negativo por parte dos filhos. Scott (2000, citado por Almeida, *et al.*, 2005) refere como fatores protetores a existência de uma boa relação com um adulto e o jovem possuir sentimentos de orgulho, de autoestima e competências sociais.

Também neste período do ciclo vital é importante destacar o papel da escola, uma vez que esta atualmente é um lugar privilegiado para a vivência da adolescência, caracterizando-se como um espaço físico, social e humano onde os adolescentes passam muitas horas durante o dia até aos seus 18 anos, na maioria dos casos (Guimarães, Sobral & Menezes, 2007). Deste modo, os autores anteriormente mencionados referem que o ambiente educativo deve ter em conta distintos desafios, como por exemplo:

“(...) olhar para o adolescente na sua necessidade de desenvolvimento situado no cruzamento das linhas da consolidação da identidade e da capacidade de inter-relação; catalisar o seu processo de descoberta de si próprio como pessoa única, valiosa, digna; possibilitar o contacto, pessoal e estável, com figuras significativas, bem como o confronto com valores, atitudes e ideais que poderão dar sentido e objetivos à sua vida” (p. 85).

Perante este contexto, o ambiente educativo deve proporcionar a cada adolescente a possibilidade de se encontrar consigo mesmo num contexto em que exista em simultâneo proteção e abertura, assim como permitir o tempo necessário para a consolidação enquanto pessoa, no intuito do adolescente não ter consequências negativas, como: agressividade descontrolada, fragilidades e dúvidas (*idem*).

## *2.2 Caracterização dos Jovens em Acolhimento Institucional em Portugal: CAT e LIJ*

Segundo Duarte Santos, Velho, Lopes e Fadigas (2012), grande parte das crianças e jovens acolhidas vivenciaram experiências marcantes numa etapa muito precoce da sua vida, sendo que algumas foram mesmo mal tratadas e/ou abandonadas. É comum verificar-se, que algumas delas, já consumiram drogas e álcool e experienciaram situações de pré-delinquência. Estes autores também afirmam que apesar de não existir um perfil único, as crianças/jovens acolhidas apresentam frequentemente: instabilidade emocional; baixa autoestima; dificuldades nas relações sociais; dificuldade na aceitação

de normas e regras; baixa tolerância à frustração; e incapacidade de autorregulação e autonomia.

De acordo com o Relatório CASA do ano de 2013 das 8.445 crianças e jovens em acolhimento, 5.492 encontram-se acolhidas em LIJ, enquanto 2.038 estão em CAT. Relativamente aos CAT predominam as crianças e jovens do género masculino (55,4%). O segmento etário nesta resposta social entre os 12 e os 17 anos corresponde a 27,3% e entre os 18 e 20 anos a 3%. Quanto aos LIJ destaca-se um ligeiro predomínio de jovens do género feminino (51,4%). O segmento etário entre os 12 aos 17 anos demonstra 67,2% e entre os 18 e 20 anos 12,7%. No que diz respeito à duração do acolhimento em CAT verifica-se um equilíbrio no intervalo de tempo menos de seis meses (28,2%) e entre um ano e dois anos (25,4%). Em LIJ os quatro anos ou mais predominam com 44%. Por fim, um aspeto relevante é que dentro das características particulares existentes nas crianças e jovens acolhidas destaca-se a maior incidência de problemas de comportamento tanto em CAT (14,4%), como em LIJ (26%).

Outro dado em que o Relatório CASA (2013b) se focaliza é a situação escolar das crianças e jovens em acolhimento institucional<sup>1</sup>. Ainda é presente a não frequência de crianças e jovens na escola ou em cursos de formação profissional (no total 48) devido a situações de incapacidade ou deficiência física e mental ou problemas de comportamento. Também é possível constatar a taxa de insucesso escolar de acordo com a idade, na qual se conclui que nas mudanças de ciclos escolares existe uma maior taxa e que a frequência do ano escolar é inferior à idade do jovem. Assim, com 11 anos (do 1.º para o 2.º ciclo) encontra-se uma taxa de insucesso escolar de 19%, aos 13 anos (do 2.º para o 3.º ciclo) de 39,8% e por fim, aos 16 anos (do 3.º ciclo para o secundário) de 28,5%. Salienta-se 20 jovens a frequentarem cursos de especialização tecnológica e 66 jovens o ensino superior.

Neste Relatório é bem visível a importância dada aos currículos alternativos neste tipo de população, no intuito de combater o abandono escolar e fomentar a obtenção dos níveis de equivalência até ao 12.º ano de carácter obrigatório. Estes currículos alternativos através de diferentes tipologias, como cursos de educação e formação (CEF) e Programas Integrados de Educação e Formação (PIEF) abrangem 27% dos

---

<sup>1</sup> Neste dado o Relatório CASA (2013) para além dos CAT e LIJ também estão incluídos os jovens que se encontram em Apartamentos de Autonomização sendo o total de 7.561 crianças e jovens.

jovens com 14 anos, 42% dos jovens com 15 e 16 anos iniciando um decréscimo aos 17 até aos 19 anos (35% e 20,2%, respetivamente). Uma das conclusões que se retira neste Relatório é que estas alternativas curriculares são essenciais para motivar a aprendizagem, para a aquisição de competências e para atingir o maior ano escolar possível por parte dos jovens, uma vez que este formato adapta-se aos jovens que demonstram dificuldades no ensino regular.

### 3. O Sucesso Escolar no Ensino Português

#### *3.1 O Ensino em Portugal*

De acordo com Torres (2011) a escola surge como um meio de socialização em que assegura funções fundamentais de instrução e de educação, e por outro lado como um contexto onde a sua influência é visível no desenvolvimento das crianças e jovens. Para Höjer e Johansson (s.d, citados por Jackson & Höjer, 2013) a escola poderá ser um espaço estruturado e seguro permitindo a integração de crianças e jovens acolhidas no sistema educativo apresentando-se como um fator essencial na vida destas. É neste âmbito que seguidamente se expõe o atual ensino em Portugal.

No nosso país o regime de escolaridade obrigatória, tal como evidencia a Lei n.º 85/2009, de 27 de agosto, é compreendido entre os 6 e os 18 anos, isto é, todas as crianças e jovens tem que frequentar a escola até completarem os seus 18 anos. Esta mesma Lei acrescenta a universalidade da educação pré-escolar para as crianças a partir dos 5 anos de idade. Neste sentido, uma criança ou jovem deverá passar pelos seguintes tipos de ensinos em Portugal: ensino pré-escolar, ensino básico (organiza-se em três ciclos - 1.º ciclo, com duração de 4 anos, 2.º ciclo com duração de 2 anos e o 3.º ciclo, com duração de 3 anos) e ensino secundário (com duração de 3 anos) (Ministério da Educação e Ciência, 2014). Assim, cada aluno tem a possibilidade de construir o seu percurso escolar de acordo com as suas características pessoais e ofertas vocacionais e formativas existentes (Álvares & Calado, 2014).

Uma das questões a ter em consideração durante a idade escolar, tal como refere o Relatório CASA (2013b) para evitar o desinteresse, o absentismo e o abandono escolar é proporcionar o acesso a modalidades diferenciadas de aprendizagem para crianças e jovens que não se adaptam tão facilmente a esquemas mais formais do ensino regular

devido a vários fatores. Deste modo, a mais recente oferta educativa e formativa, como experiência-piloto, são os cursos vocacionais criados através da Portaria n.º 292-A/2012, de 26 de setembro que têm como público-alvo alunos a partir dos 13 anos que apresentem dificuldades no ensino regular, tendo como condições para integrar esta oferta: duas retenções no mesmo ciclo ou três retenções em ciclos distintos. Esta Portaria refere que os cursos vocacionais privilegiam de igual forma a aquisição de conhecimentos (como português, matemática e o inglês), assim como o primeiro contacto com diferentes atividades de carácter vocacional, sendo que existem desde o ensino básico até ao secundário.

Contudo, já anteriormente existiam outras medidas educativas e formativas, que ainda vigoram, para responder a essas necessidades, como os Cursos de Educação e Formação (CEF), os Percursos Curriculares Alternativos (PCA) e os Programas Integrados de Educação e Formação (PIEF). Os CEF, criados através do Despacho conjunto n.º 279/2002, de 12 de abril, dirigem-se a jovens que já atingiram os 15 anos e que ainda não concluíram a escolaridade obrigatória, através de áreas profissionais distintas como mecânica e turismo desde o 2.º ciclo ao ensino secundário (Álvares & Calado, 2014). Quanto aos PCA, a sua génese decorreu no ano de 1996, no entanto o Despacho normativo n.º 1/2006, de 6 de janeiro fez algumas alterações destinando-se a alunos até aos 15 anos. Esta tipologia de cursos possui uma matriz curricular para a aquisição de competências fundamentais em cada ciclo (do 1.º ao 3.º ciclo), nomeadamente nas disciplinas de matemática e de língua portuguesa. Em último, os PIEF, segundo a página oficial da Segurança Social à data de 11 de março de 2015, estes foram criados inicialmente como uma medida educativa e formativa no âmbito do combate à exploração do trabalho infantil através do Despacho conjunto n.º 882/99 de outubro. Atualmente, esta medida pretende prevenir e combater o abandono, bem como o insucesso escolar para favorecer o cumprimento da escolaridade obrigatória e a certificação escolar e profissional dos jovens.

Apesar dos cursos vocacionais, dos CEF e dos PIEF também se prolongarem até ao ensino secundário, neste tipo de ensino também existem outras alternativas, tais como: os cursos científico-humanísticos e os cursos profissionais (Rodrigues *et al.*, 2014). O número 1 do artigo 6 do Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho, refere que os cursos científico-humanísticos estão direcionados para jovens que pretendem prosseguir para o

ensino superior, enquanto os cursos profissionais estão vocacionados para a qualificação profissional dos alunos através da inserção no mercado de trabalho permitindo também o prosseguimento de estudos.

Por outro lado, o Instituto do Emprego e Formação Profissional, à data de 15 de fevereiro de 2015, na sua página oficial apresentava igualmente como respostas educativas e formativas para jovens os CEF, mas também uma tipologia distinta – os cursos de aprendizagem. Estes últimos destinam-se a jovens com idades compreendidas entre os 14 e os 24 anos com o 9.º ano ou anos superiores, mas sem conclusão do 12.º ano. Esta tipologia de curso permite a certificação do 12.º ano em que privilegia a inserção no mercado de trabalho e o jovem tem a possibilidade de prosseguir estudos para o ensino superior.

Outro aspeto que o ensino em Portugal apresenta é a educação especial que através do Decreto-Lei 3/2008, de 7 de janeiro define os apoios a prestar desde o ensino pré-escolar ao ensino secundário nos sectores: público, particular e cooperativo. De acordo com este mesmo Decreto-Lei, a educação especial destina-se a alunos

“(…) com limitações significativas ao nível da atividade e da participação num ou vários domínios de vida, decorrentes de alterações funcionais e estruturais, de carácter permanente, resultando em dificuldades continuadas ao nível da comunicação, da aprendizagem, da mobilidade, da autonomia, do relacionamento interpessoal e da participação social” (Art. 1, n.º 1, p.155).

Em último, ainda é de referir que no ensino português existe o ensino superior que apresenta diferentes ofertas: os cursos de especialização tecnológica, os cursos técnicos superiores profissionais, as licenciaturas, os mestrados e os doutoramentos, tal como menciona a página oficial da Direção-Geral do Ensino Superior à data de 15 de fevereiro de 2015. Mais uma vez se refere que este tipo de ensino não é de carácter obrigatório.

### *3.2 O Sucesso Escolar*

O sucesso escolar nas sociedades contemporâneas constitui uma preocupação onipresente ao nível dos professores, dos alunos e das suas famílias, mas também no âmbito da agenda política e mediática (Abrantes & Veloso, 2013). Assim, ao longo de



vários governos é visível a preocupação com a temática do sucesso escolar, aplicando desta forma diversas medidas, como por exemplo a criação dos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária através do Despacho n.º147-B/96, de 8 de julho (Rodrigues, *et al.*, 2014).

Neste sentido, tem existido muitos investigadores que pretendem compreender o sucesso escolar apresentando uma postura de motivação e de especial atenção com esta temática (Ferreira, Cardoso & Abrantes, 2013). Contudo, de acordo com Abrantes e Veloso (2013) a investigação científica não deve aceitar uma visão naturalizada e individualista do conceito sucesso escolar, mas sim desenvolver uma visão que relacione este conceito com as estruturas sociais, culturais, políticas e económicas que quando enquadradas lhe dão o devido significado.

De acordo com Arroiteia (2008, p. 46) “o sucesso escolar expressa-se através de um conjunto de indicadores de mobilidade e de aproveitamento, relacionados com a avaliação das aprendizagens dos alunos”. Assim, apesar do conceito de sucesso escolar ainda se encontrar muito associado às taxas de reprovação e aos resultados dos alunos nas provas nacionais, por outro lado já se difundem perspetivas alternativas que relacionam este sucesso com diferentes fatores como: formação cívica, promoção da disciplina, participação da comunidade, ligação ao mercado de trabalho e capacidade de autorregulação (Veloso, *et al.*, 2013). Também Silva e Duarte (2012) consideram que a adaptação ao estabelecimento de ensino e grupo de pares, a relação professor-aluno e as capacidades cognitivas, como por exemplo, são potenciais fatores que interferem no sucesso escolar de um aluno. A título exemplificativo num estudo realizado por Ferreira, Cardoso e Abrantes (2013) com alunos do ensino secundário acerca dos fatores preditores do sucesso escolar concluíram que o sentimento negativo de pertença à escola e a baixa autoestima dos alunos influenciam negativamente os resultados de aprendizagem dos alunos, bem como os fatores de motivação intrínseca, a interação aluno-aluno e professor-aluno têm uma influência positiva nos resultados dos alunos.

Neste contexto, os autores Tavares e Santiago (2001, citados por Silva & Duarte, 2012) referem como indicadores de sucesso escolar a consideração pelos resultados que são avaliados de maneira objetiva e pela satisfação demonstrada pelo estudante avaliada de forma subjetiva. Assim, na perspetiva destes autores o sucesso tem uma dimensão multifacetada integrando o domínio académico, o domínio socio relacional e o domínio

biopsicológico e engloba igualmente uma vertente subjetiva onde cada estudante perspetiva o seu desempenho de acordo com os seus objetivos.

Em último, nesta temática, a ciência deve acompanhar o desenvolvimento de modelos educativos de caráter mais sustentável e equitativo demonstrando que o sucesso escolar não pode ser medido somente através dos resultados dos alunos (Abrantes & Veloso, 2013).

### *3.3 O Sucesso Escolar e o Desenvolvimento Comunitário*

Atualmente, a formação e as qualificações obtidas por uma pessoa constituem um pré-requisito cada vez mais importante para participar na sociedade que se encontra exigente ao nível do conhecimento (Azevedo, 1998, citado por Arroiteia, 2008). Deste modo, o sucesso escolar torna-se importante neste contexto, pois como descreve Abrantes e Veloso (2013, p. 1)

“o êxito *na e da* escola é um fator importante para o desenvolvimento, a integração e o bem-estar, quer de cada indivíduo, quer dos grupos e da sociedade como um todo.”

No âmbito de crianças e jovens acolhidos, as instituições de acolhimento ao terem responsabilidades ao nível escolar e educativo (Carvalho, 2013) devem contribuir para o sucesso escolar destes. Perante este público-alvo, as instituições de acolhimento apresentam-se como organizações de caráter comunitário (Arns & Silva, s.d.), uma vez que tal como refere Mascareñas (1996, citado por Arroiteia, 2008, p. 131) o desenvolvimento comunitário “supõe a realização de atividades educativas relacionadas com o bem-estar da comunidade que as acolhe”.

De igual forma, Ander-Egg (1980, citado por Carmo, 2001, p.4) descreve o desenvolvimento comunitário como

“uma técnica social de promoção do homem e de mobilização de recursos humanos e institucionais, mediante a participação ativa e democrática da população, no estudo, planeamento, e execução de programas ao nível de comunidades de base, destinados a melhorar o seu nível de vida”

Neste âmbito, as instituições de acolhimento ao apostarem na área escolar mobilizando distintas pessoas consideradas fundamentais neste processo, estão a contribuir para o

sucesso escolar das crianças e jovens em acolhimento e consequentemente a melhorar a qualidade de vida destas. Assim, a educação torna-se fundamental no desenvolvimento comunitário, uma vez que potencia a construção de individualidade, de responsabilidade, de sociabilidade e de sentido de comunidade (Azevedo, 2006, citado por Arroteia, 2008).

Relativamente ao acolhimento institucional, a questão da educação torna-se um aspeto essencial na vida das crianças e jovens acolhidas, pois se não tiverem qualificações escolares que lhes permitam obter um emprego, assim como uma família que lhes dê apoio terão uma maior hipótese de viverem situações de exclusão social, como por exemplo: consumo de estupefacientes e álcool, relações conflituosas, pobreza extrema e crimes (Jackson & Höjer, 2013). Também um relatório social da Escócia (Socialstyrelsen, 2010) evidenciou que um grande fator de risco para as crianças e jovens em acolhimento é o baixo rendimento académico contribuindo para o desenvolvimento de distintos problemas sociais ao longo da vida destes. Este relatório ainda acrescenta que como fator de proteção existe o rendimento escolar satisfatório.

Deste modo, reconhece-se que a educação é o melhor, se não o único meio que permite evitar-se a repetição dos padrões de vida disfuncionais das suas famílias de origem (Jackson & Höjer, 2013). Assim, segundo Jackson (2007, citado por Franz & Branica, 2013) o bom rendimento académico deve ser orientado nas instituições de acolhimento, pois promove e suporta a resiliência de cada criança ou jovem atuando como um fator importante de proteção.

Nesta perspetiva, o sucesso escolar das crianças e jovens em acolhimento contribui para o desenvolvimento humano destas, tal como refere o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (P. N. U. D.):

“(...) o processo de aumento das escolhas das pessoas, que lhes permitam levar uma vida longa e saudável, adquirir conhecimento, ter acesso aos recursos necessários para um nível de vida digno, enquanto os preservam para as gerações futuras, proteger a segurança pessoal e alcançar a igualdade para todas as mulheres e homens” (2003, citado por Amaro, 2003, pp. 58 e 59).

### *3.4 O Sucesso Escolar em CAT e LIJ: Contributos e Boas Práticas*

No acolhimento institucional, durante muito tempo, a dimensão escolar foi uma questão negligenciada, isto talvez pelo facto de se pensar que estas crianças e jovens não poderiam ter sucesso escolar (Berridge, 2012). Contudo, Brodie (2009, citado por Berridge, 2012) através dos diversos estudos realizados refere que atualmente existe uma maior consciência da necessidade de dar prioridade às experiências educacionais nas crianças e jovens em acolhimento. Assim, neste âmbito Martin e Jackson (2002) sintetizam alguns fatores para o sucesso académico das crianças e jovens acolhidas resultantes de distintas investigações: a permanência na mesma escola, a frequência regular das aulas, ter cuidadores que valorizam a educação tendo expectativas sobre a criança ou jovem, a criança ou jovem desenvolver interesses fora do âmbito escolar e por fim, conhecerem um adulto significativo que preste apoio e reforço enquadrando-se como mentor e modelo.

No que diz respeito aos cuidadores, o papel destes não pode ser negligenciado neste contexto, sendo necessário apostar na formação dos cuidadores para que possam ser influentes no sucesso escolar das crianças e jovens acolhidas (Flynn, Tessier & Coulombe, 2013). Por outro lado, de acordo com Berridge (2012) cuidadores com melhores qualificações, com status social mais alto, mais implicados e confiantes com a escolarização das crianças e jovens em acolhimento permitem ter uma maior eficácia com as questões educacionais. Ainda é de referir, que estes cuidadores devem ser adultos que prestem um apoio consistente (Franz & Branica, 2013).

Assim, os cuidadores devem ter um enorme interesse pela temática da educação transmitindo essa mensagem às crianças e jovens, mas também devem proporcionar boas condições para a realização do estudo (Martin & Jackson, 2002). Neste contexto, destacam-se os recursos, nos quais existem análises que revelam que em casa é importante possuir computadores, acesso à internet, livros, bem como proporcionar visitas, passeios e realização de desportos, independentemente do baixo rendimento académico de crianças e jovens que venham de ambientes ricos ou pobres (Berridge, 2012). Neste sentido, Martin e Jackson (2002) num estudo desenvolvido com jovens em acolhimento institucional verificaram a falta de recursos como: livros, mesas e salas, assim como a falta de um local de estudo silencioso manifestando deste modo carências neste âmbito. Outro aspeto relacionado com as instituições de acolhimento, através do

estudo realizado por McClung e Gayle (2010, citados por Flynn, *et al.*, 2013) que diz respeito à sua capacidade para acolher crianças e jovens, isto é, jovens que estavam acolhidos em instituições com menor capacidade conseguiam ser melhor sucedidos na escola comparativamente com aqueles que estavam acolhidos em instituições com maior capacidade para acolher.

Outro ponto fulcral de intervenção por parte das instituições de acolhimento relaciona-se com a escola. Martin e Jackson (2002) referem a importância de uma boa comunicação entre cuidadores e a escola apresentando-se como um elemento essencial. Estes autores acrescentam que a comunidade educativa deve estar informada sobre o funcionamento da instituição de acolhimento. Pecora *et al.* (2006, citados por Franz & Branica, 2013) acrescenta a importância de orientar os professores e as escolas para os problemas que estas crianças e jovens apresentam e também proporcionar aos alunos acolhidos e aos seus cuidadores as informações detalhadas acerca das novas possibilidades educativas.

## CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Neste capítulo pretende-se enquadrar metodologicamente a presente investigação. Assim, num primeiro ponto apresenta-se a problemática do estudo onde se define a pergunta de partida e os respetivos objetivos. Seguidamente, fundamenta-se as opções metodológicas e as técnicas de recolha de dados a utilizar ao longo do estudo. Também se delimita o campo de estudo apresentando-se a constituição da amostra. E por fim, expõem-se a técnica de tratamento dos dados recolhidos.

### 1. Problemática e Pergunta de Partida

Atualmente, a família pode apresentar-se, por um lado como um lugar privilegiado de afeição e de companheirismo entre os seus elementos, e por outro como um lugar privilegiado de violência (Amorim, 2011). Quando a família é um lugar privilegiado de violência, a LPCJP surge como forma de promover e proteger os direitos das crianças e jovens. Esta lei enquadra diferentes medidas de promoção e proteção possíveis de aplicar, como por exemplo o acolhimento em instituição. Neste âmbito, as instituições de acolhimento, como os CAT e LIJ possuem diferentes responsabilidades perante as crianças e jovens acolhidas em diferentes níveis, como: jurídico, social, educativo, escolar, entre outros (Carvalho, 2013).

Relativamente à responsabilidade escolar, esta foi durante muito tempo uma temática negligenciada por parte das instituições de acolhimento (Berridge, 2012). No entanto, existem estudos que revelam que atualmente existe uma maior consciência sobre a necessidade de ter como prioridade as experiências educacionais nas crianças e jovens em acolhimento (Brodie, 2009, citado por Berridge, 2012).

No contexto institucional, Martin e Jackson (2002) apresentam alguns fatores que contribuem para o sucesso académico de crianças e jovens em acolhimento institucional. Destacaram a existência de cuidadores que valorizam as questões escolares tendo expectativas sobre as crianças e jovens, assim como terem um adulto significativo que preste apoio e reforço apresentando-se como um mentor e modelo. De igual forma, salientaram a existência de recursos materiais e tecnológicos nas instituições de acolhimento, assim como uma boa comunicação entre instituição de acolhimento e o estabelecimento de ensino.

Deste modo, sabendo que a educação para as crianças e jovens em acolhimento é o melhor, se não o único meio que permite evitar a repetição dos padrões de vida disfuncionais das suas famílias de origem (Jackson & Hojer, 2013) e tendo em consideração o papel das instituições de acolhimento, bem como alguns fatores promotores do sucesso escolar para as crianças e jovens acolhidas, apresenta-se a seguinte pergunta de partida para o presente estudo:

**De que modo as instituições de acolhimento de crianças e jovens em risco  
contribuem para alcançar o sucesso escolar?**

*1.1 Objetivos da Investigação e Mapa Concetual*

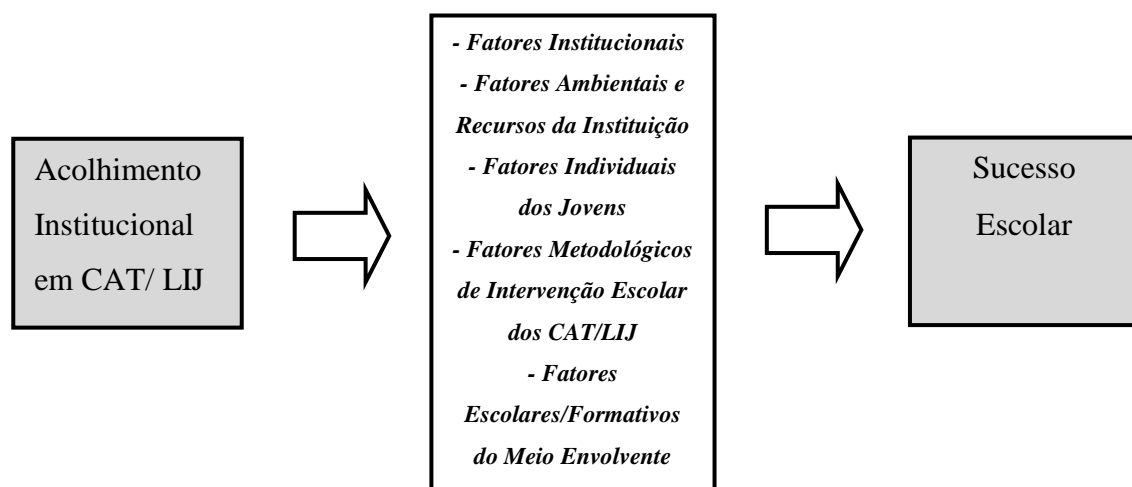
Partindo da pergunta de partida, definiu-se o **objetivo geral**:

Compreender de que modo as instituições de acolhimento de crianças e jovens em risco contribuem para alcançar o sucesso escolar dos acolhidos.

Após a definição da pergunta de partida e do objetivo geral, é importante nesta investigação definir o mapa concetual. Assim sendo, o mapa concetual é definido como

“(…) uma estrutura esquemática para representar um conjunto de conceitos imersos numa rede de proposições. Ele é considerado como um estruturador do conhecimento, na medida em que permite mostrar como o conhecimento sobre determinado assunto está organizado na estrutura cognitiva de seu autor (...) (Tavares, 2007, p. 72).

Deste modo, apresenta-se o respetivo mapa concetual:



Como se pode verificar o mapa conceptual integra 5 fatores fundamentais que norteiam esta pesquisa. É através deles que se procura compreender os elementos que contribuem para o sucesso escolar dos jovens acolhidos. Assim, seguidamente apresenta-se o que se entende por cada um:

- Relativamente aos **Fatores Institucionais** pretende-se perceber determinados variáveis institucionais que possam influenciar o sucesso escolar dos acolhidos, tais como: a formação dos colaboradores; a constituição de cada equipa das instituições de acolhimento, bem como o número de voluntários, de estagiários e de professores colocados no âmbito do Plano CASA. Por outro lado, em cada instituição de acolhimento é importante conhecer as condições laborais, as reuniões realizadas e os horários dos respetivos técnicos que acompanham a área escolar. Também pretende-se conhecer o quadro escolar dos anos letivos 2013/2014 e 2014/2015 enquadrando na importância que cada instituição de acolhimento dá à escola.

- Nos **Fatores Ambientais e Recursos da Instituição** compreender de que modo os locais de estudo nas instituições de acolhimento e as suas respetivas condições podem contribuir para o sucesso escolar dos jovens acolhidos, bem como conhecer também os recursos materiais e tecnológicos disponibilizados para as crianças e jovens realizarem as tarefas escolares.

- No que concerne aos **Fatores Individuais dos Jovens**, torna-se pertinente entender os contributos institucionais para o sucesso escolar, tendo em conta as características individuais dos acolhidos, tais como: a perceção dos jovens em relação ao seu acolhimento institucional, o historial escolar dos jovens, a relação que os jovens mantêm com os colaboradores, colegas da instituição e comunidade educativa. Por fim, ao delinear-se o projeto de vida do jovem pretende-se perceber as aspirações académicas/profissionais dos jovens e a importância que dão ao sucesso escolar.

- Em relação ao **Fatores Metodológicos de Intervenção Escolar dos CAT/LIJ**, estes têm como objetivo analisar a metodologia utilizada em cada instituição de acolhimento na intervenção escolar. Deste modo, considerou-se os seguintes aspetos: relação entre a instituição de acolhimento e os estabelecimentos de ensino e as respetivas formas de comunicação; definição do encarregado de educação; acompanhamento e supervisão do



estudo diário e as regras institucionais na área escolar. Também se pretende identificar dificuldades sentidas nesta área de intervenção e sugestões e ações futuras.

- No que diz respeito aos **Fatores Escolares/Formativos do Meio Envolve**nte a investigadora pretende compreender de que forma as respostas/ofertas escolares/formativas que a instituição de acolhimento possui no meio envolvente contribuem para alcançar o sucesso escolar dos acolhidos. Assim, mais concretamente procura-se entender o tipo de respostas existentes, a proximidade a que estas se encontram, e se estas respostas/ofertas escolares formativas se adequam ao mercado de trabalho.

Neste sentido, os **objetivos específicos** deste estudo concretizam-se da seguinte forma:

- Analisar de que forma a equipa de colaboradores, voluntários e estagiários influenciam o sucesso escolar no acolhimento institucional;
- Compreender de que forma o modo de organização das instituições de acolhimento contribuem para o sucesso escolar;
- Compreender os fatores ambientais e recursos do CAT/LIJ que proporcionam o sucesso escolar;
- Analisar os fatores individuais dos jovens em acolhimento que influenciam o sucesso escolar destes;
- Analisar a relação entre os estabelecimentos de ensino e a instituição de acolhimento para alcançar o sucesso escolar;
- Analisar o tipo de metodologia de acompanhamento à área escolar realizado pelos CAT/LIJ para atingir o sucesso escolar;
- Compreender de que forma a oferta escolar/formativa do meio envolvente promove o sucesso escolar dos jovens em acolhimento institucional.

De modo a **operacionalizar os conceitos** deste estudo sintetizamos a seguinte tabela:

Tabela 1 – Operacionalização dos Conceitos

Conceito	Dimensões	Indicadores
O Sucesso Escolar das Crianças e Jovens acolhidos em CAT/LIJ	Fatores Institucionais	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Constituição da Equipa de Colaboradores/Voluntários e/ou Estagiários</li> <li>- Organização institucional (ex. Modo de Organização, Formação, Gestão pela Qualidade, Reuniões, Importância dada à escola...); - Situação escolar (ex. avaliação do último ano letivo, anos escolares atuais,...)</li> </ul>
	Fatores Ambientais e Recursos da Instituição	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Locais de estudo no CAT/LIJ</li> <li>- Condições dos locais de estudo (ex. luz, ruído, dimensão dos espaços, temperatura, mobiliário, material escolar.)</li> <li>- Recursos tecnológicos e materiais (ex. computadores, livros,...)</li> </ul>
	Fatores Individuais dos Jovens	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perceção sobre o Acolhimento Institucional (jovens)</li> <li>- Historial escolar dos jovens (ex. n.º de retenções, dificuldades escolares diagnosticadas no acolhimento,...)</li> <li>- Relação com colaboradores e colegas da instituição</li> <li>- Relação com a comunidade educativa (ex. discriminação, integração,...)</li> <li>- Projeto de vida dos jovens; - Aspirações académicas e/ou profissionais dos jovens</li> <li>- Importância do sucesso escolar</li> </ul>
	Fatores Metodológicos de Intervenção Escolar dos CAT/LIJ	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Relação entre CAT/LIJ e estabelecimentos de ensino</li> <li>- Formas de comunicação entre CAT/LIJ e os estabelecimentos de ensino</li> <li>- Definição do encarregado de educação; - Regras institucionais na área escolar</li> <li>- Acompanhamento e supervisão do estudo diário; - Dificuldades sentidas pelos técnicos</li> <li>- Sugestões e ações futuras</li> </ul>
	Fatores Escolares/Formativos do Meio Envolvente	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Respostas/ofertas escolares/formativas</li> <li>- Proximidade das respostas escolares ao CAT/LIJ</li> <li>- Adequabilidade das respostas escolares/formativas ao mercado de trabalho</li> </ul>

## 2. Opções Metodológicas

### *2.1 Paradigma do Estudo*

De acordo com Dias (2009) o paradigma qualitativo pretende compreender os fenómenos na sua globalidade tendo em conta o contexto em que está integrado. Neste sentido, como o presente estudo pretende compreender a perceção dos jovens e técnicos sobre o contributo das instituições de acolhimento relativamente ao sucesso escolar das crianças e jovens acolhidas, considerou-se que o paradigma qualitativo seria o mais adequado à realização deste estudo. Deste modo, ao utilizar-se este paradigma, Compte e Preissie (1993, citados por Fortin, 2003) referem que a abordagem qualitativa baseia-se numa perspetiva naturalista que se concentra em demonstrar a relação que existe entre os conceitos, as descrições realizadas, assim como as explicações dadas pelos sujeitos do estudo e investigador em relação ao fenómeno.

De igual forma, Bogdan e Biklen (1994, citados por Martins, 2006) referem cinco características essenciais no paradigma qualitativo que foram utilizadas nesta investigação: a fonte direta da recolha de dados é no ambiente natural, sendo o investigador o principal elemento na recolha dos mesmos dados; os dados recolhidos são essencialmente de carácter descritivo; os investigadores que utilizam este paradigma interessam-se mais pelo processo em si do que pelos resultados obtidos; a análise dos dados recolhidos é realizada de forma indutiva e por fim, o investigador tenta compreender o significado que os sujeitos em estudo atribuem às suas experiências. Outro dado importante no paradigma qualitativo é que este procura a diversidade dos sujeitos ou das situações em estudo e não a homogeneidade (Guerra, 2010).

## *2.2 Estudo de Caso*

O estudo de caso caracteriza-se por ser um estudo de caráter profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, no intuito de permitir um conhecimento amplo e detalhado (Gil, 2008). Por outro lado, Ponte (1994, p. 2) refere que o estudo de caso

“É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única em muitos aspetos procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico, e desse modo, contribuir para a compreensão global do fenómeno de interesse.”

Assim, tendo em consideração o que a literatura nos diz acerca do estudo de caso, este foi o método selecionado para utilizar no estudo. Uma das vantagens de utilizar o estudo de caso que Fortin (2003) refere é o detalhe da informação que se obtém acerca do que se está a estudar. Neste sentido, o estudo de caso permitirá conhecer de uma forma mais exaustiva o contributo das instituições de acolhimento em estudo para que as crianças e jovens alcancem o sucesso escolar. Contudo, Yin (2010, citado por Santos, 2011) salienta que o investigador tem um papel importante, na medida em que deverá ter cuidado com as generalizações que realiza, bem como o cuidado de ter rigor científico no tratamento das questões abordadas. Este autor também acrescenta que o estudo de caso não deve ser considerado somente de caráter qualitativo, pois pode envolver características quantitativas.

## *3. Técnicas de Recolha de Dados*

Tendo em conta o paradigma e o método a utilizar nesta investigação, é igualmente importante definir as técnicas de recolha de dados. Neste sentido, Fortin (2003) evidencia que na escolha das técnicas de recolha de dados deve-se considerar: os objetivos do estudo, o nível de conhecimentos que o investigador tem acerca das variáveis, a possibilidade de ter medidas apropriadas às definições conceituais, a fidelidade e a validade dos instrumentos de medida, e por fim, a eventual conceção dos próprios instrumentos pelo investigador. Assim sendo, como técnicas de recolha de dados selecionaram-se as seguintes: o questionário, a entrevista semiestruturada e a análise documental.

### *3.1 Questionário*

Em relação ao questionário, este apresenta-se como um conjunto de questões de carácter organizado, sendo que se encontram estritamente interligadas ao enquadramento teórico e às hipóteses que fazem parte da investigação (Dias, 2009). Também Fortin (2003) acrescenta que é um instrumento de medida que pretende traduzir os objetivos da investigação com variáveis mensuráveis. Por outro lado, Gil (2008) refere que o questionário traduz os objetivos do estudo em questões específicas e que a sua construção deve ter em conta determinados cuidados, como: a forma e o conteúdo das questões; a quantidade e ordenação das questões; a apresentação do questionário e a realização de um pré-teste. Outro aspeto a referenciar é que este é usualmente preenchido pelos sujeitos em estudo sem assistência e pode ser enviado e reenviado pelo correio (Fortin, 2003).

No presente estudo pretende-se aplicar um questionário para obter informação sociodemográfica sobre as instituições de acolhimento<sup>2</sup>. Deste modo, a construção do questionário teve em consideração os aspetos acima descritos, sendo que dividiu-se em quatro áreas temáticas: Dados sobre a Instituição de Acolhimento; Colaboradores, Estagiários e/ou Voluntários, Situação Escolar das Crianças e Jovens Acolhidos e em último, Outros Aspetos. Ao longo do questionário, quanto à forma das questões privilegiou-se as questões fechadas, uma vez que confere uma maior uniformidade nas respostas e estas poderão ser mais facilmente processadas (Gil, 2008). Por fim, a aplicação deste questionário tem como finalidade ajudar a responder a alguns dos objetivos delineados na investigação.

### *3.2 Entrevista Semiestruturada*

A entrevista é uma técnica que possibilita uma maior aproximação ao contexto real, no qual o entrevistador tem um controlo significativo (Dias, 2009). Através desta técnica o investigador apresenta-se à frente do entrevistado formulando questões de acordo com os objetivos da investigação, ou seja, o investigador recolhe dados e o entrevistado é a fonte de informação (Gil, 2008). A entrevista permite obter os dados com uma maior eficácia e validade comparativamente com outras técnicas de recolha de dados (Dias, 2009).

---

<sup>2</sup> Anexo I – Questionário.

No que diz respeito à estruturação da entrevista selecionou-se a entrevista semiestruturada, pois esta para além de possuir previamente um conjunto de questões elaboradas também permite a realização de questões adicionais para elucidar assuntos que não ficaram claros ou para ajudar a reorganizar a entrevista (Boni & Quaresma, 2005). Assim sendo, perante este enquadramento acerca das entrevistas foram criadas duas entrevistas semiestruturadas – uma para os jovens<sup>3</sup> e outra para os técnicos<sup>4</sup>, uma vez que permite ao investigador recolher informações que poderiam não estar salvaguardadas. Estas duas entrevistas foram elaboradas tendo por base três aspetos: Bloco Temático (onde é referido o tema que se vai abordar); Objetivos Específicos (onde são identificados os objetivos a atingir em cada bloco temático) e por último, Questões/Tópicos (a realizar em cada bloco temático).

Contudo, é importante referenciar algumas limitações desta técnica de recolha de dados. A falta de motivação por parte do entrevistado para responder às questões que são realizadas pelo investigador, a falta de compreensão do significado das questões, as respostas falsas dadas pelo entrevistado devido a razões conscientes ou inconscientes e a influência das opiniões pessoais do investigador acerca das respostas do entrevistado (Gil, 2008) são distintas limitações a considerar pelo investigador quando se aplica como técnica de recolha de dados a entrevista.

### *3.3 Análise Documental*

A análise documental é uma etapa fundamental numa investigação, pois permite ao investigador ter consciência dos conhecimentos que possui sobre a temática a investigar, alargar conhecimentos sobre as questões em estudo e estabelecer ligações com investigações já realizadas sobre o assunto (Fortin, 2003). Como técnica de recolha de dados é realizada de forma indireta tomando diferentes formas como: documentos, livros, documentos oficiais, registos estatísticos, entre outros (Gil, 2008).

Neste sentido, no presente estudo utilizam-se distintos livros que abordam temáticas como: o sistema de promoção e proteção das crianças e jovens, a adolescência e o sucesso escolar. De igual forma, recorre-se à legislação de carácter nacional sobre as crianças e jovens, assim como o ensino em Portugal. Também se acede a diversas

---

<sup>3</sup> Anexo II – Entrevista Semiestruturada para os Jovens.

<sup>4</sup> Anexo III – Entrevista Semiestruturada para os Técnicos.

publicações (artigos científicos, teses, entre outros) e relatórios como o CASA 2013. Por fim, a análise documental decorre ao longo de todo o processo de investigação de modo a obter informação necessária para a concretização do estudo, assim como sustentar os dados recolhidos através dos inquéritos e entrevistas.

#### 4. Delimitação do Campo de Pesquisa

O presente estudo foi realizado nos distritos de Leiria e de Santarém, uma vez que se tornara mais acessível à investigadora. De acordo com a Carta Social, à data de 5 de fevereiro de 2015, no distrito de Leiria existiam 7 CAT e 3 LIJ, enquanto no distrito de Santarém 6 CAT e 13 LIJ. Deste universo de instituições de acolhimento foram selecionadas 4 instituições, tendo em consideração os seguintes critérios: duas instituições de acolhimento que tivessem acolhidas jovens do sexo feminino e outras duas do sexo masculino; duas do distrito de Leiria e duas do distrito de Santarém e em último, estas 4 instituições de acolhimento serem respostas sociais CAT ou LIJ. As instituições de acolhimento foram denominadas por IA-A, IA-B, IA-C e IA-D, sendo caracterizadas seguidamente<sup>5</sup>.

Tabela 2 - Caracterização de cada Instituição de Acolhimento (IA)

Questões	IA – A	IA - B	IA - C	IA- D
Tipologia da Resposta Social	LIJ	CAT	LIJ	LIJ
Ano de início de atividade	1925	2007	1974	2011
Capacidade máxima para acolher	30	23	25	12
Número de crianças/jovens acolhidas na data do preenchimento	20	23	24	11
Atual faixa etária de acolhimento	8 aos 18	13 aos 20	11 aos 19	11 aos 18
Género das crianças/jovens acolhidas	Feminino	Feminino	Masculino	Masculino
CAT ou LIJ com Certificação da Qualidade	Não	Sim	Não	Sim
Localização	Urbano	Rural	Urbano	Urbano
Existência de Supervisão Externa	Sim	Não	Não	Sim
Entidade(s) externa(s) que supervisiona(m)	Segurança Social	-----	-----	Pressley Ridge

<sup>5</sup> Estes dados foram recolhidos através do questionário de carácter sociodemográfico sobre as instituições de acolhimento em estudo.

A análise da Tabela 2 – Caracterização das Instituições de Acolhimento permite verificar que o estudo decorreu em três LIJ e num CAT, nos quais duas tinham crianças e jovens do sexo feminino, assim como as outras duas do género masculino. Duas instituições de acolhimento iniciaram a sua atividade no século XX, enquanto as duas outras nos inícios do século XXI. A capacidade máxima para o acolhimento varia entre as 30 e 12 crianças e jovens, sendo que à data do preenchimento a IA-A tinha 10 vagas e a IA-B possuía a capacidade máxima. Relativamente à atual faixa etária situa-se entre os 8 e os 20 anos. Por outro lado, duas instituições de acolhimento possuem certificação de qualidade (IA-B e IA-D) e somente a IA-B se localiza em meio rural. Em último, verifica-se que duas instituições de acolhimento possuem supervisão externa (IA-A e IA-D) em que as entidades responsáveis são a Segurança Social e a Pressley Ridge, respetivamente.

Para a aplicação das duas entrevistas, estas foram aplicadas respetivamente a um(a) técnico(a) e a um(a) jovem acolhido(a). O/A técnico(a) tinha que ser responsável pela área escolar na instituição de acolhimento e o/a um(a) jovem acolhido(a) tinha que frequentar o maior ano escolar do ano letivo 2014/2015 nesse CAT ou LIJ. Por último, também foi aplicado um questionário ao técnico(a) responsável pela área escolar, de modo a permitir a realização de uma breve caracterização de cada instituição de acolhimento.

#### *4.1 Constituição da Amostra*

Relativamente à amostra deste estudo, apresenta-se seguidamente dois quadros que caracterizam os sujeitos entrevistados – 4 jovens e 4 técnicos, sendo que as informações foram recolhidas através dos respetivos inquéritos por entrevista.

Tabela 3 - Caracterização dos jovens acolhidos entrevistados, à data das entrevistas

Instituição de Acolhimento (IA)	Género	Idade	Ano Escolar	Período de Acolhimento na Instituição
IA-A	Feminino	16	11.º	4 anos
IA-B	Feminino	16	11.º	1 ano e alguns meses
IA-C	Masculino	19	12.º	11 ou 12 anos
IA-D	Masculino	18	11.º	3 anos



Na Tabela 3 - Caracterização dos jovens acolhidos entrevistados, à data das entrevistas verifica-se que existem 2 jovens do género feminino e 2 jovens do género masculino. As idades são compreendidas entre os 16 e os 19 anos, observando-se que os rapazes são os têm idades mais velhas (18 e 19 anos). Maioritariamente os jovens frequentam o 11.º ano, salvo o jovem da IA-C que frequenta o 12.º ano. O tempo mínimo de acolhimento é de 1 ano e alguns meses, enquanto o máximo é de 11 ou 12 anos.

Outros dados recolhidos acerca dos jovens são a frequência maioritária em cursos profissionais (jovens da IA-A, IA-C e IA-D), enquanto a jovem da IA-B frequenta um curso de carácter geral. Os jovens do sexo masculino já foram acolhidos noutras instituições de acolhimento.

Tabela 4 – Caracterização dos técnicos entrevistados, à data das entrevistas

Instituição de Acolhimento (IA)	Género	Formação Académica	Função Desempenhada	Tempo de Serviço
IA-A	Feminino	Licenciatura em Educação Social	Educadora Social	6 anos
IA-B	Feminino	Licenciatura em Serviço Social	Assistente Social	5 anos
IA-C	Masculino	Licenciatura em Ciências da Educação	Educador	6 anos
IA-D	Feminino	Licenciatura em Psicologia	Psicóloga	3 anos

Referente à Tabela 4 – Caracterização dos técnicos entrevistados, à data da entrevista demonstra a existência de 3 entrevistados do género feminino e um do género masculino. Verifica-se que as formações académicas dos técnicos são distintas e que o tempo de trabalho na instituição de acolhimento é compreendido entre os 3 anos e os 6 anos. Por fim, as funções desempenhadas por cada técnico estão relacionadas com a sua formação académica.

## 5. Procedimentos

Num primeiro momento foi realizado uma lista de instituições de acolhimento que poderiam ser alvo do presente estudo. Posteriormente, a investigadora contactou telefonicamente, entre os dias 22 e 30 de outubro de 2014, um CAT e três LIJ explicando o objetivo do estudo e se haveria autorização para a aplicação das entrevista (técnico e jovem) e questionário aplicado ao técnico a ser entrevistado. Em dois

contactos telefónicos foi imediatamente autorizado e nos outros dois, passado alguns dias também foi comunicado a sua autorização. Nestes contactos telefónicos foi referido a quem é que a investigadora iria aplicar as entrevistas e o questionário. Para formalizar o pedido foi enviado a cada instituição de acolhimento por e-mail, no dia 6 de novembro de 2014, o pedido de autorização para a realização do trabalho de investigação<sup>6</sup>, assim como a declaração da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria<sup>7</sup> para a concretização do estudo no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação.

Relativamente às técnicas de recolha de dados – questionário e entrevistas, estes foram sujeitos a um pré-teste num LIJ para crianças e jovens do género feminino, com o intuito de verificar o entendimento e compreensão dos sujeitos entrevistados. O questionário foi aplicado a duas técnicas que desempenham funções de assistente social e psicologia, no dia 30 de outubro de 2013, com o objetivo de perceber se as questões eram compreensíveis. Quanto ao pré-teste da entrevista do técnico(a), esta foi aplicada no dia 6 de novembro de 2013 a uma técnica superior de educação social, em que é uma das responsáveis pela área escolar no LIJ. A entrevista durou cerca de 37 minutos e a entrevistada compreendeu numa maneira geral as questões realizadas. Por fim, foi realizada a entrevista a uma jovem com 19 anos que frequentava o 11.º ano de um curso profissional que teve a duração de 17 minutos. Esta já mostrou maiores dificuldades na compreensão de alguns conceitos e existia linguagem que não era muito acessível no vocabulário dela. Assim, tendo em consideração estes aspetos foram reformuladas algumas questões. Ainda é de referir, que neste LIJ existiam jovens a frequentar o ensino superior, contudo como a investigadora verificou anteriormente que a amostra dos jovens rondava a frequência do 11.º ano optou por fazer o pré-teste a uma jovem com características semelhantes. Por fim, a aplicação dos pré-testes permitiu à investigadora adaptar-se à dinâmica de cada entrevista e preparar-se de uma melhor forma para a aplicação destas.

Após a verificação das respetivas técnicas de recolha de dados: entrevistas e questionário, foram contactadas novamente as instituições de acolhimento para agendar as respetivas entrevistas e aplicar o questionário. As entrevistas decorreram entre os dias 12 e 26 de novembro de 2014, sendo realizadas nas instituições de acolhimento,

---

<sup>6</sup> Anexo IV – Pedido de autorização para o trabalho de investigação.

<sup>7</sup> Anexo V – Declaração ESECS – IPL.

contudo duas realizaram-se num local favorável, tanto para os entrevistados como para a investigadora. Nesse mesmo dia foi entregue aos respetivos técnicos os questionários, sendo que a investigadora colocou à vontade para posteriormente enviarem por e-mail ou entregarem em mão.

Em todas as entrevistas procurou-se um local calmo para a concretização destas. No início da conversa, a investigadora apresentou-se expondo a temática do estudo procurando sempre um momento descontraído e empático, no qual colocou sempre à vontade o entrevistado para esclarecimento de quaisquer dúvidas. Em seguida explicou-se que as entrevistas eram somente para a realização do trabalho de investigação e que seriam confidenciais, nas quais os nomes de pessoas que fossem referidas seriam transcritos de forma fictícia. Os restantes nomes (como por exemplo: escolas e localidades) seriam mencionados através de letras. Solicitou-se a autorização<sup>8</sup> para gravar a entrevista utilizando para o efeito um gravador.

As entrevistas dos jovens tiveram a duração média de 20 minutos. Ao longo das entrevistas foi necessário a reformulação de algumas questões de acordo com a compreensão de cada jovem e a utilização frequente do “porquê” para completarem as respostas dadas. Contudo, de uma forma geral todos demonstraram satisfação no final da entrevista por terem participado no estudo. Quanto às entrevistas com os técnicos, estas tiveram a duração média de 40 minutos. Ao longo das entrevistas, os técnicos foram apresentando uma postura de interesse, tendo sempre o cuidado de tentarem responder o melhor possível às questões realizadas.

Por fim, foi realizada a transcrição das entrevistas, o mais possível, de uma forma integral, no entanto existiram situações em que não foi perceptível o que o entrevistado referiu, sendo que a investigadora colocou não audível. Por outro lado, foi dado a cada entrevistado um código para preservar o seu anonimato, como por exemplo: Técnico Entrevistado da Instituição de Acolhimento A – TEA e Jovem Entrevistado da Instituição de Acolhimento A – JEA.

---

<sup>8</sup> Anexo VI – Autorização para gravação das entrevistas.

## 6. Técnicas de Tratamento de Dados

As técnicas de tratamento de dados neste estudo enquadraram-se na utilização de um programa informático - Microsoft Office Excel 2007 para os questionários e na análise de conteúdo para as entrevistas. Relativamente, aos questionários, estes foram tratados através de tabelas e de gráficos. Quanto à análise de conteúdo, Bardin (2004, p. 37) define como

“(...) um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.”

Assim sendo, o autor apresenta três fases que devem ocorrer na análise de conteúdo, sendo elas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Na pré-análise pretendeu-se organizar a informação recolhida com o objetivo de operacionalizar e sistematizar as ideias de acordo com os objetivos do estudo. Deste modo, realizou-se uma leitura das transcrições das entrevistas<sup>9</sup>. Posteriormente na fase de exploração do material realizou-se o registo das categorias<sup>10</sup> e das subcategorias proporcionando que os dados recolhidos em bruto se tornassem organizados devido a terem elementos comuns. Em último, com a informação organizada de acordo com os objetivos do estudo chegou-se à fase de tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Através das categorias e subcategorias de análise construiu-se as grelhas de análise de conteúdo<sup>11</sup>. Os resultados obtidos desta terceira fase serão expostos e discutidos no próximo capítulo.

---

<sup>9</sup> Anexo VII – Transcrição das Entrevistas.

<sup>10</sup> Anexo VIII – Categorias e Subcategorias de Análise.

<sup>11</sup> Anexo IV – Grelhas de Análise de Conteúdo.

## CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

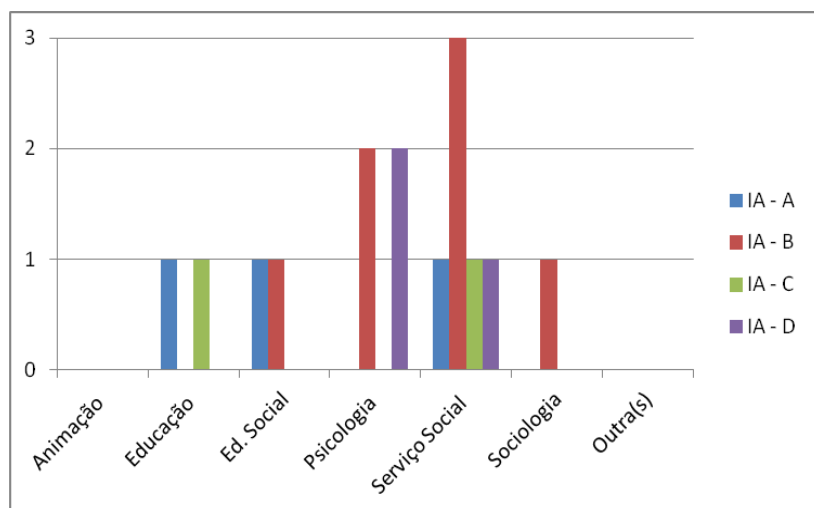
Neste capítulo pretende-se realizar em simultâneo a apresentação, a análise e a discussão dos resultados obtidos através dos questionários e das entrevistas, sendo que a análise interpretativa e compreensiva tem por base o enquadramento teórico exposto no primeiro capítulo. Deste modo, após a apresentação, análise e discussão de resultados de cada categoria de análise constituída por diversas subcategorias, encontrar-se-á uma breve síntese acerca dos aspetos que se destacaram de cada uma.

### 1. Fatores Institucionais<sup>12</sup>

#### 1.1 Formação dos Colaboradores

Todos os colaboradores que desenvolvem funções nas instituições de acolhimento apresentam distintas formações. Neste sentido, apresenta-se seguidamente as formações das equipas: técnica, educativa e de apoio.

Gráfico 1 - N.º de técnicos de acordo com a sua formação académica em cada IA

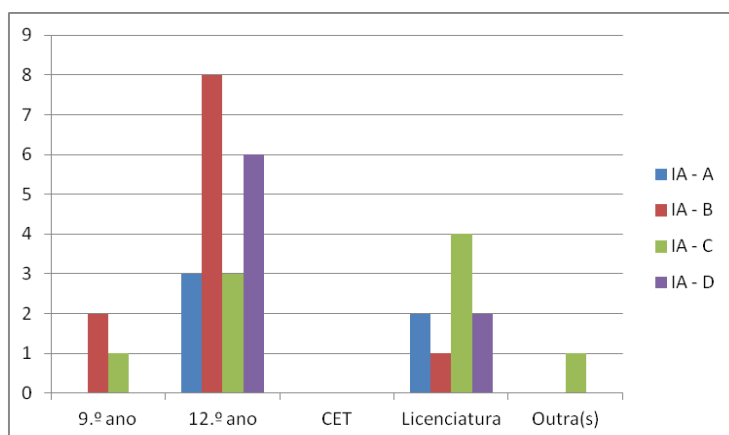


Relativamente ao Gráfico 1 – N.º de técnicos de acordo com a sua formação académica em cada IA realça-se que todas as equipas técnicas das IA possuem um ou mais técnicos com formação em serviço social. A outra formação académica com maior visibilidade é

<sup>12</sup> Esta categoria de análise teve em conta duas técnicas de recolha de dados: os inquéritos e as entrevistas.

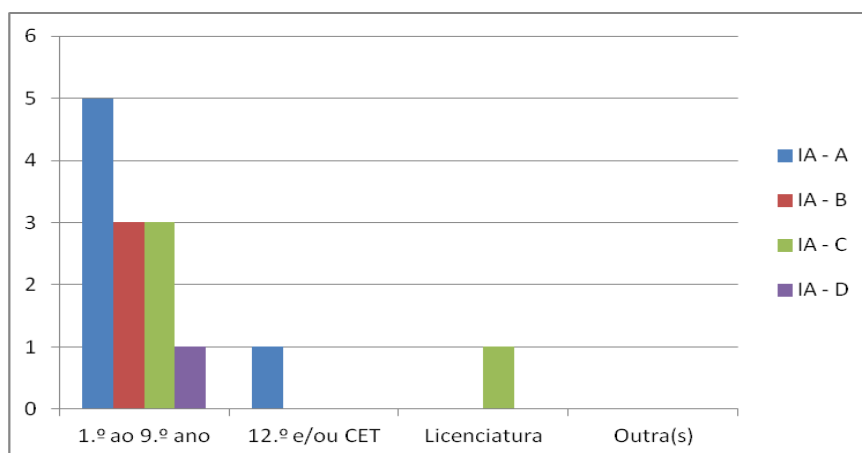
a psicologia (4) na IA-B e IA-D. Em seguida, de forma simultânea encontramos a educação (2) na IA-A e IA-C e a educação social (2) na IA-A e IA-B, e em último a sociologia (1) na IA-B.

Gráfico 2 – N.º de colaboradores da equipa educativa de acordo com a sua formação académica em cada IA



Do Gráfico 2 - N.º de colaboradores da equipa educativa de acordo com a sua formação académica em cada IA verifica-se a predominância de colaboradores da equipa educativa com o 12.º ano em todas as IA. Seguidamente destaca-se a existência de colaboradores com licenciatura (9) também existente em todas as IA. A formação académica mais baixa encontra-se em menor representação, sendo que o 9.º ano apresenta 3 colaboradores nas IA-B e IA-C e a outra(s) que corresponde ao 6.º ano a 1 colaborador na IA-C.

Gráfico 3- N.º de colaboradores da equipa de apoio de acordo com a sua formação académica em cada IA



Quanto ao Gráfico 3 - N.º de colaboradores da equipa de apoio de acordo com a sua formação académica em cada IA, existe um predomínio de colaboradores em todas as IA com formação académica do 1.º ao 9.º ano. Destaca-se a existência de um colaborador com licenciatura na IA-C e outro com o 12.º e/ou CET na IA-A.

Relativamente, ao nível de ações de formação todos os técnicos mencionaram que as instituições de acolhimento permitiam o acesso a formação em diferentes temáticas, como: *a acolhimento terapêutico (IA-A), comportamentos de risco (IA-B), proteção de menores (IA-C), comunicação, assertividade e saúde mental (IA-D)*, contudo nenhuma delas apresentou formações no âmbito das questões escolares. Cada IA utiliza a sua metodologia para que os colaboradores tenham acesso a formação contínua que seja integrada num plano, tendo em consideração as necessidades de cada uma (Gomes, 2010). A título exemplificativo na IA-C (...) *normalmente nós é que optamos por fazer a nossa própria formação (...)* demonstrando que a formação é da responsabilidade de cada colaborador, enquanto na IA-B (...) *nós é que sugerimos muitas das vezes (...)* evidenciando que a IA promove formações de acordo com as necessidades sentidas pelos colaboradores.

### 1.2 Modo de Organização

Neste âmbito, cada instituição de acolhimento no seu modo de organização apresenta o número de colaboradores de cada equipa, as condições laborais para cada colaborador, os horários dos técnicos responsáveis pela área escolar e as reuniões realizadas mensalmente. Neste sentido, quanto ao número de colaboradores de cada equipa expõe-se a seguinte tabela.

Tabela 5 – Número de colaboradores de cada equipa das instituições de acolhimento

Questões	IA – A	IA - B	IA - C	IA- D
N.º de Colaboradores da Equipa Técnica	3	7	2	3
N.º de Colaboradores da Equipa Educativa	5	11	9	8
N.º de Colaboradores da Equipa de Apoio	6	3	4	1
N.º Total de Colaboradores	14	21	15	12
N.º Suficiente de Colaboradores para responder às necessidades	Não	Sim	Não	Sim

Referentemente à Tabela 5 acerca do número de colaboradores de cada equipa das instituições de acolhimento, a IA com mais colaboradores é a IA-B onde se verifica um maior número de colaboradores na equipa técnica e educativa. As IA-B e IA-D consideram existir um número suficiente de colaboradores para responder às necessidades, enquanto as outras duas instituições de acolhimento não o consideram

Relativamente às condições laborais, todos os técnicos manifestaram que possuem boas condições para desenvolverem o seu trabalho, exceto o técnico da IA-C destacando que *(...) tendo em conta as limitações que nós temos sim, (...) mas precisávamos mais gente para trabalhar não é, é um responsável para 25 meninos* reforçando mais uma vez a falta de colaboradores. Assim, a IA-C é um exemplo de muitas instituições de acolhimento que possuem um número insuficiente de colaboradores colocando obstáculos no cumprimento das distintas tarefas (Yunes, Miranda & Cuello, 2004, citados por Mota & Matos, 2010).

Para melhor compreender as perspetivas dos técnicos quanto à satisfação do número de colaboradores existentes na instituição de acolhimento realizou-se a seguinte tabela.

Tabela 6 – Relação entre o número de colaboradores de cada equipa e a capacidade máxima para acolher das instituições de acolhimento

IA	Equipa Técnica	Equipa Educativa	Equipa de Apoio	Capacidade máxima para acolher
IA-A	3	5	6	30
IA-B	7	11	3	23
IA-C	2	9	4	25
IA-D	3	8	1	12

Nesta Tabela 6 ao realizar-se relação entre o número de colaboradores de cada equipa e a capacidade máxima de cada IA para acolher, e tendo em consideração o referencial proposto pela Segurança Social (ISS, 2010a, 2010b) que para 30 crianças ou jovens a equipa técnica deve ter 4 elementos, a equipa educativa 14 e a de apoio 4, tal como acontece com a IA-A, esta demonstra que a equipa técnica e educativa tem menos elementos do que deveria ter. Deste modo, a IA-C também não se enquadra neste referencial tendo menos elementos na equipa técnica e educativa, enquanto as IA-B e IA-D apresentam um número de elementos adequado a todas as equipas.



Para além destes colaboradores existem nas instituições de acolhimento outros elementos que podem colaborar com estas respostas sociais, como professores do Plano CASA, voluntários e estagiários. Assim sendo, expõe-se esta tabela:

Tabela 7 – Outras pessoas que colaboraram no ano letivo 2013/2014 com o CAT/LIJ

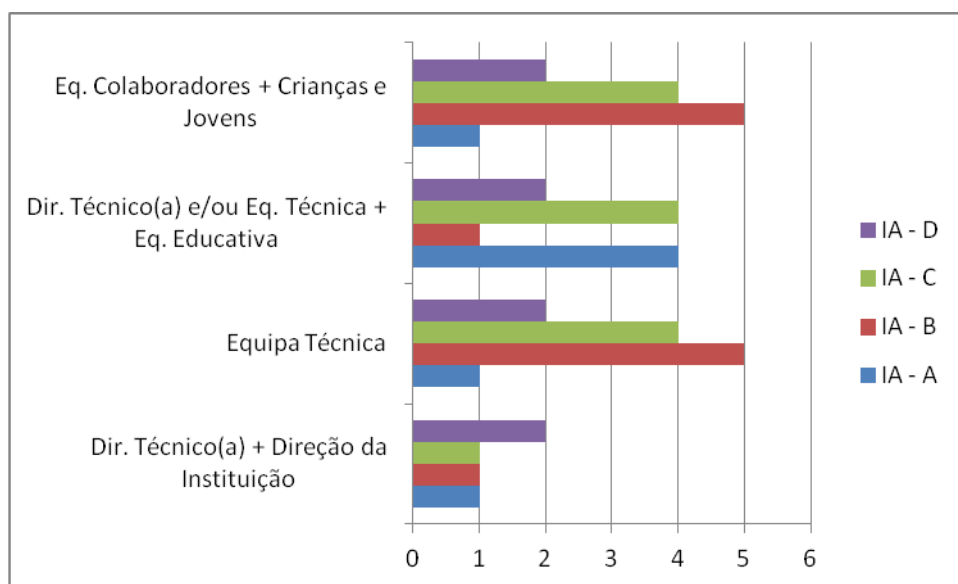
Questões	IA – A	IA - B	IA - C	IA- D
Professores colocados no âmbito do Plano CASA	1	0	0	0
Voluntários que apoiassem na área escolar	3	1	2	3
Realização de estágios académicos	3	5	1	0

A Tabela 7 - Outras pessoas que colaboraram no ano letivo 2013/2014 com o CAT/LIJ demonstra a existência somente de um professor colocado no âmbito do Plano CASA na IA-A. Relativamente a voluntários que apoiassem na área escolar todas as IA possuíram, sendo que variam entre o mínimo de 1 voluntário (IA-B) e o máximo de 3 nas IA-A e IA-D. Quanto à realização de estágios académicos, somente a IA-D não teve durante o ano letivo 2013/2014, contudo a IA-B foi onde decorreram mais estágios académicos (5).

Outro aspeto referido relaciona-se com os horários dos técnicos que todos tentam ter um horário alargado para o acompanhamento na chegada das crianças e jovens da escola, como por exemplo menciona a técnica da IA-B (...) *mas à 2.ª feira ah faço das das 12 às 8 que é para acompanhar as jovens que vem ah pelo menos um dia até mais tarde*, no entanto não significa que estejam exclusivamente no apoio ao estudo diário.

Em último, apresenta-se o número de reuniões realizadas por mês em cada instituição de acolhimento verificando-se as seguintes tipologias: equipa de colaboradores e crianças e jovens; diretor técnico e/ou equipa técnica e equipa educativa, equipa técnica e diretor técnico e direção da instituição.

Gráfico 4 - N.º de reuniões realizadas por mês com os diferentes elementos em cada IA



Neste Gráfico 4 - N.º de reuniões realizadas por mês com os diferentes elementos em cada IA observa-se 4 distintas reuniões que ocorrem em cada IA. Relativamente à reunião entre equipa de colaboradores e crianças/jovens na IA-B ocorre 5 vezes por mês sendo a IA onde sucede mais vezes, enquanto a IA-A acontece 1 vez por mês onde decorre menos vezes. As reuniões entre diretor(a) técnico(a) e/ou equipa técnica e equipa educativa sucedem-se no mínimo 1 vez por mês (IA-B) e no máximo 4 vezes por mês (IA-A e IA-C). Quanto às reuniões das equipas técnicas, a IA-A reúne 1 vez por mês, sendo a IA que reúne menos vezes e a IA-B que reúne 5 vezes, em que se constata que é a IA que possui mais reuniões de equipa técnica num mês. Em último, todas as instituições de acolhimento realizam reuniões entre diretor(a) técnico(a) e direção da instituição, em que usualmente se concretiza 1 vez por mês, salvo a IA-D que são 2 vezes. Ainda é de salientar que a IA-D tem o mesmo número de reuniões para todos os elementos (2).

### 1.3 Importância dada à escola

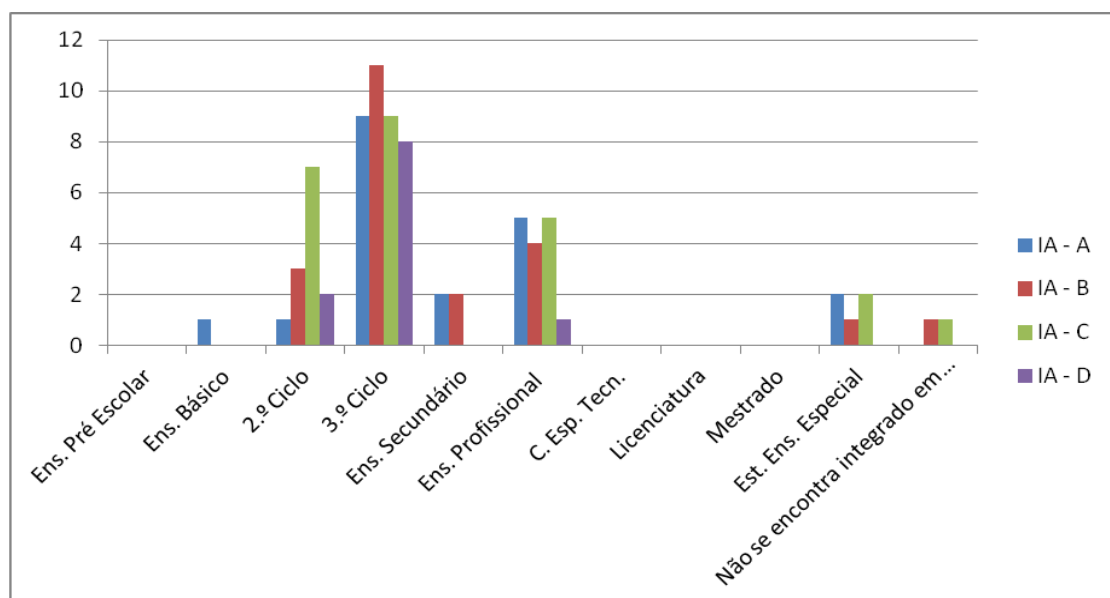
Nesta subcategoria de análise é importante contextualizar a situação escolar de cada IA, bem como o número de jovens integrados no mercado de trabalho. Posteriormente, cada jovem e técnico reflete sobre a importância que dão à escola na respetiva instituição de acolhimento.

Tabela 8 – Relação entre o número de crianças/jovens acolhidas em cada IA e o n.º de reprovações escolares

Questões	IA-A	IA-B	IA-C	IA-D
À data de 31 de julho de 2013 o n.º de crianças/jovens acolhidos	24	23	25	12
N.º de reprovações escolares no ano letivo 2013/2014	8	6	5	1

Ao realizar-se uma relação entre o número de crianças/jovens acolhidas em cada IA à data de 31 de julho de 2013 e o número de reprovações escolares no ano letivo 2013/2014, tal como apresenta a Tabela 8, verifica-se que a IA-D foi a que teve menos reprovações escolares. As restantes instituições de acolhimento com um maior número de crianças e jovens acolhidas (entre 23 e 25) apresentam mais reprovações escolares no ano letivo 2013/2014. A IA-A com mais reprovações escolares, seguida da IA-B e por fim, a IA-C.

Gráfico 5 - N.º de crianças/jovens de cada IA de acordo com o tipo de ensino letivo



No Gráfico 5 – N.º de crianças/jovens de cada IA de acordo com o tipo de ensino no ano letivo 2014/2015 destaca-se que todas as instituições de acolhimento apresentam um maior número de crianças/jovens a frequentar o 3.º ciclo. Seguidamente o tipo de ensino mais frequentado em todas as instituições de acolhimento é o ensino profissional

e posteriormente o 2.º ciclo. No ensino básico só frequenta uma criança da IA-A e no ensino secundário 4 jovens respetivamente da IA-A e IA-B. Também se verifica a frequência de crianças e jovens em estabelecimentos de ensino especial, exceto na IA-D. As IA-B e IA-C têm cada uma, uma criança ou jovem que não se encontra a frequentar nenhum tipo de ensino. Por fim, nenhuma das instituições de acolhimento têm crianças a frequentar o ensino pré-escolar, assim como o ensino superior (Cursos de Especialização Tecnológica, Licenciatura ou Mestrado).

Outro aspeto interrogado no inquérito por questionário foi a escolaridade atingida nos últimos três anos pelas crianças e jovens em cada IA, em que todas as instituições de acolhimento responderam o 11.º ano, exceto a IA-D o 10.º ano. Também se verificou que nenhuma das quatro instituições de acolhimento têm jovens inseridos no mercado de trabalho.

Em relação à importância dada à escola, todos os técnicos consideraram que a escola é importante e que se apresenta como uma ferramenta essencial para o futuro do jovem, tal como refere o técnico da IA-C *nós tentamos inculcar nos garotos é a escola é uma alternativa a um futuro melhor (...)*. Outro ponto que se destaca na importância dada à escola é a perspetiva da técnica da IA-D de que *penso que todas as equipas estão muito focados aí porque percebem que eles próprios quando sentem o sucesso escolar também há alguma estabilidade nos jovens (...)* revelando que o sucesso escolar é visto como um contributo para a estabilidade nas crianças e jovens. Assim, estes técnicos demonstraram que todos aqueles que cuidam destas crianças e jovens acolhidas nestas instituições de acolhimento valorizam a educação apresentando-se como um fator que contribui para o sucesso escolar destes (Martin & Jackson, 2002). Por outro lado, salienta-se que (...) *para nós muito importante a educação formal, mas (...) se calhar outras questões que se deveriam trabalhar aí primeiro e evitar-se se calhar (...) algum insucesso (...)* como expõe a técnica da IA-A ressaltando a importância de trabalhar outras questões relacionadas com as crianças e jovens para que estes consigam atingir os seus objetivos na escola.

Quanto aos jovens todos afirmaram que as instituições de acolhimento valorizam a parte escolar e até acrescentam que (...) *eles querem que nós temos (...) um futuro bom e nós não podemos ter um futuro sem a escola* (jovem da IA-D). Estas perspetivas vão ao encontro de um estudo realizado por Faria, Salgueiro, Trigo e Alberto (2008) em que as

adolescentes referiram a importância dada por parte das Irmãs e outros adultos do Lar à educação e ao ensino. Porém, salientaram que a escola é valorizada de uma forma excessiva, como a jovem da IA-B mencionou: *valorizam até demais, porque ah dão muita atenção ao que é que acontece na escola (...)*. E acrescentaram que atualmente a IA começou (...) *a compreender mais as meninas e se calhar deixando um pouco de parte essa situação da escola* (jovem da IA-A) indo ao encontro de outras questões tão ou mais importantes do que a escola.

#### *1.4 Síntese da Categoria de Análise: Fatores Institucionais*

Considera-se que relativamente à constituição e formação das equipas de apoio, os técnicos entrevistados das IA-A e IA-C consideraram que não têm o número suficiente de colaboradores. Relativamente a outras pessoas que colaboraram no ano letivo 2013/2014 com o CAT/LIJ destacou-se a existência de voluntários a apoiar na área escolar em todas as instituições de acolhimento. Também a IA-A referiu ter contado com a presença de um professor ao abrigo do Plano CASA para apoiar nas questões escolares. Ao nível de formação, na equipa técnica prevalece a licenciatura em serviço social, na equipa educativa o 12.º ano e na equipa de apoio do 1.º ao 9.º ano. No âmbito da formação recebida no último todos os técnicos referiram ter acesso em temáticas distintas, mas não ao nível das questões escolares.

No que concerne à situação escolar das crianças e jovens acolhidas, no ano letivo 2013/2014 todas as instituições de acolhimento tiveram reprovações. Comparando com o número de crianças ou jovens acolhidos à data de julho de 2014, a instituição D teve um menor número de reprovações (1), enquanto a instituição A o maior número (8). No ano letivo 2014/2015, as crianças e jovens frequentam maioritariamente o 3.º ciclo nas quatro instituições de acolhimento. Seguidamente o ensino profissional e o 2.º ciclo. Por fim, no diz respeito ao modo como as instituições perspetivam a área escolar durante o acolhimento, foi unanime com todos os técnicos, que a escola tem uma importância significativa para as instituições, apresentando-se como uma ferramenta essencial para o futuro do jovem. Os jovens concordaram com esta perspetiva, contudo uma jovem considerou que por vezes até é valorizada de forma excessiva.

## 2. Fatores Ambientais e Recursos da Instituição

### 2.1 Locais de Estudo

Tanto os técnicos como os jovens referiram que maioritariamente os locais de estudo nas instituições de acolhimento eram nas salas de estudo e nos quartos, mas também há casos em que usam a (...) *sala de televisão* (técnica da IA-D) ou (...) *sala de estar* (...) (jovem da IA-B). Neste sentido, estas instituições de acolhimento apresentam espaços destinados ao estudo das crianças e jovens, tal como preveem os Manuais de Recomendações Técnicas para Equipamentos Sociais dos CAT e LIJ (ISS, 2010a, 2010b): convívio e atividades (sala de estar e sala de estudo) e alojamento (quartos individuais ou partilhados).

### 2.2 Condições dos Locais de Estudo

Neste contexto, os jovens na sua maioria referiram que tinham boas condições para a concretização do estudo diário, contudo a jovem da IA-B destacou a existência de barulho e a dimensão pequena da sala para estarem a estudar à mesma hora, como se verifica no seu relato: *Ah barulhento! (...) Nem por isso, porque somos 11 e temos caber nesta sala!*. A questão da existência de barulho também foi evidenciada num estudo desenvolvido por Martin e Jackson (2002) em que os jovens apontavam a falta de um local de estudo silencioso. Os técnicos descreveram que apesar de terem no geral boas condições nos locais de estudo, ainda existem aspetos a melhorar, como (...) *estar 7,8,9 miúdos ao mesmo tempo na sala de estudo, que às vezes não não facilita. (...) a dimensão do espaço não é a ideal* (técnico da IA-C) e *não é a sala ideal, mas ah seria ideal (...) mais mesas em que eles pudessem estar mais individualmente, (...)* (técnica da IA-D) realçando a necessidade de um local de estudo com maiores dimensões, assim como mobiliário mais adequado. Um aspeto que se realça nesta análise é a dificuldade de se gerir várias crianças e jovens ao mesmo tempo num mesmo local tentando adequar os espaços às necessidades de cada um (exemplo: frio, barulho, mobiliário). Tal como referem os autores acima proporcionar boas condições nos locais de estudo é um fator que contribui para o sucesso escolar destas crianças e jovens, sendo que os técnicos entrevistados demonstraram preocupação em possibilitar as melhores condições possíveis nos distintos espaços de estudo, como referiu a técnica da IA-B (...) *no*

*inverno às vezes é um bocadinho mais complicado, mas mas ao final do dia liga-se sempre o aquecimento (...).*

### *2.3 Recursos Tecnológicos e Materiais*

Todas as instituições de acolhimento possuíam distintos tipos de recursos de apoio ao estudo, como bibliotecas, livros, dicionários e equipamentos informáticos (computadores, projetor, impressora e fotocopiadora). Todas as crianças e jovens tem acesso à internet para a concretização de trabalhos escolares como descreveu a técnica da IA-D (...) *normalmente é uma condição em que os professores pedem para que possam pesquisar qualquer coisa à internet que eles realmente tem tem isso tem essa possibilidade.* Verificou-se a disponibilidade por parte das instituições de acolhimento em adquirir materiais necessários às crianças e jovens: *Sim, elas dão-nos tudo* (jovem da IA-A). Também existe uma colaboração por parte dos colaboradores, pois os (...) *funcionários também ajudam nalguma coisa que falte (...) trazem de casa (...)* (técnico da IA-C).

Por outro lado, nos aspetos a melhorar salientou-se as questões relacionadas com a rede da internet (...) *temos aqui uma dificuldade em termos de edifício que é ah a internet não se apanha em todo o lado, (...)* (técnico da IA-A) e *Há um aí, mas não é nada de jeito, já tentei fazer um trabalho e desligou-se e apagou todo o meu trabalho* (jovem da IA-B) referindo-se que a manutenção do equipamento não é adequada podendo prejudicar a realização dos trabalhos escolares. Assim, de uma forma geral estas instituições de acolhimento oferecem recursos tecnológicos e materiais que são importantes que uma criança ou jovem possua em casa para o seu desenvolvimento escolar (Berridge, 2012).

### *2.4 Síntese da Categoria de Análise: Fatores Ambientais e Recursos da Instituição*

Constata-se que os locais de estudo mais utilizados nas instituições são as salas de estudo e os quartos. Em algumas instituições, em casos mais excecionais, também podem ser utilizadas a sala de televisão ou a sala de estar. As condições dos locais de estudo são na generalidade boas. Porém, uma jovem realçou a existência de barulho e a pequena dimensão da sala, assim como dois técnicos evidenciaram a falta de mobiliário

mais adequado e a dificuldade de gerir tantas crianças e jovens ao mesmo tempo, respetivamente.

No que se prende com os recursos, todas as instituições de acolhimento oferecem diferentes recursos de apoio ao estudo (ex. bibliotecas, livros e dicionários) e equipamentos informáticos (ex. computadores, projetor e impressora), sendo que estão disponíveis para adquirir material necessário ou os colaboradores trazem de casa. As crianças e jovens têm acesso à internet para a concretização de tarefas escolares. Foi encontrado como limitação, de acordo com a perspetiva de uma jovem, a falta de manutenção dos equipamentos informáticos que pode prejudicar a concretização dos trabalhos escolares.

### 3. Fatores Individuais dos Jovens

#### *3.1 Perceção sobre o Acolhimento Institucional*

Nesta dimensão, os três jovens acolhidos nos LIJ referiram que o acolhimento foi encarado como uma oportunidade para os estudos e para uma vida melhor, como referiram os jovens da IA-A e IA-C, respetivamente: (...) *mesmo o motivo de aqui é mesmo por estar a estudar e sei que se calhar se tivesse em casa seria um bocado mais baldas (...)* e (...) *eu por acaso agarro as minhas oportunidades quero sair de lá da instituição com objetivos (...)*. Estas duas perspetivas vão ao encontro do estudo realizado por Faria, *et al.* (2008) em que a maioria das inquiridas afirmou que se não estivessem na instituição de acolhimento não teriam chegado tão longe a nível escolar e que possivelmente se estivessem na família biológica nem iriam à escola, assim como todas apresentaram um projeto para o seu futuro realçando que só quando tivessem as condições necessárias para viverem sozinhas é que sairiam da instituição.

Contudo, a jovem acolhida em CAT (IA-B) demonstrou maior descontentamento com o seu acolhimento destacando que (...) *há pouca liberdade não podemos ter telemóveis temos uma hora destinada para o estudo, não há respeito as outras colegas quando estamos a estudar, coisas assim*. Também Carvalho e Manita (2010) no seu estudo encontraram esta perspetiva nos adolescentes inquiridos que destacaram o tempo programado em excesso, o não terem espaço para a sua autonomia e a falta de liberdade pessoal. Por fim, nesta dimensão destacou-se que numa perspetiva mais temporária



(CAT) existe uma menor satisfação com o acolhimento comparativamente com o acolhimento mais prolongado (LIJ).

### 3.2 *Historial Escolar dos Jovens*

Todos os técnicos afirmaram que no acolhimento estas crianças e jovens apresentam inúmeras problemáticas relacionadas com a educação formal, como por exemplo: a inexistência de hábitos de estudo, a desmotivação, o absentismo escolar, o insucesso escolar, as dificuldades de aprendizagem, os problemas de comportamento, o défice de atenção e o vocabulário pobre. Gomes (2010) também evidencia algumas características destas crianças e jovens quando chegam ao sistema de acolhimento que são comuns aos técnicos entrevistados: os problemas de aprendizagem e os problemas ao nível da saúde mental.

Relativamente aos jovens, todos destacaram as reprovações no seu historial escolar. A jovem da IA-A considerou que foi uma aluna bem comportada e assídua: (...) *eu na escola sempre fui aquela pessoa que não falta, que nunca faz nada (...)*, enquanto a jovem da IA-B salientou a facilidade com que consegue compreender as matérias lecionadas: (...) *tenho sorte, porque por algum motivo eu sempre apanho a matéria e consigo perceber*. Já o jovem da IA-C destacou que o seu historial escolar ficou marcado por um período do ciclo vital (...) *quando chumbei foi mesmo por ser aquele ano da adolescência, experimentar novas coisas e assim* evidenciando a possibilidade de concretização de fugas da instituição, o faltar às aulas ou os consumos regulares de estupefacientes associados a atos antissociais (Almeida, *et al.*, 2005). Em último, o jovem da IA-D demonstrou a importância da ajuda na escolha do seu curso, bem como a possibilidade de conhecer a escola anteriormente à sua integração.

### 3.3 *Relação com os Colaboradores*

Na perspetiva dos técnicos existe uma boa relação entre crianças e jovens e colaboradores, como exemplificaram: (...) *temos um ambiente muito familiar (...)* (técnica da IA-A) e (...) *é um ambiente muito muito acolhedor* (técnico da IA-C). Outro aspeto evidenciado é a preocupação em proporcionar uma boa relação entre todos: (...) *temos muita preocupação em criar boas relações é um dos objetivos, (...) de facto isso é a base para o trabalho* (técnica da IA-D). Deste modo, as autoras Mota e Matos

(2010) referem que as relações estabelecidas entre crianças e/ou jovens e colaboradores proporcionam a satisfação em muitas áreas vinculativas essenciais promovendo ao acolhido uma maior sensação de confiança. Neste sentido, as instituições de acolhimento em estudo demonstraram terem cuidado com este tipo de relação.

Os jovens expressaram que mantêm uma boa relação com todos os colaboradores, descrevendo até que: (...) *conto-lhes tudo tanto que elas sabem de tudo (...) temos uma relação muito aberta* (jovem da IA-A) e (...) *quando precisamos de falar com eles, eles dão conselhos ou põe-nos em qualquer coisa que nós precisamos* (jovem da IA-C). Estas perspetivas enquadram-se no estudo realizado por Faria, *et al.* (2008) em que as adolescentes se sentiam protegidas e seguras no Lar estabelecendo relações de afeto com os distintos colaboradores.

### 3.4 Relação com os Colegas da Instituição

Todos os técnicos afirmaram que as crianças e jovens nas suas instituições de acolhimento possuem uma boa relação entre eles. Contudo, destacaram que existem fases e que basta existir um elemento perturbador para afetar o grupo todo, tal como referiu a técnica da IA-B: *alturas em que elas até andam muito estáveis (...), agora ah tá muito instável tem muitos conflitos e tudo à volta de uma única jovem (...)*. Um aspeto que poderá contribuir para esta boa relação é faixa etária semelhante, tal como referenciou o técnico da IA-C (...) *nesta altura acho que sim que há muito bom ambiente ah, porque a faixa etária é muito parecida (...)*. Assim, o bom ambiente entre colegas de instituição é visto como um aspeto positivo proporcionando conforto a todos eles (Carvalho & Manita, 2010).

Os jovens salientaram os seus gostos pessoais com o grupo de pares na instituição: *Com alguns é bom e outros não, não é muita ligação que tenho com eles* (jovem da IA-D) realçando também a questão da proximidade de idade (...) *mas tenho dois como somos três mais velhos só, dou-me mais, melhor com os mais velhos, (...)* (jovem da IA-C). Neste contexto, Faria, *et al.* (2008) também reconheceram no seu estudo o estabelecimento das relações de afeto com as restantes crianças e jovens acolhidas apresentando-se estas relações como um suporte para estes.

### 3.5 Relação com a Comunidade Educativa

Em relação aos técnicos, no geral todos realçaram que os jovens mantêm uma boa relação com a comunidade educativa estando integrados nas respetivas escolas, tal como evidenciou a técnica da IA-D: (...) *sim penso que não não temos problemas de integração a nível a nível escolar*. Contudo, três instituições de acolhimento destacaram algumas especificidades. A técnica da IA-A afirmou que no passado as crianças e jovens foram alvo de preconceito e de exclusão, como referiu (...) *pareciam que eram pessoas diferentes e às vezes também eram tratadas de forma diferente ah mas eu acho que se desmistificou um bocado essa história das meninas do lar*. Também Sá, Grilo e Trigo (2008) num estudo desenvolvido com colaboradores de um LIJ na zona metropolitana do Porto referiram que as adolescentes eram estigmatizadas pela sociedade, sendo que em grande parte era da responsabilidade da escola. Por outro lado, os técnicos das IA-B e IA-C são concordantes em que as crianças e jovens são excluídas das comunidades educativas devido aos seus próprios comportamentos como (...) *são miúdos muito complicados ah com problemas muito grandes de comportamento* (técnico da IA-C). No mesmo estudo anterior mencionado, uma colaboradora referiu que essa estigmatização era em parte devido aos comportamentos disruptivos de algumas adolescentes nos estabelecimentos de ensino. Neste âmbito, as instituições de acolhimento concretizam distintas estratégias para combater esta estigmatização à volta destas crianças e jovens na comunidade educativa: integração em diferentes escolas (IA-A) e integração numa única escola do meio envolvente (IA-C).

Quanto à perspetiva dos jovens, três referiram que mantêm uma boa relação com a comunidade educativa apresentando os seguintes relatos: *os professores (...) são muito acessíveis, preocupam-se, (...) se nós quisermos falar com a diretora, (...) ela está sempre disponível para nos recebermos* (jovem da IA-A); *Porque dou-me bem com toda a gente e é bem organizada, quando precisamos de alguma coisa também estão prontos para para ajudar* (jovem da IA-C) e (...) *porque na nossa escola percebe que nós temos numa instituição (...) não é por tar numa instituição que sou diferente* (jovem da IA-D). Através destes testemunhos, os jovens destacaram a disponibilidade por parte da comunidade educativa, a organização escolar, a compreensão e o respeito. Quanto à disponibilidade da comunidade educativa, Davis (2003, citado por Mota & Matos, 2010) refere que neste tipo de população a relação professor-aluno, assim como

funcionário da escola-aluno são inúmeras vezes vistas como um prolongamento, e nalguns casos um movimento compensatório das relações parentais. A jovem da IA-B tem uma perspetiva contrária aos restantes jovens referindo aspetos menos positivos, como *eu passo por alguém que eu não conheço dizem “ai essa é da casa da Y”(...) e (...) são cuscas e falam depois às outras professoras e depois toda a gente sabe* demonstrando que a comunidade educativa não vê os jovens em acolhimento da mesma maneira do que os outros jovens (Faria, *et al.*, 2008). Ainda é de referir que o facto desta instituição de acolhimento se inserir em contexto rural comparativamente às restantes, permite que os jovens que frequentem esta resposta social possam ser mais facilmente identificados, conhecidos e rotulados pela comunidade educativa. No entanto, esta jovem destacou que *Gosto muito da minha turma* revelando estar integrada no grupo de pares – turma, sendo que segundo os autores Gifford-Smith e Brownell (2003, citados por Mota & Matos, 2003) o sentimento de pertença a este grupo é importante na predição das competências sociais e académicas e na autoestima dos jovens.

### 3.6 Projeto de Vida dos Jovens

Num primeiro momento do acolhimento das crianças e jovens, dois técnicos (IA-A e IA-C) destacaram que a maior dificuldade encontrada neste campo diz respeito à instabilidade do tempo de permanência na instituição de acolhimento, como declarou a técnica da IA-A: *(...) não sabem o que é que lhes vai acontecer ou não sabem quando é que retornam à família às vezes ah isso mexe muito com elas*. Porém, quando estes jovens percebem que não vão voltar tão depressa à sua família *(...) acabam por perceber que realmente se calhar tem que se dedicar à escola e tem que fazer ah alguma coisa por eles próprios, (...)* (técnico da IA-C).

Após esta fase de instabilidade por parte dos jovens, as instituições de acolhimento devem ter o cuidado em colocar os acolhidos a participarem nos seus projetos de vida de acordo com a sua idade (Gomes, 2010), tal como evidenciou o técnico da IA-C: *(...) os projetos de vida são feitos, são lidos pelos miúdos, são acompanhados, são explicados (...)*. As crianças reconhecem ser importante definir um projeto pessoal para o seu futuro (Carvalho & Manita, 2010), sendo que esta instituição tem uma metodologia que responde a essa necessidade por parte dos acolhidos. Na IA-D a metodologia utilizada quando o projeto de vida é o regresso à família, relaciona-se com

o ano letivo, ou seja, (...) *tentamos gerir isto de maneira a que a família perceba vamos trabalhar usando também o ano letivo, para ver se no final do ano letivo consegue regressar à família* (...) (técnica da IA-D). Também esta técnica referenciou que se o projeto de vida for autonomização tentam inculcar ao jovem que (...) *a autonomia e mercado de trabalho não se consegue sem a escola, sem investimento*, (...). Gomes (2010) refere que das distintas estratégias promotoras de autonomia em acolhimento institucional é relevante a orientação e o apoio para que os jovens continuem o seu percurso escolar, no intuito de adquirirem uma boa preparação para integrarem o mercado de trabalho. Em último, a técnica da IA-B realçou que a instituição de acolhimento enquanto centro acolhimento temporário, os projetos de vida têm bastante influência sentindo que (...) *ultimamente notamos que temos jovens a entrar com 16, com 17 às vezes quase com 18 anos e pouco podemos fazer tendo em conta o seu projeto de vida* (...).

Quando os jovens permanecem na IA até aos 18 anos, estes têm o poder de decisão de permanecer na instituição de acolhimento ou sair desta (LPCJP, 1999, Art. 5.º). A técnica da IA-A referenciou que mesmo com o pedido de permanecerem até aos 21 anos há jovens que (...) *a certa altura decidem aí afinal não é isto que quero para mim e afinal quero ser independente e saem e também desinvestem nos estudos ficando* (...) *muitas vezes* (...) *desamparadas aí e não têm depois apoio*. Gomes (2005) também encontrou no seu estudo que jovens que saíram no meio do ano escolar da instituição de acolhimento, por diversas razões, como económicas, organizacionais ou familiares não conseguiram continuar a estudar. Já a técnica da IA-B destacou que apesar de algumas jovens permanecerem até aos 21 anos (...) *muitas delas acabam também por querer sair, (...) pelo menos já tem os seus cursos terminados, é raro o caso em que elas saem e que não tenham pelo menos o curso terminado*. Outra questão apresentada relaciona-se com a medida de acolhimento terminar aos 21 anos que de acordo com os técnicos da IA-A e IA-C pode prejudicar o percurso escolar dos jovens, tal como o técnico da IA-C expôs a seguinte situação

“(...) um jovem agora que tem 19, que tem um curso de três anos pela frente e só tem 2 anos para estar na instituição, (...), se conseguires arranjar trabalho vais ter que deixar a escola porque, ah é assim nós não podemos garantir-te não é, ah a partir dos 21, (...)”

### 3.7 Aspirações Académicas/Profissionais

Todos os jovens entrevistados afirmaram que possuem aspirações académicas e/ou profissionais, revelando o que Faria, *et al.* (2008) encontraram no seu estudo, pois as adolescentes perspetivavam o seu futuro com várias hipóteses: continuar a estudar, frequentar o ensino superior ou sair da instituição de acolhimento quando tivessem as suas vidas organizadas. Também Berridge (2012) refere que quanto maior forem as aspirações dos jovens, como por exemplo quererem frequentar o ensino superior, mais serão bem-sucedidos comparativamente com aqueles que não têm esta ambição.

Contudo, duas jovens referiram que não querem continuar na instituição de acolhimento até atingirem os seus objetivos escolares – a frequência no ensino superior, tal como a jovem da IA-B declarou (...) *para o ano eu faço 18, e até se eu, se eu tiver na casa eu vou querer sair não vou querer ficar aqui, (...)*. A razão que aponta é (...) *eu vou ter 18 anos e não vou continuar a dar o meu telemóvel às dez horas, não vou fazer isso* (jovem da IA-B) reforçando um fator de insatisfação que contribui para a sua saída da instituição. Este fator de insatisfação também foi resultado do estudo de Faria, *et al.* (2008) que destacaram o facto de não poderem ter alguns bens pessoais (por exemplo: telemóveis, dinheiro próprio, entre outros).

### 3.8 Importância do Sucesso Escolar

Na perspetiva dos técnicos o conceito de sucesso escolar relaciona-se com diversos pontos fundamentais: (...) *ter boas notas* – técnica da IA-A; (...) *tudo o que englobe o meio escolar (...), a nível das relações com os pares, com os colegas, ah com os professores, com os diretores, tudo isso é sucesso (...)* – técnica da IA-B; *adquirir conhecimentos para ah fazer alguma coisa que lhes pudesse dar uma forma de vida, (...)* – técnico da IA-C e por último, (...) *nós conseguimos ter aqui algum perceção que ele conseguiu retirar dali alguma coisa, (...)* – técnica da IA-D. Deste modo, a definição do conceito de sucesso escolar de acordo com estes técnicos refere-se ao jovem obter bons resultados estando integrado na comunidade educativa, assim como os conhecimentos adquiridos serem usados no dia-a-dia ou no futuro em contexto laboral. De igual forma, Veloso *et al.* (2013) referem que o sucesso escolar enquadra diferentes fatores, como por exemplo: a promoção da disciplina, a capacidade de autorregulação e a ligação ao mercado de trabalho.

Para os jovens sucesso escolar é ter boas notas tendo em consideração os objetivos a que se propõem alcançar, no intuito de obter a maior escolaridade possível, tal como evidenciou o jovem da IA-C (...) *é tar na escola e ter sempre boas notas e avançar sempre, atingir o máximo de cursos, (...) de escolaridade que conseguir*. Também a jovem da IA-B realçou (...) *é estar-se contente com o que é que tu fazes, (...) reforçando* que sucesso escolar deve incluir satisfação pessoal naquilo que se concretiza. Esta perspetiva vai ao encontro dos autores Tavares e Santiago (2001, citados por Silva & Carvalho, 2012) em que o sucesso escolar deve englobar uma vertente subjetiva, na qual cada estudante vê o seu desempenho académico de acordo com os seus objetivos.

Os técnicos perspetivaram a sua IA como um contributo para que as crianças e jovens alcancem sucesso escolar utilizando uma metodologia (...) *que é específica também para um bocadinho para o sucesso escolar associado a esta autoconfiança, autoestima também* (técnica da IA-D). Os jovens são concordantes que o sucesso escolar lhes permitirá prosseguir estudos ou obter um bom trabalho. Acerca do contributo da sua instituição de acolhimento, três jovens perspetivaram de forma positiva, enquanto a jovem da IA-B referiu (...) *se eles eles não tivessem dado alguns materiais por exemplo os livros e tudo eu não podia (...) ter boas notas (...) mas além disso não ajudam assim tanto* destacando que o contributo era exclusivamente através da aquisição de materiais escolares.

### *3.9 Síntese da Categoria de Análise: Fatores Individuais dos Jovens*

No que diz respeito à perceção sobre o acolhimento institucional, três dos jovens encararam o seu acolhimento como uma oportunidade para os estudos. Por outro lado, uma jovem demonstrou o seu descontentamento quanto ao seu acolhimento devido a fatores como: falta de liberdade, horários de estudo e falta de respeito para com os colegas. Em relação ao percurso escolar, os técnicos referiram que as crianças e jovens apresentam frequentemente as seguintes problemáticas: inexistência de hábitos de estudo, desmotivação, absentismo escolar, dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento. Em contexto institucional, tanto os jovens como os técnicos afirmaram existir uma boa relação entre crianças/jovens e colaboradores. Entre as próprias crianças e jovens também existe uma boa relação, contudo destacaram que este bom ambiente é por fases podendo depender somente de uma criança ou jovem que afeta o grupo todo. Ao nível externo, na comunidade educativa, os jovens, na sua maioria encontram-se

integrados, no entanto existem situações de exclusão, quer por parte da própria comunidade educativa quer pelos jovens pares.

Quanto aos projetos de vida, uma técnica referiu que se o projeto de vida dos jovens é reunificação familiar tenta-se sempre que possível adaptá-lo ao ano letivo para não prejudicar o percurso escolar. Todos os jovens manifestaram aspirações académicas e/ou profissionais revelando várias hipóteses: continuar a estudar, frequentar o ensino superior ou sair da instituição quando tivessem a sua vida organizada. O sucesso escolar é visto pelos jovens como uma forma de prosseguir estudos ou obter um bom trabalho. Praticamente todos os entrevistados consideraram que a instituição contribui para alcançar o sucesso escolar das crianças e jovens.

#### 4. Fatores Metodológicos de Intervenção Escolar dos CAT/LIJ

##### *4.1 Relação entre CAT/LIJ e Estabelecimentos de Ensino*

Todos os técnicos afirmaram que mantêm uma próxima e boa relação com os estabelecimentos de ensino onde as crianças e jovens estão integrados. Cada IA tem a sua metodologia própria de trabalho com as escolas: umas preferem trabalhar somente com uma escola (IA-C e IA-D) e outra com várias escolas (IA-A), também como forma de integrar as crianças e jovens acolhidas, tal como já foi referido anteriormente. A técnica da IA-B acrescentou a preferência por escolas mais pequenas, uma vez que segundo esta perspetiva controlam mais facilmente as problemáticas das crianças e jovens.

Por outro lado, os técnicos reconheceram que cada estabelecimento de ensino tem a sua maneira de trabalhar, sendo que as instituições de acolhimento tem o cuidado de se adaptar a esse modo de funcionamento (...) *todos funcionam de maneira diferente (...) já sabemos que com esta temos que fazer uma abordagem desta maneira, com aquela doutra* (técnica da IA-A). Outro aspeto referenciado nesta relação pela técnica da IA-D foi a importância da comunicação que (...) *o canal de comunicação é é muito bom* (...) permitindo respostas por parte da escola e da instituição. Nesta comunicação é essencial orientar os professores e as escolas para os problemas destas crianças e jovens, bem como proporcionar aos alunos e aos seus cuidadores novas possibilidades educativas (Pecora *et al.*, 2006, citados por Franz & Branica, 2013).



#### 4.2 Formas de Comunicação entre CAT/LIJ e Estabelecimentos de Ensino

Segundo Martin e Jackson (2002) é importante uma boa comunicação entre cuidadores e a escola, tal como os técnicos das instituições de acolhimento salientaram nas suas perspetivas. Esta comunicação pode ser realizada de diversas formas utilizando: os telefones, os e-mails, as reuniões presenciais (como por exemplo: horários de atendimento de diretor de turma ou outro horário que disponibilizam, reuniões de avaliação, conselhos de turma, entre outros) e as plataformas digitais – o livro de ponto digital. Ainda é de referir que os técnicos da IA-A e IA-C realçaram que a comunicação telefónica pode ser realizada por diferentes elementos da comunidade educativa, tal como relatou o técnico da IA-C (...) *tanto podemos receber um telefonema do diretor da escola, como da diretora de turma, como da funcionária, (...)*. Relativamente aos jovens, estes têm consciência que existe comunicação regular entre a sua IA e a escola, contudo a jovem da IA-B demonstrou alguma incerteza quanto à forma (...) *mas não sei muito, porque não sei se falam com a minha dt, mas sabem tudo. Por isso devem falar*. Para os outros jovens as formas de comunicação enquadram-se nos telefonemas e nas reuniões presenciais nas escolas.

#### 4.3 Definição do Encarregado de Educação

Em duas instituições de acolhimento (IA-A e IA-C) o encarregado de educação é praticamente o mesmo técnico para todos(as) os(as) jovens acolhidos(as), enquanto nas outras duas (IA-B e IA-D) as crianças e os jovens são distribuídos por vários técnicos. Ainda é de salientar que a técnica da IA-B acrescentou que *é (...) atribuído ah uma jovem a esse mesmo técnico (...) de referência (...) passamos a ser encarregado de educação deles para todas as áreas, educação, a saúde, (...)*. Os jovens afirmaram que mantêm uma relação com o seu encarregado de educação destacando algumas características: o diálogo, a compreensão, a preocupação, a ajuda e a confiança. Deste modo, para os jovens, estes cuidadores com a função de encarregado de educação são significativos na vida deles, prestando apoio e reforço positivo apresentando-se como um fator para o seu sucesso académico (Martin e Jackson, 2002).

#### 4.4 Regras Institucionais na Área Escolar

Os técnicos revelaram modos distintos de transmissão das regras relativas à área escolar às crianças e jovens acolhidas. A técnica da IA-A referiu que (...) *habitualmente ah elas vão percebendo e vamos explicando olha nós aqui fazemos assim (...)*. As técnicas da IA-B e IA-D mencionaram que no dia do acolhimento explicam o funcionamento da casa integrando também as regras escolares através do diálogo, bem como da leitura de um regulamento (...) *onde tem vários direitos e deveres delas na instituição, a nível de escolar, a nível da saúde, a nível de das atividades que elas realizam (...)* (técnica da IA-B). Esta mesma técnica acrescentou que (...) *e elas próprias transmitem-se, as mais velhas acabam por transmitir aquelas que chegam (...)*. Gomes (2010) também defende que no primeiro dia do acolhimento, a criança ou jovem deve conhecer o regulamento, no intuito de conhecer as rotinas para organizar-se e aumentar a probabilidade de se sentir tranquilo e confiante.

De acordo com a perspectiva do técnico da IA-C apesar de existir (...) *regras definidas, o horário da sala de estudo, as avaliações (...)* definido com eles desde o início do ano também semanalmente têm uma reunião com o encarregado de educação onde (...) *são discutidos os aspetos positivos e negativos, onde são encontradas muitas vezes com eles alternativas ah às repreensões (...)*. Esta posição demonstra alguma flexibilidade para a abertura a novas regras através do investimento em canais de comunicação, como por exemplo reuniões com as crianças e jovens para abordar questões escolares (Gomes, 2005).

No que diz respeito às regras relativas à área escolar, todos os técnicos afirmaram a existência do estudo diário obrigatório na sua IA. Apesar na IA-B existir um horário específico, nas outras três instituições de acolhimento o horário adapta-se à rotina diária de cada criança ou jovem. Na IA-A e IA-B o horário mínimo é de 45 e 60 minutos, respetivamente. Neste estudo diário, as técnicas das IA-A e IA-D referiram que tem como metodologia de trabalho não só a realização dos trabalhos de casa, mas também o estudo de diferentes matérias (...) *tentamos que nunca seja só realização de tpcs, (...)* (...) *onde é que está mais fraco vai debruçar-se sobre isso e diariamente é assim* (técnica da IA-D). Por outro lado, os técnicos das IA-C e IA-D salientaram que para auxiliar o estudo diário têm uma folha onde os jovens registam as tarefas escolares, tal

como referiu a técnica da IA-D (...) *temos uma folhinha que lhes damos e que também exigimos que eles registem tpcs e testes (...).*

Quando uma criança ou jovem incumpra alguma regra, como por exemplo faltar às aulas, falta de trabalhos de casa, comportamentos desadequados em contexto escolar, entre outros, as instituições de acolhimento poderão aplicar medidas reparadoras ou castigos. Todos os técnicos afirmaram a existência de consequências quando ocorre uma falha grave no âmbito escolar, no entanto a técnica da IA-A destacou (...) *dependendo da gravidade da situação nós conversamos com elas tentamos incentiva-las para não para não repetirem (...).* Esta metodologia de trabalho apresenta-se como um fator que contribui para o sucesso académico das crianças e jovens acolhidas, pois como já foi referido anteriormente é deveras importante existir um adulto significativo que preste apoio e reforço positivo (Martin & Jackson, 2002).

Na IA-C as repreensões aplicadas são explicadas à criança ou jovem, assim como ao restante grupo, tal como referiu o técnico. Estas consequências dividem-se em duas categorias: no que as crianças e os jovens gostam mais (...) *ou retiramos o telemóvel ou o computador se tiverem, ou não vão ao facebook, (...)* (técnica da IA-B) e tarefas relacionadas com a escola (...) *é compensar com trabalho, faltou mas vai fazer o trabalho e muitas vezes leva o trabalho à professora (...)* (técnica da IA-D). Em último, como metodologia de reflexão, a técnica da IA-B evidenciou que (...) *usamos muito o método de elas próprias escreverem o porquê que faltaram à aula (...)* *elas próprias refletirem e escreverem no papel (...).*

Relativamente aos jovens, dois (IA-B e IA-C) referiram que no acolhimento explicam as regras relativamente à área escolar e outros dois (IA-A e IA-D) destacaram que a criança ou jovem acolhida recentemente vai aprendendo estas regras com a rotina da instituição. Todos os jovens reconheceram o estudo obrigatório diário nas suas instituições de acolhimento. De igual forma, os jovens têm consciência que existem consequências quando não cumprem algum aspeto relativamente à área escolar. A jovem da IA-A acrescentou que as consequências variam de jovem para jovem e dependem da situação. Mais uma vez os jovens reforçaram o tipo de medidas reparadoras ou castigos aplicados: (...) *tiram-me dinheiro da semanada. Penalizava-as no telemóvel, as saídas* (jovem da IA-B) e *É sempre estudar mais, porque é tipo de aula. Mais castigos de estudo* (jovem da IA-D).

#### 4.5 Acompanhamento e Supervisão do Estudo Diário

No acompanhamento e supervisão do estudo diário, verificou-se duas formas distintas nas instituições de acolhimento. Numa forma, tanto a técnica, como a jovem da IA-A referiram que quem acompanha e supervisiona diariamente o estudo diário são duas colaboradoras específicas da equipa educativa, sendo que a técnica dá um apoio e um reforço. Nas outras três instituições de acolhimento acabam por ser todos os colaboradores, pois existe uma rotatividade de turnos. Contudo, os técnicos da IA-C e IA-D reforçaram que a responsabilidade é da equipa educativa, enquanto os técnicos apoiam em situações mais específicas. Também Gomes (2005) referiu que o acompanhamento escolar nas instituições de acolhimento era realizado por uma técnica ou auxiliar que trabalhava com todas as crianças e jovens. Estes colaboradores devem estar o mais possível implicados e confiantes com a escolarização, pois contribui para uma maior eficácia com as questões educacionais das crianças e jovens que acompanham (Berridge, 2012). Outro aspeto mencionado por três técnicos das instituições de acolhimento IA-A, IA-B e IA-D é a existência de voluntários que apoiam no estudo de forma mais individualizada, tal como referenciou a técnica da IA-B (...) *e quando conseguimos um voluntário (...) normalmente é individual (...)*. A técnica da IA-A também destacou a presença de estagiários no acompanhamento aos estudos. Por fim, os jovens apresentaram ter conhecimento acerca dos colaboradores que têm responsabilidade neste campo.

#### 4.6 Dificuldades Sentidas pelos Técnicos

Nesta dimensão, os técnicos da IA-A e IA-C evidenciaram a desmotivação pelas questões escolares por parte das crianças e jovens acolhidos (...) *noto às vezes uma falta de motivação na parte delas (...)* (técnica da IA-A). Por outro lado, as técnicas da IA-A e IA-B reconheceram a falta de formação dos colaboradores que acompanham e supervisionam o estudo diário, assim como a falta de colaboradores para promover um apoio mais individual a cada criança ou jovem. Flynn, *et al.* (2013) reforçam a necessidade de apostar na formação dos cuidadores, no intuito destes serem influentes no sucesso escolar das crianças ou jovens em acolhimento. A técnica da IA-D realçou que por vezes existe um preconceito por parte da comunidade educativa relativamente às suas crianças e jovens acolhidos devido a (...) *alguma falta de sensibilidade, de preparação, de formação (...)*. Sá, *et al.* (2008) no seu estudo também identificaram

uma profissional que referiu que os pais dos colegas das crianças e jovens acolhidas pediam aos filhos para não andarem com alunas da instituição, pois podiam ter comportamentos desviantes. Deste modo, Martin e Jackson (2002) referem que é importante a comunidade educativa conhecer o funcionamento da instituição de acolhimento.

#### 4.7 Sugestões e Ações Futuras

Os técnicos sugeriram a formação a dois públicos distintos: ao nível dos próprios colaboradores que têm funções no âmbito da educação formal – (...) *que pudessem estar dedicadas exclusivamente ah aquela área e com ah com ah com outras competências* (...) (técnico da IA-C) e à própria comunidade educativa (...) *é realmente mais ações de formação, que é mesmo de formação pessoal e profissional para a comunidade educativa* (técnica da IA-D). De igual forma, as técnicas da IA-A e IA-B deram como sugestão a existência de mais voluntários para permitir um apoio mais individualizado às crianças e jovens acolhidos, tal como relatou a técnica da IA-B (...) *a questão do voluntariado (...) pessoas com formação que pudessem dar apoio ah individual a determinadas jovens*. A técnica da IA-D sugeriu a importância de utilizar estratégias mais lúdicas no estudo diário com as crianças e jovens. Por fim, a técnica da IA-A destacou como ação futura (...) *em trazer cá algumas pessoas para dar o seu testemunho sobre o como o investimento no estudo compensou*, no intuito destas pessoas se apresentarem como modelo para estas crianças e jovens, tal como defende Martin e Jackson (2002).

Quanto às sugestões dos jovens, a jovem da IA-A referenciou que não devia ser obrigatório ir à sala de estudo quando não se tem tarefas escolares para se concretizar aproveitando esse tempo para *Ir para o atelier ou outra coisa qualquer ou andar aí pela casa* (...). A jovem da IA-B defendeu que as jovens não deveriam ser obrigadas a estudar (...) *não querem estudar pronto é o problema é delas, eu não forçava ninguém a estudar*. Também no estudo de Faria, *et al.* (2008) como exemplos de fatores de insatisfação encontraram os horários de estudo na instituição demonstrando que as adolescentes não estavam concordantes. Já o jovem da IA-C apresentou como sugestão a existência de um colaborador para ajudar os mais novos nas técnicas de organização do estudo. Por fim, o jovem da IA-D sugeriu a existência de mais um colaborador para

o acompanhamento e supervisão do estudo diário para assim responder às necessidades específicas de cada criança e jovem.

#### *4.8 Síntese da Categoria de Análise: Fatores Metodológicos de Intervenção Escolar dos CAT/LIJ*

A relação entre instituição de acolhimento e estabelecimentos de ensino é próxima e de caráter positivo. Há instituições de acolhimento que gostam de trabalhar somente com uma escola e outras com várias escolas, sendo que têm o cuidado de se adaptar ao modo de funcionamento de cada uma. A comunicação entre CAT/LIJ e estabelecimentos de ensino é realizada de várias formas: telefônica, via e-mail, reuniões presenciais e plataformas digitais. Os jovens têm consciência que existe comunicação regular entre instituição e escola. Quanto à definição do encarregado de educação, esta decorre de duas formas: é sempre o mesmo técnico para todas ou as crianças e jovens estão distribuídas pelos vários técnicos.

Em relação às regras no âmbito escolar, os técnicos e jovens destacaram o estudo diário obrigatório. Este estudo é acompanhado e supervisionado maioritariamente por colaboradores pertencentes à equipa educativa. A equipa técnica apoia em situações mais específicas. De igual forma, neste acompanhamento e supervisão, na IA-A são sempre os mesmos colaboradores, enquanto nas restantes existe uma rotatividade de colaboradores a desempenhar estas funções. Também três instituições de acolhimento (IA-A, IA-B e IA-D) contam com o apoio de voluntários para apoiar o estudo de uma forma mais individualizada. Quando uma criança ou jovem não cumpre alguma regra relacionada com as questões escolares existem consequências que dependem das características das jovens e da situação. Nesta área de intervenção dos técnicos referiram como dificuldades sentidas a falta formação dos colaboradores, bem como a existência de mais colaboradores para realizar um estudo mais individualizado com as crianças e jovens.

### **5. Fatores Escolares/Formativos do Meio Envolvente**

#### *5.1 Respostas Escolares/Formativas*

Todos os jovens afirmaram que gostam dos cursos onde estão integrados, contudo a jovem da IA-B salientou que teve que frequentar outro curso devido a dificuldades com

outras disciplinas (...) *eu nunca consegui apanhar a matemática e por isso não vou para ciências (...)*. Relativamente, aos técnicos da IA-A e IA-C, estes referenciaram a dificuldade de integrarem jovens mais velhos com um percurso escolar complicado nos estabelecimentos de ensino, como relatou o técnico da IA-C (...) *com muitas reprovações, com problemas de comportamento torna-se muito complicado conseguir inseri-los nas nas escolas*. Apesar de existirem boas respostas escolares e formativas como os cursos vocacionais, CEF, PIEF e PCA, estas ainda não são em quantidade suficiente (...) *no ensino vocacional (...) mas já não tem mais vaga, pronto e então temos que as colocar no regular, (...) (técnica da IA-B)* e não são muito diversificadas em termos de áreas (...) *aqui a maioria é tudo CEFs e é o vocacional serviço de mesa/bar (técnica da IA-B)*. Também o Relatório CASA (2013b) menciona a importância destas alternativas curriculares sendo essenciais para motivar a aprendizagem, assim como para a aquisição de competências para alunos que apresentem dificuldades no ensino regular. Outro dado referenciado pela técnica da IA-D é que estas respostas escolares/formativas

*(...) é um despejar às vezes de de miúdos todos muito problemáticos e que às vezes as equipas precisam uma boa coordenação, uma boa formação para saber lidar com meninos problemáticos e às vezes isso não acontece.*

Nesta perspetiva encontrou-se a questão dos problemas de comportamentos nestas turmas, que por vezes os próprios profissionais que estão com eles não têm preparação para lidar com estas problemáticas demonstrando mais uma vez a importância da formação.

## *5.2 Proximidade das Respostas Escolares/Formativas ao CAT/LIJ*

Relativamente aos meios de transporte para as crianças e jovens irem para a escola, tanto os jovens como os técnicos referiram que era a pé ou de autocarro. Os técnicos acrescentaram que o tempo máximo de deslocação varia entre vinte e cinco minutos (IA-C) e uma hora (IA-B), sendo que esta última IA situa-se em meio rural. O tempo máximo de um jovem para ir para a sua escola é de uma hora utilizando o autocarro (IA-D).

### *5.3 Adequabilidade das Respostas Escolares/Formativas ao Mercado de Trabalho*

Nesta dimensão, os técnicos da IA-A, IA-B e IA-C referiram que as respostas escolares/formativas que existem no seu meio envolvente ainda adequam-se às necessidades do mercado de trabalho. Porém, a técnica da IA-B destacou que como a instituição de acolhimento é de carácter temporário, as jovens quando voltam a casa pode não ter essa residência o curso ou o tipo de formação que estavam a tirar, o que pode comprometer o percurso escolar (...) *não sei até que ponto é que na na na atual residência elas, lá exista ou não, se essa vertente não é, essa área (...)*. Por outro lado, a técnica da IA-D reforçou que deveria existir (...) *mais programas de de inserção (...) no mercado de trabalho, porque são miúdos que lhes falta muitas competências também a nível social (...)* para os ajudar a inserir-se no mercado de trabalho.

### *5.4 Síntese da Categoria de Análise: Fatores Escolares/Formativos do Meio Envolvente*

Em relação à diversidade de respostas educativas/formativas os cursos vocacionais, os cursos de educação e formação, os percursos curriculares alternativos ainda não são em quantidade suficiente nos meios envolventes das instituições de acolhimento. Também os técnicos demonstraram a sua dificuldade em integrar jovens mais velhos com um percurso escolar complicado. Evidenciou-se que quanto à proximidade das respostas ao CAT/LIJ, o tempo máximo de um jovem para ir para a sua escola é de uma hora utilizando o autocarro. Contudo, estas respostas educativas/formativas existentes ainda se adequam às necessidades do mercado de trabalho onde as crianças e jovens vivem. Por fim, uma técnica reconheceu a falta de programas de inserção para ajudar estes jovens a inserir-se no mercado de trabalho, uma vez que apresentam falta de muitas competências ao nível do social.



## CAPÍTULO IV – CONCLUSÕES

Tendo em consideração o contributo dos CAT e LIJ para as crianças e jovens em acolhimento alcançarem sucesso escolar, formulou-se a respetiva problemática a investigar que se traduziu na seguinte pergunta de partida: **De que modo as instituições de acolhimento de crianças e jovens em risco contribuem para alcançar o sucesso escolar?**. Posteriormente foram criados 7 objetivos específicos que permitiriam dar resposta à pergunta de partida, bem como a definição das opções metodológicas, técnicas de recolha e de tratamento de dados e delimitação do campo de estudo. Para fundamentar toda a investigação realizou-se o enquadramento teórico apresentando os conceitos chaves. Seguidamente, no capítulo III realizou-se a apresentação, análise e discussão dos resultados tendo por base a teoria/estudos que existem sobre as temáticas. Assim, neste capítulo pretende-se apresentar uma síntese final relativamente a cada objetivo para ajudar na resposta à pergunta de pergunta, assim como destacar as principais conclusões deste estudo. Por último, descrevem-se as limitações do presente estudo e algumas sugestões.

Neste sentido, a resposta aos objetivos específicos pode ser esquematizada da seguinte forma:

- Analisar de que forma a equipa de colaboradores, voluntários e estagiários influenciam o sucesso escolar no acolhimento institucional;

Todas as instituições de acolhimento possuem equipa técnica, equipa educativa e equipa de apoio. Na equipa técnica predomina a formação base em serviço social, na equipa educativa o 12.º ano e na equipa de apoio do 1.º ao 9.º ano. Berridge (2012) afirma que cuidadores com melhores qualificações tendem a ter uma maior eficácia com as questões escolares das crianças e jovens em acolhimento. Relativamente ao número total de colaboradores, dois técnicos reconhecem a necessidade de pessoal nas instituições de acolhimento, sendo que esta perspetiva vai ao encontro do referencial proposto pela Segurança Social (ISS, 2010a, 2010b). Neste contexto, também dois jovens referem a necessidade de mais colaboradores para ajudar nas questões escolares.

Para colmatar algumas falhas existentes de âmbito escolar na instituição, os técnicos entendem que os voluntários são uma mais-valia, uma vez que estes permitem um estudo mais individualizado e quando são formados em ensino apresentam

conhecimentos mais adequados sobre as matérias lecionadas. Os estagiários, quando existem são entendidos como uma colaboração no acompanhamento ao estudo diário. De igual forma, através do Plano CASA as instituições de acolhimento têm a possibilidade de durante o ano letivo ter um professor colocado a apoiar nas questões escolares das crianças e jovens. Verificou-se neste estudo que somente a IA-A teve um professor ao abrigo deste Plano no ano letivo 2013/2014. Este dado pode resultar do facto de alguns aspetos menos positivos que funcionam entre o Instituto da Segurança Social e Direção-Geral da Administração Escolar, contudo destaca-se a mais-valia das instituições de acolhimento terem um professor a contribuir para o sucesso escolar das crianças e jovens em acolhimento (Alvarenga & Simões, 2014).

Por outro lado, todos os técnicos assumiram que a instituição de acolhimento promove o acesso à formação, no entanto não foi referenciado formações na área escolar. Flynn *et al.* (2013) reforçam a necessidade de apostar na formação dos cuidadores neste âmbito, de modo a serem influentes no sucesso escolar das crianças e jovens em acolhimento.

Deste modo, destaca-se que para o sucesso escolar das crianças e jovens em acolhimento é necessário um número de colaboradores adequado à capacidade dos acolhidos, assim como a colaboração de outros, como voluntários, estagiários e professores ao abrigo do Plano CASA para responderem de uma forma mais adequada às questões escolares. Ainda é de salientar que todos os cuidadores devem ter um enorme interesse pela temática da educação transmitindo essa mensagem às crianças e jovens (Martin & Jackson, 2002) tendo desta forma uma influência no sucesso escolar destas. No entanto, as instituições de acolhimento devem proporcionar ações de formação no âmbito escolar para uma resposta mais eficiente por parte dos seus colaboradores nesta área de intervenção.

- Compreender de que forma o modo de organização das instituições de acolhimento contribuem para o sucesso escolar;

Os técnicos consideram que as instituições de acolhimento onde trabalham apresentam um modo de organização que proporciona boas condições para desenvolverem as suas funções. Contudo, um técnico destaca a falta de pessoal para a concretização de distintas tarefas, como por exemplo no acompanhamento escolar. De igual forma, este

modo de organização permite aos técnicos possuírem horários para acompanharem as crianças e jovens após o regresso das aulas.

Por outro lado, no modo de organização das instituições de acolhimento é visível a importância dada à escola, pois tanto os jovens como os técnicos são unânimes nesta perspetiva. Martin e Jackson (2002) referem que os cuidadores devem valorizar a educação apresentando-se como um fator que contribui para o sucesso escolar das crianças e jovens em acolhimento. Porém, uma jovem refere que valorizam de uma forma excessiva. Outro dado evidenciado é a realização de diferentes reuniões ao longo de um mês, salientando-se a reunião entre equipa de colaboradores e crianças e jovens existente em todas as instituições de acolhimento promovendo um momento de diálogo entre todos (Gomes, 2010).

Em suma deste objetivo específico verifica-se como limitações no modo de organização das instituições de acolhimento: a falta de colaboradores e a valorização excessiva quanto à importância dada à escola. Como contributos para o sucesso escolar: os horários alargados dos técnicos, as boas condições proporcionadas de trabalho e as reuniões realizadas entre colaboradores e crianças e jovens.

- Compreender os fatores ambientais e recursos do CAT/LIJ que proporcionam o sucesso escolar;

Quanto aos locais de estudo, estes localizam-se preferencialmente nas salas de estudo e nos quartos possuindo na generalidade boas condições. Contudo, existem algumas dificuldades nestes locais reconhecidas pelos jovens e técnicos, como: a dimensão pequena, o barulho e a falta de mobiliário. Por outro lado, as instituições de acolhimento oferecem às crianças e jovens recursos de apoio, equipamentos informáticos, bem como acesso à internet para a realização de trabalhos escolares. Neste contexto, é referenciado por uma jovem a falta de manutenção dos equipamentos informáticos que pode prejudicar os trabalhos escolares. Os autores Martin e Jackson (2002) mencionam que proporcionar boas condições nos locais de estudo é um fator que contribui para o sucesso escolar destas crianças e jovens, sendo que foi visível a preocupação por parte das instituições de acolhimento em possibilitar as melhores condições possíveis nos distintos espaços de estudo.

- Analisar os fatores individuais dos jovens em acolhimento que influenciam o sucesso escolar destes;

O acolhimento institucional é visto por três jovens como uma oportunidade para os estudos ou para ter uma vida melhor. Estas perspectivas vão ao encontro do estudo realizado por Faria *et al.* (2008) em que a maioria das inquiridas afirmou que se não estivessem na instituição de acolhimento não teriam chegado tão longe a nível escolar e que possivelmente se estivessem na família biológica nem iriam à escola. Todos os jovens mantêm uma boa relação com os colaboradores, assim como com os colegas da instituição de acolhimento.

No historial escolar, os jovens salientaram como aspetos negativos as reprovações e os comportamentos disruptivos. Os técnicos também descrevem que quando os jovens são acolhidos apresentam distintas problemáticas, como: dificuldades de aprendizagem, problemas de comportamento, insucesso escolar, desmotivação, entre outros. Estes jovens possuem aspirações académicas/profissionais que pretendem concretizar com o apoio da instituição ou fora dela através do sucesso escolar. O estudo anterior referenciado também verificou que as jovens entrevistadas pretendiam continuar a estudar ou ir trabalhar. Os jovens “olham” para o sucesso escolar como o atingir de um objetivo a que se propõem. Os técnicos incluem neste conceito o jovem obter bons resultados estando integrado na comunidade educativa, assim como os conhecimentos adquiridos serem usados no dia-a-dia ou no futuro em contexto laboral. Este sucesso escolar permite segundo os jovens prosseguir estudos ou obter um bom trabalho, pois permitirá que tenham menos probabilidade de ao longo da vida sofrerem de situações de exclusão social (Jackson & Höjer, 2013).

Relativamente aos projetos de vida das crianças e jovens destaca-se que quando o projeto de vida é o regresso à família uma instituição de acolhimento tenta trabalhar com as famílias o retorno no final do ano letivo para não prejudicar a criança ou jovem a nível escolar. Também é referenciado a instabilidade por parte dos jovens na área escolar quando pensam que vão ficar por pouco tempo ou anseiam pela resposta da CPCJ/Tribunal que lhes permite o regresso a casa, sendo desta forma importante a definição do projeto de vida (Gomes, 2010).

Neste objetivo que engloba alguns aspetos distintos é de realçar a importância dos jovens aceitarem o seu acolhimento institucional como uma oportunidade para estudar. Independentemente do seu historial escolar, os jovens devem estar conscientes do seu projeto de vida para assim atingir os seus objetivos escolares/profissionais enquanto permanecem na instituição e depois fora desta. Assim, o sucesso escolar destas crianças e jovens pode ser influenciado pela perceção do acolhimento de forma positiva, uma vez que permite continuarem a estudar, pelo conhecimento do seu projeto de vida, pela boa relação existente entre colaboradores e colegas da instituição e pelo querer atingir aspirações académicas/profissionais através do sucesso escolar.

- Analisar a relação entre os estabelecimentos de ensino e a instituição de acolhimento para alcançar o sucesso escolar;

De acordo com os técnicos entrevistados a relação entre os estabelecimentos de ensino e a instituição de acolhimento é descrita como próxima e bastante satisfatória. Referenciam que a comunicação é fluída sendo realizada através de distintas formas, como: telefónica, e-mail, presencial e plataformas digitais. Os jovens têm consciência que existe comunicação entre casa e escola, contudo por vezes não têm conhecimento de que forma o realizam. Pecora *et al.* (2006, citados por Franz & Branica, 2013) afirmam que a comunicação entre instituição de acolhimento e os estabelecimentos de ensino é essencial, pois permite orientar os professores e as escolas para os problemas destas crianças e jovens, bem como proporcionar aos alunos e aos seus cuidadores novas possibilidades educativas.

Outro aspeto referenciado pelos técnicos é que uns preferem trabalhar somente com uma escola, enquanto outros com diferentes escolas existentes no meio envolvente. Também existe a preferência de trabalhar com escolas mais pequenas, uma vez que estas controlam mais facilmente determinadas problemáticas das crianças e jovens em acolhimento. Esta metodologia também surge da necessidade de cada instituição de acolhimento querer integrar de uma forma positiva as crianças e jovens nas suas comunidades educativas. Destacaram que cada estabelecimento de ensino tem a sua metodologia de trabalho, na qual as instituições de acolhimento têm o cuidado de se adaptar.

Apesar das crianças e jovens na sua maioria se encontrarem integradas na comunidade educativa, é mencionado por uma técnica que por vezes surge algum preconceito por estas crianças e jovens estarem a viver numa instituição. Também existem situações em que as crianças e jovens são excluídos devido aos seus próprios comportamentos disruptivos, tal como Sá *et al.* (2008) evidenciaram no seu estudo. Na perspetiva dos jovens somente uma jovem referiu que era alvo de discriminação por estar a viver numa instituição de acolhimento, demonstrando que a comunidade educativa não olha para as jovens em acolhimento da mesma forma do que os outros jovens (Faria, *et al.*, 2008).

Em síntese deste objetivo, todas as instituições de acolhimento têm uma boa relação com os estabelecimentos de ensino onde está presente uma comunicação fluída. Demonstram preocupação em integrar de uma melhor forma as suas crianças e jovens nas comunidades educativas. Esta relação que existe é importante para as crianças e jovens alcançarem o sucesso escolar, sendo que ainda é necessário desmistificar na comunidade educativa o “viver em instituição”, como por exemplo através de ações de formação para professores, funcionários e pais de alunos.

- Analisar o tipo de metodologia de acompanhamento à área escolar realizado pelos CAT/LIJ para atingir o sucesso escolar.

No estudo foi visível duas formas para a definição do encarregado de educação: em duas instituições de acolhimento existe um colaborador que têm essa responsabilidade, enquanto nas outras duas as crianças e jovens são divididas pelos técnicos existentes. Perante esta metodologia pode-se analisar que existem instituições de acolhimento em que os técnicos com formação em ciências da educação ou educação social ficam responsáveis pela área escolar e outras instituições em que funcionam por técnico de referência ou gestor de caso ficando responsável por diversas áreas das crianças e jovens (educação, saúde, social, entre outros). Contudo, todos os jovens manifestaram ter uma boa relação com o seu encarregado de educação, no qual poderiam confiar apresentando-se como um adulto significativo nesta área (Martin & Jackson, 2002).

Ao nível das regras relacionadas com a escola, destacou-se o estudo diário obrigatório nas instituições de acolhimento, sendo que este é acompanhado e supervisionado maioritariamente pela equipa educativa. Numa instituição de acolhimento são sempre os mesmos colaboradores e nas restantes variam os colaboradores devido à rotatividade. A

equipa técnica é vista como um apoio no estudo diário. Estes colaboradores devem estar o mais possível implicados e confiantes com a escolarização, pois contribui para uma maior eficácia com as questões educacionais das crianças e jovens que acompanham (Berridge, 2012). De igual forma, os técnicos referenciam a existência de voluntários no apoio ao estudo, nomeadamente de professores voluntários que permitem um estudo de carácter mais individual e incidido numa área específica.

Quanto ao estudo diário obrigatório, nas instituições de acolhimento existe um horário adaptado à rotina diária de cada criança/jovem ou um horário fixo para todos. Neste estudo diário pretende-se que as crianças e jovens realizem trabalhos de casa, estudem para os testes, estudem para disciplinas com mais dificuldades, organizem os materiais escolares, entre outras tarefas. Quando uma criança ou jovem não cumpre uma tarefa relacionada com a escola (como por exemplo: faltar às aulas, falta de trabalhos de casa, entre outros) tanto os técnicos como os jovens são unânimes que existem consequências para esses atos. As consequências podem variar entre tarefas escolares e perda de objetos pessoais ou privilégios. É visível que os técnicos quando aplicam uma consequência têm em consideração a criança ou jovem e a situação. Também apostam no diálogo com a criança ou jovem para compreenderem o motivo daquele incumprimento. Martin e Jackson (2002) referem que o apoio e o reforço positivo enquadram-se como fator de proteção para o sucesso académico.

No intuito de melhorar a metodologia e o acompanhamento escolar nas instituições de acolhimento os jovens sugerem que não seja obrigatório ir à sala de estudo (quando não se tem tarefas ou quando a criança/jovem não quer ir) e a existência de mais colaboradores para acompanhar nestas tarefas. Os técnicos reforçam mais uma vez a necessidade de formação para os colaboradores que acompanham o estudo diário, bem como a existência de mais voluntários para ajudar de uma forma mais eficiente as crianças e jovens em acolhimento.

Em suma, independentemente da metodologia e do acompanhamento à área escolar que cada instituição de acolhimento possui, todos pretendem utilizar estratégias que promovam o sucesso escolar das crianças e jovens, tendo o cuidado de ir sempre melhorando as ações a utilizar.

- Compreender de que forma a oferta escolar/formativa do meio envolvente promove o sucesso escolar dos jovens em acolhimento institucional;

Todos os jovens assumiram que gostam das áreas ou dos cursos que frequentam. Contudo, os técnicos referem a dificuldade de integrar jovens com historial escolar complicado. Por outro lado, as ofertas escolares e formativas existentes como os PCA, os PIEF e os cursos vocacionais ainda não são em quantidade suficiente e são pouco diversificadas. O Relatório CASA (2013b) ressalva a importância de existirem alternativas curriculares que são essenciais para motivar a aprendizagem, assim como para a aquisição de competências para alunos que apresentem dificuldades no ensino regular.

As instituições de acolhimento estão recetivas a integrar jovens em estabelecimentos de ensino em localidades próximas, sendo que existem jovens que frequentam escolas em que a deslocação de autocarro é cerca de uma hora. Os cursos que existem ainda se adequam ao mercado de trabalho no meio envolvente à instituição de acolhimento, no entanto quando os jovens vão para os seus agregados familiares ou para autonomia pode não se adequar nesses locais.

Assim, para estes jovens é importante frequentar áreas/cursos que gostem, assim como as instituições de acolhimento proporcionarem, dentro das limitações existentes no ensino, as melhores ofertas escolares/formativas que se adaptem a cada jovem de modo a promover sucesso escolar nestes.

Por fim, o conjunto destes objetivos específicos permite-nos responder à pergunta de partida: “De que modo as instituições de acolhimento de crianças e jovens em risco contribuem para alcançar o sucesso escolar?”. Neste sentido, sete dos entrevistados assumem que as instituições de acolhimento contribuem para o sucesso escolar das crianças e jovens acolhidas, enquanto uma jovem assume que esse contributo é só através dos materiais disponibilizados pela instituição de acolhimento. É visível que apesar de algumas limitações existentes nas instituições, estas tentam utilizar a metodologia mais adequada nesta área de intervenção. Sendo assim, as instituições de acolhimento permitem a estas crianças e jovens “olhar” para um mundo diferente carregado de novas possibilidades, onde o sucesso escolar pode ser alcançado através de apoio emocional, material e financeiro. Por fim, quando estas crianças e jovens saírem



dos CAT ou LIJ levarão consigo novos “olhares” para conquistarem o mundo, pois tal como refere Jackson (2007, citado por Franz & Branica, 2013) o bom rendimento académico deve ser orientado nas instituições de acolhimento, uma vez que promove e suporta a resiliência de cada criança ou jovem atuando como um fator importante de proteção.

### **Limitações do estudo**

Em primeiro lugar como limitação destaca-se o facto de a investigadora ter proximidade ao objeto de estudo, uma vez que desenvolve funções no âmbito de intervenção escolar num LIJ. Contudo, para tentar ultrapassar esta limitação o estudo não foi realizado nesta instituição para ser isenta durante toda a investigação. Outro ponto é o facto de se ter utilizado o estudo de caso, pois não permite generalizar os resultados a outras instituições de acolhimento.

### **Sugestões**

Através da realização deste estudo poderá apresentar-se algumas sugestões. Neste sentido, as instituições de acolhimento deverão aproveitar todos os meios existentes para contribuir para o sucesso escolar dos acolhidos, como por exemplo o Plano CASA. Apesar de ser um Plano recente e com algumas dificuldades inerentes que poderão ser ultrapassadas no futuro, as instituições de acolhimento só ficam a “ganhar” com a presença de um professor que pode apoiar, acompanhar e supervisionar as questões escolares. Outra sugestão é apostar na formação dos colaboradores que possuem funções na metodologia de intervenção escolar nos CAT/LIJ de modo a promover projetos de intervenção para melhorar a sua prática profissional e consequentemente contribuir para o sucesso escolar das crianças e jovens em acolhimento. Por último, a continuidade de estudos nesta área, de modo a contribuírem para melhores práticas nas instituições de acolhimento.

## BIBLIOGRAFIA

- Abrantes, P. & Veloso, L. (2013). Introdução. In L. Veloso & P. Abrantes (Org.), *Sucesso Escolar – Da compreensão do fenómeno às estratégias para o alcançar* (pp. 1-7). Lisboa: Mundos Sociais.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios Familiares – Uma Visão Sistémica* (3.<sup>a</sup> ed.). Coimbra: Quarteto.
- Alberto, I. M. (2008). «Como Pássaros em Gaiolas»? Reflexões em torno da institucionalização de crianças e adolescentes em risco. In C. Machado & R. A. Gonçalves (Coord.), *Violência e Vítimas de Crimes* (3.<sup>a</sup> Ed., 2.<sup>o</sup> vol., pp. 209-227). Coimbra: Quarteto.
- Almeida, J. G., Costa, J., Gonçalves, N., Mendonça, D., Sanchez, J. & Talina, M. (2005). Grupos Psicoterapêuticos de Adolescentes com Perturbações....In M. J. Vidigal e Colaboradores (Ed.), *Intervenção Terapêutica em grupos de Crianças e Adolescentes* (pp. 238-267). Lisboa: Trilhos Editora.
- Alvarenga, F. & Simões, H. (2014). *Plano CASA: Apoio pedagógico para crianças e jovens – Relatório de Avaliação: Ano Escolar 2013:2014*. Lisboa: Instituto da Segurança Social, I. P.
- Alvarenga, P., Hutz, C. S., Pacheco, J., Piccinini, C. A., & Reppold, C. (2005). Estabilidade do Comportamento Anti-Social na Transição da Infância para a Adolescência: Uma Perspetiva Desenvolvimentista. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(1), 55-61. Consultado em 21 jun. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n1/24817.pdf>.
- Álvares, M. & Calado, A. (2014). Insucesso e Abandono Escolar: Os Programas de Apoio. In M. L. Rodrigues (Org.) *40 Anos de Educação em Portugal – A construção do sistema democrático de ensino* (1.<sup>a</sup> Ed., 1.<sup>o</sup> vol., pp. 197-229). Editora Almedina: Coimbra.
- Amaro, R. (2003). Desenvolvimento – um conceito ultrapassado ou em renovação? Da teoria à prática e da prática à teoria. *Cadernos de Estudos Africanos*, (4), 35-70.
- Amorim, D. (2011). Laços Familiares. Consequências e Desafios na Situação de Menores em Risco. In M. E. Leandro (Coord.), *Laços Familiares e Sociais* (pp. 173-200). Viseu: Psicosoma.

- Arns, P. C. & Silva, M. T. R. (s.d.). *Projeto BNDES – Desenvolvimento Local Cooperação Técnica do PNUD - Desenvolvimento Comunitário*. Consultado em 10 de mar. 2015. Disponível em <http://www.emprende.org.br/pdf/Programas%20e%20Pol%C3%ADticas%20Sociais/Desenvolvimento%20Comunitario.pdf>
- Arroteia, J. C. (2008). *Educação e Desenvolvimento: fundamentos e conceitos*. Aveiro: Universidade de Aveiro
- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo* (3.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Edições, 70, Lda.
- Berridge, D. (2012). Educating young people in care: What have we learned?. *Children and Youth Services Review*, 34(6), 1171-1175. Consultado em 11 fev. 2015. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1016/j.chilyouth.2012.01.032>
- Boni, V. & Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer em entrevistas em Ciências Sociais. *Revista eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 2(1), 68-80. Consultado em 2 mar. 2015. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>
- Calheiros, M. M., Graça, J., Morais, I., Mendes, R., Jesus, H. & Garrido, M. V. (2013). Desenvolvimento de um programa de preparação para a vida autónoma para jovens em acolhimento residencial. In M. M. Calheiros & M. V. Garrido (Org.), *Crianças em Risco e Perigo – Contextos, Investigação e Intervenção* (1.<sup>a</sup> Ed., 3.<sup>o</sup> vol., pp. 241-294). Lisboa: Edições Sílabo.
- Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). *Metodologia de Investigação: Guia para Auto – aprendizagem* (1.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Universidade Aberta.
- Carta Social (2007). *Rede de Serviços e Equipamentos*. Consultado em 5 fev. 2015. Disponível em <http://www.cartasocial.pt/index2.php>
- Carvalho, M. J. L. (2013). *Sistema Nacional de Acolhimento de Crianças e Jovens*. Amadora: Mergulhar em Ideias, Lda.
- Carvalho, T. & Manita, C. (2010, fevereiro). Perceções de Crianças e Adolescentes Institucionalizados sobre o Processo de Institucionalização e a Experiência na Instituição. In Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Associação Portuguesa de Psicologia (pp. 3326-3335).
- CID – Crianças, Idosos e Deficientes (2005). *Manual de Boas Práticas – Um guia para o acolhimento residencial das crianças e jovens* (1.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Instituto da Segurança Social, I. P.

- Decreto-Lei n.º 2/86 de 2 de janeiro. *Diário da República n.º 1/86 – I Série A*. Lisboa: Ministério do Trabalho e da Segurança Social.
- Decreto-Lei n.º 189/91 de 17 de maio. *Diário da República n.º 113/91 – I Série A*. Lisboa: Ministério da Justiça.
- Decreto-Lei n.º 139/12 de 5 de julho. *Diário da República n.º 139/12 – I Série A*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.
- Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de janeiro. *Diário da República n.º 4/08 – I Série A*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Despacho conjunto n.º 279/2002 de 12 de abril. *Diário da República n.º 86/02 – II Série A*. Lisboa: Ministério do Trabalho e da Solidariedade.
- Despacho normativo n.º 1/2006 de 6 de janeiro. *Diário da República n.º 5/06 – I Série B*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Dias, M. O. (2009). *O Vocabulário do Desenho de Investigação – A Lógica do Processo em Ciências Sociais* (1.º ed.). Viseu: PsicoSoma.
- Direção-Geral do Ensino Superior (2008). *Oferta Formativa*. Consultado em 15 fev. 2015. Disponível em <http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt>
- Duarte Santos, R.; Velho, V., Lopes, L. e Fadigas, P. (2012). *Projet'Ar-te - Desafios para a mudança no sistema de acolhimento*. Proposta de ação da Casa do Canto para Fundação Calouste Gulbenkian.
- Faria, S., Salgueiro, A. G., Trigo, L. R. & Alberto, I. (2008). *As narrativas de adolescentes institucionalizadas: Perceções em torno das vivências de institucionalização*. Comunicação apresentada no Congresso Internacional em Estudos da Criança, Braga.
- Fernandes, P. A. G. (2013). *Incursões em torno do projeto de vida em acolhimento institucional: do conceito à intervenção* (Tese de mestrado). Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/28911/1/Patr%c3%adcia%20Alexandra%20Gomes%20Fernandes.pdf>
- Ferreira, M., Cardoso, A. P. & Abrantes, J. L. (2013). Fatores preditores do sucesso escolar no ensino secundário. In L. Veloso & P. Abrantes (Org.), *Sucesso Escolar – Da compreensão do fenómeno às estratégias para o alcançar* (pp. 29-58). Lisboa: Mundos Sociais.
- Flynn, R. J., Tessier, N. G. & Coulombe, D. (2013). Placement, protective and risk factors in the educational success of young people in care: cross-sectional and

longitudinal analyses. *European Journal of Social Work*, 16(1), 70-87. Consultado em 11 fev. 2015. Disponível em 10.1080/13691457.2012.722985

- Fonseca, A. C. (2007). Importância dos primeiros anos de vida – O exemplo dos comportamentos agressivos. In A. C. Fonseca, M. J. S. Santos, & M. F. F. Gaspar (Ed.), *Psicologia e Educação: novos e velhos temas* (pp.129-161). Editora Almedina: Coimbra.
- Fonseca, A. C. & Formosinho, M. D. (2014). Comportamento antissocial ao longo da vida: implicações para a formação de jovens professores. In A. C. Fonseca (Ed.), *Jovens Adultos* (pp. 345-370). Editora Almedina: Coimbra.
- Fortin, M. F. (2003). *O Processo de Investigação: da Conceção à Realização* (3.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Lusociência.
- Franz, B. S. & Branica, V. (2013). The relevance and experience of education from the perspective of Croatian youth in-care. *European Journal of Social Work*, 16(1), 137-152. Consultado em 11 fev. 2015. Disponível em 10.1080/13691457.2012.722979
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (6.<sup>a</sup> ed.). Brasil: Editora Atlas.
- Gomes, M. P. (2005). *Percursos de Vida dos Jovens Após a Saída dos Lares de Infância e Juventude* (1.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Instituto da Segurança Social, I. P.
- Gomes, I. M. (2010). *Acreditar no futuro* (1.<sup>a</sup> ed.). Alfragide: Texto Editores.
- Guerra, I. C. (2010). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo- sentidos e formas de uso* (3.<sup>a</sup> ed.). Parede: Princípia.
- Guimarães, M., Sobral F. C. & Menezes, I. (2007). Adolescência na Escola: O desafio desenvolvimento integral. Um estudo sobre as opções pedagógicas e organizacionais de uma Escola Kentenichiana. *Interações* 3(5), 82-109. Consultado em 10 mar. 2015. Disponível em <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/331>
- Instituto do Emprego e Formação Profissional (2015). *Formação para Jovens*. Consultado em 15 fev. 2015. Disponível em <https://www.iefp.pt/formacao-para-jovens>
- Instituto da Segurança Social, I. P. (2007a). *Manual de Processos-Chave – Centro de Acolhimento Temporário* (1.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Instituto da Segurança Social, I. P.
- Instituto da Segurança Social, I. P. (2007b). *Manual de Processos-Chave – Lar de Infância e Juventude* (1.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Instituto da Segurança Social, I. P.

- Instituto da Segurança Social, I. P. (2010a). *Recomendações Técnicas para Equipamentos Sociais – Centros de Acolhimento Temporário* (1.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Instituto da Segurança Social, I. P.
- Instituto da Segurança Social, I. P. (2010b). *Recomendações Técnicas para Equipamentos Sociais – Lares de Infância e Juventude* (1.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Instituto da Segurança Social, I. P.
- Instituto da Segurança Social, I. P. (2012). *Programa de Apoio e Qualificação da Medida PIEF*. Consultado em 11 mar. 2015. Disponível em <http://www4.seg-social.pt/programa-de-apoio-e-qualificacao-da-medida-pief-paqpief>
- Instituto da Segurança Social, I. P. (2013a). *Nota – Plano CASA: Apoio pedagógico a crianças e jovens em acolhimento institucional no ano letivo de 2013/2014*. Consultado em 10 de fev. 2015. Disponível em [http://novo.cnis.pt/images\\_ok/IPSS-13\\_11-%20nota.pdf](http://novo.cnis.pt/images_ok/IPSS-13_11-%20nota.pdf)
- Instituto da Segurança Social, I.P. (2013b). *CASA 2013 – Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens*. Disponível em [http://www4.seg-social.pt/documents/10152/13326/Relatorio\\_CASA\\_2013](http://www4.seg-social.pt/documents/10152/13326/Relatorio_CASA_2013)
- Jackson, S. & Höjer, I. (2013). Prioritising education for children looked after away from home. *European Journal of Social Work*, 16(1), 1-5. Consultado em 11 fev. 2015. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/13691457.2012.763108>
- Lei n.º 147/99 de 1 de setembro. *Diário da República n.º 204/99 - I Série A*. Lisboa.
- Lei n.º 31/2003 de 22 de agosto. *Diário da República n.º 193/99 – I Série A*. Lisboa.
- Lei n.º 85/2009 de 27 de agosto. *Diário da República n.º 166/99 – I Série A*. Lisboa.
- Martin, P. L. & Jackson, S. (2002). Education success for children in public care: advice from a group of high achievers. *Child and Family Social Work*, 7 (2), 121-130. Consultado em 11 fev. 2015. Disponível em [10.1046/j.1365-2206.2002.00240.x](http://dx.doi.org/10.1046/j.1365-2206.2002.00240.x)
- Martins, E. C. (2002). As Reformas Sociais e a Proteção da Criança Marginalizada. *Revista Infância e Juventude*, (3), 55-93. Consultado em 15 out. 2014. Disponível em <http://repositorio.ipcb.pt/handle/10400.11/848>
- Martins, P. C. M. (2004). *Proteção de Crianças e Jovens em Itinerários de Risco – Representações Sociais, Modos e Espaços* (Tese de Doutoramento). Disponível em

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3238/1/1.%20Parte%20te%C3%B3rica.pdf>.

- Martins, V. N. P. (2006). *Avaliação do valor educativo de um software de elaboração de partituras: um estudo de caso com o programa Finale no 1.º ciclo* (Tese de mestrado). Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6326>
- Ministério da Educação e Ciência (2014). *Lançamento do Ano Letivo 2014-2015* (1.ª ed.). Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.
- Mota, C. P. & Matos, P. M. (2010). Adolescentes institucionalizados: o papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrolo. *Análise Psicológica* 2(XXVIII), 245-254. Consultado em 15 jan. 2015. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v28n2/v28n2a01.pdf>
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2009). *Desenvolvimento Humano*. (8.ª edição). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Perdigão, A. & Pinto, A. (2009). *Guia dos Direitos da Criança* (3.ª ed.). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Pereira, P. M. & Santos, S. V. (2011). Conceptualização de Situações de Mau Trato – Da Lei de Proteção à Avaliação Psicossocial. In M. M. Calheiros, M. V. Garrido & S. V. Santos (Org.), *Crianças em Risco e Perigo – Contextos, Investigação e Intervenção* (1.ª Ed., 1.º vol., pp. 15-31). Lisboa: Edições Sílabo.
- Ponte, J. P. (1994). O estudo de caso na investigação em educação matemática. *Revista Quadrante* 3(1), 3-18. Consultado em 3 mar. 2015. Disponível em [http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/94-Ponte\(Quadrante Estudo%20caso\).pdf](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/94-Ponte(Quadrante%20Estudo%20caso).pdf)
- Portaria n.º 292-A/2012 de 26 de setembro. *Diário da República n.º 187/12 – I Série A*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.
- Quintãns, C. R. P. (2009). *Era uma vez a instituição onde eu cresci: Narrativas de adultos sobre experiências de institucionalização* (Tese de mestrado). Disponível em [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9957/1/Tese\\_Final\\_Cla%C3%BAdia\\_Quint%C3%A3ns.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9957/1/Tese_Final_Cla%C3%BAdia_Quint%C3%A3ns.pdf)
- Rodrigues, S., Barbosa-Ducharme, M. & del Valle, J. F. (2013). La calidad del acogimiento residencial en Portugal y el ejemplo de la evolución española. *Papeles*

*del Psicólogo*, 34 (1), 11-22. Consultado em 16 out. 2014. Disponível em <http://www.papelesdelpsicologo.es/pdf/2167.pdf>

- Rodrigues, M. L., Sebastião, J., Mata, J. T., Capucha, L., Araújo, L., Silva, M. V. & Lemos, V. (2014). A construção do sistema democrático de ensino. In M. L. Rodrigues (Org.) *40 Anos de Educação em Portugal – A construção do sistema democrático de ensino* (1.<sup>a</sup> Ed., 1.º vol., pp. 35-88). Editora Almedina: Coimbra.
- Sá, A. C., Grilo, I. & Trigo, L. R. (2008). *As instituições de acolhimento sob o olhar dos profissionais que nelas trabalham: Percepções em torno da institucionalização de crianças e jovens em risco*. Atas eletrónicas do Congresso Internacional em Estudos da Criança, organizado pelo Instituto de Estudos da Criança. Consultado em 5 jan. 2015. Disponível em <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/12926/1/As%20institui%C3%A7%C3%B5es%20de%20acolhimento%20sob%20o%20olhar%20dos%20profissionais%20que%20nelas%20trabalham%20Percep%C3%A7%C3%B5es%20em%20torno%20da%20institucionaliza%C3%A7%C3%A3o%20de%20crian%C3%A7as%20e%20jovens%20em%20risco.pdf>
- Santos, F. M. (2011). Estudo de caso como ferramenta metodológica. *Meta Avaliação*, 3 (9), 344-347. Consultado em 4 mar. 2015. Disponível em <http://metaavaliacao.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/viewArticle/132>
- Silva, D. M. & Duarte, J. C. (2012). Sucesso Escolar e Inteligência Emocional. *Millenium* 42(janeiro/junho), 67-84. Consultado em 10 fev. 2015. Disponível em <http://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/1200>
- Socialstyrelsen (2010). *Social Report 2010 – The national report on social conditions in Sweden – Summary*. Consultado em 20 fev. 2015. Disponível em <http://www.socialstyrelsen.se/publikationer2010/socialreport-summary>
- Tavares, R. (2007). *Construindo mapas conceituais. Ciências & Cognição*, 12, 72-85. Consultado em 10 mar. 2015. Disponível em <http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v12/m347187.pdf>
- Torres, R. (2011). Uma Intervenção Social Pedagógica, Reflexões sobre a educação como forma de reabilitação para a reinserção social. *Educação, Sociedade & Culturas*, (33), pp. 141-157. Consultado em 10 fev. 2015. Disponível em [http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC33/ESC33\\_OutrosArtigos\\_Torres.pdf](http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC33/ESC33_OutrosArtigos_Torres.pdf)



- Veloso, L., Rufino, I., Martins, S., Abrantes, P., Craveiro, D., Quintas, H., Gonçalves, J. A., Vitorino, T. & Caixeirinho, T. (2013). Avaliação externa e sucesso escolar. In L. Veloso & P. Abrantes (Org.), *Sucesso Escolar – Da compreensão do fenómeno às estratégias para o alcançar* (pp. 105-125). Lisboa: Mundos Sociais.
- Verhulst, F. (2004). Crianças em risco de comportamentos anti-sociais: dados de um estudo longitudinal de 14 anos. In M. H. D. Silva, A. C. Fonseca, L. Alcoforado, M. M. Vilar, & C. M. Vieira (Ed.), *Crianças e jovens em risco: da investigação à intervenção* (pp. 65-79). Editora Almedina: Coimbra.

## ANEXOS

## Anexo I – Questionário

## Questionário

O presente Questionário é realizado no âmbito do trabalho de investigação sobre a temática - Centros de Acolhimento Temporário e Lares de Infância e Juventude e o Sucesso Escolar, tendo como objetivo realizar uma breve caracterização da sua Instituição de Acolhimento. Agradeço que responda a todas as questões. As suas respostas serão confidenciais e exclusivamente para serem utilizadas nesta investigação.

*A preencher pelo Investigador*

Data de Aplicação do Questionário:

Local de Aplicação:

### *Caracterização da Instituição de Acolhimento*

#### **1. Dados sobre a Instituição de Acolhimento**

1.1 Tipologia da Resposta Social: Centro de Acolhimento Temporário (CAT) ☐

Lar de Infância e Juventude (LIJ) ☐

1.2 Ano de início de atividade do LIJ/CAT:

1.3 Capacidade máxima de crianças/jovens para acolher:

1.4 Número de crianças/jovens acolhidas na data do preenchimento

1.5 Atual faixa etária de acolhimento  anos a  anos

1.6 Género das crianças/jovens acolhidos Masc. ☐ Fem. ☐ Misto ☐

1.7 CAT/LIJ com certificação da Qualidade (Segurança Social ou ISO 9001)

Sim ☐ Não ☐

## 2. Colaboradores, Estagiários e/ou Voluntários

2.1 Número Total de Colaboradores no CAT/LIJ

2.2 Considera este número suficiente de colaboradores para responder às necessidades do seu CAT/LIJ?

Sim ☐

Não ☐

2.3 Número de Colaboradores da **Equipa Técnica**

2.3.1 Formação Académica	Assinale em caso Afirmativo	2.3.2 Número de Colaboradores
Animação	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
Educação Social	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
Psicologia	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
Serviço Social	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
Sociologia	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
Outra(s)	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
Quais? _____		
_____		

2.4 Número de Colaboradores da **Equipa Educativa**

2.4.1 Habilitações Académicas	Assinale em caso Afirmativo	2.4.2 Número de Colaboradores
9.º ano	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
12.º ano	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
Curso Esp. Tecn. (CET)	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
Licenciatura	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
Outra(s)	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
Quais? _____		
_____		

2.5 Número de Colaboradores da **Equipa de Apoio**

2.5.1 <i>Habilitações Académicas</i>	<i>Assinale em caso Afirmativo</i>	2.5.2 <i>Número de Colaboradores</i>
1.º ao 9.º ano	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
12.º ano e/ou CET	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
Licenciatura	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
Outra(s)	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
Quais? _____		
_____		

2.6 No **último ano letivo** no seu CAT/LIJ existiu:

2.6.1 - **Professores** colocados no âmbito do Plano CASA? Sim ☐ Não ☐

2.6.2 **Voluntários** que apoiassem na área escolar? Sim ☐ Não ☐

2.6.3 Realização de **estágios académicos**? Sim ☐ Não ☐

2.6.4 Se Sim, Quantos? Professores  Voluntários  Estágios

### 3. Situação Escolar das Crianças e Jovens Acolhidos

3.1 Nos **últimos 3 anos**, qual a máxima escolaridade atingida por um jovem ou uma jovem?

3.2 No **último ano letivo** houve reprovações escolares no CAT/LIJ?

Sim ☐ Não ☐

3.3 Em caso afirmativo, quantas crianças e/ou jovens

3.3.1 À data de **31 de julho de 2014** quantas crianças e/ou jovens estavam acolhidos no CAT/LIJ?

3.3 No **presente ano letivo** indique crianças e jovens que frequentam:

<i>Tipo de Ensino</i>	<i>Assinale em caso Afirmativo</i>	<i>Número de Utentes</i>
Ensino Pré-Escolar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino Básico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.º Ciclo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.º Ciclo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino Secundário	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino Profissional	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Curso Esp. Tec. (CET)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Licenciatura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mestrado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Estabelecimentos de Ensino Especial	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não se encontra integrado(a) em nenhum (ex. fugas)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3.4 O CAT/LIJ tem jovens inseridos no mercado de trabalho? Sim ☐ Não ☐

3.4.1 Se Sim, Quantos?

3.4.2 Qual a formação académica? \_\_\_\_\_

#### 4. Outros Aspetos

4.1 Durante **um mês** quantas vezes reúnem:

<b>Diretor(a) Técnico(a) e Direção da Instituição</b>	<input type="checkbox"/>
<b>Equipa Técnica</b>	<input type="checkbox"/>
<b>Diretor(a) Técnico(a) e/ou Equipa Técnica e Equipa Educativa</b>	<input type="checkbox"/>
<b>Equipa de Colaboradores e Crianças/Jovens</b>	<input type="checkbox"/>

4.2 No CAT/LIJ existe supervisão externa? Sim ☐ Não ☐

Se Sim, que entidade(s) externa(s) supervisiona(m): \_\_\_\_\_

*Grata pela sua colaboração!*

## Anexo II - Entrevista Semiestruturada para os Jovens



### **Guião de Entrevista Semiestruturada – Jovem**

A presente entrevista é realizada no âmbito da dissertação do Mestrado em Ciências da Educação – Especialização em Educação e Desenvolvimento Comunitário da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria sobre a temática - Centros de Acolhimento Temporário e Lares de Infância e Juventude e o Sucesso Escolar.

Eu, Marta Vieira de Oliveira, investigadora responsável por esta entrevista, solicito a tua colaboração para a concretização deste estudo. Os dados recolhidos serão apenas usados na presente investigação, assegurando sempre o teu anonimato. Também solicito a autorização para que a entrevista seja gravada.

Grata pela tua colaboração,

Marta Oliveira

#### **Observações**

Data:

Local:

Hora de Início:

Hora do Fim:

Tempo de Gravação:

<b>Bloco Temático</b>	<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Tópicos/Questões</b>
Identificação Pessoal	- Conhecer a idade do(a) jovem entrevistado(a)	1. Que idade tens?
Acolhimento Institucional	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar a duração do acolhimento institucional do(a) jovem;</li> <li>- Caracterizar a relação que o(a) mantém entre funcionários e utentes da instituição;</li> <li>- Identificar o gosto por parte do(a) jovem de viver na instituição.</li> </ul>	2. Há quanto tempo vives nesta instituição? 3. Gostas de viver nesta instituição? Porquê? 4. Como é a tua relação com os funcionários da instituição? E com os teus colegas da instituição? 5. Já estivestes noutra instituição? Se sim, quanto tempo? 6. Achas que o teu acolhimento nesta(s) instituição(ões) contribui(em) para alcançares o teu sucesso escolar? Porquê?
Percurso Escolar	- Conhecer o percurso escolar do(a) jovem em acolhimento institucional.	7. Andas em que ano escolar? 8. Estás num curso profissional? Qual? Se não, em que área estás? 9. Já chumbastes algum ano nesta instituição? Em caso afirmativo, quais foram as razões para isso ter acontecido? 10. Antes de estares a viver numa instituição já tinhas chumbado? Se sim, quantas vezes? 11. O curso/área que estás a frequentar é aquele que gostavas? Porquê? 12. Alguém te ajudou a escolher este (a) curso/área? Quem?

		13. Achas que o teu percurso escolar contribui para alcançares o teu sucesso escolar? Porquê?
Fatores Ambientais e Recursos da Instituição	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar o(s) local(ais) de estudo na instituição de acolhimento;</li> <li>- Caracterizar as condições do(s) local(ais) de estudo;</li> <li>- Conhecer os recursos materiais e tecnológicos da instituição de acolhimento.</li> </ul>	14. Na instituição onde é que realizas o teu estudo diário? 15. Na tua opinião, achas que tens o material escolar (ex. canetas, cadernos, lápis...) necessário para fazeres os trabalhos de casa, trabalhos, entre outras coisas? Porquê? 16. Achas que o teu local de estudo é silencioso ou barulhento? Porquê? 17. A dimensão do teu local de estudo é adequada? Porquê? 18. O teu local de estudo tem iluminação suficiente? É um espaço com uma temperatura agradável? Porquê? 19. Na instituição tens computadores para realizares os trabalhos escolares? Se sim, têm net? E livros sobre diferentes temas, como se fosse uma biblioteca? 20. Achas que o mobiliário é adequado para a realização dos trabalhos? 21. Na tua opinião, achas que o teu local de estudo, os recursos tecnológicos e materiais da instituição contribuem para alcançar o teu sucesso escolar? Porquê?
Relação com a Comunidade Educativa	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar o meio de transporte que o(a) jovem utiliza para se deslocar para a sua escola;</li> </ul>	22. Como é que te deslocas para a escola? Demoras quanto tempo? 23. Gostas da escola onde estás inserido(a)? Porquê? 24. Sentes-te integrado(a) na tua turma? Porquê? 25. Na escola, existem alguns comentários menos positivos sobre o facto de viveres numa instituição? Se sim, quais?

	<p>- Conhecer a relação que o(a) jovem mantém com os diferentes elementos comunidade educativa;</p>	<p>26. Sentes que podes confiar nos funcionários e professores da escola? Porquê?</p> <p>27. Sabes as formas como é que a instituição comunica com a escola para saber sobre a tua situação escolar? Se sim, quais são?</p> <p>28. Achas que a escola onde estás inserido(a) contribui para alcançares o teu sucesso escolar? Porquê?</p>
<p>Metodologia de Intervenção Escolar do CAT/LIJ</p>	<p>- Conhecer os responsáveis pelas questões escolares na instituição de acolhimento;</p> <p>- Identificar as principais regras relativas às questões escolares na instituição de acolhimento;</p> <p>- Enumerar aspetos a melhorar no acompanhamento escolar.</p>	<p>29. Quem é o teu encarregado(a) de educação? Como é a tua relação com ele/ela? Porquê?</p> <p>30. Quando necessitas de auxílio para a realização de tarefas escolares quem é que procuras?</p> <p>31. Quem são os funcionários responsáveis pelo acompanhamento ao estudo diário na tua instituição?</p> <p>32. Achas que existe o número suficiente de colaboradores, voluntários e/ou estagiários para acompanharem o estudo diário na tua instituição? Porquê?</p> <p>33. Quais são as principais regras estabelecidas na tua instituição relativamente às questões escolares? (faltar às aulas, recado na caderneta negativo, estudo diário)</p> <p>34. Essas regras são transmitidas às crianças e jovens de que forma?</p> <p>35. Achas que estas regras estão adequadas? Porquê?</p> <p>36. Quando apresentas um bom resultado escolar, como é que reagem os funcionários da instituição?</p> <p>37. Que sugestões davas à tua instituição para melhorarem o acompanhamento</p>

		<p>escolar?</p> <p>38. Achas que aqueles que aqui trabalham e a própria direção valorizam a escola? Porquê?</p> <p>39. Achas que o trabalho realizado na instituição relativamente à área escolar contribui para alcançares o teu sucesso escolar? Porquê?</p>
<p>Aspirações Académicas/Profissionais</p>	<p>- Conhecer as aspirações académicas/profissionais do(a) jovem em acolhimento institucional.</p>	<p>40. Pretendes terminar o 12.º ano? Porquê? Na instituição ou fora dela?</p> <p>41. No fim de terminares este curso ou o 12.º ano pretendes continuar a estudar ou ir trabalhar? Porquê? Na instituição ou fora dela?</p> <p>42. No caso de continuares a estudar, que curso gostarias de tirar?</p> <p>43. No caso de queres ir trabalhar quando terminares o 12.º ano, achas que o teu curso/área permitirá arranjar trabalho?</p> <p>44. Achas que as tuas ambições académicas/profissionais contribuem para alcançares o teu sucesso escolar? Porquê?</p>
<p>Importância do Sucesso Escolar</p>	<p>- Definir o conceito de sucesso escolar por parte do(a) jovem em acolhimento institucional;</p> <p>- Identificar a perspetiva do(a) jovem sobre o contributo do CAT/LIJ para alcançar o seu sucesso escolar.</p>	<p>45. O que é para ti teres sucesso escolar? É importante para ti ter sucesso escolar?</p> <p>46. Achas que a tua instituição contribui para alcançares o teu sucesso escolar? Porquê?</p> <p>Obrigada pelo teu contributo.</p>

### Anexo III - Entrevista Semiestruturada para os Técnicos

### **Guião de Entrevista Semiestruturada – Técnico**

A presente entrevista é realizada no âmbito da dissertação do Mestrado em Ciências da Educação – Especialização em Educação e Desenvolvimento Comunitário da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria sobre a temática - Centros de Acolhimento Temporário e Lares de Infância e Juventude e o Sucesso Escolar.

Eu, Marta Vieira de Oliveira, investigadora responsável por esta entrevista, solicito a sua colaboração para a concretização deste estudo. Os dados recolhidos serão apenas usados na presente investigação, assegurando sempre o seu anonimato. Também solicito a autorização para que a entrevista seja gravada.

Grata pela tua colaboração,

Marta Oliveira

#### **Observações**

Data:

Local:

Hora de Início:

Hora do Fim:

Tempo de Gravação:

<b>Bloco Temático</b>	<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Tópicos/Questões</b>
Identificação Profissional	- Conhecer a formação académica do técnico(a) entrevistado(a)	1. Qual é a sua formação académica?
Atual Situação Profissional	- Identificar as funções desenvolvidas na instituição de acolhimento, assim como o respetivo horário laboral.	2. Desde quando desempenha funções nesta instituição de acolhimento? 3. Quais são as funções que desempenha nesta instituição de acolhimento? 4. Habitualmente, qual é o seu horário laboral? Trabalha aos fins-de-semana? Se Sim, com que frequência?
Organização Institucional	- Identificar a tipologia de formações que são dadas aos colaboradores da instituição; - Conhecer a opinião do entrevistado(a) sobre o modo de organização da instituição; - Caracterizar o relacionamento entre colaboradores e utentes, bem como entre os próprios utentes;	5. Anualmente, a instituição tem dado formação a nível profissional e pessoal a todas as equipas? Se Sim, em que áreas? 6. No último ano, acha que o modo de organização da instituição contribuiu com boas condições para desenvolver o seu trabalho? Porquê? 7. Considera que existe um bom relacionamento entre colaboradores e crianças e jovens? E entre os próprios utentes? Porquê? 8. Considera que a organização institucional contribui para alcançar o sucesso escolar das crianças e jovens acolhidas? Porquê?



<p>Fatores Ambientais e Recursos da Instituição</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar o(s) local(ais) de estudo na instituição de acolhimento;</li> <li>- Caracterizar as condições do(s) local(ais) de estudo;</li> <li>- Conhecer os recursos materiais e tecnológicos da instituição de acolhimento.</li> </ul>	<p>9. Em que local ou locais da instituição os(as) crianças e jovens realizam o estudo diário?</p> <p>10. Considera que esse local tem as condições adequadas à concretização das tarefas escolares? (ao nível da luz, mobiliário, ruído, dimensão do espaço, temperatura, material escolar...)</p> <p>11. A instituição apresenta recursos tecnológicos e materiais para concretizarem as tarefas escolares? No caso de necessidade para a realização de trabalhos escolares as crianças e jovens tem recurso à internet na instituição? E no caso de não, onde recorrem?</p> <p>12. Acha que o local de estudo, os recursos tecnológicos e materiais da instituição contribuem para o sucesso escolar das crianças e jovens acolhidas? Porquê?</p>
<p>Metodologia de Intervenção Escolar do CAT/LIJ</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer os responsáveis pelas questões escolares na instituição de acolhimento;</li> <li>- Identificar as principais regras relativas às questões escolares na instituição de acolhimento;</li> </ul>	<p>13. Qual é forma utilizada para a para a definição do(a) encarregado(a) de educação?</p> <p>14. Quais são as principais regras existentes relativamente à área escolar na vossa instituição?</p> <p>15. Como é que estas regras são transmitidas às crianças e jovens?</p> <p>16. Qual ou quais as equipa(s) responsável(is) pelo acompanhamento ao estudo diário?</p> <p>17. Considera que o número de colaboradores, voluntários e/ou estagiários que intervêm na área escolar são suficientes para o acompanhamento escolar das crianças e jovens? Porquê?</p> <p>18. Considera que a educação formal é uma prioridade para os colaboradores e direção</p>

	<p>- Enumerar aspetos a melhorar no acompanhamento escolar</p>	<p>da instituição? Porquê?</p> <p>19. Que sugestões daria à sua equipa e direcção para melhorar o trabalho desenvolvido na área escolar?</p> <p>20. Considera que a metodologia aplicada na instituição relativamente à área escolar contribui para alcançar o sucesso escolar das crianças e jovens acolhidas? Porquê?</p>
<p>Relação com os Estabelecimentos de Ensino</p>	<p>- Conhecer a relação que a instituição de acolhimento mantém com os diferentes estabelecimentos de ensino;</p> <p>- Identificar as ofertas educativas dadas às crianças e jovens acolhidas;</p> <p>- Enumerar os meios de transporte que os jovens utilizam para se deslocar para a sua escola.</p>	<p>21. Como descreve a relação que a instituição de acolhimento mantém com os diferentes estabelecimentos de ensino onde as crianças e jovens estão inseridos?</p> <p>22. Quais são as formas de comunicação com os estabelecimentos de ensino?</p> <p>23. Considera que as crianças e jovens acolhidos estão integrados nas respetivas comunidades educativas? Porquê?</p> <p>24. Relativamente à oferta escolar existente, considera que responde às necessidades das crianças e jovens acolhidas? Porquê?</p> <p>25. As ofertas educativas existentes no meio envolvente da instituição de acolhimento adequam-se às necessidades do mercado de trabalho?</p> <p>26. Como é que as crianças e jovens se deslocam para a escola? Qual é o tempo máximo de deslocação por parte de uma criança ou jovem para ir para a sua escola?</p> <p>27. De que forma os estabelecimentos de ensino contribuem para alcançar o sucesso escolar das crianças e jovens acolhidos?</p>

Fatores Individuais dos Jovens	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar as dificuldades diagnosticadas relativamente à área escolar quando uma criança ou jovem é acolhida;</li> <li>- Conhecer se os projetos de vida condicionam o percurso escolar das crianças e jovens acolhidas;</li> <li>- Caracterizar as dificuldades que os técnicos encontram nesta área do acolhimento.</li> </ul>	<p>28. Quais são as principais dificuldades diagnosticadas quando uma criança ou jovem é acolhida relativamente à área escolar?</p> <p>29. Tendo em consideração estas dificuldades, quais são as ações que implementam para colmatá-las?</p> <p>30. Relativamente aos projetos de vida, considera que o projeto de vida de uma criança ou jovem condiciona o seu percurso escolar?</p> <p>31. O facto dos jovens ao completarem os 18 anos terem poder de decisão em continuar na instituição ou sair dela condiciona o seu percurso académico? Porquê?</p> <p>32. Acha que o facto dos jovens acolhidos poderem permanecer, legalmente, no máximo até aos 21 anos pode inviabilizar a sua formação académica? Porquê?</p> <p>33. Quais são as maiores dificuldades que encontra na área escolar do acolhimento institucional?</p> <p>34. Que ações gostaria de implementar no futuro para colmatar estas dificuldades?</p>
Importância do Sucesso Escolar	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Definir o conceito de sucesso escolar por parte do(a) técnico(a) da instituição de acolhimento;</li> <li>- Identificar a perspetiva do(a) técnico sobre o contributo do</li> </ul>	<p>35. O que para si é sucesso escolar?</p> <p>36. Considera que a sua instituição contribui para alcançar o sucesso escolar das crianças e jovens acolhidas? Porquê?</p>

	CAT/LIJ para alcançar o sucesso escolar dos jovens.	Obrigada pelo seu contributo.
--	---	-------------------------------

#### Anexo IV - Pedido de Autorização para o Trabalho de Investigação

**Assunto:** Pedido de autorização para realização de trabalho de investigação

Exmo(a). Sra. Diretor(a) Técnico(a),

Eu, Marta Vieira de Oliveira, encontro-me a realizar um mestrado em Ciências da Educação – Especialização em Educação e Desenvolvimento Comunitário, na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria. Neste sentido, para a realização da minha dissertação de mestrado sobre a temática - Centros de Acolhimento Temporário e Lares de Infância e Juventude e o Sucesso Escolar, tendo como Orientador o Prof. Doutor Rui Duarte Santos, necessito de recolher dados através de inquéritos por entrevista e por questionário.

Este trabalho de investigação tem como objetivo compreender a perceção dos jovens e técnicos sobre o contributo dos Centros de Acolhimento Temporário e Lares de Infância e Juventude para alcançar o sucesso escolar dos jovens acolhidos.

Deste modo, venho solicitar a autorização para entrevistar um(a) técnico(a) da vossa instituição que seja responsável pela área escolar dos/das jovens em acolhimento, assim como um(a) jovem que esteja neste momento no maior ano escolar e que consintam participar neste estudo. Para completar a investigação pretende-se aplicar também um inquérito por questionário ao técnico ou à técnica, no intuito de realizar uma breve caracterização sobre a vossa instituição de acolhimento. Os dados recolhidos serão confidenciais e utilizados exclusivamente neste estudo.

Em anexo envio a declaração do Instituto Politécnico de Leiria que comprova a realização deste trabalho de investigação.

Grata pela atenção dispensada, sendo que encontro-me disponível para poder esclarecer qualquer questão relativa ao trabalho de investigação.

Com os melhores cumprimentos,

Marta Vieira de Oliveira

Leiria, 6 de novembro de 2014

## Anexo V - Declaração ESECS - IPL

## DECLARAÇÃO

Hugo Alexandre Lopes Menino, Subdiretor da Escola Superior Educação e Ciências Sociais de Leiria, do Instituto Politécnico de Leiria, declara a pedido do interessado, e para os devidos efeitos, que: -----

**Marta Vieira de Oliveira**, com o Cartão do Cidadão n.º 1130254 9ZZ7, válido até 24-04-2017, estudante do Mestrado em Ciências da Educação – Especialização em Educação e Desenvolvimento Comunitário, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria, pretende realizar entrevistas e aplicar questionários na vossa Instituição, no âmbito da UC “Projeto”, lecionada nesta Instituição pelo(a) docente Rui Santos.-----

Mais se declara que sendo este trabalho integrado no plano curricular do referido curso, o(a) estudante aceita e concorda livremente com o facto de que toda a informação, relativa à Instituição que faculta a realização do mesmo, é confidencial e permanecerá secreta.-----

Disponíveis para qualquer esclarecimento, agradecemos desde já a colaboração dispensada.-----

Leiria, 3 de novembro de 2014

O Subdiretor,



Hugo Alexandre Lopes Menino



## Anexo VI - Autorização para Gravação das Entrevistas

## **Declaração de Consentimento (para técnicos)**

Eu, Marta Vieira de Oliveira, aluna do Mestrado em Ciências da Educação – Especialização em Educação e Desenvolvimento Comunitário da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, pretendo aplicar-lhe um inquérito por entrevista e inquérito por questionário para a concretização da minha dissertação com a temática - Centros de Acolhimento Temporário e Lares de Infância e Juventude e o Sucesso Escolar. Neste sentido, solicito o seu consentimento para fazer parte deste trabalho de investigação.

Mais informo que os dados recolhidos serão tratados e divulgados com carácter de anonimato. O inquérito por entrevista será em formato áudio e com a possibilidade de registo de notas.

Eu, Marta Vieira de Oliveira, portadora do cartão de cidadão n.º 13 22 02 54 9 ZZ7, declaro que me comprometo ao devido sigilo perante os dados recolhidos através dos inquéritos por entrevista e questionário junto da instituição de acolhimento\_\_\_\_\_. Tal como me comprometo a eliminar as gravações se o assim entenderem.

A Aluna

Data:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

(Marta Vieira de Oliveira)

---

Eu, \_\_\_\_\_portador(a) do cartão cidadão n.º\_\_\_\_\_ declaro participar de livre vontade no trabalho de investigação sobre a temática Centros de Acolhimento Temporário e Lares de Infância e Juventude e o Sucesso Escolar. Mais declaro ter recebido a informação prévia e esclarecedora acerca dos procedimentos a serem assumidos pela estudante na aplicação dos inquéritos por entrevista e questionário.

Solicito que as gravações\_\_\_\_\_eliminadas no final do trabalho.

O/A Entrevistado(a)

Data:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### **Declaração de Consentimento (para jovens)**

Eu, Marta Vieira de Oliveira, aluna do Mestrado em Ciências da Educação – Especialização em Educação e Desenvolvimento Comunitário da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, pretendo aplicar um inquérito por entrevista a um(a) jovem acolhido(a) na instituição para a concretização da minha dissertação com a temática - Centros de Acolhimento Temporário e Lares de Infância e Juventude e o Sucesso Escolar. Neste sentido, solicito o seu consentimento para que o(a) jovem participe neste trabalho de investigação.

Mais informo que os dados recolhidos serão tratados e divulgados com caráter de anonimato. O inquérito por entrevista será em formato áudio e com a possibilidade de registo de notas.

Eu, Marta Vieira de Oliveira, portadora do cartão de cidadão n.º 13 22 02 54 9 ZZ7, declaro que me comprometo ao devido sigilo perante os dados recolhidos através do inquérito por entrevista junto da instituição de acolhimento\_\_\_\_\_. Tal como me comprometo a eliminar as gravações se o assim entenderem.

A Aluna

Data:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

(Marta Vieira de Oliveira)

---

Eu, \_\_\_\_\_portador(a) do cartão cidadão n.º \_\_\_\_\_ responsável pelo(a) jovem acolhido(a) autorizo a participação de(a) \_\_\_\_\_ no trabalho de investigação sobre a temática Centros de Acolhimento Temporário e Lares de Infância e Juventude e o Sucesso Escolar. Mais declaro ter recebido a informação prévia e esclarecedora acerca dos procedimentos a serem assumidos pela estudante na aplicação do inquérito por entrevista ao/à jovem acolhido(a).

Solicito que as gravações \_\_\_\_\_eliminadas no final do trabalho.

O/A Responsável

Data:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## Anexo VII – Transcrição das Entrevistas

## **Transcrição das Entrevista**

**Instituição de Acolhimento A - Transcrição da Entrevista à Jovem:**

**Código – JEA**

### **Observações:**

Data: 12 de novembro de 2014

Local: Sala de Visitas da Instituição de Acolhimento A

Hora de início: 19h12min

Hora do fim: 19h33min

Tempo de gravação: 21 minutos

### **DESENVOLVIMENTO DA ENTREVISTA**

#### **BLOCO TEMÁTICO – Identificação Pessoal**

**Investigadora (I)** - Que idade tens?

**Jovem Entrevistada da Instituição de Acolhimento A (JEA)** – *Ah...16.*

#### **BLOCO TEMÁTICO: Acolhimento Institucional**

**I** – Ah...Há quanto tempo é que vives nesta instituição?

**JEA** – *Há 4 anos.*

**I** – Ah ...gostas de viver aqui?

**JEA** – *Hum, hum, sim.*

**I** – Porquê?

**JEA** – *Porque encontrei aqui uma casa, sinto-me bem, sinto-me à vontade, coisa que antes não me sentia.*

**I** – Ah...como é a tua relação, como é que tu descreves a tua relação com as funcionárias?

**JEA** – *Ah! Damo-nos muito bem!(sorriso)*

**I** – Muito bem! Como é essa relação?

**JEA** – *Não sei tenho muito à vontade com elas propriamente dou, confio mais nelas do que para contar mesmo em relação aos namoros e assim, confio muito mais nelas do que em algumas meninas e conto-lhes tudo tanto que elas sabem de tudo, se eu faço porcarias na escola é a elas que eu conto não é às meninas que conto, então temos uma relação muito aberta.*

**I** – Muito bem! Ah...e com as tuas colegas aqui na instituição?

**JEA** – *Também me dou bem. Embora agora a minha saída para o apartamento tenha se calhado provocado alguma separação e elas já não pensam que eu por ir para o apartamento foi ficar diferente e não sei o quê, se calhar agora cortamos um bocado a relação, mas pronto. É isso...*

**I** - Mas estão numa fase inicial não é?

**JEA** – *Pois!*

**I** - As coisas vão voltar!

**JEA** - *Vão voltar...*

**I** – Ah...Já estivestes noutra instituição?

**JEA** – *Não.*

**I** – Não! Achas que o teu acolhimento, o facto de estares a viver na instituição ah contribui para alcançares o teu sucesso escolar?

**JEA** – *Sim.*

**I** – Então, porquê?

**JEA** – *Porque aqui eu sei que tenho que estudar e mesmo o motivo de aqui é mesmo por estar a estudar e sei que se calhar se tivesse em casa seria um bocado mais baldas, se calhar já tinha chumbado mais vezes... e assim aqui não porque nós assim é mesmo estudar não temos, não temos outras abébias, não é?!'*

**I** – E tens o apoio que tu achas necessário?

**JEA** – *Sim.*

**BLOCO TEMÁTICO – Percurso Escolar**

**I** – Ah...Andas em que ano?

**JEA** – *11.º.*

**I** – Estás num curso profissional?

**JEA** – *Hum, hum, sim.*

**I** – Qual?

**JEA** – *Técnico de Apoio Psicossocial.*

**I** – Já...já chumbastes algum ano ah quando estavas aqui na instituição, portanto durante estes quatro anos?

**JEA** – *Não.*

**I** – Nunca! Ah...Antes de estar a viver portanto aqui nesta instituição já tinhas chumbado?

**JEA** – *Sim.*

**I** – Quantas vezes?

**JEA** – *Uma.*

**I** – Ah...o curso que estás a frequentar neste momento é aquilo que gostavas de tirar ou era ou ou gostavas de tirar outra coisa?

**JEA** – *Não, não era isso que queria que gostava de tirar.*

**I** – É mesmo essa área?

**JEA** – *Ah...não é bem essa área eu quero trabalhar com pessoas portanto depois essa área era que aqui em X teria mais haver comigo depois para a frente...ainda estou um bocado indecisa.*

**I** – Mas quando falas em pessoas, pessoas... ah... tens algum público-alvo ou crianças, idosos, normalmente deficientes?

**JEA** – *Eu gostava de trabalhar com tudo um pouco.*

**I** – Portanto, com as pessoas, mesmo...

**JEA** – *Sim, crianças, idosos, toxicodependentes, sem-abrigos, deficientes, tudo.*

**I** – Toda essa área?!

**JEA** – *Sim!*

**I** – Ah...alguém te ajudou a escolher essa área?

**JEA** – *Não... fui porque quis.*

**I** – Foi porque quisestes, portanto não tivestes nenhuma orientação?

**JEA** – *Não.*

**I** – Ah...na tua opinião achas que o teu percurso escolar contribuiu para alcançares o teu sucesso escolar, portanto tudo o que fostes fazendo ao longo do tempo contribuiu para que consigas alcançar o sucesso escolar?

**JEA** – *Sim. Hum, Hum!*

**I** – Porquê? O que é que tu destacas neste percurso escolar?

**JEA** – *Não sei sempre tive aqui ajuda para estudar, sempre me motivaram para que não tirasse negativas.*

**I** – Ou seja, a tua entrada na instituição ah...

**JEA** – *Embora eu antes também já tivesse outra motivação, nunca, eu, eu quando chumbei foi por faltar à escola e foi no 2.º ano, por isso não...eu sempre tive, eu na escola sempre fui aquela pessoa que não falta, que nunca faz nada...*

**I** – Sim. Portanto achas que tudo o que fostes construindo foi importante?

**JEA** – *Sim!*

## **BLOCO TEMÁTICO – Fatores Ambientais e Recursos da Instituição**



**I** – Ah na instituição, portanto agora mais propriamente no apartamento onde é que realizas o teu estudo diário?

**JEA** – *Ah...no quarto.*

**I** – No quarto.

**JEA** – *Hum, hum.*

**I** – Ah...Na tua opinião achas que tens o material escolar necessário para fazeres os trabalhos da escola, trabalhos, entre outras tarefas? Material escolar estou a falar de canetas, cadernos...

**JEA** – *Ah! Sim.*

**I** – É tudo disponibilizado pela instituição?

**JEA** – *Sim.*

**I** – Ah...achas que o teu local de estudo é silencioso ou barulhento?

**JEA** – *Não, é silencioso.*

**I** – Porquê?

**JEA** – *Porque eu tou numa casa com menos pessoas e elas também não quase fazem barulho, são muito caladas.*

**I** – Ah...portanto o teu quarto...a dimensão do teu quarto é adequada para tu fazeres o teu estudo diário?

**JEA** – *Eh até demais! (sorriso)*

**I** – É grande?!

**JEA** – *É.*

**I** – Isso é bom! Ah tens uma...tens iluminação suficiente no teu quarto para estudar?

**JEA** – *Sim.*

**I** – É um espaço com temperatura agradável, ou seja, é quente no inverno, fresquinho no verão...

**JEA** – *Eu acho que ele é frio, mas isso é porque eu sou muito friorenta, mas tem uma temperatura boa. (sorriso)*

**I** – Ah na instituição, portanto no teu apartamento tens computadores para realizares os trabalhos escolares?

**JEA** – *Sim, tenho o meu computador.*

**I** – Têm, e têm acesso à internet?

**JEA** – *Sim.*

**I** – Ah e livros com diferentes temas, como por exemplo uma biblioteca, se calhar...

**JEA** – *Só aqui na instituição.*

**I** – Só na instituição, mas quando é necessário vocês recorrem?

**JEA** – *Sim.*

**I** – Ah..a tua secretária é adequada para a realização dos teus trabalhos?

**JEA** – *Sim.*

**I** – Suponho que tenhas.

**JEA** – *Sim, tenho.*

**I** – Então, achas que o teu local de estudo, os computadores que tens, e os livros e materiais, ah...contribuem para alcançar o teu sucesso escolar? Portanto a disponibilidade que a instituição te dá...

**JEA** – *Ah...Sim.*

**I** – Tens as condições ideais para tu trabalhares?

**JEA** – *Sim, elas dão-nos tudo.*

## **BLOCO TEMÁTICO – Relação com a Comunidade Educativa**

**I** – Ah, como é que te deslocas para a escola?

**JEA** – *A pé, estudo já aqui em baixo.*

**I** – Demoras quanto tempo?

**JEA** – *É assim agora como tou no apartamento costumo demorar mais ou menos 7 a 10 minutos. Daqui para lá era 5 minutos, era só descer.*

**I** – Ok, é pertinho!

**JEA** – *Hum, hum.*

**I** – Ah gostas da escola onde estás inserida?

**JEA** – *Gosto.*

**I** – Porquê? O que é que tu destacas?

**JEA** – *Porque eu não gosto de X (sorriso)...mas em todas as escolas que eu passei em X que foram só esta e outra em que estive, a outra escola não gostei. Porque as pessoas de X são muito coisa, aqui as pessoas não são só de X, são de vários sítios de X e isso torna a escola diferente. E também nós ali não temos aquela cena dos cartões eletrónicos, é saímos quando quisermos também é outro tipo de liberdade, é outro tipo de escola, e também são pessoas mais velhas, então torna-se diferente. Quando digo pessoas mais velhas é tipo até 18, 20, 22, mais para a frente não.*

**I** – Ou seja, as regras estão adequadas já a tua faixa etária na escola, a nível quando falas dos cartões...

**JEA** – *Ah...sim! Acho que é melhor dá-nos mais liberdade, não precisamos de estar sempre ali encafuados, sim... é diferente!*

**I** – Dá para escolher e também tomarem as vossas responsabilidades?

**JEA** – *Sim, sim.*

**I** – Maria, estás integrada na tua turma, sentes-te integrada?

**JEA** – *Hum, hum, sim.*

**I** – Porquê? O que é que tu...

**JEA** – *Ah... o ano passado não me sentia muito integrada, mas se calhar era mais calada e não conhecia ninguém, este ano mesmo os meus próprios colegas dizem que*

*eu tou muito mais aberta, brinco com todos. O ano passado só só era as minhas amigas e este ano não, meto-me com toda gente, converso com toda a gente, ...tou diferente.*

**I** – Sim! Ah na escola existem alguns comentários menos positivos sobre o facto de viveres numa instituição?

**JEA** – *Não.*

**I** – Não sentes isso?

**JEA** – *Não.*

**I** – Não há discriminação, nada?

**JEA** – *Não.*

**I** – Ah sentes que podes confiar nos funcionários e professores da escola?

**JEA** – *Sim, embora não fale muito com eles, mas sim.*

**I** – Mas por exemplo com a tua diretora de turma ou teu diretor de turma há ali uma ligação mais próxima?

**JEA** – *Não, nem por isso é uma ligação de professor para professora né, não é mais nada.*

**I** - Ok, ah sabes as formas como é que a instituição comunica com a escola para saber sobre a tua situação escolar?

**JEA** – *Ah sei (sorriso)! A Li Li é amiga da diretora da escola que também é minha orientadora. Tenho uma orientadora...*

**I** – Sim, mas então eles comunicam presencialmente?

**JEA** - *Se for preciso a Li Li liga para ela e sabe...*

**I** – Sim, telefonicamente e presencialmente é isso?

**JEA** – *Sim.*

**I** – Ah...portanto, sabe as coisas no momento?

**JEA** – *Hum...hum.*

**I** - Que elas acontecem?

**JEA** – *Pode saber ou então não.*

**I** – Ah...achas que a escola onde estás inserida contribui para alcançares o teu sucesso escolar?

**JEA** – *Espero bem que sim.(sorriso) Acho que sim.*

**I** – Achas que sim?

**JEA** – *Sim, ainda não acabei, mas...*

**I** – Mas porquê, o que é que aquela escola tem, já falastes de alguns aspetos que é diferente da outra comparando...

**JEA** – *Mas porque os professores lá também são...são muito acessíveis, preocupam-se, não..., é assim por um lado é, não falo por mim porque eu não não converso muito com os meus professores, mas vejo pelos meus colegas que se eles tiverem algum problema ou assim os professores abrem logo a mão e a diretora da escola, enquanto na outra diretora nós tínhamos que dizer “ah não sei o quê, queremos falar com a diretora” e depois os contí, os os auxiliares, não sei, não sei que mais, aqui nesta escola não, se nós quisermos falar com a diretora, vamos, batemos ao gabinete e entramos e ela está sempre disponível para nos recebermos.*

**I** – Pois, e para isso ..é importante para ti, é importante a disponibilidade por parte da direção?

**JEA** – *Sim, para mim não que eu nunca falei com ela, mas pode ser que seja haver, mas para os outros alunos pelo menos é.*

### **BLOCO TEMÁTICO – Metodologia de Intervenção Escolar do CAT/LIJ**

**I** – Ok, ah quem é o teu encarregado de educação?

**JEA** - *É a Li Li.*

**I** – Como é que é tua relação com ela?

**JEA** – *Ah muito boa (sorriso).*

**I** – Muito boa, então porquê? O que é que ela tem...

**JEA** – *Nós conversamos, conversamos de tudo...há quem diga...a minha tia até diz que nós parecemos duas adolescentes às vezes a falar (sorriso).*

**I** – Tem uma relação muito aberta como tu já dissestes! Ah quando necessitas de auxílio para a realização de tarefas escolares quem é que procuras?

**JEA** – *Ah...geralmente é sempre, antes era a Cristina, mas agora é mais a Filipa, Filipa Ferreira, porque ela é quem tem mais haver com o curso que eu gostaria de tirar na faculdade.*

**I** – Ok. Ah quem são os funcionários responsáveis pelo acompanhamento ao estudo diário na tua instituição, agora se calhar um pouco a pensar mesmo aqui?

**JEA** – *Aqui?! Eu penso que seja a Filipa e a Cristina...e a Filipa Cota. As Filipas e a Cristina.*

**I** – Ok. E no apartamento há alguém responsável ou vocês têm...

**JEA** – *Nós estudamos por nós próprias, agora se nós tivermos alguma dúvida podemos vir aqui ter ou então vamos à internet (sorriso).*

**I** – Também. Ah...tu saístes daqui há pouco tempo, mas achas que existe um número suficiente de colaboradores, de voluntários ou estagiários para acompanharem o estudo diário na tua instituição? Portanto antes de ires para o apartamento achavas que havia um número suficiente de pessoas para vos ajudar no estudo?

**JEA** – *Mas, está a falar de educadoras ou de estagiários e de voluntários?*

**I** – Sim, por exemplo, como funcionárias achas que existe educadoras como tu estás a dizer?

**JEA** – *Sim existem.*

**I** – E voluntários?

**JEA** – *Voluntários eu acho que não há cá nenhum voluntário agora...havia uma mas já se foi embora e ela não nos ajudava no estudo.*

**I** – Ok. E estagiários quando, quando existem?

**JEA** – *Sim elas também nos ajudam nos estudos, as estagiárias.*

**I** – Portanto, achas que se calhar se houvesse voluntários era importante...ou não?

**JEA** – *Não sei depende da...*

**I** – Da área?

**JEA** – *Da área, da maneira de ser deles.*

**I** – Portanto achas que no geral mesmo assim, sem voluntários e de vez em quando com uns estagiários, só...

**JEA** – *Não, os voluntários também, para mim, voluntários e estagiários se nós formos a ver ao cabo é tudo a mesma coisa, não é?!*

**I** – Sim, tem um papel diferente.

**JEA** – *Tem um papel diferente, mas é por fora, porque por dentro é a mesma coisa.*

**I** – Sim, sim.

**JEA** – *Ah... os voluntários estão aqui por querem, os estagiários têm que fazer como a senhora tá a fazer né?! Fazer uma coisa.*

**I** – Sim, sim, faz parte do plano. Mas o que eu queria perguntar era, pronto o número de educadoras achas que são suficientes para ajudar?

**JEA** – *São.*

**I** – Pronto, voluntários ou estagiárias, é que..., já achas que

**JEA** – *Sim, se fossem mais ajudariam-nos mais, mas também se não, se não estiverem cá também não, não é uma coisa assim que necessitemos muuuuito, né, mas são sempre bem recebidas né?!*

**I** – Ok, estamos entendidas. Ah quais é que são as principais regras estabelecidas na tua instituição relativamente às questões escolares?

**JEA** – *Ah...não percebi, não ouvi!*

**I** – Foi muito rápida (sorriso). Ah as principais regras que existem na instituição relativamente à área escolar? Imagina faltas às aulas, sabes o que é que te acontece?

**JEA** – *Ah sei...quer dizer sei, quer depende né, se calhar a Li Li chama-me à atenção ah para eu não voltar a fazer né?!*

**I** – Sim.

**JEA** - *Mas também depende das meninas, né, umas que faltam muito comum e dão-lhe um castigo, mas depende né, isso também depende muito das meninas e da situação né?!*

**I** – Tal como os recados nas cadernetas com aspetos mais negativos.

**JEA** – *Sim.*

**I** – A mesma situação. Ah e o estudo diário, eu sei que agora estás numa forma mais autónoma, mas quando aqui estavas?

**JEA** – *Sim, fazí, fazemos todos os dias um estudo de uma hora mesmo quando não temos nada para estudar, sei que temos que ficar pelo menos a ler. (sorriso)*

**I** – Ok. E estão sempre acompanhadas por alguém responsável pela sala?

**JEA** – *Sim, sim.*

**I** – É uma pessoa responsável por cada...

**JEA** - *É assim ah costuma ser uma pessoa ah uma ou duas, é sempre quase sempre uma, uma por cada sala, né mas.*

**I** – Ok. Tem quantas salas?

**JEA** – *Duas.*



**I** – Ok. Ah e como é que estas regras são transmitidas aos teus colegas e a ti? Portanto, estas principais regras que nós falamos agora, por exemplo o estudo diário, olha tem que fazer isto...

**JEA** – *Eu acho que isso, isso de quando por exemplo entra uma menina nova é o que se está a referir?*

**I** - Sim.

**JEA** – *Eu acho que isso de...acho que pelo menos vou, pelo menos quando eu entrei não não me, não me explicaram assim concretamente como eram as regras de estudo né?! Isso foi uma coisa que eu depois fui vendo e aprendendo né, ah ao longo do tempo que tive cá e que porque nós não vamos logo para a escola então, aquela tipo aquela duas semanas ou aquela semana que ficamos cá observamos e vemos o tempo que...que elas fazem e depois vamos também aprendendo a nós próprias e elas ou vendo, né?!*

**I** – E adaptando também à rotina?

**JEA** – *E adaptando, sim adaptando à rotina.*

**I** – E achas que estas regras estão adequadas?

**JEA** – *Ah...Ah...*

**I** – O estudo diário, faltar às aulas?

**JEA** – *Ah está a falar do estudo.*

**I** – Achas que sim, são importantes estas regras?

**JEA** – *De faltar às aulas, sim são importantes eh temos que estudar né, e faltar às aulas isso é uma coisa que não devemos né por isso acho que devemos de ser repreendidas para quando o faltamos. Se for uma vez ou outra (sorriso)...agora muitas vezes e sim acho que deve ser repreendido.*

**I** – E o estudo diário achas que é o tempo...

**JEA** - *Sim.*

**I** - Tu falastes em uma hora achas que é o tempo adequado?

**JEA** – *Uma hora mas quem quiser pode ficar mais.*

**I** – Sim, sim, pronto, mas o mínimo, estou a falar no mínimo, achas que sim?

**JEA** – *Hum, hum.*

**I** – Ah numa situação em que tens um bom resultado escolar como é que reagem as funcionárias da instituição? Imagina que tens um 15 ou 16?

**JEA** – *Ficam contentes.*

**I** – Ficam contentes?

**JEA** - *Sim.*

**I** – Só?

**JEA** – *Sim (sorriso) e mais nada!*

**I** – Ah que sugestões davas à tua instituição para melhorarem o acompanhamento escolar?

**JEA** – *Ah .....não sei!(sorriso).*

**I** – Não sabes? Assim uma coisa...

**JEA** – *Mas, para quem?! Para as meninas ou para as educadoras?*

**I** – Para as educadoras!

**JEA** – *Ah para as educadoras...*

**I** – Educadoras, modo de organização, podes pensar no modo de organização como é que estão as salas, como é que...

**JEA** – *Acho que é assim se a menina diz que não tem...mas só mesmo do estudo, agora do estudo?!*

**I** – Sim, sim, por exemplo!

**JEA** – *Era se por exemplo, a menina não está estudar ou não tem nada para estudar acho que não é preciso ficar ali a cumprir aquele horário tar ali uma hora dentro da sala de estudo. Era o que eu lhes dizia.*

**I** – E que sugestões, e que em vez de estarem na sala de estudo o que é que sugerias elas, elas fazerem? As meninas fazerem?

**JEA** – *Ir para o atelier ou outra coisa qualquer ou andar aí pela casa, sei lá!*

**I** – Sem fazerem nada!

**JEA** – *Eu goosto!*

**I** – Sim também é bom!

**JEA** – *Gosto de meter com as pessoas, vou ali, vou a um sítio...meter-me com toda a gente!*

**I** – É importante terem aquele, aquele tempo também para elas?

**JEA** – *Sim.*

**I** – Achas que aqueles que aqui trabalham e a própria direção valorizam a escola? Dão importância à escola?

**JEA** – *Hum...acho que valorizam muito, mas acho que já valorizaram mais.*

**I** – Então porquê?

**JEA** – *Porque, porque os tempos foram mudando e as meninas também foram mudando são outras algumas já não respeitam tanto as regras por isso acho que também a fundação também tem que começar começou também ah ah a tentar também a começar a compreender mais as meninas e se calhar deixando um pouco de parte essa situação da escola. E pronto, mas isso é normal!(sorriso)*

**I** – Foi também, se calhar haviam outros problemas e deram prioridade a esses problemas?

**JEA** – *Sim.*

**I** – É assim que estás a pensar?

**JEA** – *Sim.*

**I** – Ah achas que o trabalho que é realizado na instituição nesta parte escolar ah contribui para alcançares o teu sucesso escolar?

**JEA** – *Sim.*

**I** – Porquê?

**JEA** – *(Sorriso) Porque ah o facto de estudarmos e porque ao menos aqui nós temos aquela coisa, por exemplo se eu vou para casa e digo ai pá hoje não me apetece estudar, não estudo, aqui não, aqui tenho alguém que diz, não Maria tens que estudar, não podes, não podes não estudar, tens que estudar e então!*

**I** – Ou seja é importante ter as regras, os hábitos de estudo que te incutiram para ti é importante para alcançar o teu sucesso escolar, portanto que a instituição te foi dando, é isso?

**JEA** – *Hum, hum.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Aspirações Académicas/Profissionais**

**I** – Ah pretendes terminar o 12.º ano?

**JEA** – *Ah sim, claro!(sorriso)*

**I** – Ah na instituição ou fora dela?

**JEA** – *Ah na instituição.*

**I** – Ah! Ah no fim de terminares este curso pretendes continuar a estudar ou ir trabalhar? Acho que já me fostes dando a resposta!

**JEA** – *Sim quero ir estudar.*

**I** – Queres ir estudar! Ah na instituição ou fora dela?

**JEA** – *Ah fora dela, em princípio.*

**I** – Fora dela?

**JEA** – *Sim!*

**I** - Portanto saíres e depois, teres tens autonomia para conseguires arcar com os custos?

**JEA** – *E assim...depende se eu conseguir ir para a universidade cá em X se calhar fico aqui mais por perto da instituição, mas não na instituição inserida. Mas se for para fora daqui, se for para minha casa aí já é diferente, né?!*

**I** – Ok. E então que cursos gostarias de tirar?

**JEA** – *Não sei, ainda estou indecisa.*

**I** – Ainda não sabes!

**JEA** – *Animadora sociocultural ou assistente social ou ...não sei mais...há muitos...educadora social, psicóloga, não sei ainda.*

**I** – Ainda estás a pensar né?!

**JEA** – *Hum...hum.*

**I** – Ah achas que as tuas ambições académicas, portanto o facto de queres estudar contribui para alcançares o teu sucesso escolar?

**JEA** – *Sim.*

**I** – Sempre esse desejo?

**JEA** – *Sim.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Importância do Sucesso Escolar**

**I** – O que é para ti afinal sucesso escolar?

**JEA** – *Eh...então sucesso escolar é por exemplo nós conseguirmos, se nós tivermos um objetivo né, e conseguirmos alcançar esse nosso objetivo, acho que isso já é um sucesso escolar ou também sucesso escolar pode ser por exemplo nós tentarmos tirar um 20 a matemática, conseguirmos isso também já é sucesso escola né, é conseguirmos fazer aquilo que nós queremos, acho que é mais ou menos isso.*

**I** - Conseguirmos alcançar os nossos objetivos.

**JEA** – *Sim.*

**I** – Sim. Ah é importante para ti ter sucesso escolar?

**JEA** – *Ah ah sim sem dúvida! (sorriso)*

**I** – Como é que tu olhas para o teu sucesso escolar, portanto como é que, o que é o teu sucesso escolar te vai trazer?

**JEA** – *Espero bem que me traga ah uma vida mais estável do que supostamente viria ter tido né que possa trabalhar para me sustentar a mim, não andar aí sei lá, não andar aí pela rua a fazer outras coisas né, ah espero bem que isso, por isso, acho que isso é que é também para isso serve o nosso sucesso escolar.*

**I** - Ah achas que a tua instituição contribui para alcançares o teu sucesso escolar?

**JEA** – *Sim.*

**I** – Porquê? Queres finalizar com um porquê?

**JEA** – *Ah... porque sem elas se calhar não tinha chegado a este ano ou... tinha já se calhar tinha-me perdido ou se calhar já estava sei lá...não sei...*

**I** – Não sonhavas se calhar com algo...

**JEA** – *Eu antes, não queria, nunca quis, queria tirar o 9.º ano, chegar ao 9.º ano e começar a trabalhar, e se eu não tivesse aqui teria de certeza feito isso, mas como, como vim para aqui não elas, nem se quer pensei duas vezes se queria ou não continuar a estudar, foi começar a continuar a estudar e pronto.*

**I** – Ok, obrigada pelo teu contributo!

**JEA** – *De nada.*

**Instituição de Acolhimento A - Transcrição da Entrevista à Técnica:**

**Código – TEA**

**Observações:**

Data: 12 de novembro de 2014

Local: Sala de Visitas da Instituição de Acolhimento A

Hora de início: 15h20min

Hora do fim: 16h13min

Tempo de gravação: 53 minutos

## **DESENVOLVIMENTO DA ENTREVISTA**

### **BLOCO TEMÁTICO – Identificação Profissional**

**Investigadora (I)** - Ah qual a sua formação académica?

**Técnica Entrevistada da Instituição de Acolhimento A (TEA)** – *Ah sou licenciada em educação social.*

### **BLOCO TEMÁTICO – Atual Situação Profissional**

**I** – Ah desde quando é que desempenha funções nesta instituição?

**TEA** – *Ah desde...2008, portanto abril de 2008, foi no início do Plano DOM.*

**I** – Ok! Ah quais é que são as funções que desempenha ah como educadora social aqui nesta instituição?

**TEA** – *Bem sou responsável pela parte educativa, mais especificamente ahahah pela parte educativa ligada am às escolas ah e também no âmbito da nossa casa todo o..., vou, vou reformular...vou voltar atrás...Ah pronto sou responsável pela parte educativa, sou, ah ah encarregada de educação da generalidade das meninas, a nossa diretora técnica ah é responsável, é encarregada de educação de algumas que tão na formação profissional, mas todas as que estão pelo menos nas escolas oficiais, no ensino regular eh estão à minha responsabilidade. Ah oriento as salas de estudo ah dou-lhes apoio também direto, ah e aqui dentro de casa também colaboro com a equipa educativa no desenvolvimento daaa ah do nosso plano de atividades anual, portanto do nosso plano educativo ah onde abordamos várias temáticas, ah... pronto é isso. Já é muita coisa! (sorriso).*

**I** – Pois é! Ah qual é que...habitualmente qual é o seu horário laboral?

**TEA** – *Ah trabalho das dez e meia às seis e meia habitualmente é o meu horário.*

**I** – Trabalha fins-de-semanas?

**TEA** – *Atualmente não. Durante alguns anos fazia rotativamente, tinha outra colega, que era também educadora social que não está cá neste momento, mas nós fazíamos ah uma trabalhava um fim-de-semana outra trabalhava outro, ah e era assim, fazíamos rotativamente.*

**I** – Quinzenalmente?

**TEA** – *Sim. Entretanto desde há ah dois para cá que se tem trabalhado só de 2.<sup>a</sup> a 6.<sup>a</sup>.*

### **BLOCO TEMÁTICO – Organização Institucional**

**I** – Ok! Ah anualmente a instituição tem dado formação a nível pessoal e profissional a todas as equipas?

**TEA** – *Ah sim, sim, temos tido, este ano em especialmente temos agora ah tivemos oportunidade de participar numa série de formações também promovidas pela Segurança Social pelas instituições aqui do distrito. Mas temos tido...sempre, sempre há sempre oportunidade de formação.*

**I** – Em que áreas? Assim que salienta.

**TEA** – *Bem há uma que temos sempre ah ah que é ah é do HCCP ah depois temos tido vamos pensar...no quê...ahah...não sei agora...especificamente ah temos tido formação de PNL (com ênfase) que com o nosso supervisor que agora ah iniciámos no mês passado aqui uma formação de PNL.*

**I** – Para todas as equipas ou...?

**TEA** – *Para todas, para todas e para pessoas que vem de fora também portanto têm sido uma sessão aberta. (sorriso) Agora para a semana vamos ter outra. Ah o que é que, o que é que temos tido ah ah há tivemos o acolhimento terapêutico agora este mês ainda ou no mês passado... ah não me recordo agora, pois, ah mas não me recordo (sorriso).*

**I** - Mas já foram uns exemplos.

**TEA** – *Pronto!*



**I** – Ah no último ano, acha que o modo como está organizado a instituição contribui com boas condições para desenvolver o seu trabalho?

**TEA** – *Hum...sim, sim penso que sim. Para desenvolver o meu trabalho?!*

**I** – Sim!

**TEA** – *Sim, eu posso dizer que a instituição pronto proporciona boas condições. Ah neste momento o que eu sinto é que pessoalmente não tenho disponibilidade se calhar necessária ou ou ou que tinha anteriormente para para desempenhar ah as minhas funções. Ah porque...fui mãe recentemente, recentemente o meu filho já já fez 20 meses, mas ah enquanto que antigamente conseguia acompanhá-las pelo menos até as sete e meia até hora eh que elas terminavam os estudos, agora não consigo, pronto. E tou tento estar, tou até às seis e meia, mas mesmo assim há ali aquela hora em que eu sei que poderia dar um apoio maior, estão as colegas e confio nelas não é, mas que sinto, que pronto tenho que fazer esta opção, de qualquer das formas, ah... sim os horários delas estão aqui mais ou menos ajusta e o meu horário de trabalho também está mais ou menos ajustado aos horários... das meninas ah consigo, consigo acompanhá-las e desenvolver aqui o meu trabalho.*

**I** – Ah considera que existe um bom relacionamento entre colaboradores e crianças e jovens?

**TEA** – *Sim, existe bom relacionamento. Um relacionamento...de nós temos, nós costumamos dizer que temos um ambiente muito familiar, elas também são poucas, neste momento temos 20 meninas, ah e existe, as pessoas que estão cá também da equipa educativa e da equipa técnica também estão cá já há muitos anos e acaba por haver uma ligação ah pronto praticamente familiar com elas ah e consegue-se claro existem atritos há sempre uma menina que tem uma educadora ou outra que não gosta tanto tem aquelas suas preferências, mas no geral toda a gente se dá bem, elas relacionam-se muito bem não temos assim problemas de relacionamento.*

**I** – Portanto entre as próprias utentes também as coisas também funcionam bem?

**TEA** – *Sim, ultimamente temos aqui alguns atritos, algumas jovens que que têm, temos tido aqui uma novidade que é brigas (sorriso) não tínhamos, agora no mês passado tivemos aqui uma situação tivemos que separar ah tivemos que separar duas jovens ali*

*à entrada que uma queria bater na outra, mas habitualmente isso não acontece elas relacionam-se bem há uma ou outra queee gosta de provocar conflitos, mas pronto vai-se gerindo não há aqui problemas de relacionamento entre elas.*

**I** – Ah considera que a organização institucional ah contribui para alcançar o sucesso escolar das crianças e jovens que estão neste momento acolhidas?

**TEA** – *Por um lado sim, por um lado acho que o facto delas terem um horário de estudo ah que está estipulado que tenham, que têm algumas regras e orientações dentro da sala de estudo penso que é benéfico para elas em termos de estudo. Por outro lado, penso que o facto de elas estarem institucionalizadas não as beneficia, porque emocionalmente muitas vezes não estão disponíveis para aprender e e acabam por ficar prejudicadas ah a nível escolar. Ah de qualquer das formas ah a maioria das meninas que vem para cá ah quando cá está consegue obter melhores resultados escolares do que anteriormente na na família, muitas vezes famílias destruturadas não é, mas ah nós notamos que, existe, estivemos aqui por exemplo há uns anos uma jovem que estava no 6.º ano já há uma série de anos não passava e ela veio para cá no final do segundo período não tinha, só negativas e ela passou de ano nesse ano, pronto penso que às vezes também é uma oportunidade ah ah de mudança, o facto de nós mostrarmos preocupação, de as ajudarmos, também ensinarmos algumas estratégias para estudar tudo, tem, ajuda-as.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Fatores Ambientais e Recursos da Instituição**

**I** – Ah agora relativamente um pouco ao local de estudo das jovens e das crianças. Onde é que elas ah por norma realizam o estudo diário delas?

**TEA** – *Temos duas salas de estudo. Ah cada qual tem uma secretária, individual é sua, tem as suas coisas, tem o seu horário, tem tudo, portanto essas salas de estudo ahah tem um ambiente favorável ao estudo, ninguém entra e sai, não andam pessoas a passear ah tem habitualmente uma educadora que acompanha e ajuda-as as meninas durante esse período.*

**I** – Portanto esse local tem as condições, acha que esse local tem as condições adequadas para a concretização das tarefas escolares delas?

**TEA** – *Sim, sim!*

**I** – A nível da luz, mobiliário...

**TEA** – *Nós temos uma, nós temos duas salas como disse, uma delas é uma sala nova que tivemos oportunidade de receber aqui o financiamento para a aquisição de de mobiliário, neste momento nós achamos que tem as condições ideais. Tem, temos dois computadores portáteis, que elas podem usar que tem acesso à internet, em termos de luz e de acho que tá perfeitamente...*

**I** – Não há barulho...

**TEA** – *Exatamente!*

**I** - Elas respeitam...

**TEA** - *Ah respeitam às vezes pronto, normalmente elas respeitam o tempo de estudo, às vezes tem que ser chamadas à atenção, porque vem da escola e querem contar às colegas o que se passou, mas normalmente consegue-se. Uma outra sala não tem essas condições tão ideais tem mobiliário mais antigo ah não tão confortável, mas de qualquer das formas ah em termos de luminosidade também um pouco mais escura ah mas não não é má de todo vá lá eh (sorriso) ah elas conseguem, pronto, acaba por sempre proporcionar um ambiente eheh confortável, vá lá.*

**I** – Ah como já referiu ah portanto tem recursos tecnológicos aqui dentro da instituição para elas fazerem os trabalhos de casa?

**TEA** – *Hum, hum...Sim!*

**I** – Também têm um tipo uma biblioteca onde elas possam buscar livros de outras temáticas?

**TEA** – *Sim, temos uma biblioteca ah elas não gostam muito de a usar, mas temos e gostam mais de recorrer às pesquisas na internet e mas nós ah dizemos sempre calma vamos lá a cima que há de certeza lá um livro que te vai ajudar, pronto. Nem sempre, não é às vezes também os livros estão um bocado desatualizados, temos muitos livros que são, que nos são oferecidos por particulares e que às vezes especialmente atlas eee livros ligados assim a essa área mais de geografia estão sempre muito desatualizados e temos que recorrer à internet, mas mesmo quando são ah livros de leitura obrigatória na escola, do plano de leitura, tudo mais a nossa biblioteca ah ah é uma boa biblioteca.*

I – Ah elas portanto, como disse elas tem recurso à internet dentro da instituição?

TEA – *Sim.*

I – Elas podem...

TEA – *Para a nível académico.*

I – Só?

TEA – *Sim.*

I – Para concretização dos trabalhos.

TEA - *Hum, hum.*

I – Então considera que o local de estudo ou portanto as duas salas de estudo ah existentes, recursos tecnológicos e materiais portanto essa biblioteca contribuem para o sucesso escolar destas crianças e jovens?

TEA – *Ah claro, claro! Sem dúvida, sim, sim, sim. Qualquer das formas vou reforçar ah temos aqui uma dificuldade em termos de edifício que é ah a internet não se apanha em todo o lado, pronto, temos esta dificuldade. E então normalmente o que pode acontecer e só um dos computadores é que conseguimos ter ligado à internet porque tem que vir um cabo cá para fora, às vezes tem que estar umas à espera de outras que terminem o trabalho umas que terminem as pesquisas para a outra poder utilizar, pronto, temos essa ah esse constrangimento, mas é ultrapassável elas tem habituam-se a partilhar e...e...*

I – Trabalham outros valores?

TEA – *Certo!*

### **BLOCO TEMÁTICO: Metodologia de Intervenção Escolar do CAT/LIJ**

I – Ah já foi nomeando algumas regras ah existentes relativamente à área escolar mas gostaria que me salientasse as principais regras relativamente à área escolar que a instituição tem?

TEA – *...ah especificamente...*

I – Por exemplo ah numa situação delas faltarem às aulas, um recado negativo na caderneta, como é que é o estudo diário?

**TEA** - *Ah nós não temos estipulado ahah medidas reparadoras vá lá para esse tipo de situações, uma coisa que elas sabem é que se não cumprirem durante a semana ah as tarefas especificamente a nível escolar se faltarem, se houver recados ah de mau comportamento na escola ah nós temos, temos um funcionamento de cartões vermelho, amarelo e verde que funciona assim um bocado de forma psicológica “atenção que podes ter cartão vermelho”, pronto e elas sabem e no final da semana faz-se um balanço, já aconteceu em situações graves ah uma ou outra não poder ir de fim-de-semana, mas normalmente isso é e analisamos caso a caso e habitualmente oh dependendo da gravidade da situação nós conversamos com elas tentamos incentiva-las para não para não repetirem por exemplo se houver uma falta a uma aula ou se não fez o tpc normalmente conversamos com elas e portanto não existe nada regras rígidas relativamente a medidas reparadoras nesses casos. Ah as regras que temos em relação portanto elas sabem que é fundamental que cumpram eh eh vá lá ah a escola é uma obrigação para elas, portanto ah elas sabem que é importante para terem um cartão verde ao fim da semana não é ah cumprirem tudo tudo a nível escolar. Pois elas tem todas as meninas tem diariamente um um tempo de estudo de 45 minutos ah algumas por algumas razões que tem um horário muito cheio, alguns dias tem horário cheio, pois tem terapias, tem psicólogo, tem catequese, tem tem outras atividades, mesmo desporto escolar e assim não conseguem ter 45 minutos, mas tem um tempo para fazer os trabalhos de casa ah e quando chegam a casa sabem que habitualmente se não tem aulas da parte da tarde a seguir ao almoço ah tem o seu tempo de estudo quem tem aulas ah ah da parte tarde quando veem lancham e tem os seus 45 minutos de estudo, claro quando há testes, quando há trabalhos para entregar na escola ah esse tempo prolonga-se ah portanto não não existe uma obrigatoriedade de fazer 45 minutos e acabou o tempo e vai embora ah mas ou se se não tem nada que estudar ou já fez os testes também não tem que estar na sala de estudo sem fazer nada não é, mas para elas saberem que ah aqueles 45 minutos servem para rever a matéria ah da aula anterior, para estudar, para fazerem os trabalhos de casa, porque normalmente porque elas ah quando chegam dizem-nos sempre “ah não tenho nada para fazer” não é “ai hoje não tenho nada para fazer” então nós temos um sistema que é ah quando quando entram na*

*sala de estudo ah vão verificar ah se tem pronto habitualmente no início da semana verificam os testes que tem, se tem trabalhos para entregar e e quando entram na sala de estudo vão verificar ah tudo o que tem para fazer se tem trabalhos de casa para o dia seguinte, se tem alguma coisa para estudar ah e habitualmente vão rever a lição daquela disciplina da aula anterior ah e temos este sistema, tentamos agora estamos no 1.º período temos muitas meninas novas este ano estamos a tentar de certa forma, ah eu não gosto muito deste termo, mas mas inculcar este método, porque pensamos que é útil para elas terem esta rotina vá lá ah porque se não elas chegam não tem trabalho de casa, não vão ter teste daquela disciplina e então não tem nada para fazer e então o facto de terem que ir rever ah a lição da aula anterior ajuda-as, ajuda-as a rever a matéria e quando chegam à aula vai pelo menos alguma coisita lá estar, pronto. Agora mais regras não sei se se me falta referir alguma coisa, mas penso que...*

**I** – Mas já falou das essenciais.

**TEA** – *Hum, hum.*

**I** – Ah tão como é que estas regras são transmitidas às às crianças e jovens? Tem algum método específico, em reunião ou quando a criança/jovem chega?

**TEA** – *Bem normalmente são individualmente vamos vamos quando elas chegam não vamos despejar um monte de regras não é?! Mas habitualmente ah elas vão percebendo e vamos explicando olha nós aqui fazemos assim ah pronto temos assim não não existe uma forma de, por acaso hoje de manhã estivemos tivemos reunidas e estávamos a pensar que temos aqui uma sala de estudo que as meninas são muito conversadoras e então ah estivemos a ver olha vamos construir com elas aqui por aqui no placard as prioridades ah quando chegam à sala de estudo o que devem fazer para elas ah ah se irem lembrando porque muitas vezes chegam e conversam, vão, pronto e quando faltam 3 minutos para acabar o tempo de estudo é que aí afinal tenho um trabalho para amanhã, pronto e por acaso tivemos ainda há bocado a falar nisso de ah reforçar, por ali no placard e construir com elas ali um ah ah vá lá uuuumm um placardzinho com com com essas normas para elas para elas se lembrarem.*

**I** – Ah já me disse que era também uma pessoa que estava responsável ah pelo contacto direto no estudo?

**TEA** – *Hum, hum.*

**I** – Para além de si há mais alguém ah já me teve, a equipa educativa também está?

**TEA** – *Sim, sim. Existem duas colegas uma delas educadora social outra animadora ah de formação, mas mas ela ah desempenha funções neste momento aqui na casa de educadora social ah são tão as duas responsáveis pelas salas de estudo, cada uma por uma, pronto.*

**I** – Ok.

**TEA** - *Eu acabo por dar um reforço e um apoio ah em ambas as salas até porque preciso ah à outras questões às vezes para para tratar nomeadamente ah que elas ver os recados da caderneta, os testes, essas coisas assim.*

**I** – Portanto ah você como da equipa técnica e as outras duas colegas da equipa educativa?

**TEA** - *Exatamente.*

**I** – Ou seja, são as três responsáveis. Ah outra questão, ah considera que o número de colaboradores, voluntários ou estagiários que intervêm portanto na área escolar, que estão mais diretamente no acompanhamento são suficientes ah para acompanharem estas crianças a nível escolar?

**TEA** – *Nós temos tido ah ah nos últimos anos temos tido a oportunidade de ter aqui alguns voluntários professores ah que nos tem dado assim um apoio a nível mais específico de algumas disciplinas. Neste momento não temos ninguém e sentimos essa falta ah que é ah um professor de matemática por exemplo ah ou de inglês, que nós próprias vamos a determinada altura ah ter que estar sempre a estudar também com elas para conseguirmos acompanhar as matérias ah e nem sempre conseguimos depois responder, temos tido, infelizmente este ano não temos nenhum professor voluntário. Temos uma mas que dá apoio mais mais geral ah é uma professora do 1.º ciclo que dá depois um apoio ah a nível do 2.º ciclo, mas dá faz ah mas uma explicação, vá lá, a nível geral de todas as disciplinas, portanto professor de matemática e inglês fazia-nos falta não temos, não é. Agora considero que temos por vezes estagiários que...acabam por provocar alguma turbulência ah nas salas de estudo nós compreendemos e e*

*queremos ah temos todo gosto em receber estagiários aqui nós temos aqui a escola superior de educação e depois ah todos os anos temos estagiários neste momento temos duas estagiárias do curso de educação básica ah temos uma estagiária de serviço social neste momento que como está a iniciar o estágio está também assim mais mais próximo das das meninas e ah às vezes pronto querem ajudar e acabam por depois haver muuitas pessoas na na sala, dar orientações diferentes ah a torná-las menos autónomas contrariamente aquilo que que nós tentamos durante o estudo que é que elas consigam autonomamente e por isso aquelas aquelas regras não é para que elas já saibam ao chegar à sala de estudo e autonomamente trabalhar, depois às vezes quando há muitas pessoas de fora o que fazem é ah estão com certeza a fazer o melhor mas depois sentam-se ao lado delas ah até a pesquisar nos livros a matéria e assim elas acabam-se por se tornar um pouco dependentes. Mas pronto ah portanto respondendo à sua pergunta a nível de ah professores o nosso apoio neste momento é insuficiente, precisávamos.*

**I - A nível de professores voluntários?**

**TEA –** *Sim, sim, sim, sim, sim.*

**I –** Ok. Ah acha que a educação formal é uma prioridade para os colaboradores e direção da instituição?

**TEA –** *Hum...É é...*

**I –** É uma aposta?

**TEA –** *É, é uma aposta e tem que ser, não é, tem que ser, porque para elas não é o mais importante, mas, mas para nós pensamos que ah estaremos a contribuir também de alguma forma para ah o futuro delas ah penso que que existem outras questões mais importantes ah é mais seria mais importante e e fazemos isso a nível ah trabalhar a nível terapêutico mais ao nível da saúde mental, ah eu costumo dizer se elas não estão bem, se não estão disponíveis para aprender, emocionalmente elas estão destroçadas ah não estão disponíveis também para aprender não é, temos essa dificuldade, por isso muitas tem dificuldades escolares não tanto por dificuldades cognitivas mas mais ah emocionais. Ah é é pronto é para nós muito importante a educação formal, mas por outro lado se calhar outras questões que se deveriam trabalhar ah primeiro e evitar-se*



*se calhar ah ah algum insucesso, algum insucesso que elas têm devido também ah aos problemas emocionais que tem.*

**I** – Ah que sugestões é que daria à sua equipa e direcção para melhorar o trabalho desenvolvido na área escolar? Esta área que intervém...

**TEA** – *(Sorriso). Então que sugestões...ah...não sei, neste momento ahah a nossa intervenção acaba por tar muito também ligada ah eu sei que a minha opinião tem um peso grande ah na forma como nós trabalhamos ah aqui a nível escolar portanto normalmente as minhas opiniões são tidas em conta e a forma como nós obtemos o nosso esquema aqui ah montado já penso que que tem muito de mim, outras sugestões ah ah não sei, não sei realmente... ah por exemplo...não sei, estava a pensar que nós temos os horários de estudo todos concentrados durante a tarde, elas tem possibilidade, se houver algum problema elas elas claro que podem estudar à noite, mas acaba por estar tar institucionalizado que é é instituído vá lá é que é aquele horário é só até às sete e meia ah penso que se houvesse uma maior abertura para que elas pudessem até mais tarde ou durante outro horário ah poderem estudar ah... agora penso que não sei, não sei assim outras sugestões, não me vem agora nada à cabeça. Talvez mais tarde (sorriso).*

**I** – Já veio uma. Ah então considera que a metodologia aplicada na instituição portanto relativamente a esta área escolar contribui para alcançar o sucesso escolar das crianças e jovens acolhidas? Portanto todo o vosso trabalho que vocês fazem, este esquema montado como disse, contribui para que elas alcancem...

**TEA** – *Sim, sim, sim penso que sim vamos ver agora no final do ano como é que (sorriso) o balanço que vamos fazer! Ah eu penso que sim sinceramente, nós no ano passado ah tivemos esteve outra pessoa uma outra colega ah substituiu-me nesta função ah e pronto as coisas funcionaram de forma muito diferente e e eu sinto que o ano correu os resultados os resultados escolares foram ah muito diferentes daquilo que nós estamos habituadas ah e penso não não significa que tenha-se tido uma estratégia ah pior do que a minha, mas ah também o facto de eu também já cá estar a alguns anos, de as conhecer, de perceber aqui o funcionamento ah também me ajuda ah a ter as coisas organizadas, pronto conheço, conheço melhor aqui o esquema da casa não é,*

*portanto eu acho que contribui este esquema que nós temos contribui para o sucesso escolar delas.*

**I** – Até porque esta metodologia como diz ah acaba por fazer o balanço não é se calhar por ano letivo e vai, vai vão melhorando essa metodologia?

**TEA** – *Sim.*

**I** – Portanto vai sendo avaliada?

**TEA** – *Hum, hum.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Relação com os Estabelecimentos de Ensino**

**I** – Ah agora relativamente aos estabelecimentos de ensino. Como é que descreve a relação que a instituição de acolhimento tem ah com os diferentes ah estabelecimentos de ensino onde as crianças estão?

**TEA** – *Nós temos boa relação com todas as escolas com quem trabalhamos, ah temos nós aqui em X temos três agrupamentos com quem trabalhamos, portanto agora ah haviam algumas escolas não agrupadas que agora estão em agrupamento, portanto são três agrupamentos, todos funcionam de maneira diferente ahah e já sabemos que com esta temos que fazer uma abordagem desta maneira, com aquela doutra com uma conseguimos ir diretamente à direção mesmo por questões de transferências escolares e assim, outra outra ah será mais os funcionários da secretaria que que nos ah dão alguma ajuda, mas ah damo-nos bem com com todas as escolas, temos sempre a possibilidade de fazer um telefonema e saber, agora existem plataformas, aquelas plataformas do livro de ponto digital é assim que se percebe as faltas, essas coisas assim existe uma maior, existe também uma onde conseguimos ver quem faltou no refeitório, quem não faltou, mas ah algumas que não tem essa essa essas plataformas e que basta fazer um telefonema e as senhoras dizem-nos olhe esta menina anda não anda a tirar senhas, esta menina faltou ao refeitório, pronto. Temos mantido sempre uma boa relação e quem, é ótimo para nós há algum problema e eles próprios nos telefonam e dizem olhem passa-se isto assim assim com esta menina e ah portanto acho que isso é ótimo para para o nosso trabalho aqui também.*

**I** – Portanto uma das formas de comunicação é o telefone?

**TEA** – *Hum, hum.*

**I** – Ah e outras que salienta com estes estabelecimentos de ensino?

**TEA** – *Ah pronto mais informalmente, normalmente, é basicamente o telefone, ah....*

**I** – Atendimentos com diretores de turma?

**TEA** – *Sim, as reuniões com os diretores de turma ah no horário de atendimento, ah as reuniões ah de avaliação, ah pronto basicamente...*

**I** – São essas as formas.

**TEA** – *São essas as formas, sim.*

**I** - Para além das plataformas que informáticas que já falou.

**TEA** – *Claro. Eu agora não me estava a lembrar das reuniões com os professores, mas é evidente (sorriso). Até temos muita facilidade ah com os professores ah também por e-mail, por e-mail temos agora alguns professores que nos enviam e-mails logo assim que há alguma coisa ai esta menina, por exemplo ontem já tinha lá um e-mail a dizer lá “esta aluna não fez educação física”, esta, pronto, agora também.*

**I** – O e-mail?

**TEA** – *É o e-mail.*

**I** – E o telefone pessoal dos professores?

**TEA** – *Alguns dão, outros não, pronto, mas...*

**I** – Mas há essa abertura por alguns?

**TEA** – *Alguns sim, sim, sim!*

**I** – Ah considera que as crianças e jovens acolhidos estão integrados nas respetivas comunidades educativas? Se estão integradas na escola?

**TEA** – *Ah... tão elas estão ah quando tínhamos ah quando elas são tínhamos aqui meninas mais novas no 1.º ciclo especialmente 2.º ciclo elas queixavam-se muito que diziam “ah vem ali as do lar” portanto as do lar era pareciam que eram pessoas*

*diferentes e às vezes também eram tratadas de forma diferente ah mas eu acho que se desmistificou um bocado essa história da da das meninas do lar. Os professores também conhecem-nos, conhecem a instituição ah aquele às vezes mitos ahah ou ah preconceitos mais preconceitos em relação a essas às nossas meninas eu acho que tem tem se dissipado, porque ah tínhamos muitas situações assim de ah de meninas que iam dizer que tinham fome e que depois davam-lhe o suplemento alimentar na escola e as senhoras ficavam com pena porque coitada da menina não comia ah tínhamos situações de professores que o facto delas serem meninas institucionalizadas se achavam no direito de se intrometer ou ou vá lá, achavam que nós não nos preocupávamos o suficiente com elas e então eles tinham-se que ocupar ah e tivemos aqui uma situação há uns anos de uma professora que nos enviou um recado na caderneta a dizer ah que uma menina que doía-lhe muito a cabeça e que certeza que ela precisava de ir ao oftalmologista e até lhe deu os seus óculos, os seus óculos ah e ela viu muito melhor, portanto nós tínhamos que levar a menina ao oftalmologista, pronto. Ah hoje em dia isso não acontece ah portanto e elas estão integradas ah fazem poucos amigos nós achamos que elas ah e temos tentado nos últimos anos que elas sejam espalhadas por escolas diferentes ah antigamente havia uma escola que onde a maioria delas estava ah agora não, elas estão em várias escolas da cidade tentamos dispersá-las, porque elas juntavam-se sempre em grupos e então acabavam por não se relacionar com outros colegas, embora elas se relacionem com os colegas, fazem amigos, mas ah tem assim alguma dificuldade em, quase ninguém trás convites para ir a festas de anos por exemplo, ah ou para ah ir sair com uma amiga ou para ir ao cinema, pronto nós sentimos isso que elas tem dificuldades em fazer amizades fora de casa. Mas ah pensamos que estão integradas nas turmas e...*

**I** – Porque como disse houve, portanto houve uma fase que eram mais discriminadas, agora se calhar estão naquela ah fase e agora se calhar...

**TEA** – Pronto, quem sabe daqui a uns anos (sorriso).

**I** – Elas vão vão estar totalmente integradas.

**TEA** – Hum, hum.

**I** – Ah, relativamente há oferta escolar existente considera que responde às necessidades das crianças e jovens acolhidas?

**TEA** – *Ah não, não, não, não. Ah temos tido aqui uma grande dificuldade em integrar algumas jovens que nos chegam com já ah com 16 às vezes 17 anos queeee não tem ainda o 3.º ciclo feito e que depois não temos oferta em termos de de cursos. Ah por exemplo recebemos agora uma jovem que vai agora fazer 17 anos agora este mês, ela estava no 7.º ano tivemos que, tivemos que integrar numa turma de 7.º ano, porque não conseguimos ah há há alguns cursos vocacionais que mas muito poucos estão cheios ah e depois ah os alunos muitas vezes são colocados nos cursos são ah os mais perturbadores, os mais, os mais ah os mais ah...os menos interessados, vá, vá os menos interessados e acaba por provocar ah assim ah um mau ambiente nessas turmas, mas de qualquer das formas eu penso que os cursos que vão aparecendo agora, esses cursos vocacionais são muito úteis e que para algumas jovens não digo para todas porque algumas estão perfeitamente integradas nós temos meninas no ensino regular e achamos que devem manter-se ah mas mas uma jovem de 17 anos no 7.º ano ah é muito complicado e temos neste momento algumas nesta, nessa situação, portanto penso que a oferta é muito pouca.*

**I** – Ah as ofertas educativas que agora que existem neste momento ah adequam-se às necessidades do mercado de trabalho, portanto se estas jovens depois integravam...

**TEA** – *Eu penso que não, porque nós temos aqui por exemplo ah os cursos profissionais que vão abrindo são todos na área de de vendas, pronto vendas claramente é uma área que que tem alguma saída profissional ah ou serviço de mesa ah que também tem alguma saída, e até temos, temos, agora neste momento não temos, mas já tivemos algumas jovens nesse, nessa área, mas depois existem algumas áreas que até tem, que são do interesse delas e que não existe neste momento ah cursos nomeadamente cabeleireiro, ah esteticista que são, que são ah áreas que elas gostam são áreas que pensamos nós que têm saída profissional, mas que depois não existe, não existe os cursos não abrem, portanto neste momento ah eu quando contacto com com o Centro de Emprego para saber da abertura de cursos ou assim é sempre técnico de vendas e serviço de mesa, portanto não existe mais mais ah oferta nenhuma a nível de formação profissional. Ah agora, em termos de cursos vocacionais tem aparecido assim algumas coisas interessantes ah mas como é a nível de 3.º ciclo, ah acaba por não ser,*

*que elas depois ah a escolaridade obrigatória agora é até aos 18 anos não é, e elas continuam todas ah no secundário e aí nessa altura é que fazem uma escolha mais da profissão que querem seguir.*

**I** – Ah como é que as crianças e jovens se deslocam para a escola? Quais são as formas?

**TEA** – *Temos ah elas ah temos aqui escolas ah onde elas vão a pé, escolas que são aqui perto, temos ah ou ou duas escolas aqui que são mais longe mas vão na mesma a pé, demoram cerca de 15 minutos lá a chegar. Temos uma escola ah que já fica fora da cidade e que elas vão no transporte escolar, de autocarro urbano, ah... de resto nós não fazemos o transporte das meninas para a escola.*

**I** – Mas neste momento qual, qual é o tempo máximo de deslocação de uma jovem ou de uma criança para ir para a escola?

**TEA** – *Ah máximo talvez, meia hora, meia hora.*

**I** – Ah de que forma os estabelecimentos de ensino contribuem para alcançar o sucesso escolar das crianças e jovens em acolhimento?

**TEA** – *...ah não sei se ah eu penso que não de uma forma diferente de de do resto das crianças e jovens e eu penso que ainda, que ainda bem que assim é, ah mas nós notamos que tem havido uma grande preocupação de alguns diretores de turma ah com as nossas jovens e com o sucesso delas. Temos alguns que estão sempre em contacto connosco, ah sempre ah com a preocupação de as ajudar e percebem que algumas que tem algumas dificuldades, algumas limitações mesmo do ponto de vista da saúde mental ah e tem-nos ajudado muito, mas penso que não será porque, porque elas estão acolhidas penso que reconhecem as dificuldades ah delas e que e que as querem ajudar, porque penso que neste momento até temos aqui um grupo de professores com quem trabalhamos que até é bastante generoso e preocupado com com elas, mas penso que terá haver com a sua, com a sua ah a forma de ser, de trabalhar, não especificamente.*

## **BLOCO TEMÁTICO: Fatores Individuais dos Jovens**

**I** - Ah quais é que são as principais dificuldades diagnosticadas quando uma criança ou jovem é acolhida relativamente à área escolar? Quando elas chegam, normalmente...

**TEA** – *Quais são as dificuldades?*

**I** – Sim.

**TEA** – *Normalmente não tem hábitos de estudo absolutamente nenhuns ah e essa é a maior dificuldade, muitas vezes já tem várias retenções veem com muito desmotivadas e com a ideia de que não vão conseguir, pronto. Querem às vezes, querem ah optar lá está, querem cursos, porque são mais fáceis ou porque acham que não tem capacidade para estar no ensino regular, nós tentamos sempre incentivá-las e claro quando entendemos que que é possível ah fazemos sempre uma análise mais profunda possível para se encaminharmos para ah o tipo de ensino que se adequa mais a elas, mas agora perdi-me na pergunta.*

**I** – (Sorriso) Ah as dificuldades diagnosticadas no acolhimento?

**TEA** – *Ah penso que sim que queee serão ah a desmotivação e os hábitos de estudo, especialmente.*

**I** – E quando se deparam com estas dificuldades que ações é que iniciam com estas crianças, portanto para colmatar estas dificuldades?

**TEA** – *Pronto, nós ah como já disse ah o nosso temos um método de estudo que ah tentamos trabalhar com todas ah o incentivo sempre, o reforço positivo, o incentivo o não não desanimar quando têm notas muito baixinhas às vezes tem, ontem uma menina que recebeu 11% a inglês ela estava ah pronto é é difícil às vezes lidar com essa frustração, mas tentamos incentivá-las a estudar dando-lhe alguma motivação ah é basicamente assim, se nós percebermos que os resultados escolares maus ou fracos ah estão relacionados com falta de estudo aí temos que pensar ah ou a encontrar aqui já tivemos aqui situações em que havia meninas que ao sábado tinham que sábado e ao domingo tinham uma hora de estudo ah obrigatória de certa forma como um castigo por terem notas muito más e por falta de de trabalho. Mas habitualmente ah nós tentamos incentivá-las a trabalhar.*

**I** – Ah agora um pouco sobre os projetos de vida. Considera que o projeto de vida de uma criança ou jovem condiciona o seu percurso escolar? Estamos a falar por exemplo

de um projeto de vida reunificação familiar ou de um projeto de vida autonomização? Acha que poderá influenciar ou...

**TEA** – *Ah poderá influenciar sim se o projeto de vida é autonomização por vezes eles conseguem se focar num objetivo que eu vou tirar o meu curso para ter um emprego para conseguir ah orientar-me. Ah quando é reunificação familiar ah... elas muitas vezes vivem na expectativa de quando é que isso vai acontecer e então não se conseguem concentrar em nada ah pronto, há meninas que conseguem viver tranquilamente e conseguem ir estudando, há outras que ah o desejo de sair e e de a espera da revisão da medida ah o saber se o tribunal já já mandou alguma coisa, portanto essa expectativa muitas vezes influencia o estado delas, o estado de espírito, o estado emocional delas e isso pode prejudica-las em termos escolar ah uma coisa que às vezes também prejudica é ah iniciar aqui um percurso em termos de formação profissional que depois é interrompido porque ah retornam a casa e depois não conseguem, não conseguem concluir na na família. Ah mas eu acho que isso depois vai de menina para menina, porque ah se elas ah o ideal seria todas elas retornarem à família ou terem uma família não é, e elas penso que estarão sempre melhor ah com uma família ah e pronto não quero ser má interpretada quando tou a dizer que a expectativa pode pode prejudicar mas a verdade é que ah a vida numa instituição para elas não é fácil não é, não é tranquila ah e nós temos que ter sempre isso em conta, que claro se a menina sabe que vai ficar aqui até aos 18 anos ou até aos 21 ah e que tá a fazer o seu percurso escolar, pronto, existe uma maior tranquilidade, não é, agora outras que não sabem o que é que lhes vai acontecer ou não sabem quando é que retornam à família às vezes ah isso mexe muito com elas.*

**I** – Ah o facto dos jovens ao ao completarem os 18 anos terem o poder de decisão em continuar na instituição ou sair dela condiciona o seu percurso académico?

**TEA** – *Ah sim, claro, claro! Porque elas muitas vezes querem fazer os 18, ao fazer os 18 anos ah...querem de certa forma ter uma vida normal fora da instituição, não é, querem experimentar ah ou querem voltar querem ir tentar viver com a família com quem nunca viveram ou serem independentes e porque ah o peso da instituição também é muito grande não é, das regras, das rotinas, elas muitas vezes querem se libertar disso. Ah e o que acontece é ah ao fazerem essa escolha muitas vezes quando optam por não ficar abandonam muitas vezes abandonam ah a escola. Já tivemos aqui situações*



*de meninas que optaram por fazer projetos de autonomia e que com o nosso apoio ah se mantiveram ah continuaram o curso que estavam a fazer ah e passados dois três meses desistiram. Tivemos situações assim, tivemos também situações de meninas que decidiram ficar até aos 21 e que estavam a fazer um curso profissional e que a certa altura decidem ai afinal não é isto que quero para mim e afinal quero ser independente e saem e também desinvestem nos estudos. Normalmente, pronto, agora é obvio elas são maiores de idade tem que ter o poder de decidir não é, ah mas que muitas vezes elas ficam desamparadas ah e não não não tem depois apoio.*

**I** – E não continuam?

**TEA** – *Não continuam, desistem muitas vezes, sim.*

**I** – Outro aspeto. Acha que o facto dos jovens acolhidos poderem permanecer legalmente no máximo até aos 21 anos pode inviabilizar a sua formação académica? Supostamente legalmente é até aos 21.

**TEA** – *Claro, claro, sim. Claro, porque ah é difícil aos 21 anos elas terem terminado ah sua formação não é, ah se pensarmos em jovens que muitas vezes aos 15 anos tão no 6.º ou 7.º mesmo que tenham sucesso escolar após ah ao virem para a instituição não vão conseguir completar aos 21 se quiserem ir fazer uma licenciatura por exemplo aos 21 não conseguem ter ah o curso terminado. Portanto eu penso que sim ah seria importante que houvesse uma maior abertura para e que elas pudessem continuar para além dos 21 quando quando quisessem.*

**I** – Ah quais são as maiores dificuldades que encontra na área escolar do acolhimento institucional, como profissional que trabalha na área, que está em contacto direto, quais são as maiores dificuldades que encontra?

**TEA** – *As dificuldades que encontro em trabalhar com elas, não sei se percebi bem esta questão?*

**I** – Ah as dificuldades que têm nesta área, na área escolar, as maiores dificuldades que encontra nesta área?

**TEA** – *Eu que eu encontro na área escolar para as ajudá-las?*

**I** – Sim, sim.

**TEA** – Ah (sorriso). Ah...penso que...serão mais ...ah as matérias por vezes que já passou já passaram-se muitos anos, existem até um determinado nível de ensino nós temos muita facilidade em acompanhá-las basta às vezes quando quando quero ah ajudá-las numa matéria basta ir ver ah ler ler no manual e facilmente consigo ajudá-las. A partir do 3.º ciclo já começa a ser mais difícil e no secundário muito mais ah específico é não é, certas matérias ah se calhar a minha maior dificuldade é essa é conseguir ajudá-las em termos de portanto ajudá-las nalguma matéria que não percebem, em algumas disciplinas especificamente na matemática ah às vezes tenho essa dificuldade. Ah agora de resto até que que dificuldades... noto às vezes uma falta de motivação na parte delas isso às vezes é difícil e acaba por ser um pouco, por mais que nós consigamos perceber que faz parte da da adolescência ou que elas às vezes não tem motivação nenhuma para a escola, porque também não estão bem e também por seus problemas familiares ou mesmo ah... relacionados com os namoricos ou assim, mas pronto, ah por mais que nós consigamos, por mais que se compreenda isso às vezes é um pouco frustrante nós estarmos a investir e elas não corresponderem portanto ah a desmotivação delas, portanto isso às vezes tem que se ah tem que se ao fim do dia pensar não (sorriso) ah não é nada comigo vou e pronto elas precisam de ajuda, ah pronto muitas vezes temos que fazer este ah saber que não é diretamente connosco às vezes aquela desmotivação ah mas que faz parte, faz parte.

**I** – Ah e já pensou em ações para implementar no futuro para colmatar estas dificuldades que sente?

**TEA** – Ah em ações, bem ah eu penso sempre em em fazer em juntá-las, em dar-lhes assim algum incentivo, falar-lhes, nós inicialmente no início do ano letivo até fazemos algumas, uma reunião em que, em que para lhes dar um incentivo para o estudo, para a importância de estudarem e assim. Ah este ano pensámos em trazer cá algumas pessoas para falar de alguns temas, e neste pensávamos que também seria um a pensar ah termos do sucesso o que é que se pode alcançar em termos de sucesso profissional se investirmos na nossa na nossa formação, portanto temos estado a pensar nisso em trazer cá algumas pessoas para dar o seu testemunho sobre o como o investimento no estudo compensou. Ah mas concretamente ainda não, não...

I – Mas será uma ação futura?

TEA – *Sim, sim, sim, sim.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Importância do Sucesso Escolar**

I – Ah então o que é para si é sucesso escolar? O que é que entende por este conceito?

TEA – *Bem o que é o sucesso escolar ah...acho que não só ter boas notas, estar bem integrado, ah elas sentirem-se bem integradas na turma, que não sejam excluídas ah que tenham boas notas queee, pronto penso que basicamente é isso.*

I – E por fim, considera que a sua instituição de acolhimento contribui para alcançar o sucesso escolar das crianças e jovens acolhidas?

TEA - *Se a nossa instituição contribui?*

I – Sim.

TEA – *Sim eu penso que sim, sim. Temos aqui muitas coisas ainda ah muitas ah coisas por fazer e temos sempre a pensar temos que melhorar temos que ajudá-las temos se calhar mudar aqui algumas estratégias ah mas, pensamos especificamente na autonomia delas em termos de estudo, algumas meninas são muito dependentes e nós tentamos que elas sejam mais autónomas, nem que isso signifique às vezes ah não ter uma nota tão boa naquele teste, mas ter se calhar é preferível ah consegui-lo fazer estudar de forma mais autónoma do que ter tido uma boa nota, porque a educadora esteve ali a fazer, a escrever perguntas para ela responder e assim. Ah eu acho que nós, pronto contribuímos para o sucesso escolar delas, não temos o sucesso pleno, não temos (sorriso) temos, temos tido, no ano passado tivemos, tivemos 45 por cento de retenções no ano passado, ah foi assim ummm... ah pronto, foi muito, foi muito triste ah que isso tivesse acontecido tivemos também aqui outros problemas, outros fatores condicionaram, ah mas eu penso que sim que nós as ajudamos a esse nível e nota-se que muitas meninas que vieram para cá ah com já várias retenções depois aqui conseguem muitas vezes ah continuar e sem retenções ou ou, pronto, mas elas tem conseguido.*

I – Ok, muito obrigada pelo seu contributo.

TEA – *Tá (sorriso), obrigada.*

## **Instituição de Acolhimento B - Transcrição da Entrevista à Jovem:**

**Código – JEB**

### **Observações:**

Data: 19 de novembro de 2014

Local: Sala de Estudo da Instituição de Acolhimento B

Hora de início: 16h05min

Hora do fim: 16h26min

Tempo de gravação: 21 minutos

## **DESENVOLVIMENTO DA ENTREVISTA**

### **BLOCO TEMÁTICO – Identificação Pessoal**

**Investigadora (I)** – Ah que idade tens?

**Jovem Entrevistada da Instituição de Acolhimento B (JEB)** – 16.

### **BLOCO TEMÁTICO – Acolhimento Institucional**

**I** – Ah há quanto tempo vives nesta instituição?

**JEB** – *Um ano e poucos meses.*

**I** – Gostas de viver aqui?

**JEB** – *Não (sorriso).*

**I** – Então porquê?

**JEB** – *Porque não é, não há liberdade, não não podemos fazer as coisas que normalmente podemos fazer com a nossa família e também porque algumas vezes gostava de privacidade não há aqui.*

**I** – Sentes que há pouca privacidade, é isso?

**JEB** – *Sim.*

**I** – São muitas meninas?

**JEB** - *(Acenou positivamente com a cabeça).*

**I** – Ah como é que é a tua relação com os funcionários da instituição, assim de um modo geral?

**JEB** – *É boa, eu dou-me bem com os funcionários.*

**I** – Ah e com os teus colegas da instituição?

**JEB** – *Também me dou bem com algumas, outras nem por isso.*

**I** – Ah mas com essas colegas que tu dás bem ah o que é que elas têm, o que é importante para ti numa relação? Agora se calhar também a falar com as funcionárias e com as colegas?

**JEB** – *Não sei, tem de ser divertidos, e pronto já chega.*

**I** – Serem divertidos para ti é importante?

**JEB** – *Sim.*

**I** – Ah já estivestes noutra instituição?

**JEB** – *Não.*

**I** – Não. Ah achas que o facto de estares aqui acolhida, portanto estar aqui a viver, ah contribui para alcançares o teu sucesso escolar?

**JEB** – *Não.*

**I** – Não.

**JEB** – *Não.*

**I** - Queres-me explicar-me porquê?

**JEB** – *Eu, eu algumas vezes fico mais triste por tar aqui e tenho muito menos tempo por exemplo quando eu tava na minha casa eu podia estudar toda a noite, podia fazer, podia estudar quando eu quisesse podia fazer atividades que pronto me fizessem sentir melhor e depois isso refletia-se nas minhas notas. Agora quando eu venho aqui, há*

*pouca liberdade não podemos ter telemóveis temos uma hora destinada para o estudo, não há respeito as outras colegas quando estamos a estudar, coisas assim.*

**I** – Ou seja, para ti era importante por exemplo ah falando de teres uma hora para estudar ok obrigatória, mas depois dessa hora assim mais tarde depois do jantar, por exemplo estares a estudar, é isso?

**JEB** – *Normalmente não estou, porque ou estou numa tarefa ou preciso desse tempo para fazer as minhas coisas, porque não tenho mais nenhum tempo para fazer essas, as coisas que eu quero.*

**I** – Ou seja, ah portanto a rotina diária da instituição rouba-te aquele tempo ah aquelas tarefas que tens que fazer e se tivesses em casa era de outra maneira, é isso?

**JEB** – *Sim era.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Percurso Escolar**

**I** – Ah andas em que ano?

**JEB** – *11.º*

**I** – Estás num curso profissional?

**JEB** – *Não.*

**I** – Ah de carácter geral, é isso?

**JEB** – *Sim. Humanidades.*

**I** – Humanidades. Ah estás aqui há um ano, portanto nunca chumbastes aqui na instituição?

**JEB** – *Não.*

**I** – Ah antes de estares a viver nesta instituição já tinhas chumbado?

**JEB** – *Não, não sei bem, porque eu vim eu vim de Q há quatro anos e ah e eu fui para o 9.º, só que eu depois reprovei por faltas, por isso, chumbei sim, mas o que aconteceu em Q é que nós começamos a escola mais cedo, por isso eu era um ano mais nova, por*

*isso tecnicamente ninguém sabe que eu chumbei, porque sou da mesma idade das minhas outras colegas.*

**I** – Ah ok. Já percebi. Ah portanto esta área é aquela que tu gostavas de frequentar, é mesmo aquilo que tu gostavas?

**JEB** – *Não, não.*

**I** – Então o que é que tu gostavas?

**JEB** – *Eu gostava de fazer ciências só que por causa tanto de eu mudei sempre de casa nunca consegui a matemática tava sempre a mudar, eu nunca consegui apanhar a matemática e por isso não vou para ciências, porque não vou conseguir fazer a matemática.*

**I** – Pois, sentes que estás um pouco, como nós costumamos dizer descalça na matemática e não consegues acompanhar, é isso?

**JEB** – *Sim.*

**I** – E fostes para Humanidades para fugir um pouco à matemática?

**JEB** – *Sim, mas também tenho matemática (sorriso).*

**I** – À mesma, mas mais simples não é?

**JEB** – *Sim.*

**I** – Ah então em ciências o que gostavas de tirar?

**JEB** – *Eu eu gostava de tirar medicina, pronto queria ser cirurgiã.*

**I** – Ah tu estavas a dizer pronto, ah foi uma opção o facto de tu teres ido para Humanidades, mas alguém te ajudou nessa escolha?

**JEB** – *Foi a minha mãe que me disse para eu ir para Humanidades.*

**I** – Ok. Ah e na tua opinião achas que o teu percurso escolar contribui para alcançares o teu sucesso escolar? Portanto tudo o que fostes construindo do longo do tempo achas que contribui para o teu sucesso escolar, para agora estares no 11.º ano?

**JEB** – *Nem por isso, nunca fiz nada de especial para para estar no 11.º simplesmente estudei, tirei notas e passei.*

**I** – Fizestes os mínimos é isso que tu estás a dizer?

**JEB** – *Sim. Não fiz, não fiz nada demais não não vou dizer que eu fiz muitos esforços, porque realmente não fiz os únicos esforços que eu tou a fazer agora é é estar nesta casa, mas de resto tenho sorte, porque por algum motivo eu sempre apanho a matéria e consigo perceber.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Fatores Ambientais e Recursos da Instituição**

**I** – Ok. Aqui na instituição onde é que realizas o teu estudo diário?

**JEB** – *Ou ali nessa mesa, ah pronto na sala de estar ou aqui na sala de estudo.*

**I** – Ok. Ah achas que tens o material escolar necessário para fazeres os trabalhos de casa, entre outras tarefas?

**JEB** – *Sim.*

**I** – Estou a falar de canetas, livros, cadernos?

**JEB** – *Tenho, tenho.*

**I** – Sim. Ah achas que o teu local de estudo é silencioso ou barulhento?

**JEB** – *(Sorriso) Ah barulhento!*

**I** – Então porquê, o que é que tu achas que contribui?

**JEB** – *Uma, uma rapariga tá a estudar para o teste, as outras estão e falar e depois há uma grande discussão, porque a outra diz para elas se calarem e depois a outra lembra-se que ela também falou enquanto ela tava a tentar estudar para o teste, por isso há sempre discussões.*

**I** – Ok. Achas que as conversas e as discussões perturbam o teu estudo queres estar ali concentrada não é?

**JEB** – *Sim, hum, hum.*



**I** – Ah portanto estas duas, estas duas salas onde tu estudas achas que a dimensão é adequada, o tamanho, estamos a falar?

**JEB** – *Nem por isso, porque somos 11 e temos caber nesta sala (sorriso).*

**I** – São 11 meninas e tem que caber aqui nesta sala?

**JEB** – *Sim.*

**I** – Ok. Mas são todas à mesma hora ou?

**JEB** – *Todas à mesma hora.*

**I** – Todas à mesma hora.

**JEB** – *Sim.*

**I** – Ah achas que os teus locais de estudo têm iluminação suficiente?

**JEB** – *Tem.*

**I** – Tem. É um espaço com uma temperatura agradável, o que é que tu achas, são dois espaços com temperatura, no inverno está quentinho, no verão está fresquinho?

**JEB** – *Depende, depende dos dias, uns dias está mais frio, outros dias não está.*

**I** – Ok. Ah na instituição tens computadores para realizar os teus trabalhos escolares?

**JEB** – *Eu tenho o meu próprio.*

**I** – Mas na instituição existe?

**JEB** – *Há um aí, mas não é nada de jeito, já tentei fazer um trabalho e desligou-se e apagou todo o meu trabalho.*

**I** – Ah e mas tens acesso à internet no teu computador?

**JEB** – *Tenho.*

**I** – Da casa?

**JEB** – *Tenho.*

**I** – Ah também a instituição disponibiliza ah livros sobre diferentes temas, como por exemplo uma biblioteca? Tem um espaço onde tem acesso a outros livros com outros temas? Por exemplo, queres pesquisar sobre uma obra qualquer que dás?

**JEB** – *Não.*

**I** – Não.

**JEB** – *Não.*

**I** - Recorrem mais à internet?

**JEB** – *Sim.*

**I** – Ah então tendo os teus locais de estudo, os recursos que tem, portanto a nível de computadores e também os ah materiais que a instituição disponibiliza, achas que contribuem para alcançar o teu sucesso escolar?

**JEB** - *...Nem por isso, não.*

**I** – Porquê? O que é que tu destacas? Tu já foste dizendo algumas coisas.

**JEB** – *Porque praticamente todo o material que eu precisei mesmo, por exemplo a calculadora gráfica, se não fosse a minha mãe a me dar eu não tinha. Há uma miúda que está em ciências lá em baixo e a casa não lhe comprou uma calculadora gráfica e eu acho que não tem nada a ver com a casa tem a ver mais com a minha mãe, ela é que me dá tudo isso.*

**I** – Pronto. Mas se no caso se a tua mãe não desse a instituição daria-te?

**JEB** – *Não.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Relação com a Comunidade Educativa**

**I** – Ah como é que te deslocas para a escola?

**JEB** – *De autocarro.*

**I** – Demoras quanto tempo?

**JEB** – *Meia hora.*

**I** – Ah gostas da escola onde estás inserida?

**JEB** – Não.

**I** – Porquê?

**JEB** – *Não sei (sorriso), simplesmente não gosto das pessoas de lá, não gosto.*

**I** – Mas podes-me dizer assim uma coisa, que aches pronto que faz com que não gostes da escola?

**JEB** – *Por exemplo os cartões verdes só podemos sair ao almoço que raio de escola faz isso (sorriso), nunca fui para uma escola onde o cartão verde fosse só para o almoço supostamente é todos os intervalos podes sair é por isso que tens um cartão verde, não gosto.*

**I** – Ok. Ah sentes-te integrada na tua turma?

**JEB** – *Sinto.*

**I** – Porquê?

**JEB** – *Gosto da minha turma (sorriso). Gosto muito da minha turma. Dão-mo nos bem, somos todas raparigas, mas somos barulhentas também estamos sempre a falar.*

**I** – Divertidas? Que é uma característica que tu gostas, é isso?

**JEB** – *São.*

**I** – Também. Ah na escola existem alguns comentários menos positivos sobre o facto de viveres numa instituição?

**JEB** – *Claro! São casa de pronto isto e aquilo ah quando eu passo por alguém que eu não conheço dizem “ai essa é da casa da S”, as pessoas não não veem, pensam que por nós estarmos numa instituição não temos boas notas, somos todas, fazemos só asneiras coisas assim o que não é verdade.*

**I** – Ah e como é que tu te sentes perante esses comentários?

**JEB** – *Não tem, não quero saber, não tenho querer saber se eu sei que tiro boas notas, se eu sei que não não sou isto e aquilo não tenho que ficar afetada.*

**I** – Ok, portanto ignoras?

**JEB** – *Sim.*

**I** – Ah sentes que podes confiar nos funcionários e professores da tua escola?

**JEB** – *Não, (sorriso), não, não.*

**I** – Não. Então porquê?

**JEB** – *São são cuscas e falam depois às outras professoras e depois toda a gente sabe.*

**I** – Sobre o facto de estares numa instituição?

**JEB** – *Sim.*

**I** - De quererem saber sobre a tua vida, é isso, achas que há uma invasão da tua privacidade?

**JEB** – *Sim, sim.*

**I** – Só pelo facto de estares numa instituição, é isso?

**JEB** – *Sim, ainda quando eu entrei na escola a minha professora de moral disse-me, perguntou-me se eu era da casa e eu disse que sim e ela disse temos que rezar muito por vocês. O que é que tem?! (sorriso) Estou numa casa, não estou na prisão.*

**I** – Sim. Ah pronto aqui os funcionários e professores já me fostes respondendo. Ah sabes as formas como é que a instituição comunica com a escola para saber sobre a tua situação escolar?

**JEB** – *Acho que é regular, vão muitas vezes lá à escola, especialmente o meu técnico vai lá muitas lá para a escola, mas não sei muito, porque não sei se falam com a minha dt, mas sabem tudo. Por isso devem falar.*

**I** – Não sabes as maneiras como é que são, mas que eles sabem tudo sabem, é isso?!

**JEB** – *Sim.*

**I** – Ah achas que a escola onde estás inserida contribui para alcançares o teu sucesso escolar?

**JEB** – *É indiferente, não me faz diferença, eu acho que não não é a escola são os professores que ensinam e como ensinam é tudo.*

**I** – E sentes que esses professores que estás a falar ensinam-te bem ou achas que?

**JEB** – *Não.*

**I** – Não.

**JEB** – *Não.*

**I** - Mas não só a nível de conhecimentos, mas também a relação que tens com eles?

**JEB** – *A relação é boa, só que não sabem ensinar.*

**I** – Ok, pronto, porque às vezes também é importante a relação que temos com as pessoas.

**JEB** – *Não é só falar, falar, falar, é cativar a atenção de alguém.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Metodologia de Intervenção Escolar do CAT/LIJ**

**I** – É isso. Ah quem é o teu encarregado de educação?

**JEB** – *É o Dr. Paulo.*

**I** – Ah qual é a formação académica dele, sabes?

**JEB** – *Acho que é psicólogo.*

**I** – Ah como é que é a tua relação com ele?

**JEB** – *É boa.*

**I** – E então o que é que tu destacas na relação com ele, o que é que tu gostas nessa relação?

**JEB** - *Ele percebe-me muitas das coisas, se calhar as outras técnicas não percebem.*

**I** – Pronto, consegue-te compreender é isso?

**JEB** – *Sim.*

**I** – Ah quando necessitas de auxílio para a realização de tarefas escolares quem é que procuras?

**JEB** – *Ninguém. Não procuro ninguém.*

**I** – Tentas desenrascar-te sozinha, desculpa-me o termo.

**JEB** – *Sim.*

**I** - Sim. Nunca procuras ninguém?

**JEB** – *Não.*

**I** – Ah mas sabes quem é que são os funcionários responsáveis pelo acompanhamento ao estudo diário?

**JEB** – *São todas.*

**I** – São todas?

**JEB** – *Sim.*

**I** – Todos os funcionários que aqui estão são responsáveis?

**JEB** – *Sim.*

**I** – Ah achas que o número de funcionários que existem aqui são suficientes então para acompanhar o estudo diário?

**JEB** – *Sim.*

**I** – Sim. E os voluntários, há voluntários cá?

**JEB** – *Não sei havia um o ano passado, mas eu acho que este ano não há.*

**I** – Não há na parte escolar?

**JEB** – *Não.*

**I** – Não há. Ah e quando existem estagiários também achas que são suficientes para acompanharem o estudo diário ou não costumam receber estagiários?

**JEB** – *Só no verão.*

**I** – Só no verão?

**JEB** – *Sim.*

**I** – Ok. Ah sabes quais é que são as principais regras estabelecidas na tua instituição relativamente às questões escolares? Assim regras que tu te lembres de repente.

**JEB** – *Mais ou menos...temos que nos portar bem, não podemos sair da escola se não temos cartão verde, temos que temos cumprir a hora de estudo sempre, pronto são as que eu lembro mais.*

**I** – E se tu não cumprires, por exemplo a hora de estudo o que é que acontece?

**JEB** – *Levo um zero na tabela.*

**I** – Levas um zero na tabela. Ah e outra situação ah quando faltas às aulas, imagina faltavas às aulas sabes o que é que te acontece?

**JEB** – *Sim tiram-me dinheiro da semanada.*

**I** – Ah e com um recado negativo, qualquer coisa olhe a Maria ah?

**JEB** – *Penalizava-as no telemóvel, as saídas.*

**I** – Uma dessas situações pode acontecer, é isso?

**JEB** – *Sim.*

**I** – Como medidas reparadoras, é isso?

**JEB** – *Sim.*

**I** – Ok. Ah sabes como é que estas regras são transmitidas às tuas colegas?

**JEB** – *Sim quer dizer é um pouco óbvio, porque temos que fazer, já não temos cinco anos né, acho que todos sabemos o que temos fazer e se nos portarmo-nos mal é óbvio que vai haver uma penalização.*

**I** – Mas imagina, quando tu chegaste aqui à instituição como é que te foram dando estas regras do estudo?

**JEB** – *Disseram-me logo numa folha que temos que ler logo no início quando entramos para a instituição.*

**I** – Ok. Ah achas que estas regras estão adequadas? Estas regras que nós fomos falando relativamente à escola da instituição?

**JEB** – *Mais ou menos, porque eu acho cada um sabe da sua vida (sorriso) pessoalmente e forçar alguém para estudar contrariada só vão fazer porcarias, só vão destabilizar os outros, mais vale ir ver televisão, ir para a vida deles. A hora de estudo não vai fazer nada, não vai mudar a nota de alguém, uma pessoa tem que querer estudar.*

**I** – Ah então que que sugestões é que davas à tua instituição para mudar essa situação? O que é que tu dirias?

**JEB** – *Sei lá, deixem, se não querem fazer a hora de estudo não tem que fazer a hora de estudo, cada um sabe da sua vida se não fazem, não trabalham, se não trabalham, não ganham dinheiro, pronto é assim e se não querem estudar pronto é o problema é delas, eu não forçava ninguém a estudar.*

**I** – Ou seja, tinham que arcar com as consequências, é isso?

**JEB** – *Sim.*

**I** – Ah quando apresentas um bom resultado escolar como é que reagem os funcionários da instituição? Quando chegas ao pé de alguém e dizes: olha tive um 18!

**JEB** – *Parabéns!*

**I** – Dão-te os parabéns?

**JEB** – *Parabéns e parabéns!*

**I** – Ah achas que aqueles que aqui trabalham e a própria direção valorizam a escola?

**JEB** – *Acho que sim, valorizam até demais, porque ah dão muita atenção ao que é que acontece na escola, mas esquecem-se que nós estamos na escola estamos livres de estar nesta casa, claro que vamos ser um pouco mais, não sei como explicar...mas sentimo-nos mais livres lá fora.*



**I** – Ok. Ah mas achas que o trabalho realizado na instituição relativamente a esta questão escolar que nós estamos a falar ah contribui para alcançares o teu sucesso escolar? Tudo o que a instituição faz, estas regras, a atenção que a instituição dá à escola?

**JEB** – *Não sei, eu não sei, porque porque nunca fui do avesso nunca, nunca fiz, eu lembro-me a minha mãe não não me prestava tanta atenção e até tinha melhores notas e não fez diferença nenhuma.*

**I** – Pronto achas que o trabalho que então a instituição faz até não?

**JEB** – *Não, não me faz diferença.*

**I** – Não te faz diferença, é isso?

**JEB** – *Não.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Aspirações Académicas/Profissionais**

**I** – Portanto tu estás no 11.º ano, é isso?

**JEB** – *Sim.*

**I** – Ah pretendes terminar o 12.º ano?

**JEB** – *Claro!*

**I** – Claro! Ah na instituição ou fora dela?

**JEB** – *Fora.*

**I** – Fora.

**JEB** – *Fora.*

**I** – Ah tu tens disseste-me 16 anos

**JEB** – *Sim.*

**I** – Portanto estás no 11.º ano, 17, portanto estás a pensar em sair entretanto, é isso?

**JEB** – *Ah não sei, porque para o ano, para o ano eu faço 18, e até se eu, se eu tiver na casa eu vou querer sair não vou querer ficar aqui, porque eu vou ter 18 anos e não vou continuar a dar o meu telemóvel às dez horas, não vou fazer isso.*

**I** – Ah mas pretendes terminar o 12.º ano na área de humanidades ou pretendes recuar?

**JEB** – *Não acabar.*

**I** – Vais acabar, pronto. Ah no fim, portanto de terminares o teu 12º ano pretendes continuar a estudar ou ir trabalhar?

**JEB** - *Continuar a estudar.*

**I** – Continuar a estudar. Ah que curso é que gostarias de tirar então?

**JEB** – *Direito.*

**I** – Direito?

**JEB** – *Sim.*

**I** – Ah achas que o facto de tu teres esta ambição, portanto de continuares a estudar contribui para alcançar o teu sucesso escolar?

**JEB** – *Claro! Se eu não quisesse eu, eu ia para um curso profissional e depois deixava o curso profissional e ia trabalhar.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Importância do Sucesso Escolar**

**I** – Ok. Então para ti o que é que é sucesso escolar?

**JEB** - *...Não sei (sorriso), não sei o que é sucesso escolar, é ter boas notas é é estar-se contente com o que é que tu fazes, e pronto eu acho que é só isso para mim ao menos é só isso.*

**I** – É importante para ti ter sucesso escolar?

**JEB** – *Sim.*

**I** – E o que é que este sucesso escolar te vai dar? Para que serve?

**JEB** – *Ai se calhar um bocadinho de luz ao fundo do túnel (sorriso) ah estar aqui faz-me triste e tirar boas notas faz-me contente, por isso é praticamente é a única coisa que me faz contente.*

**I** – Sim e futuramente pensas que esse sucesso escolar poderá dar-te o quê?

**JEB** – *Um trabalho a sério, ah não sei ainda, mas...não sei, eu acho que vai ajudar-me a entrar para a universidade que é o que eu quero e pronto.*

**I** – Ah mas finalizando achas que a tua instituição contribui para alcançares o teu sucesso escolar? De tudo o que nós falamos agora como é que tu metes a balança?

**JEB** – *Mais ou menos, porque ...eu se eles eles não tivessem dado alguns materiais por exemplo os livros e tudo eu não eu não podia ter boas notas, porque não podia estudar e eu sei de pessoas que não tem os livros e tiram notas horríveis por causa disso, e pronto eu acho que nesse aspeto ajudam, mas além disso não ajudam assim tanto.*

**I** – Então fica mais ou menos é isso?

**JEB** – *Sim.*

**I** – Este contributo é mais ou menos?

**JEB** – *Sim.*

**I** – Ok. Obrigada pelo teu contributo.

**JEB** – *De nada.*

### **Instituição de Acolhimento B - Transcrição da Entrevista à Técnica:**

#### **Código – TEB**

#### **Observações:**

Data: 19 de novembro de 2014

Local: Sala de Estudo da Instituição de Acolhimento B

Hora de início: 16h50min

Hora do fim: 17h13min

Tempo de gravação: 23 minutos

## DESENVOLVIMENTO DA ENTREVISTA

### BLOCO TEMÁTICO: Identificação Profissional

**Investigadora (I)** – Qual é a sua formação académica?

**Técnica Entrevistada da Instituição de Acolhimento A (TEB)** – *Assistente Social.*

### BLOCO TEMÁTICO – Atual Situação Profissional

**I** – Ah desde quando é que desempenha funções nesta instituição de acolhimento?

**TEB** – *Há 5 anos.*

**I** – Ah quais são as funções que desempenha nesta instituição?

**TEB** – *Ah técnica de referência das jovens, sou assistente social e enquanto técnica de referência de quatro, cinco jovens.*

**I** – Ah e técnica de referência quais são as funções que têm?

**TEB** – *Ah trabalhar a todos os níveis, a nível de, sou encarregada de educação, a nível da saúde, a nível de ah gerir na comunidade também, atividades, relações com os pares, ah penso que é só, é saúde, comunidade, escola e mais nada.*

**I** – Ah habitualmente qual é que é o seu horário laboral?

**TEB** – *Das 10 às 18, mas à 2.ª feira ah faço das 12 às 8 que é para acompanhar as jovens que vem ah pelo menos um dia até mais tarde.*

**I** – Trabalha aos fins-de-semana?

**TEB** – *Não, só quando realmente é necessário.*

**I** – Ah anualmente a instituição tem dado formação a nível profissional e pessoal a todas as equipas?

**TEB** – *Sim, dá.*

**I** – Em que áreas?

**TEB** – *Ah nós é que sugerimos muitas das vezes, comportamentos de risco, tem haver, com é mais ao nível de comportamentos a adotar, a nível da saúde também, mais com os adultos não é?! Adultos, connosco?*

**I** – Sim, adultos, equipas.

**TEB** – *Na última vez foi até foi o Centro de Saúde que veio e teve a falar sobre toxicod dependência, sobre a sexualidade, como é que nós também havemos, nós técnicos e também monitores intervir em determinadas situações.*

**I** – Ok. Ah no último ano acha que o modo de organização da instituição contribui com boas condições para desenvolver o seu trabalho?

**TEB** – *Sim.*

**I** – Porquê? Destaca alguma coisa?

**TEB** – *Ah que me motive, motivação?*

**I** – Sim.

**TEB** – *Sim eu acho que sim, acho que a equipa no geral, ah apoiamo-nos uns aos outros, é uma equipa até multidisciplinar, ah tamos sempre com ah a mudar, sempre em mudança, não somos resistentes à mudança (sorriso) que às vezes torna-se um bocado complicado, ah um ano tamos a trabalhar de uma maneira, no outro surge um projeto, um programa já temos que ah mudar toda a nossa intervenção que às vezes torna-se um bocadinho complicado, mas ah mas é inovador, é bom, é muito gratificante.*

**I** – Ah considera que existe um bom relacionamento entre colaboradores e crianças e jovens?

**TEB** – *Sim, existe. No geral sim, há sempre um ou outro pormenor, mas ah existe uma boa articulação quer com a equipa técnica, entre equipa técnica e monitoras, e então jovens e monitoras melhor ainda, porque tem um maior contacto, pronto nós acabamos por não tar ao fim-de-semana, durante a noite não é, e elas com os monitores acabam por se abrir ah de uma outra forma, não quer dizer que também não o façam com os técnicos, mas é diferente, nós nós conseguimos retirar ah muitas das vezes determinadas informações é a partir das suas monitoras de referência.*

**I** – Ok. E entre as próprias meninas neste caso?

**TEB** – *A relação entre elas?*

**I** - Sim.

**TEB** – *Neste momento é tá a ser muito complicado (sorriso) é alturas, alturas em que elas até andam muito estáveis ah principalmente neste piso, agora ah tá muito instável tem muitos conflitos e tudo à volta de uma única jovem, pronto que ela é um bocadinho mentirosa ah furtos e cria, pois cria muitos muitos conflitos com as restantes.*

**I** – Ok.

**TEB** – *Mas elas até se apoiam bastante, geralmente acabam por se apoiar quer aqui quer depois fora da casa.*

**I** – Ah considera que a organização institucional, portanto o modo como falou da organização contribui para alcançar o sucesso escolar das crianças e jovens acolhidas?

**TEB** – *Sim, só que às vezes é difícil encontrar respostas lá fora (sorriso) que vão ao encontro da das necessidades das próprias jovens, temos muita dificuldade em integrá-las.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Fatores Ambientais e Recursos da Instituição**

**I** – Ah habitualmente em que local ou locais da instituição é que as jovens realizam o estudo diário?

**TEB** – *Tem uma sala de estudo, mas há aquelas que não conseguem estudar em grupo fazem no quarto delas.*

**I** – Ah considera que esse local, portanto tanto essa sala de estudo quanto os quartos tem condições adequadas à concretização das tarefas escolares?

**TEB** - *Sim têm, tem boas condições.*

**I** – A nível de luz, mobiliário?

**TEB** – *Sim, pelo menos.*

**I** – O ruído, ah...

**TEB** – *Em grupo há sempre mais não é, mas aquelas que não conseguem estudar com com ruído então deslocam-se para os seus espaços pessoais.*

**I** – A dimensão do espaço, portanto se é um espaço adequado?

**TEB** – *É boa.*

**I** – A temperatura?

**TEB** – *Nem sempre, mas (sorriso) no inverno às vezes é um bocadinho mais complicado, mas ao final do dia liga-se sempre o aquecimento.*

**I** – E também há disponibilidade por parte da instituição para o material escolar?

**TEB** - *Sim, sim. Aliás é a instituição é que faculta tudo.*

**I** – Ok. Ah a instituição apresenta recursos tecnológicos e materiais para concretizarem as tarefas escolares? Computadores?

**TEB** – *Computador, sim, sim tem. Não é para cada uma, mas.*

**I** – Tem um disponível para isso?

**TEB** – *Sim, sim tem. E internet.*

**I** – Também tem internet?

**TEB** – *Também.*

**I** – Ah então considera que o local de estudo, os recursos tecnológicos e materiais da instituição contribuem para o sucesso escolar das crianças e jovens acolhidas?

**TEB** – *Sim, é algum contributo, sem dúvida.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Metodologia de Intervenção Escolar do CAT/LIJ**

**I** – Ah qual é que é a forma utilizada para a definição do encarregado de educação na vossa instituição?

**TEB** – *Ah a nossa função?*

**I** – Ah não, na vossa instituição, portanto como é que decidem ser encarregado de educação?

**TEB** - *Á! Ah isso é normalmente é é no acolhimento quando quando acolhemos uma jovem à partida somos ah desde de já o encarregado de educação. Pronto, sai uma é logo atribuído ah uma jovem a esse mesmo técnico não é, e e passamos a ser encarregado de educação deles para todas as áreas, educação, a saúde, tudo.*

**I** – Portanto como técnico de referência ficam logo com essa

**TEB** – *Sim, com toda essa responsabilidade.*

**I** – Ah quais são as principais regras existentes relativamente à área escolar na vossa instituição? Portanto se tem regras que pense que existam

**TEB** – *Sim, tem uma hora de estudo diária que é das ah aqui em cima é das seis às sete e lá em baixo é das seis e meia às sete e meia, julgo eu, mas pronto, tem sempre, quer no piso de cima quer no piso de baixo tem uma hora para ah estabelecida para fazer a hora de estudo, não quer dizer que depois não possam prolongar ou se vierem mais cedo da escola fazem quando chegam da escola, mas durante aquela hora pelo menos não pode haver ruídos ah que que dificulte ou que destabilize aquelas aquelas que estão a realizar a hora de estudo.*

**I** – Ok. E há mais alguma?

**TEB** – *A nível da hora de estudo, penso que não.*

**I** – Mas a nível de questões escolares, imagine ah falta, uma jovem falta a uma aula, há alguma penalização há?

**TEB** – *Há sim quando faltam injustificadas sim. Sim elas acabam por ser penalizadas e ah e quais as penalizações que nós atribuímos?*

**I** – Sim.

**TEB** – *São várias. Nós normalmente nós penalizamos naquilo que elas mais gostam não é (sorriso) geralmente é no telemóvel ou retiramos o telemóvel ou o computador se tiverem, ou não vão ao facebook, a fazemos por escrito, usamos muito o método de elas próprias escreverem o porquê que faltaram à aula, ou porquê que fizeram isto ou*



*aquilo ah elas próprias refletirem e escreverem no papel, ah mas há inúmeras, pronto agora não me tou assim a recordar de nenhuma, mas.*

**I** – Sim já deu alguns exemplos.

**TEB** – *Depende da também das características e de jovem para jovem.*

**I** – Ah como é que estas regras são transmitidas às jovens?

**TEB** – *Ah, como...*

**I** – Por exemplo o estudo diário, o facto delas saberem que faltam a uma aula tem isto, há assim alguma forma?

**TEB** – *É assim nós numa primeira abordagem, quando elas entram ah transmitimos-lhes isso, até porque no regulamento, nós damos-lhe um um regulamento, um contrato digamos que onde tem vários direitos e deveres delas na instituição, a nível de escolar, a nível da saúde, a nível de das atividades que elas realizam e tá logo escrito o que é que o que é que mesmo a hora de estudo, tá lá tudo escrito.*

**I** – Ok. Portanto no acolhimento ah sabem logo?

**TEB** – *Sim, e elas próprias transmitem-se, as mais velhas acabam por transmitir aquelas que chegam (sorriso).*

**I** – Também é...um modelo de transmissão?

**TEB** – *Sim.*

**I** – Ah, pronto já falou na questão do estudo diário. Ah quem é que são os responsáveis pelo acompanhamento ao estudo diário?

**TEB** – *O estudo é assim, ah o técnico que tá até mais tarde acompanha sempre, tá as monitoras de serviço que geralmente são duas em cada, em cada piso e e quando conseguimos um voluntário ou normalmente é individual, conseguimos e temos neste momento duas, duas voluntárias que dão apoio ah a duas meninas.*

**I** – Mais a título individual com essas meninas?

**TEB** – *Individual, sim, sim. Aquelas que tem mais dificuldades.*

**I** – Ok. Ah considera que o número então de colaboradores, de voluntários por acaso existem ou de estagiários que por vezes possam surgir ah que intervêm nesta área escolar são suficientes para o acompanhamento escolar das jovens?

**TEB** – Não.

**I** – Não?!

**TEB** – Não. Ah não porque é ...ah temos miúdas com muitas dificuldades, aliás nós este ano e o ano passado também, havia muitas jovens com com dificuldades de aprendizagem e necessitam muito de acompanhamento ah individual, e é impossível não é, com duas monitoras ou dois, três adultos é impossível dar atenção a doze meninas. Ah nós apelamos muito aos voluntários, mas aqui pelo menos na nossa zona é muito difícil encontrarmos voluntários, que venham aqui, porque é à noite não é, porque durante o dia elas não tão cá e tem que vir à noite ou durante o fim-de-semana e tem sido mesmo uma grande luta da nossa parte encontrar voluntários que possam dar apoio.

**I** – Ok. Ah considera que a educação formal é uma prioridade para os colaboradores e direção da instituição?

**TEB** – Sim é muito importante (sorriso).

**I** – Porquê?

**TEB** – A formação?

**I** – Ah, sim a formação, a escola, a educação, sim?

**TEB** – Sim, ah mas interna ou?

**I** - Não a educação formal, escola, estamos a falar escola, para se os colaboradores e direção valorizam a educação formal portanto os jovens andarem na escola?

**TEB** – Ah sim, sim todas elas andam, aliás ah algumas jovens que são acolhidas até vem absentismo e abandono escolar não é, mas ah elas acabam sempre por ir porque sabem que nenhuma delas está em casa, elas à partida apercebem-se que não podem ficar não é, todas elas estão integradas na escola.

**I** – Portanto é valorizado?

**TEB** – *Sim.*

**I** – Ah que sugestões daria à sua equipa e direção para melhorar o trabalho desenvolvido na área escolar?

**TEB** – *Na área escolar?*

**I** – *Sim.*

**TEB** – *Pois (sorriso) isso é uma bela questão. Mas ah a nível escolar eu acho que acaba até, neste neste aspeto até funciona bem ah é claro que as condições poderiam ser melhores não é, mas numa instituição não é possível ter um espaço individual para cada uma não é, tem que ser sempre quase que em grupo, mas eu acho que ah mesmo a questão do voluntariado era acho que era mais importante era mesmo tentar recrutar o máximo possível, pessoas com formação que pudessem dar apoio ah individual a determinadas jovens.*

**I** – Apostar nessa área então?

**TEB** – *Sim, sim, é.*

**I** - Então considera que a metodologia aplicada na instituição relativamente à área escolar contribui para alcançar o sucesso escolar das jovens acolhidas?

**TEB** – *Sim.*

**I** – Já foi justificando.

**TEB** – *Pois, eu acho que sim, (sorriso) já fui falando.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Relação com os Estabelecimentos de Ensino**

**I** – Ah como é que descreve a relação que a instituição de acolhimento mantém com os diferentes estabelecimentos de ensino onde as crianças estão integradas?

**TEB** - *Com todas muito bom. Aliás temos muito boa relação com qualquer um dos estabelecimentos de ensino. Eh é assim há alguns que nós próprios preferimos não é eh e acabamos por coloca-las (sorriso) mais em A ou em B, ah algumas que são mais ah*

*são são são as escolas mais pequenas e acabamos, a própria escola acaba por dar mais atenção a essas jovens e então preferimos coloca-las lá, ah as as maiores porque temos pelo menos duas que andam até ao 9.º ano e as outras não, e é mais difícil os próprios professores controlarem, porque são jovens com problemas não é associados, e e essas escolas maiores desvalorizam um bocadinho essa parte. E nas escolas mais pequeninas acabam por dar mais atenção, ainda ontem aconteceu tive que ir, porque tavam preocupada com uma menina e chamaram para lá ir para falar com e numa escola maior isso nem acontece, nem tem tempo para esse tipo de situações (sorriso).*

**I** – Mas tem uma boa relação?

**TEB** – *Sim, sim.*

**I** – Ah quais são as formas de comunicação com estes estabelecimentos de ensino? Como é que comunicam?

**TEB** – *Ah é reuniões presenciais, e usamos muito os e-mails.*

**I** – Os e-mails?

**TEB** – *Sim pela internet.*

**I** – Ah considera que as crianças, que as jovens acolhidas estão integradas nas respetivas comunidades educativas?

**TEB** – *Algumas sim, outras não. Algumas jovens têm muito mais dificuldade de se integrar.*

**I** – E e quais são as razões que acha que?

**TEB** – *É mais da parte delas não tanto da parte da comunidade do que educativa, do que mas mais da parte das jovens. Ah pronto no caso que eu tava a dizer de ontem é a própria jovem que não se consegue integrar, pronto, porque ah a devido a a derivados comportamentos que ela que ela tem na escola e com um grupo de pares e excluem-na, pronto. Ah algumas algumas situações de jovens que que são excluídas.*

**I** - Ok. Ah relativamente à oferta escolar existente considera que responde às necessidades das jovens acolhidas? Já falou um pouco.

**TEB** – *Sim, portanto, já. Acho que...*

**I** – A oferta escolar acha...

**TEB** – *É boa, é muito boa. Sim.*

**I** – Portanto tem resposta para...

**TEB** – *Não, quer dizer a nível de saúde mental não há isso (sorriso) não há mesmo ah e tivemos agora recentemente a nível do vocacional há jovens que estão integradas no ensino vocacional e aqui temos um mas não, mas já não tem mais vaga, pronto e então temos que as colocar no regular, mas são jovens com muitas dificuldades e acabam por não por ir só por ir, porque não há outra resposta. Mas geralmente é um caso ou outro.*

**I** – Ok. Ah...e e estas ofertas educativas aqui do meio envolvente da instituição adequam-se às necessidades do mercado de trabalho? Portanto estamos a falar...

**TEB** – *Sim, é o que há é CEF é hotelaria que aqui há, há algum, mas há aqui, mas depois quando elas vão para casa não sei até que ponto é que na na na atual residência elas, lá exista ou não, se essa vertente não é, essa área, ah agora aqui a maioria é tudo CEFs e é o vocacional serviço de mesa/bar.*

**I** – Mas ainda vão, se quiserem ficarem aqui até terminarem ainda ainda são áreas que conseguem arranjar trabalho?

**TEB** – *Sim, sim. Aqui sim.*

**I** – Ah como é que as crianças, como é que as jovens se deslocam para a escola, maioritariamente?

**TEB** – *Em transportes escolares.*

**I** – Transportes escolares?

**TEB** – *Rodoviária ou da câmara.*

**I** – Ah qual é o tempo máximo deslocação por parte de uma jovem para ir para a sua escola? Portanto o tempo máximo de uma jovem?

**TEB** – *Máximo...*

**I** - Mais ou menos?

**TEB** - *É uma hora. É L.*

**I** – Uma hora. L.

**TEB** - *Sim...mais longe é L.*

**I** – De que forma é que os estabelecimentos de ensino contribuem para alcançar o sucesso escolar das jovens acolhidas?

**TEB** – *Os estabelecimentos de ensino?*

**I** – Sim. O que é que acha que eles contribuem para que elas consigam alcançar o sucesso escolar?

**TEB** – *Eu acho que eles fazem, eu acho que a forma, que é igual aos restantes alunos não há assim nada (sorriso), não vejo qualquer diferença que eles façam relativamente aos restantes, não sei, sinceramente, não...*

**I** – Não é, não tem, é igual?

**TEB** – *Eu penso que sim não fazem grande distinção.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Fatores Individuais dos Jovens**

**I** – Ah quais é que são as principais dificuldades diagnosticadas quando uma criança ou jovem é acolhida relativamente à área escolar?

**TEB** – *Quais são, desculpe?*

**I** – Ah quando chegam à instituição, portanto no acolhimento, quais é que normalmente são as as dificuldades diagnosticadas ah que estas, que estas jovens trazem na área escolar?

**TEB** – *É o absentismo escolar que esse aí é demasiado, (não audível) nem por isso, pois é a nível da ensino especial temos várias, bastantes até, e dificuldades de aprendizagem há algumas até tão incluídas em consultas mesmo de dificuldades de aprendizagem e penso que não é assim mais nada.*

**I** – Ah tendo em consideração estas dificuldades, portanto quando a jovem chega a equipa técnica analisa, quais é que são as ações que implementam para colmatar, colmatá-las?

**TEB** – *Para as colmatar?! Ah primeiro é saber, quais as respostas não é, na comunidade, qual é que é a escola que se adequa mais aquelas dificuldades ah é entrar em contacto com os respetivos ahah professores, não é, os diretores ah, mas também com a escola anterior para tentar perceber o porquê ou qual é que foi o acompanhamento dado anteriormente, o processo dela, a nível psicológico se é necessário ou não, a maioria de todas delas já teve acompanhamento psicológico escolar não é, mas é sobretudo isso.*

**I** – Ah relativamente aos projetos de vida, considera que o projeto de vida de uma criança ou jovem condiciona o seu percurso escolar?

**TEB** – *Projeto de vida?! Ah sim, sim. Algumas sim até porque então num centro de acolhimento temporário acaba por por influenciar bastante. Temos casos de jovens que gostaríamos que permanecessem mais tempo mas, acabam por por sair não é, e ir para junto da família ou mesmo até para autonomia de vida, porque ultimamente notamos que temos jovens a entrar com 16, com 17 às vezes quase com 18 anos e pouco podemos fazer tendo em conta o seu projeto de vida não é.*

**I** – Ah o facto dos jovens ao completarem os 18 anos terem poder de decisão em continuar na instituição ou sair dela condiciona o seu percurso académico?

**TEB** – *Sim, sim. Era aquilo que távamos a falar (sorriso), é.*

**I** – Ah e com a experiência que tem normalmente aos 18 anos elas decidem optam por ficar ou?

**TEB** – *Algumas ficam até aos 21, mas ah muitas delas acabam também por querer sair, mas mas já tem, mas já tem, pelo menos já tem os seus cursos terminados, é raro o caso em que elas saem e que não tenham pelo menos o curso terminado.*

**I** – Portanto já tem uma ferramenta de trabalho.

**TEB** – *Sim, sim. Aliás temos várias jovens com 19, 20 e até já com 21 que não saíram porque ainda não terminaram o curso.*

**I** – Ainda bem. Ah acha que o facto dos jovens acolhidos poderem permanecer legalmente no máximo até aos 21 anos pode inviabilizar a sua formação académica?

**TEB** – *Ah acha que...*

**I** - Acha que o facto dos jovens acolhidos poderem permanecer legalmente no máximo até aos 21 anos pode inviabilizar a sua formação académica?

**TEB** – *Eu acho que não.*

**I** - Não, são jovens que conseguem completar

**TEB** – *Até aos 21?*

**I** – A sua formação académica toda 12.º ou algumas que queiram ir para o ensino superior?

**TEB** – *Ah não não ensino superior já já não conseguem aqui, atenção que... normalmente as todas as jovens já tem reprovado duas, três vezes (sorriso) e ainda não conseguem, por nós só que elas consigam o curso que que que iniciaram aqui já é muito bom, pois é claro que conseguimos dar o acompanhamento agora com com este projeto ah conseguimos dar-lhe acompanhamento após elas saírem, dar-lhes o nosso apoio a nível escolar que é, é muito importante.*

**I** - Ah

**TEB** – *Aliás nós, peço desculpa, houve uma jovem que saiu recentemente para Santarém saiu fez 18 anos e quis sair e realmente não tinha terminado o 12.º ano, mas nós estamos em constante contacto com ela. E ela tem vindo cá e tudo, portanto nós temos a par da do percurso dela.*

**I** – Ah quais é que são as maiores dificuldades que encontra na área escolar no acolhimento institucional? Portanto nesta, quais é que são as dificuldades que acha ao trabalhar com estas jovens?

**TEB** – *Ao dar apoio...eu acho que é mais o acompanhamento ah individual, pronto que realmente as dificuldades são muito diferentes de de jovem para jovem não é, e depois também a formação do próprio pessoal, da própria equipa não é, de a nível das*



*monitoras temos algumas que também não têm formação muito elevada e também não consegue explicar daí também querer ah recorrermos a voluntários com alguma formação para poder dar esse apoio. Mas penso que é isso.*

**I** – E que ações é que gostaria de implementar no futuro para colmatar estas dificuldades?

**TEB** – *Que ações?*

**I** – Sim.

**TEB** – *Eu acho, sei lá de formação não é, também para dar a continuidade também à formação que temos vindo a ter, ah a nível da educação, ah e temos nós temos tido mesmo nós fazemos atividades ao nível escolar, ah que tá implementado agora no projeto que é o trabalho e formação, não só a nível de também de trabalho e formação, o currículo, ah métodos de estudo, ainda a semana passada fizemos uma atividade com elas relativamente aos momentos de estudo pronto, nós tentamos sempre encontrar algumas destas...*

**I** – Destas para ...colmatar estas dificuldades que elas têm?

**TEB** – *Sim, combater, sim...porque não é fácil encontrar que venha falar estes assuntos, ao pelo menos que desperte essa atenção ah às vezes dá mais ah sermos nós a transmitir isso e a fazer isto ah é mais ah elas acabam por acatar melhor ou por interiorizar melhor até aceirarem melhor do que virem pessoas de fora (sorriso).*

### **BLOCO TEMÁTICO: Importância do Sucesso Escolar**

**I** – Pois. Ah o que é para si sucesso escolar?

**TEB** – *Sucesso escolar ah isso é muita coisa (sorriso) não mas não só a nível das notas não é, que é que é muito importante, mas ah tudo o que englobe o meio escolar não é, a nível das relações com os pares, com com os colegas, ah com com os professores, com os diretores, tudo isso é sucesso, porque pode ter boas notas mas depois a nível de do resto não ser bom, isso acaba por não ser um grande sucesso não é (sorriso) e vice-versa.*

**I** – Ah por fim, considera que a sua instituição contribui para alcançar o sucesso escolar das jovens acolhidas?

**TEB** – *Fazemos o máximo (sorriso) pelo menos para isso (sorriso) tentamos sim.*

**I** – E o que é que destaca neste trabalho que fazem?

**TEB** – *Com elas ah pelo menos cada cada técnica, cada monitor de referência tenta ah tar atento de todas dificuldades das jovens que lhes compete não é, ah e e e sentarmos todos os dias com elas para tentar ajudar e apoiar, estar em contacto com os professores ah quer por via mail quer por telefonemas é isso que tentamos fazer.*

**I** – Ok. Grata pela seu contributo.

**TEB** – *De nada.*

### **Instituição de Acolhimento C - Transcrição da Entrevista à Jovem:**

#### **Código – JEC**

#### **Observações:**

Data: 20 de novembro de 2014

Local: Sala de Trabalho

Hora de início: 19h35min

Hora do fim: 19h55min

Tempo de gravação: 20 minutos

### **DESENVOLVIMENTO DA ENTREVISTA**

#### **BLOCO TEMÁTICO: Identificação Profissional**

**Investigadora (I)** – Que idade tens?

**Jovem Entrevistado da Instituição de Acolhimento C (JEC)** – *Tenho 19 anos.*

#### **BLOCO TEMÁTICO: Acolhimento Institucional**

**I** – Há quanto tempo é que vives na instituição onde estás?

**JEC** – *Nesta... 11 ou 12 anos, porque já tive noutra.*

**I** – Já estivestes noutra?

**JEC** - *(Acenou positivamente com a cabeça).*

**I** – Ah gostas de viver nesta instituição?

**JEC** – *Sim.*

**I** – Então porquê?

**JEC** – *Já estou habituado, porque também fui para lá, entrei para lá novo e fui-me habituando, aquilo também houve mudança de direções e não sei o quê e sempre me habituei e sempre me dê bem com toda a gente.*

**I** – Ah então tens uma boa relação com os funcionários da instituição?

**JEC** - *(Acenou positivamente com a cabeça).*

**I** – O que é que tu destacas nessa relação com eles?

**JEC** - *...(sorriso)*

**I** – Alguma coisa que tu gostes nessa relação?

**JEC** – *Damo-nos todos bem, quando precisamos de falar com eles, eles dão conselhos ou põe-nos em qualquer coisa que nós precisamos.*

**I** – E com os teus colegas?

**JEC** – *Tenho, dou-me bem com toda a gente, mas tenho dois como somos três mais velhos só, dou-me mais, melhor com os mais velhos, são da minha idade, não os mais pequenos não para meter conversa e não sei o quê não é a mesma coisa.*

**I** – Ok. Ah tu já dissestes que tivestes noutra instituição. Tivestes lá quanto tempo?

**JEC** – *Tive dos 3 aos 5 ou 6 anos se não me engano.*

**I** – Ok. Ah achas que o teu acolhimento nestas instituições, no teu caso, contribuem para alcançares o teu sucesso escolar?

**JEC** – *Sim.*

**I – Porquê?**

**JEC –** *Dão-me dão-me vários apoios e oportunidades que nem todos, eu por acaso agarro as minhas oportunidades quero sair de lá da instituição com objetivos, mas há outras pessoas que não não agarram as oportunidades que lhes dão e saem mal.*

**I – E tu queres agarrar esta oportunidade, é isso?**

**JEC – Claro!**

### **BLOCO TEMÁTICO: Percurso Escolar**

**I – Então andas em que ano escolar?**

**JEC – No 12.º.**

**I – Estás num curso profissional?**

**JEC – Tou.**

**I – Qual?**

**JEC – Marketing.**

**I – Ok. Ah já chumbastes algum ano em que tivestes nesta instituição?**

**JEC – Já.**

**I – E quais é que foram as razões que tu achas para isso ter acontecido?**

**JEC – Foi...é o mau comportamento é aqueles anos da vida que**

**I – Da adolescência?**

**JEC – Pois, foi por acaso foi mesmo. Entrei, também entrei um ano mais tarde para a escola, mas já foi na primeira instituição, mas quando chumbei foi mesmo por ser aquele ano da adolescência, experimentar novas coisas e assim.**

**I - Ok. Ah o curso que agora estás a frequentar é aquele que gostavas de tirar ou gostavas de tirar outro?**

**JEC** – *Não, gostava, gostei sempre tive interesse em técnico de vendas, porque já tive em outros, hotelaria e também era para o 12.º ano não, cheguei ao estágio, mas depois saí, porque não interessava muito.*

**I** – Pois optastes por este de marketing?

**JEC** – *Optei por marketing, sim.*

**I** – Ou seja, também tivestes um período em que andastes a escolher o teu próprio rumo?

**JEC** – *Pois.*

**I** – É isso?

**JEC** – *Teve que ser.*

**I** – Ah alguém te ajudou a escolher este curso?

**JEC** – *O Rogério, o meu educador ajudou-me a encontrar o curso que eu queria, ajudou-me.*

**I** – Ok. Ah achas que o teu percurso escolar contribui para alcançares o teu sucesso escolar?

**JEC** – *Sim.*

**I** – E porquê?

**JEC** – *Se tivermos pouca escolaridade não, é mais difícil ter opções de, opções de trabalho e encontrar emprego e não sei quê e depois torna mais difícil.*

**I** – Ou seja, tudo o que tu fostes construindo, mesmo aquela mudança que tu fizestes né, para ti foi importante?

**JEC** – *Foi, porque no 9.º ano também tirei um curso de hidrobalneoterapia, mas tinha que ter aquilo era um curso profissional, tinha que ter 18 anos para fazer continuação para o 12.º, eu não tinha, acabei com 17 e não, depois fui para o de hotelaria e depois para o de marketing.*

**I** – Ok. Portanto não desististes daquilo que tu querias, é isso?

**JEC** – *Não.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Fatores Ambientais e Recursos da Instituição**

**I** – Ah na instituição onde é que realizas o teu estudo diário?

**JEC** – *No meu quarto.*

**I** – No teu quarto. Ah achas que tens o material escolar necessário para fazeres os teus trabalhos?

**JEC** – *Tenho.*

**I** – Como por exemplo canetas, cadernos, tens?

**JEC** – *(Acenou positivamente com a cabeça).*

**I** – É tudo disponibilizado pela instituição?

**JEC** – *Sim.*

**I** – Ah achas que o teu quarto então, é um local silencioso ou barulhento para estudar?

**JEC** – *Silencioso, como barulhento, porque há dias que eu gosto de estudar com música, portanto.*

**I** – Mas partilhas quarto com alguém?

**JEC** – *Não.*

**I** – Estás sozinho?

**JEC** – *Estou sozinho no quarto.*

**I** – Portanto o silêncio ou o barulhento depende mesmo de ti, é isso?

**JEC** – *Sim.*

**I** – E achas que o teu quarto é tem uma dimensão adequada, portanto o espaço do teu quarto é adequado para tu estudares, para ter a tua cama?

**JEC** – *Tem. Sim, sento-me na cama e estou por aí, tenho as colunas ao lado e é sempre assim.*

**I** – E tens uma secretária?

**JEC** – *Não, não é preciso. Não gosto.*

**I** – Não é preciso (sorriso). Ah achas que o teu local de estudo tem iluminação suficiente?

**JEC** – *Tem, tenho um candeeiro que ele é maleável que dá para apontar se for preciso para o livro.*

**I** – Portanto achas que sim?

**JEC** – *Sim.*

**I** – Ah é um espaço com uma temperatura agradável?

**JEC** – *É.*

**I** – É! Ah na instituição tens computadores para realizares os trabalhos escolares?

**JEC** – *Tenho o meu, mas agora está estragado.*

**I** – Mas na instituição existe algum computador?

**JEC** – *Existe, um na sala de estudo mesmo.*

**I** – Com computadores é isso?

**JEC** – *Sim.*

**I** – Vocês tem acesso à internet?

**JEC** – *Temos.*

**I** – Ah também têm ah, por exemplo um tipo de uma biblioteca para vocês irem buscar ah livros sobre outros temas que vocês necessitem?

**JEC** – *Temos, na sala de estudo temos vários livros também.*

**I** – De outros temas?

**JEC** – *E temos lá o material todo escolar, mas também temos livros.*

**I** – Ok. Ah e achas que o mobiliário é adequado para a realização dos teus trabalhos, portanto falastes que não tinhas secretária, mas para ti não não faz diferença.

**JEC** – *Não.*

**I** – Mas por exemplo, na sala de estudo, há alguma sala de estudo lá?

**JEC** – *Há.*

**I** – E achas que essa sala de estudo está preparada para?

**JEC** – *Acho.*

**I** – Para receber os meninos?

**JEC** – *Acho.*

**I** – Então achas que o teu local de estudo, a existência de computadores e e outros outros materiais necessários para estudar contribuem para alcançar o teu sucesso escolar?

**JEC** – *Sim.*

**I** – Ou seja, tudo o que a instituição disponibiliza a nível de material achas que sim?

**JEC** – *Sim é evidente.*

**I** – E destacas alguma coisa que faça a diferença para ti?

**JEC** – *Ah nunca nos faltar material, basicamente é isso, se faltar material não é a mesma coisa temos mais dificuldades.*

**I** – Tudo o que vocês necessitam a instituição disponibiliza, é isso?

**JEC** – *Sim.*

**I** – E a sala de estudo, tu estudas no quarto.

**JEC** – *Estudo no quarto, mas é os mais novos é que costumam ir mais para lá, somos três mais velhos, o resto vai tudo para lá.*



**I** – É uma sala de estudo ou têm mais salas?

**JEC** – *É uma sala, temos várias salas, mas não são de estudo, temos aquela de estudo, mas temos mais convívio, ver televisão, etc.*

**I** – Pronto, têm uma sala de estudo, é isso?

**JEC** – *Sim.*

**I** – E que achas que tem as condições adequadas para os teus colegas fazerem os trabalhos de casa?

**JEC** – *Sim.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Relação com a Comunidade Educativa**

**I** – Ah como é que te deslocas para a escola?

**JEC** – *Autocarro.*

**I** – Demoras quanto tempo, mais ou menos?

**JEC** – *5 minutos.*

**I** – 5 minutos?

**JEC** – *(Acenou positivamente com a cabeça).*

**I** – Ah gostas da escola onde estás inserido?

**JEC** – *Gosto.*

**I** – E porquê?

**JEC** – *Porque dou-me bem com toda a gente e é bem organizada, quando precisamos de alguma coisa também estão prontos para ajudar.*

**I** – Ou seja, há disponibilidade por parte dos professores e funcionários, é isso?

**JEC** – *Sim, sim.*

**I** – Sentes isso?

**JEC** - *(Acenou positivamente com a cabeça).*

**I** – Ah sentes integrado na tua turma?

**JEC** – *Sim agora sim, no início nunca é mais difícil, mas depois com o passar do tempo é mais fácil de nos integrarmos na em qualquer turma.*

**I** – Ah na escola existem alguns comentários menos positivos sobre o facto de viveres numa instituição?

**JEC** – *Não.*

**I** – Não. Não sentes isso?

**JEC** – *Não, porque a minha turma é mais velhos, são alunos mais novos, há mais novos, mas eu tou aí entre eles e e dou-me mais com os mais velhos e eles não.*

**I** – Não há comentários, não há discriminação, não há nada?

**JEC** – *Não, não.*

**I** – Ah então sentes que podes confiar nos funcionários e professores da escola?

**JEC** – *Sim.*

**I** – Já fostes explicando que há disponibilidade deles.

**JEC** – *Sim.*

**I** – Ah sabes as formas como é que a instituição comunica com a escola para saber sobre a tua situação escolar?

**JEC** – *Telefone, acho que ligam mesmo e se eles disserem para irem lá marcam uma hora e o Rogério, o educador, vai lá.*

**I** – Ok. Ah achas que a escola onde estás inserido contribui para alcançares o teu sucesso escolar?

**JEC** – *Sim.*

**I** – E porquê?

**JEC** – *Como já disse é bem organizada e os stores estão sempre prontos para ajudar e.*

**I** – E o ambiente como é que tu achas que é o ambiente?

**JEC** - *Aquela turma tem, é das aulas aquilo é um U, é sempre assim, há aquela aula que estão melhores, e há outros que também se dão melhor, mas tão sempre em intrigas, e é complicado.*

**I** – Então e qual é que é a tua postura?

**JEC** – *Eu não ligo a nada, eu não ligo por acaso.*

**I** – És pacífico, é isso?

**JEC** – *Sim, não não gosto de problemas.*

**I** – Não gostas de problemas.

**JEC** – *Não (sorriso).*

### **BLOCO TEMÁTICO: Metodologia de Intervenção Escolar do CAT/LIJ**

**I** - Ah quem é que é o teu encarregado de educação?

**JEC** – *O Rogério.*

**I** – Ah como é que é a tua relação com ele?

**JEC** – *Também me dou bem, também tá sempre disponível para ajudar e para dar conselhos, quando eu preciso de alguma coisa ele tenta-me sempre ajudar e se me vir mal ou assim ah pergunta sempre se eu estou bem.*

**I** – Portanto é importante para ti ter esta pessoa a ajudar-te?

**JEC** - *É.*

**I** – Ah quando necessitas de auxílio para a realização de tarefas escolares quem é que procuras?

**JEC** – *Agora como não tenho computador é o Rogério (sorriso).*

**I** – É o Rogério?

**JEC** – *É. Tem que ser. Se não for em grupo, se for se for em grupo é tipo à vez, uma vez faz ele, se não puder faço eu, é sempre assim, mas quando é individual tenho que ser sempre eu tenho que ir sempre ao Rogério para ajudar.*

**I** – Ah e quem é que são os funcionários responsáveis pelo acompanhamento ao estudo diário na tua instituição?

**JEC** – *Os monitores que tiverem de serviço.*

**I** – Ou seja, da equipa educativa?

**JEC** – *Sim.*

**I** – Ah mas achas que esse número de, pronto, de pessoas que ajudam funcionários que ajudam na instituição na parte escolar, achas que são suficientes para ajudarem no estudo?

**JEC** – *Nós já tivemos lá uma professora, eu agora não não sei, tivemos lá uma explicadora, mas agora, não sei, porque não vou à sala de estudo e yah sei estudar sozinho e organizar as minhas coisas, não não vou lá, portanto não sei.*

**I** – Não sabes, não tens essa noção. Mas quando eras mais novo achavas que sim? Quando tu estavas na sala de estudo?

**JEC** – *Era, mas porque havia lá umas explicadoras era diferente não era os monitores agora.*

**I** – E essa explicadora lembrás-te era voluntária?

**JEC** – *Era voluntária.*

**I** – Era voluntária. E neste momento há voluntários na instituição a acompanharem nos estudos?

**JEC** – *Não.*

**I** – Não. Ah e estagiários, por vezes acontecem lá estarem?

**JEC** – *Às vezes acontece, já tiveram vários estagiários aqui da escola.*

**I** – E e ajudavam nos estudos?

**JEC** – *Sim, por acaso sim, também depende do trabalho do curso que eles estavam e porque é que foram estagiar para lá. Quando, se fosse para lá um estagiário que era educador tinha que ajudar nos estudos.*

**I** – Ok. E achavas que era uma mais-valia?

**JEC** – *Sim.*

**I** – Ah quais é que são as principais regras estabelecidas na tua instituição relativamente às questões escolares? Ou seja, aquelas regras quando tu falas em escola, estudar que tu te lembras logo assim, que aches que a instituição tem?

**JEC** – *Tem as horas de estudo, acho que tem uma certa hora para eles estudarem, uma certa hora, porque a sala de estudo tá aberta, que é quando chegamos da escola para aí das cinco às seis e meia se não me engano, ou mais cedo depende se alguém tiver tarde livre vai para lá antes, os outros que cheguem da escola tem que ir logo para lá, portanto não sei bem as horas, nunca vou para lá.*

**I** – Ou seja, têm uma hora de estudo?

**JEC** – *Sim.*

**I** – Mais? O que é que tu te lembras assim mais?

**JEC** - *...(Sorriso).*

**I** – Não te lembras?

**JEC** – *Não, não.*

**I** – Ah por exemplo numa situação de faltares às aulas, tu sabes o que é que te pode acontecer ou aos teus colegas?

**JEC** – *Sim prejudica no prejudica, porque temos falta às aulas, perdemos a matéria daquele daquele dia e depois se tivermos um teste não temos a matéria daquele dia para estudar não pode pode-nos prejudicar.*

**I** – Mas sem ser isso a nível da instituição sabes o que é que te acontece? Na instituição imagina que comunicam com o Rogério que tu faltastes às aulas?

**JEC** – *Levo um ralhete do Rogério, é assim.*

**I** – Só?

**JEC** – *Sim normalmente é, se for, se não for abusivo é.*

**I** – É só o ralhete.

**JEC** – *Se for abusivo levo um castigo.*

**I** – É o castigo.

**JEC** – *É.*

**I** – Pronto, e o recado na caderneta negativo?

**JEC** – *À não tenho. Os cursos profissionais não têm caderneta.*

**I** – Sim, eu sei, e os teus colegas assim que tu vejas quando eles trazem assim faltas de trabalhos de casa, faltou às aulas, também pode ser a uma aula só?

**JEC** – *Não sei, podem acho que são contactados pelos responsáveis, se faltar um trabalho, se tiver um módulo em atraso ligam ao Rogério a dizer que eu tenho um módulo em atraso.*

**I** – E o que é que te acontece?

**JEC** – *Vem o Rogério melgar-me a cabeça.*

**I** – Pronto, no primeiro momento chamam à atenção, é?

**JEC** – *Sim.*

**I** – E depois é que se for repetitivamente é que...

**JEC** – *É que aplicam castigo.*

**I** – Ok. Ah e como é que estas regras são transmitidas aos teus colegas e a ti? Por exemplo o estudo diário, o facto de vocês faltarem às aulas o que poderá acontecer, como é que tu achas que estas regras são transmitidas?

**JEC** – *Ou enviam uma carta para casa da escola se for uma escola municipal, não é, não uma escola pública mandam uma carta para casa para para o educador comparecer numa reunião ou então por contacto telefónico.*

**I** – Sim. Mas dentro da instituição, ou seja, chega um menino à instituição, está a conhecer a instituição não é, como é que tu achas que essas regras são transmitidas?

**JEC** – *Acho que lhe dizem tudo logo quando a diretora o recebe, acho que diz tudo ou o assistente social emite não diz ao rapaz.*

**I** - Que chega?

**JEC** – *Sim.*

**I** – E vocês entre colegas também vão transmitindo regras ou?

**JEC** – *Não aquilo nós, pois se se a diretora nos disser para nós transmitirmos temos transmitimos uns aos outros.*

**I** – Ok. Ah achas que estas regras estão adequadas?

**JEC** – *Sim.*

**I** – Então porquê?

**JEC** – *Porque tá tudo bem organizado, não há tantas confusões e é melhor.*

**I** – Ah quando apresentas um bom resultado escolar como é que reagem os funcionários da instituição?

**JEC** – *Felizes, orgulhosos se calhar.*

**I** – Ficam felizes por vocês?

**JEC** – *Sim.*

**I** – Ah que sugestões davas à tua instituição para melhorarem o acompanhamento escolar?

**JEC** – *Tentarem meter um explicador para os mais novos que é o mais complicado, nós mais velhos já passámos e eu pelo menos por mim consigo estudar se tiver organizado, mas os mais novos tem que aprender a organizar os dossiers e para para estudarem melhor.*

**I** – Estás a falar de hábitos de estudo?

**JEC** – *Sim. Mas é, isso para ajudar era ter lá um explicador.*

**I** – Um explicador?

**JEC** – *Sim.*

**I** – Voluntário ou uma pessoa mesmo como funcionário, o que é que tu achas?

**JEC** – *(sorriso) Era desde que tivesse lá pelo menos 3 dias por semana, podia ser voluntário como como funcionário da casa mesmo.*

**I** – Ok. Ah achas que aqueles que trabalham na instituição e a própria direção valorizam a escola? Valorizam o facto de vocês andarem na escola e apostam na educação formal?

**JEC** – *Apostam.*

**I** – Sim. Porque é que tu achas que sim? O que é que eles fazem para tu teres essa opinião?

**JEC** – *O que é que eles fazem?*

**I** – Sim.

**JEC** – *Dizem que nós sem a escola não não somos nada e depois dão vários exemplos de pessoas que não aproveitaram as oportunidades lá dentro, e para nós nos agarrarmos aos estudos que se não se quando sairmos de lá podemos não ter nada. E se estudássemos e e se tivéssemos bom boas notas pudéssemos sair com um trabalho.*

**I** – Ou seja, é a mensagem que vos transmitem?

**JEC** – *Sim.*



**I** – Muitas vezes. Ah achas que o trabalho realizado na instituição relativamente à área escolar contribui para alcançares o teu sucesso escolar?

**JEC** – *Sim (sorriso).*

**I** – E então porquê? O que é que tu destacas?

**JEC** – *Destaco a presença deles de estarem sempre lá para apoiar e ajudar quando nós temos alguma dúvida.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Aspirações Académicas/Profissionais**

**I** – Ah estás no 12.º ano pretendes terminá-lo?

**JEC** – *Sim.*

**I** – Na instituição ou fora dela?

**JEC** – *Na instituição.*

**I** – Ah no fim de terminares este curso pretende continuares a estudar ou ir trabalhar?

**JEC** – *Ir trabalhar.*

**I** – Trabalhar. Ah como tens disseste-me 19 não é, ainda podes tens a possibilidade de ficar na instituição. Queres ficar na instituição ou sair dela?

**JEC** – *Quero ficar.*

**I** – Queres ficar?

**JEC** – *Quero.*

**I** – Até atingires que idade até aos 21?

**JEC** – *Até atingir os 21 ou até ter emprego e a carta de condução. Emprego fixo.*

**I** – Ah e achas que que quando terminares o teu curso, achas que o teu curso permitirá arranjares trabalho?

**JEC** – *Acho.*

**I** – Achas. Onde é que tu gostavas de trabalhar?

**JEC** – *Gostava de trabalhar por exemplo na Media Markt ou assim, para isso se eu tiver lá a estagiar e eles gostarem da minha, do meu estágio posso ficar lá a trabalhar, podem dizer podem-me oferecer um contrato ou trabalho temporário para ver como é que eu me saio, para ver se fico lá ou não.*

**I** – Ou seja, gostavas de estagiar na Media Markt, é isso?

**JEC** – *Sim.*

**I** – Então achas que as tuas ambições profissionais, portanto o queres ir para ali para um sítio trabalhar contribui para alcançares o teu sucesso escolar?

**JEC** – *Acho que sim (sorriso).*

**I** – Sim?

**JEC** – *Sim.*

**I** – Porque pretendes terminar o 12.º ano, não é?

**JEC** – *Sim.*

**I** – E sem o 12.º ano não vais conseguir arranjar esse trabalho?

**JEC** – *Se conseguir vai ser mais difícil e com menos benefício.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Importância do Sucesso Escolar**

**I** – Ah o que é para ti teres sucesso escolar?

**JEC** – *O que é para mim ter sucesso escolar?*

**I** – Sim.

**JEC** – *Para mim ter sucesso escolar é tar na escola e ter sempre boas notas e avançar sempre, atingir o máximo de cursos, sei lá, de escolaridade que conseguir.*

**I** – Ah e é importante para ti teres sucesso escolar?

**JEC** – *É. Porque se não tivermos sucesso escolar podemos não ter uma vida como deve ser.*

**I** – E o que é para ti ter uma vida como deve ser?

**JEC** – *É ter um bom sucesso escolar que depois nos poderá dar um bom trabalho.*

**I** – Ah achas que a tua instituição contribui para alcançares o teu sucesso escolar?

**JEC** – *Sim.*

**I** – Queres finalizar com um porquê, justificando um pouco?

**JEC** – *Porque como eu já disse aquilo é tão sempre aptos para nos ajudar a tirar qualquer dúvida que nós tivermos, darem conselhos e acho que é isso.*

**I** – Ok. Obrigada pelo teu contributo!

**JEC** – *De nada.*

### **Instituição de Acolhimento C - Transcrição da Entrevista ao Técnico:**

**Código – TEC**

#### **Observações:**

Data: 20 de novembro de 2014

Local: Sala de Trabalho

Hora de início: 20h50min

Hora do fim: 21h23min

Tempo de gravação: 33 minutos

### **DESENVOLVIMENTO DA ENTREVISTA**

#### **BLOCO TEMÁTICO – Identificação Profissional**

**Investigadora (I)** - Qual a sua formação académica?

**Técnico Entrevistado da Instituição de Acolhimento C (TEC)** – *Licenciado em ciências da educação*

#### **BLOCO TEMÁTICO: Atual Situação Profissional**

**I** – Ah desde quando desempenha funções nesta instituição de acolhimento?

**TEC** – *Desde 2008, agosto 2008.*

**I** – Ah quais é que são as funções que desempenha?

**TEC** – *Sou responsável pela área da educação, da saúde, portanto ah tudo o que tenha haver ah inscrições em escolas, acompanhamento aos médicos, ah ah basicamente tudo o que tenha a ver com estas duas áreas sou eu que sou responsável.*

**I** – Ah habitualmente qual é o seu horário laboral?

**TEC** – *Ah depende ah é assim consoante as reuniões que tenha, consoante as consultas que sejam marcadas, por norma seria ah duas vezes por semana das 2 às 10 e os restantes três dias das 10 às 6, mas consoante o a necessidade vai-se adaptando o horário.*

**I** – Ah trabalha aos fins-de-semana?

**TEC** – *Não, a não ser que seja necessário, não.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Organização Institucional**

**I** – Ah anualmente, a instituição tem dado formação a nível profissional e pessoal a todas as equipas?

**TEC** – *(Sorriso) Não, não tem.*

**I** – Não?

**TEC** – *Ah a formação é assim é nos dado, é nos dado o tempo para a formação, e normalmente nós é que optamos por fazer a nossa própria formação, portanto, mas a formação ah foi-nos dada uma vez ah e é nos facultado o tempo que realmente para nós fazermos formação que achamos mais adequada.*

**I** – Ou seja, cada colaborador ah tem o tempo disponível e escolhe uma área?

**TEC** – *Sim, sim.*

**I** – Por exemplo qual a área que escolheu para para fazer uma formação, uma última formação?

**TEC** – *Ah... portanto ética e deontologia no trabalho terá sido uma delas, depois ah proteção de menores, ah depois depende também daquilo que surja, dos congressos, das dos interesses.*

**I** – Ok. Ah no último acha que o modo de organização da instituição contribuiu com boas condições para desenvolver o seu trabalho?

**TEC** – *Ah sim e não. É assim tendo em conta as limitações que nós temos sim, pronto é assim foram-nos facultadas todas as as condições, mas precisávamos mais gente para trabalhar não é, é um responsável para 25 meninos.*

**I** – Portanto há essa necessidade de recursos humanos?

**TEC** – *É, há essa necessidade.*

**I** – Ah considera que existe um bom relacionamento entre colaboradores e jovens?

**TEC** – *Sim, muito bom.*

**I** – E o que é que destaca, assim nessa relação para haver esse ambiente muito bom?

**TEC** – *É assim é um ambiente muito familiar, é assim há há o beijinho e o abraço quando chega a casa ah há sempre a avó, a tia, ah na instituição ah e pronto é um ambiente muito muito acolhedor.*

**I** – Ah e entre os próprios utentes, portanto entre os próprios jovens?

**TEC** – *Agora nesta altura acho que sim que há muito bom ambiente ah, porque a faixa etária é muito parecida, agora a nossa faixa etária ronda os média os 14/15 anos, portanto ah é assim facilita um bocadinho, quando tínhamos jovens com faixas etárias muito díspares aí já já dificultava um bocadito o trabalho.*

**I** – Ah então considera que a organização institucional contribui para alcançar o sucesso escolar das crianças e jovens acolhidas?

**TEC** – *Sim.*

**I** – E o que é que destaca?

**TEC** – *É assim conseguimos com os auxiliares, é assim apesar de só haver um educador não é, e o educador é que trabalha com as escolas, faz os contactos com as escolas, faz as reuniões ah houve uma dinâmica junto dos auxiliares que nos permite organizar uma sala de estudo ah e diariamente há um dos funcionários que tá destacado para acompanhar os jovens na realização de trabalhos de casa, preparação para os testes, ah organização de materiais para os dias seguintes, ah realização de trabalhos, portanto nesse sentido sim, portanto foram retiradas se calhar funções ah funcionários para se dedicarem mais a esta área da educação.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Fatores Ambientais e Recursos da Instituição**

**I** – Ok. Então habitualmente os jovens ah realizam o estudo diário nessa sala de estudo?

**TEC** – *Todos os dias.*

**I** – Só têm uma sala de estudo?

**TEC** – *Só temos uma sala de estudo.*

**I** – E considera que esse local tem as condições adequadas para a concretização das tarefas escolares? Ah estamos a falar a nível de luz, de mobiliário, a nível do ruído.

**TEC** – *Ah sim a única coisa que dificulta um bocadinho o meu trabalho lá é que todos os meninos têm mais ou menos os mesmos horários não é, e entre os treinos e a escola ah acabo por estar 7,8,9 miúdos ao mesmo tempo na sala de estudo, que às vezes não não facilita. Ah mas, a nível de condições materiais sim.*

**I** – Sim, mesmo a dimensão do espaço é a ideal, ou?

**TEC** – *Ah não, a dimensão do espaço não é a ideal. É assim se para 4/5 miúdos de cada vez sim, quando temos mais miúdos é assim, não é tão tão benéfico, mas pronto tem que se fazer para que seja.*

**I** – Ah a nível de temperatura e material escolar, portanto o material escolar é disponibilizado pela instituição?

**TEC** – *Sim.*

**I** – Todo?

**TEC** – *Sim.*

**I** – E a nível de temperatura na sala?

**TEC** – *Também.*

**I** – Boa temperatura?

**TEC** – *Sim, a casa tem aquecimento, portanto não.*

**I** – Não há problema.

**TEC** – *Não há problema.*

**I** – Ah a instituição apresenta recursos tecnológicos e materiais para concretizarem as tarefas escolares? Portanto computadores.

**TEC** – *Computadores, internet, projetor ah, portanto ah têm.*

**I** – Tem essa?

**TEC** - *Impressora, fotocopidora ah.*

**I** – Têm isso tudo.

**TEC** – *Sim.*

**I** – Ah portanto considera que o local de estudo, os recursos tecnológicos que falou e materiais da instituição contribuem para o sucesso escolar dos jovens que têm neste momento acolhidos?

**TEC** – *Sim.*

**I** – Sim.

**TEC** – *Sim.*

**I** - Têm boas condições?

**TEC** – *Têm boas condições, quando é, e muito sinceramente, é assim todas as instituições têm limitações, e é assim, os funcionários também ajudam nalguma coisa*

*que falte os funcionários trazem de casa e vão disponibilizando, portanto de uma forma ou doutra tudo se concretiza.*

**I** – Vão colmatando?

**TEC** – *Exato.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Metodologia de Intervenção Escolar do CAT/LIJ**

**I** – Ah qual é que é a forma utilizada para a definição do encarregado de educação?

**TEC** – *É sempre o mesmo (sorriso) é o educador, o educador é o encarregado de educação de eles todos.*

**I** – Ok. Ah quais é que são as principais regras existentes relativamente à área escolar na vossa instituição? Aquelas regras que normalmente existem.

**TEC** – *É assim, obrigatoriamente todos têm que passar, quer dizer todos os meninos principalmente no 2.º e 3.º ciclo têm que passar pela sala de estudo. Achamos que os cursos profissionais são diferentes, muitos deles nem nós conseguimos dar o apoio não é, ah temos um miúdo por exemplo em autocard nós não conseguimos dar apoio ao miúdo, nesses casos eles não passam por ali ah, mas os restantes todos os dias têm que passar pela sala de estudo ah realizar trabalhos de casa, organizar a mochila para os dias seguintes ah têm uma folhinha que lhes é dada diariamente com o nome com o nome das disciplinas e com opções para saber se têm trabalhos de casa, se não têm, se foram às aulas que é assinada pelos professores que nos permite também controlar ah a existência ou não dos trabalhos e a fórmula como eles se comportaram durante o dia, se realizaram se não realizaram ah portanto eles todos os dias têm que passar pela sala de estudo, mostrar essa folha, realizar as atividades propostas.*

**I** – Ah e por exemplo numa situação de um jovem faltar às aulas, existe algum, alguma algum método, apliquem logo alguma regra, “quando faltares às aulas acontece isto”?

**TEC** – *Ah não. Depende das situações, por norma é assim somos avisados pelos diretores de turma não é, quase no imediato, porque temos ah é assim um protocolo muito informal, mas os diretores de turma mandam diretamente e-mail ao educador ah e pronto que é visto e analisado. Logo quando dos miúdos chegam a casa tentamos perceber o porquê ah embora também não tenhamos muitos miúdos a faltar nesta*



*altura, portanto eles já sabem que há esta esta a cooperação entre professores e encarregado de educação, e então sabem que à partida são apanhados de imediato e não há há tanto esta tentação. Quando há é assim tentamos sempre falar com eles, numa primeira abordagem ver o porquê da falta e depois é assim a repreensão é mediante a razão pela qual faltaram.*

**I** – Ok. Ah e como é que estas regras são transmitidas aos jovens? Nós falamos do estudo diário, o facto de também faltarem às aulas.

**TEC** – *É assim eles têm uma reunião comigo todas as semanas, portanto às segundas-feiras, ah principalmente os mais pequeninos, os mais velhos sinceramente no curso nos cursos profissionais não têm dado muita ah ah muita dor de cabeça, têm ido às aulas, têm, pronto têm numa forma ou de outra conseguido realizar alcançar os objetivos. Os mais pequeninos ah são 14 reúnem comigo todas as segundas-feiras ah onde são discutidos os aspetos positivos e negativos, onde são encontradas muitas vezes com eles alternativas ah às repreensões não é, um castigo ah pronto, eles têm ah têm algumas alternativas ah que eles próprios vão vão dando e temos uma tabela ah gigante assim um placard grande na sala do educador ah que têm uma avaliação diária do comportamento deles, das avaliações, das faltas ah e pois há muito aquela aquela rivalidade, é assim todos eles todos querem ver as bolinhas verdes e não as vermelhas, e portanto acabam por ah por andar ali um bocadinho ou no jogo do empurra e isso ajudam-nos também muito com os aspetos mais negativos da escola.*

**I** – Ok. É portanto este momento de reunião é, essa reunião semanal é um momento de transmissão de regras?

**TEC** – *É. De discussão, é de discussão eles explicam, porque é que as coisas se passaram, em grupo, são discutidas as os assuntos, eles andam quase todos na mesma escola, portanto ah à partida o que não se sabe fica-se a saber na reunião ah...e depois é acaba por ser sempre ali uma tentativa de chegar a um meio-termo ah a todas as repreensões são dadas ao miúdo são explicadas aos outros o porquê, porque eles são todos diferentes e...tentamos sempre chegar a um consenso embora haja regras definidas, o horário da sala de estudo, as avaliações isso está tudo bem definido com eles desde o início do ano.*

**I** – Ok. Ah portanto já falou um pouco dos responsáveis ao acompanhamento ao estudo, portanto são os auxiliares?

**TEC** – *Os auxiliares de ação educativa, sim.*

**I** – E o educador?

**TEC** – *Por norma é assim, ah tudo o que sejam ah trabalhos mais específicos que às vezes que os auxiliares não conseguem dar resposta, portanto às vezes as línguas estrangeiras, o trabalho no computador ah pronto eles dirigem-se ao educador, ah o restante do apoio é dado pelos auxiliares, o educador vai à sala de estudo sempre que tem oportunidade para ver como é que as coisas estão a correr, para ajudar, para pronto, também às vezes temos o apoio da própria assistente social quando ela tá com um momentinho mais liberto também vai lá acima, se for necessário até a diretora, portanto acabamos por*

**I** – Toda a gente?

**TEC** – *Toda a gente, pronto. No dia-a-dia são os auxiliares, mas no geral toda a gente contribui.*

**I** – Ah considera então que o número de colaboradores ah que intervêm nesta área escolar são suficientes para acompanharem o estudo diário?

**TEC** – *Ah é assim se tivéssemos mais colaboradores e um espaço maior (sorriso) era sempre benéfico, não é, mas é assim temos que fazer com o que temos, é assim o ideal seria sempre ter mais gente, pronto, porque é assim para um auxiliar estar ah apoiar na nas tarefas da educação, não estará a fazer outras tarefas que são necessárias ah e com 25 miúdos com treinos, com tudo, muitas das vezes não é fácil de conciliar ah daí toda a gente dar uma mãozinha. Portanto, é assim se se falássemos em condições ideais, termos mais 3 ou 4 auxiliares, mais ah dois educadores como há tivéssemos, como já tivemos era ótimo, mas pronto tendo em conta o que temos.*

**I** – Ah e voluntários, neste momento têm voluntários na instituição?

**TEC** – *Neste momento não, tivemos o ano passado dois professores que foram foram ajudar ah de momento não.*

**I** – Portanto ah considera que que era uma área que poderiam?

**TEC** – *Sim.*

**I** – Poderiam insistir mais?

**TEC** – *Temos muita gente que se disponibiliza, mas ah pouca gente a efetivar realmente o voluntariado.*

**I** – Ah e os estagiários, quanto têm também acha que são suficientes para o acompanhamento escolar?

**TEC** – *Ah são mais um apoio ah pronto também depende um bocadinho da área de estágio não é, quando temos os estagiários de ação social acabam por estar mais direcionados para a vertente social, portanto estão com a assistente social, os de educação ah acabam por tentar ajudar, acompanham o educador, tentam ajudar nas tarefas, mas varia muito da área deles, se tivermos de animação vão-se dedicar mais ah à questão das atividades, portanto.*

**I** – Se viesse mais um dava jeito.

**TEC** – *Dava.*

**I** – Ah considera que a educação formal é uma prioridade para os colaboradores e direção da instituição?

**TEC** – *Dos miúdos?*

**I** – Sim, para os miúdos?

**E** – *É.*

**I** – *É?*

**TEC** – *É, ah como é que eu hei-de dizer, a maioria dos miúdos vem sem hábitos de estudo, o que nós tentamos incutir nos garotos é a escola é uma alternativa a um futuro melhor, pronto embora eles não acreditem muito nisso, embora os casos de sucesso infelizmente não sejam, agora estamos a ter ah uma reviravolta no sucesso escolar, até à coisa de uns três anos era muito pouco. Ah, mas tentamos sempre incutir-lhes sempre aquela ideia de que sem a escolaridade obrigatória não conseguem tirar uma carta*

*de condução, não conseguem encontrar um emprego, ah não têm as qualificações necessárias para fazerem determinadas determinadas profissões, ah mostramos-lhe os jornais com os artigos a pedir sempre o 12.º ano ou 9.º ano e tentamos sempre motivá-los a conseguir ah alcançar algo mais. Mas, grande parte deles acabam por passar pelos CEF, pelos cursos profissionais, porque não conseguem acompanhar o ritmo do ensino regular, não têm hábitos de estudo já há muito tempo e é muito complicado.*

**I** – Ah então que sugestões daria à sua equipa e direção para melhorar o trabalho desenvolvido na área escolar?

**TEC** - ...

**I** – Já foi dizendo, se calhar uma sugestão era terem mais colaboradores.

**TEC** – *Ter mais colaboradores e pessoas que pudessem estar dedicadas exclusivamente ah aquela área e com ah com ah com outras competências, porque temos uma senhora com 65 anos ah que está a dar apoio ao estudo, que é assim ela ensina dentro das limitações que tem não é, a escola do tempo dela não é a mesma de agora, temos outras pessoas que não têm uma formação académica muito elevada, portando quando chega a uma determinada altura também têm algumas lacunas ah e nós vamos colmatando essas lacunas com com o meu apoio, enquanto educador, com o da assistente social, com o da diretora técnica, mas ah é assim se tivéssemos alguém que estivesse preparado para lidar com estas situações era era adequado, portanto mais pessoas e com qualificações profissionais para.*

**I** – Para ajudar?

**TEC** – *Para ajudar.*

**I** – Ah considera que a metodologia aplicada na instituição relativamente à área escolar contribui para alcançar o sucesso escolar dos jovens?

**TEC** – *Sim, ah é assim nós temos que ir sempre adaptando, eles todos são muito heterogéneos, ah a grande maioria deles quando chega à instituição não tem sucesso escolar nenhum, muitos chumbos, ah poucos hábitos de trabalho e realmente ah a dinâmica que se vai gerando, a obrigação de cumprir as regras da instituição do que*

*diz respeito à sala de estudo, ah à preparação das mochilas, ah o próprio concurso de motivação escolar que nós temos ah acaba por motivar e acho que sim.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Relação com os Estabelecimentos de Ensino**

**I** – Ok. Ah como é que descreve a relação que a instituição de acolhimento mantém com os diferentes estabelecimentos de ensino onde os jovens estão? A relação entre as escolas e a instituição?

**TEC** – *Muito boa, muito boa é assim nós temos quase todos os miúdos na mesma escola ah mas, por norma, é assim desde o início, nós pronto, o educador apresenta-se à à escola, ah conversamos um bocadinho sobre as regras da escola e as regras da instituição e acabamos sempre por chegar a um acordo ah que é o contacto imediato, é o telemóvel, é o e-mail, portanto ah se calhar consigo saber mais pelos professores no por e-mail ou por telefone do que propriamente pelas idas à escola. Ah e a relação é muito próxima, é assim os miúdos acabam por frequentarem todos a mesma escola passam pelos professores quase todos, porque são muitos não é, os professores encontram-nos nos corredores acabam por nos abordar quase no dia-a-dia ah para para nos falar deste ou daquele aspeto positivo ou negativo e isso ajuda muito.*

**I** – Portanto as formas de comunicação com os estabelecimentos de ensino é a nível telefónico, e-mail?

**TEC** – *Pessoal é quase diária de qualquer forma, é assim tanto podemos receber um telefonema do diretor da escola, como da diretora de turma, como da funcionária, portanto de uma forma ou de outra a dinâmica já está bem estabelecida e temos uma relação privilegiada com a maioria das escolas em que os nossos miúdos estão inseridos.*

**I** – Ah muito bem. Considera que as crianças e jovens acolhidos estão integrados nas respetivas comunidades educativas?

**TEC** – *Sim estão. Estão é assim como eu dizia a maioria deles estão na mesma escola, portanto acabam por ajudar também ah também muito ah e é assim tendo em conta a proximidade que nós temos com os professores acaba por facilitar também muito e eles entre eles também criam uma dinâmica engraçada ah e vão-se apoiando uns aos outros, portanto vão falando sobre os professores, sobre a forma como hão-de lidar com este com com aquele professor com aquela com aquele assunto e vai-se gerindo.*

**I** – E nas próprias turmas, ah estão integrados?

**TEC** - *Na maioria sim, temos um caso ou outro, não vamos dizer que é tudo perfeito, temos alguns casos que nos dá água pelas barbas ah que são miúdos muito complicados ah com problemas muito grandes de comportamento. É assim a escola com quem nós trabalhamos tem um protocolo com o Hospital, portanto é assim acaba por haver um acompanhamento e uma avaliação até pela equipa técnica do Hospital que os encaminha para para as especialidades ah e acabamos por uma forma ou de outra, é assim mais cedo ou mais tarde colmatar aquelas aquelas dificuldades e aquelas lacunas ah, mas no geral posso dizer 90% dos miúdos muito bem integrados.*

**I** – Ah relativamente à oferta escolar existente, considera que responde às necessidades dos jovens acolhidos?

**TEC** – *Não.*

**I** – Não?

**TEC** – *Aliás neste momento sim, tendo em conta a faixa etária que nós temos ah, porque temos miúdos mais pequeninos, portanto sétimos, oitavos e aí já não é muito complicado quando estamos quando fazemos o acolhimento a miúdos com 15, 16 com muitas reprovações, com problemas de comportamento torna-se muito complicado conseguir inseri-los nas nas escolas. As escolas não os aceitam pelos processos, não os aceitam, porque não têm idade, não ah pronto, e a oferta que nós temos muitas das vezes não é a mais adequada não é, temos miúdos que passam por 3 instituições em três meses e não não conseguem ambientar-se a nenhuma, mas depois passando aquela primeira fase é muito complicado inseri-los e chegamos a ter miúdos ah seis meses sem integração escolar, pronto. No geral agora com esta faixa etária sim, é adequada.*

**I** – Ok. Ah e estas ofertas educativas existentes, portanto aqui no meio envolvente ah adequam-se às necessidades do mercado de trabalho? Portanto ah estamos se calhar mais a falar do 9.º e 12.º ano aqueles que ainda se adequam às necessidades do mercado de trabalho os cursos existentes.

**TEC** – *Acredito que sim, ah é assim nós temos miúdos em curso de serralharia que têm sempre saída, em cursos de técnico de vendas, em curso de ah assistentes administrativos, portanto acabam por ser cursos que ainda vão dando resposta às*

*necessidades que que há e é assim, muitos dos miúdos até acabam por mesmo a nível de estágio não é difícil integrá-los, portanto acaba por haver uma.*

**I** – Ah como é que os jovens se deslocam para a escola?

**TEC** – *De transportes públicos sempre, é assim desde pequenino, é assim os mais pequenitos como andam todos na escola dos mais velhos nós temos ah um grupinho que sai todo, sai todo ao mesmo tempo, portanto os mais velhos responsabilizam-se pelos mais novos ah e outros miúdos com 14, 15, 16 anos, portanto pegam no autocarro e vão vao para a escola, portanto é transportes públicos sempre.*

**I** – Ah e qual é o tempo máximo de deslocação por parte de um jovem para ir para a sua escola? Portanto, o tempo máximo?

**TEC** – *Máximo 25 minutos.*

**I** – 25. Ok. Ah de que forma os estabelecimentos de ensino contribuem para alcançar o sucesso escolar das crianças e jovens acolhidas? Qual é que é a sua opinião, a forma?

**TEC** – *É assim, ah o facto deles terem feito ah esta parceria connosco e de estarem em contacto permanente connosco, portanto quer os professores, quer ah as direções das escolas, quer os funcionários ah contribui muito, porque não passam em branco determinadas situações que inicialmente quando eu comecei a trabalhar era mais complicado, porque nós sabíamos ah em 25 minutos se fôssemos às reuniões de 15 em 15 dias, sabíamos passado 15 dias o que ele tinha feito naquela altura. Com com este tipo de de relacionamento que nós temos agora com as escolas ah se acontecer alguma coisa agora daqui a 5 minutos tá um funcionário que nos está a ligar a dizer o que se passou e isso ajuda-nos a tomar uma medida imediata ah e é assim, o impacto que isso tem sobre os miúdos é diferente, eles percebem que estão a ser acompanhados, percebem que as coisas não passam em branco ah e ajuda no sucesso.*

**I** – Portanto esta boa relação entre instituição e estabelecimento de ensino é muito importante?

**TEC** – *Muito importante, mesmo.*

## **BLOCO TEMÁTICO: Fatores Individuais dos Jovens**

**I** – Ah quais é que são as principais dificuldades diagnosticadas quando uma criança ou jovem é acolhida relativamente à área escolar? Portanto quando chega uma criança, normalmente, ou jovem quais é que são as dificuldades diagnosticadas?

**TEC** – *É assim muitos deles já vem com os programas educativos individualizados ah com com os PEI, com os projetos educativos individualizados, dificuldades de aprendizagem ah depois dificuldades ah alterações de comportamento que influenciam muito na capacidade de de atenção ah nas aulas e depois é assim o déficite emocional é muito muito grande, portanto esses são os principais.*

**I** – Que destaca.

**TEC** – *Hum, hum.*

**I** - Ah e tendo em consideração estas dificuldades quais é que são as ações que a instituição implementa para colmatá-las?

**TEC** – *Eu acho que isso se faz de uma forma muito natural, portanto é assim as regras a maioria dos miúdos quando veem, é assim se nós formos a ver os processos deles e depois aquilo com que nós nos deparamos na realidade não não tem muito haver, porque é assim são miúdos que não estão habituados a ter regras, eles entram na instituição, começam a ter aquelas regras são obrigados a cumpri-las ah acabam por ser influenciados pelos outros miúdos que já entraram nas rotinas ah isso ajuda não é, depois o bom bom relacionamento que existe também entre os miúdos e também entre a equipa técnica e os auxiliares e os miúdos também ajuda a colmatar muitas dessas dificuldades, temos muitas vezes professores a dar-nos os parabéns, porque até tiveram com um miúdo numa outra escola no ano anterior em que o miúdo era terrível, veem para aqui passado não de imediato, mas passado dois três meses anda mais calmo ah que anda melhor, mais apresentável, portanto realmente aquelas lacunas que são que são ultrapassadas ah a nível de apresentação, a nível de cumprimento de regras, a nível de ah de boa educação ah portanto acho que isto acaba por ser, é assim a própria dinâmica da casa faz com que isto se torne natural.*

**I** – Ok. Ah relativamente aos projetos de vida, considera que o projeto de vida de uma criança ou jovem condiciona o seu percurso escolar?



**TEC** – *Condiciona, é assim ah nós nós temos muitos meninos que veem para aqui, isso depois também tem a ver um bocadinho com a forma como as coisas lhe são apresentadas quando eles entram na instituição, ah há muitos meninos que vão para ali convencidos que vão ali passar um período de 6 meses e passado 6 meses se vão embora então ah o mais fácil numa fase inicial é não se dedicar à escola, porque é assim basta portarem-se bem e a coisa há-de correr. E quando eles realmente percebem que as coisas não funcionam assim ah acabam por perceber que realmente se calhar tem que se dedicar à escola e tem que fazer ah alguma coisa por eles próprios, porque é assim a realidade que eles ah a forma como eles pensam que as coisas são e aquilo que efetivamente é é muito diferente e eles quando se apercebem disso acabam por por ah entender pela cabeça que se calhar tem de lutar um bocadinho por eles próprios, portanto temos lá miúdos que chegaram à conclusão que é assim passado um ano e meio que não vão voltar para casa e eles começam logo desde o início a dizer, portanto miúdos com 14 anos que me dizem se eu ficar aqui até aos 18 depois vou quero fazer o curso, portanto eles já começam a ah projetar-se no tempo não é, e se calhar lutar um bocadinho mais por eles, portanto a forma como eles veem esse projetos de vida ah definidos ah ajuda. Pronto nós também temos uma política que é os projetos de vida são feitos, são lidos pelos miúdos, são acompanhados, são explicados ah a assistente social conversa com eles ah à cerca da possibilidade ou não do retorno à família e depois a partir daí ah diretora técnica, a assistente social e o educador trabalham no sentido de orientação, é assim se querem continuar a estudar, se querem tirar o 9.º ano e depois ir para um curso profissional, se querem ir trabalhar. Pronto agora com o 12.º ano todos têm que ir estudar não é, mas até há pouco tempo não, o ensino ainda ainda tinha a possibilidade de fazer o 9.º ano e depois tentar integrar o mercado de trabalho ah e vai-se trabalhando com eles assim, mas influencia.*

**I** – Ok. E o facto dos jovens ao completarem os 18 anos terem poder de decisão em continuar na instituição ou sair dela condiciona o seu percurso académico? O facto deles aos 18 anos dizerem “posso ficar ou posso sair”?

**TEC** – *A maioria deles não se quer ir embora muito sinceramente, assim temos os mais rebeldes que acham que conseguem fazer tudo, e é assim e não são muitos os casos que acham que conseguem fazer tudo e que acham que com os 18 anos ah se conseguem*

*orientar sozinhos e pedem para sair da instituição, mas são muito poucos os casos, a maioria dos miúdos ah aos 18 anos pede a extensão para os 21.*

**I** – Também por causa das questões escolares?

**TEC** – *E familiares também, porque é assim é como eu estava a falar dos projetos de vida, eles chegam à conclusão que o projeto de vida deles não passa pelo retorno à família, portanto quanto mais tempo eles conseguirem aproveitar a instituição ah mais facilmente conseguirão ter uma vida mais folgada e então ah acabam sempre por pedir para ficar até aos 21, acabam por integrar um curso profissional, tentar de alguma forma ah e a maioria dos miúdos que nós temos mais velhos tão em cursos profissionais exatamente para concluírem o curso antes de acabar ah a medida.*

**I** – Ok. Ah acha que o facto dos jovens acolhidos poderem permanecer legalmente no máximo até aos 21 anos pode inviabilizar a sua formação académica? Os jovens só podem ficar até aos 21 anos.

**TEC** – *Pode, pode e nós já tivemos algumas dificuldades com isso ah, é assim não são muitos os casos, sinceramente não são muitos os casos que nós tenhamos ali de miúdos que que ficassem ah empatados por causa disso, porque é assim a maioria deles ou saem aos 18 anos e nem o 9.º ano fizeram que era o que acontecia até há muito pouco tempo atrás, ah ou então que é o caso que nós temos agora à partida como conseguirão concluir o curso profissional até aos 21. Tivemos só um caso de um jovem, ah temos um caso de um jovem agora que tem 19, que tem um curso de três anos pela frente e só tem 2 anos para estar na instituição, pronto, a diferença aqui é que ele tem 19 anos e podia trabalhar, mas não tem qualificações para arranjar trabalho não é, portanto nós temos sempre a salvaguarda do se tu conseguires arranjar trabalho, vais procurando, se conseguires arranjar trabalho vais ter que deixar a escola porque, ah é assim nós não podemos garantir-te não é, ah a partir dos 21, pronto e ninguém nos garante que a Segurança Social ah adote ah o apoio em autonomia de vida, portanto é assim neste caso só temos um miúdo nessa situações, mas pode bem acontecer ele chegar aos 21 anos tar no 3.º ano do curso e não o conseguir acabá-lo, portanto pode inviabilizar sim.*

**I** - Ah quais é que são as maiores dificuldades que encontra na área escolar do acolhimento institucional? É uma pessoa que contacta diariamente com esta área, quais é que são as maiores dificuldades para si?

**TEC** – *É assim, primeiro a nível escolar a grande dificuldade é assim, os meninos não sabem o que querem fazer, pronto, a maioria deles não sabe, a escola para eles é sempre um ambiente ah onde eles não querem estar, onde eles se sentem constrangidos ah e a grande dificuldade é consegui-los fazer perceber que têm concluir o 12.º ano e que têm a possibilidade de escolher alguma coisa que lhes possa dar ferramentas para serem alguém no futuro. Porque a maioria deles têm sonhos muito “eu quero ser jogador de futebol, eu quero ser mecânico”, mas depois quando ah lhes começam a dar trabalho e quando lhes começam a surgir as dificuldades é um bocadinho mais mais complicado mantê-los motivados, pronto essas são as grandes dificuldades que nós temos e é assim, as famílias, é assim veem de famílias destruturadas onde a escola se calhar não é uma obrigação, nem uma preocupação, os pais não, é assim, os miúdos faltarem à escola faltaram à escola até vão ajudar e torna-se um bocadinho complicado contornar essa faceta. Quando eles se mentalizam realmente que não irão voltar para a família num futuro de imediato ah e que realmente se calhar não vão conseguir ser jogador de futebol que queriam ah e que já têm três chumbos e que já começam a tar numa turma com meninos três anos mais novos do que eles, aí começam a meter na cabeça que tem que fazer alguma coisa, depois aí as respostas os CEF, os cursos profissionais, que muitas vezes não dão resposta aquilo que eles querem não é, porque têrmo-los num curso que eles não querem não os motiva e eles acabam por não concluir, mas conseguirmo-los meter numa turma com miúdos 4 anos mais velhos também não é motivação acabam por por causar distúrbios, portanto acaba por haver essa grande dificuldade aqui, portanto as lacunas no sistema de ensino aqui são mais do que óbvias.*

**I** – Ah e acha que haveria solução para isso? O que é que gostaria de implementar ou que poderiam implementar para dar solução, por exemplo a este tipo de casos?

**TEC** – *É assim, sinceramente não sei, ah isto acaba por passar um bocadinho pelo aspeto legal ah, porque é assim nós poderíamos trabalhar com os interesses dos miúdos não é, é assim organizar os miúdos por interesses e dar-lhes algum tipo de formação nessa área, mas depois não é formação certificada não é, não é possível fazê-lo, as*

*escolas obrigatoriamente tem cursos até ao 12.º ano também não tem resposta para as problemáticas ah e é assim, é sempre muito complicado nós conseguirmos motivar miúdos quando não lhes estamos a dar aquilo que eles querem, que eles precisam, há países em que se trabalha com os miúdos, por exemplo em cursos de oficinas de bicicletas e no fim dá-se lhes uma certificação de mecânica ah básica, aqui em Portugal, por enquanto ainda não é possível, portanto enquanto isso não acontecer ah vamos estar sempre na mesma, sem respostas e sem forma de os motivar.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Importância do Sucesso Escolar**

**I** – Ah o que é para si sucesso escolar?

**TEC** - *...(sorriso) sucesso escolar, isto é assim temos que relativizar as coisas antigamente pensava-se que só por se tinha um curso ah era se melhor, é assim se calhar a escola tem que servir como um uma forma de dar ferramentas aos miúdos para eles fazerem alguma coisa que lhe agrada e que lhes permita ser úteis na sociedade, não é. Portanto o sucesso escolar passaria por para mim por conseguir os miúdos ah a adquirir conhecimentos para ah fazer alguma coisa que lhes pudesse dar uma forma de vida, acaba por ser assim, o sucesso escolar não se mede pelo número de negativas, temos miúdos que são excelentes profissionais e péssimos nas disciplinas todas teóricas ah é assim, que têm mesmo os mínimos dos mínimos para conseguir passar e eu sei posso dizer que há sucesso escolar não é, temos que medir as coisas, se é assim se eu tenho um miúdo que quando veio para aqui com 12 negativas e que chegou ao final do ano chumbou mas teve 4 é sucesso escolar, ah não podemos dizer só que ele teve insucesso porque chumbou se calhar temos é que pensar que ele teve ah um percurso muito positivo e que permitiu alcançar não é, ah alguns dos objetivos, portanto sucesso não só passa pela conclusão de um curso ou pela pela transição de um ano.*

**I** – Ok. Ah e por fim considera que a sua instituição contribui para alcançar o sucesso escolar das crianças e jovens acolhidas?

**TEC** – *Considero, é assim nós tentamos sempre, sempre, sempre ah as alternativas que nós consideramos que são melhores para eles, nem sempre a escola concorda, pronto nem sempre acham que é a forma mais mais adequada de lidar com os problemas, mas conhecendo os miúdos e sabendo quais são os interesses deles tentamos sempre*

*adequar ah escolha dos cursos, das formações ah às qualidades do miúdo e os interesses do miúdo, pronto, não é sempre muito fácil lidar com isto, não é fácil de lidar com o preconceito ah que alguns miúdos são sujeitos também pelo passado deles não é, mas eu acho que enquanto em instituição sim. Pronto tentamos sempre, é assim o contacto com a escola é constante, não estamos sempre de acordo com eles, a escola acaba por ir negociando e vamos sempre adaptando as coisas ah mas penso que no geral, é assim tivemos um sucesso de 93% no último ano letivo, portanto dentro dos miúdos que estavam enquadrados 92 ou 93%, portanto é muito positivo.*

I – Ok. Obrigada pelo seu contributo.

**Instituição de Acolhimento D - Transcrição da Entrevista ao Jovem:  
Código – JED**

**Observações:**

Data: 26 de novembro de 2014

Local: Gabinete dos Técnicos da Instituição de Acolhimento D

Hora de início: 21h00min

Hora do fim: 21h21min

Tempo de gravação: 21 minutos

**DESENVOLVIMENTO DA ENTREVISTA**

**BLOCO TEMÁTICO – Identificação Pessoal**

**Investigadora (I) -** Que idade tens?

**Jovem Entrevistado da Instituição de Acolhimento D (JED) –** 18

**BLOCO TEMÁTICO: Acolhimento Institucional**

**I –** Há quanto tempo vives nesta instituição?

**JED –** Há 3 anos.

**I –** Ah gostas de viver nesta instituição?

**JED –** Gosto.

**I** – Então porquê?

**JED** – *Porque eu tenho aqui pessoas, tratam-me bem e fazem um esforço pra eu ser um Homem.*

**I** – Ah e como é tua relação com os funcionários da instituição?

**JED** – *São boas.*

**I** – É boa?

**JED** – *Porque eu percebo ah ah a parte deles e percebo também a nossa, pois (não audível).*

**I** – Ah e com os teus colegas da instituição como é que é a tua relação?

**JED** – *Com alguns é bom e outros não, não é muita ligação que tenho com eles.*

**I** – Tens mais ligação com com alguns é isso?

**JED** – *Sim e outros não.*

**I** – Ah já estivestes noutra instituição?

**JED** – *Já.*

**I** – Quanto tempo?

**JED** – *7 anos.*

**I** – Ah e achas que o facto de teres estado nestas instituições ah contribui para alcançares o teu sucesso escolar? Para estares hoje no ano que estás?

**JED** – *É assim eu acho que não é tanto, porque ah né a instituição que faz mudar a escola, nós é que temos fazer alguma coisa que a escola.*

## **BLOCO TEMÁTICO: Percurso Escolar**

**I** – Ok. Então e andas em que ano?

**JED** – *11.º ano de restauração.*

**I** – É um curso profissional?

**JED** – *Sim.*

**I** – Ah já chumbastes algum ano ah nesta instituição?

**JED** – *Ah nesta não.*

**I** – Não. Então viestes para para esta instituição estavas em que ano escolar?

**JED** – *Para aqui no 7.º ano.*

**I** – Estavas no 7.º, ou seja, desde o 7.º até ao 11.º nunca chumbastes?

**JED** – *(Acenou positivamente com a cabeça).*

**I** – Ah e antes de estares a viver numa instituição já tinhas chumbado?

**JED** – *(Acenou positivamente com a cabeça).*

**I** – Já?

**JED** – *(Acenou positivamente com a cabeça).*

**I** – Quantas vezes?

**JED** – *Foi duas.*

**I** – Duas vezes. Ah o curso que estás agora a frequentar é aquele que tu gostavas de tirar?

**JED** – *Sim.*

**I** – É! Então porquê? Porque é que gostas deste curso?

**JED** – *Porque eu gosto ah de trabalhar com outras pessoas e às vezes tenho muita paciência que temos que ter com os cliente, ca as pessoas.*

**I** – Tens muita paciência para os clientes é isso?

**JED** – *E não é pouco.*

**I** – Ah e então alguém te ajudou a escolher este curso?

**JED** – *Não.*

**I** – Não, fostes tu?

**JED** – *Fui e também é assim não fosse este curso, porque também a nossa escola é privada e temos muitas coisas, o Renato também ajudou um bocado a ir para aquele curso. Eu fui visitar aquela escola em há dois anos atrás, fui ver aquela escola e gostei muito daquilo e gostava de trabalhar naquilo.*

**I** – Pronto então quer dizer tivestes um mãozinha do Dr. Renato?

**JED** – *Sim.*

**I** – É isso, ele ajudou-te, deu-te um bocadinho. E então e na tua opinião achas que o teu percurso escolar contribui para alcançares o teu sucesso escolar? Ou seja, tudo o que tu fostes, já dissestes que já chumbastes alguns anos, mas agora tens tido sucesso escolar nestes últimos anos, não foi?

**JED** – *Sim, foi.*

**I** – Então achas que contribui o teu percurso escolar?

**JED** – *Sim, eu acho que sim, porque não fosse agora também não não sabia aquilo que gostava de fazer, agora gosto mais, porque já tenho uma idade, porque sabendo que as idades também às vezes ajuda e aquilo que eu quero é isto.*

**I** – Portanto o facto de teres chegado aqui estás a gostar né?

**JED** – *(Acenou positivamente com a cabeça).*

### **BLOCO TEMÁTICO: Fatores Ambientais e Recursos da Instituição**

**I** – Ah na instituição onde é que realizas o teu estudo diário?

**JED** – *Na sala ou no quarto.*

**I** – Ah e tens os materiais, o material escolar necessário para fazeres os trabalhos de casa, por exemplo canetas, cadernos, lápis?

**JED** – *Sim.*



**I** – A instituição disponibiliza tudo?

**JED** – *Sim, sim, isso sim.*

**I** – Achas que o teu local de estudo é silencioso ou barulhento?

**JED** – *É mais ou menos.*

**I** – (Sorriso) E como é que é esse mais ou menos explica-me lá?

**JED** – *Tem dias, há dias que é no quarto posso estar a estudar na boa e outros dias.*

**I** – Mas no quarto é mais silencioso?

**JED** – *Sim no quarto é. Agora na sala nem tanto, por causa de outras pessoas.*

**I** – Estão lá mais colegas teus é isso?

**JED** – *Sim.*

**I** – E depois metem-se a falar?

**JED** – *Ah isso é normal.*

**I** – Ah e o teu local tem iluminação suficiente, a luz é suficiente para tu estares a estudar achas?

**JED** – *Tem até demais, porque isto faz mal à vista.*

**I** – Ah e é um espaço com uma temperatura agradável?

**JED** – *É no meu quarto é bom.*

**I** – É. E na sala também?

**JED** – *Na sala não é tanto, é mais frio.*

**I** – É mais frio, mas

**JED** – *Sim, é na boa.*

**I** – É na boa. Ah na instituição tens computadores para realizar os teus trabalhos escolares?

**JED** – *Tenho e não é pouco.*

**I** – Tens computadores?

**JED** – *(Acenou positivamente com a cabeça).*

**I** – E tens acesso à internet?

**JED** – *Tenho. (não audível)*

**I** – Sim para fazer os trabalhos né?

**JED** – *Tenho.*

**I** – Ah e também tens outros livros sobre outros temas assim tipo como se fosse uma biblioteca para vocês, por exemplo imagina que queres ir fazer uma coisa sobre ah turismo há assim tipo uma biblioteca para irem fazer uma pesquisa desse tema?

**JED** – *Cá em casa?*

**I** – Sim.

**JED** – *Uma biblioteca de livros?*

**I** – Sim, sim mas não considerando como uma biblioteca, mas um sítio onde vocês possam lá ir buscar livros de outros temas?

**JED** – *Ah nós pedimos ao Renato e às vezes o Renato compra livros para para nós (não audível).*

**I** – Ou seja, vão construindo a vossa própria biblioteca para todos, é isso?

**JED** – *Sim.*

**I** – Tem um armário com esses livrinhos todos?

**JED** – *Sim, lá em baixo.*

**I** – Ok. Ah achas que o mobiliário é adequado para a realização dos trabalhos?

**JED** – *É! Uma secretária e uma cadeira é bom.*

**I** – No teu quarto tens uma secretária?

**JED** – *Sim.*

**I** – E lá em baixo também tens uma secretária ou tens uma mesa?

**JED** – *Tenho! Uma mesa e uma secretária.*

**I** – Ok. Então achas que o teu local de estudo, o facto de teres computadores e outros materiais necessários para fazeres os trabalhos de casa contribuem para alcançar o teu sucesso escolar?

**JED** - *...Hum, sim. Também não fosse agora os educadores também é mais difícil, porque às vezes eu não consigo fazer uma coisa e eles podem-me, podem-me ajudar a fazer e ajudam-me mais.*

**I** – Sim.

**JED** – *Não é só pc e bibliotecas que fazem estudar.*

**I** – Pronto, mas isso é importante também o facto de teres os materiais?

**JED** – *Sim.*

**I** – Ah tu num curso de restaurante tu tens também por exemplo tens as fardas, não é?

**JED** – *Tenho.*

**I** – E a instituição

**JED** – *É que me ofereceu.*

**I** – É que paga né?

**JED** - *(Acenou positivamente com a cabeça).*

**I** – Portanto é importante, ou seja tudo o que a instituição te dá

**JED** – *É importante.*

**I** – É importante para alcançar o teu sucesso escolar?

**JED** - *(Acenou positivamente com a cabeça).*

## **BLOCO TEMÁTICO: Relação com a Comunidade Educativa**

**I** – Ah como é que te deslocas para a escola?

**JED** – *De autocarro da escola.*

**I** – E demoras quanto tempo?

**JED** – *Uma hora.*

**I** – Uma hora todos os dias.

**JED** – *(Acenou positivamente com a cabeça).*

**I** – Então gostas da escola onde estás?

**JED** – *Gosto.*

**I** – Então porquê? Diz-me lá.

**JED** – *Porque é outro outro tipo de ambiente.*

**I** – E o que é que é outro tipo de ambiente?

**JED** – *É daquelas escolas mais pequenas e mais que não metem todos uns com os outros nunca há guerras como escolas D A aqui em C aquelas grandes escolas.*

**I** – Ou seja, tu gostas de escolas pequenas e com ambiente calmo?

**JED** – *Sim.*

**I** – É isso, e destacas mais alguma coisa? Achas que aquela escola tem mais alguma coisa?

**JED** – *Tem os professores, porque não há tantos alunos, há mais poucos e os stores já sabem mais ou menos o que cada um tem, o que pode ajudar ou não.*

**I** – Ok. Ah e achas que estás integrado na tua turma?

**JED** – *Tou.*

**I** – E porquê?

**JED** – *Porque nós precisamos de saber trabalhar em equipa com todos e precisamos de ter paciência com todos o tipos de pessoas. É isso que serve para sermos uma pessoa é preciso ter paciência.*

**I** – Ok. Ah na escola existem alguns comentários menos positivos sobre o facto de viveres numa instituição?

**JED** – *Não.*

**I** – Não?

**JED** - *Não, porque na nossa escola percebe que nós temos numa instituição e eles percebem como é a nossa vida não é por tar numa instituição que sou diferente.*

**I** – E os teus colegas não comentam nada?

**JED** – *Não.*

**I** – Não?

**JED** – *...Eles até querem saber como é que isto é!*

**I** – Tem curiosidade em conhecer a instituição?

**JED** – *Sim, porque eu falo bué bem dela e... porque há pessoas que tão naquela cena tão numa instituição não tão a gostar e eu não, eu até gosto de tar aqui, porque tratam-me bem, fazem tudo que também gosto e eles podem fazer ou não, e também falo bem das instituições, porque há pessoas às vezes tem assim uma entre aspas “um mau sucesso nas instituições” não é a instituição que tem culpa, às vezes é mais as pessoas.*

**I** – Que estão a trabalhar na instituição é isso?

**JED** – *Não, né trabalham na instituição é o nós, as pessoas que tão, o nós. Temos na instituição e que porto-me mal não é, e tou sempre a fugir e essas coisas isso não é bom, porque se calhar as pessoas pensam tem uma noção da casa que aquela pessoa é má e que não estão, não estão ali dar respeito e tão. As pessoas às vezes não querem é mais isso.*

**I** – Quem está a viver lá é que não quer?

**JED** - *(Acenou positivamente com a cabeça).*

**I** – Pronto. Ah sentes que podes confiar nos funcionários e professores da escola, da tua escola?

**JED** – *Posso.*

**I** – Podes?

**JED** - *Dos professores alguns, noutros não é tanto confiança que eu tenho. Só que (não audível) com os educadores também.*

**I** – Ah sabes como é que a tua instituição comunica com a escola para saber sobre a tua situação escolar? Como é que eles fazem?

**JED** – *Por telemóvel.*

**I** – Por telemóvel?

**JED** – *Ou vão à nossa escola.*

**I** – Ou vão à vossa escola, é isso?

**JED** – *Sim. Só que não é tanto, porque... eu porto-me bem na escola.*

**I** – Ah então achas que não é necessário ir lá tanta vez?

**JED** – *Não (não audível) quase nunca o Renato vai à escola, o Renato é o diretor da instituição.*

**I** – Sim. Ah achas que a escola onde estás, portanto neste momento, contribui para alcançares o teu sucesso escolar?

**JED** – *Muito.*

**I** – Muito! Porquê? O que é que tu destacas, então?

**JED** – *Destaco porque há muitas pessoas do mundo que tão em restauração que há muitas pessoas que saíram da minha escola. A nossa escola ajuda muito ah a saber aquilo que nós queremos para a vida. E às vezes a escola não deixa o aluno a ir baixo quer sempre em cima e isso ajuda muito as pessoas e a escola.*

**I** - Dá motivação a vocês?

**JED** – *Muita motivação a nós.*

**I** – E não desiste de vocês, é isso?

**JED** - *(Acenou positivamente com a cabeça).*

**I** – Para ti isso é muito importante?

**JED** – *É, pois nós temos o melhor do mundo em barman saiu da minha escola e é isso que eu quero ser também, o melhor do mundo.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Metodologia de Intervenção Escolar do CAT/LIJ**

**I** – Muito bem. Ah quem é o teu encarregado de educação?

**JED** – *É o Renato.*

**I** – Ah e como é que é a tua relação com ele?

**JED** – *Muito bom...porque gosto dele e preciso estar bem com ele.*

**I** – E o que é que tu destacas dessa relação? Dás-te bem com ele?

**JED** – *Sim, posso confiar nele.*

**I** – Podes confiar nele?

**JED** – *O Renato para mim era o tutor, o meu tutor acabou agora, porque já tenho 18 anos, há 3 anos foi meu tutor. Temos uma ligação boa.*

**I** – Ah quando necessitas de fazer trabalhos de casa, ajuda para os trabalhos de casa ah quem é que tu procuras?

**JED** – *É mais o os sei lá isso os educadores, o Renato coitado tá tá a ver estes papéis aqui?!*

**I** – Sim (sorriso).

**JED** – *Ainda tem mais!*

**I** – Portanto é os monitores?

**JED** – *Sim. E o Renato também às vezes quando pode.*

**I** – Ah e então quem é são os responsáveis ah pelo acompanhamento ao estudo diário na tua instituição, portanto quem é que são os funcionários responsáveis, já dissestes que são os educadores, é isso?

**JED** – *E o Renato, e a Flávia e o Raúl.*

**I** – Portanto são todos, é isso, acabam por ser todos?

**JED** – *Sim, sim...cada um percebe mais de português, de matemática.*

**I** – Toda a gente dá uma achega!

**JED** - *(Acenou positivamente com a cabeça).*

**I** – Ah achas que existe um número suficiente de funcionários, de voluntários ou de estagiários, não sei se existem neste momento, para acompanharem o estudo diário na tua instituição?

**JED** – *Há.*

**I** – Achas que sim?

**JED** – *Eu acho que deve ser pelo menos haver mais uma pessoa, só são duas e nós somos 12 ou 11 percebe?!*

**I** – Estás a falar dos dois educadores?

**JED** – *Sim, há sempre o Renato, a Flávia e o Raúl, a Flávia agora vem mais a noite para tar connosco a estudar e isso, ah eu acho que há, podia era haver mais uma pessoa a mais.*

**I** – Uma pessoa a mais?

**JED** – *Porque há pessoas que tem outras dificuldades, outros são do, uns são do 10.º, outros são do 9.º, 7.º, 8.º (não audível) eu acho que podia haver sempre mais uma pessoa para isto.*

**I** – E achas que era funcionário ou voluntário, por exemplo uma pessoa vir cá vos ajudar?



**JED** – *Era uma pessoa para ajudar, porque já chega a confiança que nós temos com os educadores não é preciso tanta confiança com uma pessoa que vem para aqui só ajudar.*

**I** – Ou seja, então querias antes um funcionário é isso, um educador?

**JED** – *Sim, porque nós temos mais confiança.*

**I** – Ok. Ah quais é que são as principais regras que existem na tua instituição relativamente às questões escolares?

**JED** – *Estudar (sorriso).*

**I** – Sim.

**JED** – *Estudar é algo importante nesta casa.*

**I** – E então como é isso estudar, explica-me lá.

**JED** – *Chego a casa, oh tpc ou estudar para os testes, às vezes quando não temos testes estudamos a matéria que nós temos mais dificuldade.*

**I** – Portanto, é obrigatório estudares todos os dias, é isso?

**JED** – *Sim.*

**I** – Ah imagina faltas a uma aula sabes o que é que te acontece?

**JED** – *Castigo.*

**I** – Castigo?

**JED** – *Faltar às aulas como eu nunca faltei.*

**I** – Pronto mas imagina (sorriso).

**JED** – *Castigo é mais tempo de castigo e estudar mais.*

**I** – E como é que é esse castigo?

**JED** – *Ou lavar a loiça, ou estudar mais. É sempre estudar mais, porque é tipo de aula. Mais castigos de estudo.*

**I** – Mais castigos de estudo.

**JED** – *Yah.*

**I** – Eu sei que não tens caderneta, mas por exemplo imagina que o Dr. Renato liga para a tua escola ou ligam da tua escola a dizer que tu portas-te mal numa aula, o que é que te pode acontecer?

**JED** – *Para mim é impossível, porque eu não me porto mal nas salas de aula. É castigos de estudo e a mais.*

**I** – Portanto relacionado?

**JED** - *De estudos.*

**I** – Ok. Então e como é que estas regras são transmitidas aos teus colegas e a ti? Imagina tens o estudo obrigatório, o se faltar às aulas?

**JED** – *O Renato chama diz que quer falar connosco, fala e escreve num papel que é, que há um papel nesta casa que é os castigos das pessoas, a mim não de castigos, porque eu sei qual são os meus próprios castigos, não é preciso escrever, porque já eu sou o mais velho desta casa e não é preciso estar ali a escrever o que é preciso, eu preciso de saber o que é.*

**I** – Sim.

**JED** – *Pode ter confiança connosco.*

**I** – Pronto, ou seja, quando acontece alguma coisa veem ao Renato, ao Dr. Renato e escrevem?

**JED** – *Ele escreve.*

**I** – Mas, imagina quando chegastes à instituição como é que te explicaram estas regras, foi quando no dia em que chegastes?

**JED** – *Não fui fui perceber como eram as regras desta casa.*

**I** – Fostes percebendo aos poucos e poucos?

**JED** – *Sim.*

**I** – Ah achas que estas regras estão adequadas?

**JED** – *Tão, porque tem eh eh portarmo-nos mal na salas de aula, porque nós vamos para a rua e assim, ir para a rua, e assim não temos aquele tempo na aula e a seguir não temos na aula é o tempo de ficar em casa, eu acho que sim.*

**I** – Achas que é correto, e mesmo o estudo diário?

**JED** – *Sim.*

**I** – Achas que é importante?

**JED** – *É porque nós não é só na escola que precisamos de estudar. Um bocado pelo menos mais um bocado para saber mais ou menos a matéria para não se esquecer é bom.*

**I** – Ah quando apresentas um bom resultado escolar como é que reagem os funcionários da instituição? Imagina que tiras um 16 num teste.

**JED** – *Bem isso gostava eu! Não, é assim eles eles querem que nós passamos de ano, mas eles ficam contentes também quando também tiro uma nota também e eles sabem que se posso fazer melhor eles falam connosco eles dizem: “oh amigo tu és capaz de fazer bem, tu tens uma capacidade, podes ter uma capacidade menos que os outros mas és capaz” é mais de falar e estudar mais, de saber.*

**I** – Mas ficam contentes quando tens uma boa nota?

**JED** – *Sim.*

**I** – Ah que sugestões é que davas à tua instituição para melhorarem o acompanhamento escolar? Se calhar já respondestes atrás.

**JED** – *Era mais uma pessoa a ajudar.*

**I** – Era mais uma pessoa a ajudar, era isso?

**JED** – *(Acenou positivamente com a cabeça).*

**I** – Ah achas que aqueles que aqui trabalham e a própria direção valorizam a escola?

**JED** – *Sim, eles querem que nós temos temos um futuro bom e nós não podemos ter um futuro sem a escola. A escola conta muito.*

**I** – E porque é que achas que a escola conta muito? O que é que a escola te vai dar?

**JED** – *Porque nós agora dá o ano letivo que é importante agora, porque se nós vamos trabalhar eles contam muito o ano e a capacidade que nós temos.*

**I** – Ah achas que o trabalho realizado na instituição relativamente à área escolar contribui para alcançares o teu sucesso escolar?

**JED** - *Sim, porque se existir mais capacidades às vezes cá em casa ajudam mais a estudar nas outras áreas e a saber mais coisas e quando chegar à escola já sei. E sei mais coisas.*

#### **BLOCO TEMÁTICO: Aspirações Académicas/Profissionais**

**I** – Ah pretendes terminar o 12.º ano?

**JED** – *Sim.*

**I** – Na instituição ou fora dela?

**JED** – *Na instituição.*

**I** – Ah no fim de terminares este curso pretendes continuar a estudar ou ir trabalhar?

**JED** – *Estudar também ou os dois.*

**I** – Trabalhar e estudar?

**JED** – *Sim.*

**I** – Mas estudar durante a semana e ir trabalhar ao fim-de-semana é isso?

**JED** – *Sim é isso.*

**I** – E na instituição ou fora dela?

**JED** – *Estudar?! Trabalhar é fora.*

**I** – Mas o estudar, tu dizes que ao final do 12.º queres ir estudar?

**JED** – *Quero continuar a estudar numa escola, noutra escola.*

**I** – Noutra escola sim, mas aqui na instituição ou?

**JED** – *Já não é tanto para aí no 10.º a partir do 10.º já não é.*

**I** – Já não queres estar aqui na instituição?

**JED** – *Não quero continuar só que já não é aquela ligação que eu tenho como agora. Porque eu quero ir estudar para fora de Portugal e primeiro quero acabar o 12.º e a seguir quero ir para a Escola do Z que é em Y, quero continuar a estudar, e quando entrar lá não vou ficar muitas vezes cá em casa vou tar lá num quarto ou assim.*

**I** – À! Mas, mas vais ter sempre aqui o apoio?

**JED** – *Sim o apoio da instituição tenho.*

**I** – Não te vais embora?

**JED** – *Ah isso não.*

**I** – Não, à!

**JED** – *Só me vou embora quando tiver a minha vida mais ou menos feita.*

**I** – À pronto era isso que eu queria saber! Ah então que curso é que gostavas de tirar então na Escola de Hotelaria?

**JED** – *A mesma coisa, Restauração/Bar.*

**I** – Restaurante/Bar?

**JED** – *Só que é em eu tou agora a tirar o 5, mas é o o 6 ou 7 né lá, eu quero continuar até ao 7.*

**I** – Ok.

**JED** – *Em restauração.*

**I** – Ah e achas que o facto de queres continuar a estudar, mas também queres ir trabalhar né, fazer essas duas coisas ah contribuem para alcançar o teu sucesso escolar?

**JED** – *Conta muito, porque não estudar também não vou a lado nenhum eu não estudasse não vou continuar a estudar e trabalhar.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Importância do Sucesso Escolar**

**I** – Ah o que é para ti teres sucesso escolar?

**JED** – *É ter um ...como jogar futebol também começo a jogar futebol no início até ao fim e para mim estudar é tudo na vida, porque sem estudar não podemos fazer mais nada na vida quase.*

**I** – Ou seja, portanto o facto de estudares e atingires um patamar é o sucesso escolar, é isso?

**JED** – *Sim, porque também como hei-de explicar eu quero ser o melhor quero ter uma qualidade de restauração, também não fosse agora aos estudos, a estudar sobre restauração também não sabia de nada e isso conta muito para mim coisa do estudo.*

**I** – Ah e é importante para ti teres sucesso escolar?

**JED** – *Sim, porque é onde começa sempre é a escola.*

**I** – Ah achas que a tua instituição contribui para alcançares o teu sucesso escolar?

**JED** – *Sim. Mais ou menos. Eu gostava mais de praticar mais coisas cá em casa só que há coisas que eu não posso praticar na minha instituição como cocktails não posso cá em casa, álcool, isso não pode entrar álcool cá em casa.*

**I** – Mas compreendes?

**JED** – *Sim compreendo.*

**I** – Mas mesmo assim contribui?

**JED** – *Sim. (Não audível) Às vezes é mais na escola, porque na escola podemos ter tudo.*

**I** – Mas contribui para alcançares o teu sucesso escolar?

**JED** – *Sim.*

**I** – Sim. Ok. Obrigada pelo teu contributo.

**JED** – *De nada.*

### **Instituição de Acolhimento D - Transcrição da Entrevista à Técnica:**

**Código – TED**

#### **Observações:**

Data: 26 de novembro de 2014

Local: Gabinete dos Técnicos da Instituição de Acolhimento D

Hora de início: 20h00min

Hora do fim: 20h50min

Tempo de gravação: 50 minutos

### **DESENVOLVIMENTO DA ENTREVISTA**

#### **BLOCO TEMÁTICO: Identificação Profissional**

**Investigadora (I)** – Ah qual é a sua formação académica?

**Técnica Entrevistada da Instituição de Acolhimento A (TED)** – *Ah licenciatura em psicologia.*

#### **BLOCO TEMÁTICO: Atual Situação Profissional**

**I** – Ah desde quando desempenha funções nesta instituição de acolhimento?

**TED** – *Vai fazer quatro anos em janeiro.*

**I** – Ah quais são as funções que desempenha nesta instituição?

**TED** – *Psicóloga como parte da equipa técnica, sim.*

**I** – Ah habitualmente qual é que é o seu horário laboral?

**TED** – *É assim eu divido-me entre ATL que é outra valência do M e aqui o LIJ, portanto tou a 50% num lado e 50% noutro. Portanto aqui no LIJ normalmente estou ah no período da tarde entre as 14:30/15 até às 17 e depois entre as 19 e as 21, normalmente é este o horário que faço aqui.*

**I** – E trabalha aos fins-de-semanas?

**TED** – *Ficamos de prevenção aos fins-de-semana, a equipa técnica não não estamos a fazer horário ah aos fins-de-semana.*

**I** – Ok. Ah anualmente a instituição tem dado formação a nível profissional e pessoal a todas as equipas?

**TED** – *Sim.*

**I** – Em que áreas?

**TED** – *Ah à equipa educativa ah quer na área da comunicação, assertividade ah na questão da saúde mental também dos jovens, ah na intervenção do dia-a-dia com os jovens também, ah mais dentro destas temáticas, ah tenta-se, nós recebemos sempre uma lista das formações não é, ah organizadas até através da Segurança Social e a partir daí vamos seleccionando também aquelas temáticas mais importantes e tentamos nos gerir aqui em casa para que, por exemplo temos até amanhã uma em que a equipa educativa vai toda e a casa fica um bocadinho mais por conta dos técnicos, não é, tentamos também ah ter esta flexibilidade para que todos poderem participar em formações que são importantes ah a nível da inteligência emocional, e pronto essas questões assim quer mais psicológicas, quer também mais a nível da intervenção no direto com os jovens, quer para uma equipa quer para a outra.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Organização Institucional**

**I** – Ok. Ah no último ano acha que o modo de organização da instituição contribuiu com boas condições para desenvolver o seu trabalho?

**TED** – *Sim.*

**I** – Porquê? O que é que destaca?

**TED** – *Ah é assim eu como tou dividida não é, ah há uma organização que me permite ah desenvolver cada vez melhor o meu trabalho, porque se não houvesse essa organização era muito difícil eu estar ah com crianças dos 8 anos no ATL e depois chegar aqui estar com crianças nesta faixa etária, e poder chegar e fazer o meu trabalho portanto ah própria organização, não sei se estou a responder, se tou a ir ao encontro daquilo que pretende, porque a própria organização da instituição ah está*



*preparada para isso, normalmente eu sou a única técnica que tou das 19 às 21 ah e realmente isso permite que os jovens estejam mais disponíveis se eu preciso de falar com alguns, ou seja, não estão a falar com os outros técnicos, porque às vezes é preciso não é, falarem mais com o diretor ou com o psicólogo e e às vezes não é muito fácil gerir estas coisas não é, por exemplo se todos quisermos falar com o mesmo jovem no mesmo dia, às vezes isso depois isso cria aqui algumas situações um bocadinho ah o jovem “à já falei com tanta gente, à mais uma”, e pronto a própria organização da instituição tentamos cobrir o horário da manhã até à noite em que esteja pelo menos um técnico presente, tentamos realmente nos organizarmos para haver este apoio, esta disponibilidade do jovem aquela hora estar com aquele técnico para fazer o trabalho, por exemplo de acompanhamento psicológico ah e depois na parte da tarde normalmente é mais o apoio ao estudo ou de orientação nos estudos, portanto tou mesmo naquelas partes mais ah fulcrais aqui do dia-a-dia.*

**I** – Ah considera que existe um bom relacionamento entre colaboradores e crianças e jovens?

**TED** – *Sim, uma das coisas que nós temos aqui de melhor é realmente uma uma boa relação com com todas as crianças, é claro que poderá haver um ou outro educador que não consegue tão bem ou tão rapidamente chegar algum miúdo por ter alguma, por esse miúdo ter alguma característica que ah cria atrito com algumas características do próprio educador não é, mas de uma maneira geral ah temos muita preocupação em criar boas relações é um dos objetivos, até porque nós trabalhamos de acordo com o modelo de educador de referência e e de facto isso é a base para o trabalho.*

**I** – Ah e entre os próprios jovens?

**TED** – *Entre os próprios jovens nós temos aqui miúdos que são os melhores amigos um do outro ah que querem estar nas mesmas atividades do amigo, porque é o amigo que lá está ah mas depois temos aqui jovens que não se dão tão bem não é, ou por diferenças de idade, porque temos o miúdo o mais novo tem 11 anos e o mais velho tem 18 ou por haver uma grande diferença de idade e nota-se realmente não há uma grande afinidade ou então porque, porque características mesmo pessoais dos jovens que realmente não partilham interesses então não há não há uma boa relação, uma relação de amizade, nem se posso chamar de amizade ah ah estão uns com os outros,*

*respeitam-se, mas só com alguns é que realmente há verdadeiras relações de de amizade, mas tentamos também nós trabalhar esta questão do respeito não temos que ser amigos de todos, mas mas pelo menos respeitar e criar todos um bom ambiente que neste momento temos um bom ambiente, quer entre jovens quer entre as equipas e os jovens.*

**I** – Ah considera que a organização institucional contribui para alcançar o sucesso escolar das crianças e jovens acolhidas?

**TED** – *Eu penso que sim, ah aliás nós temos aqui jovens que chegaram-nos com muuitas dificuldades escolares, como por exemplo uma leitura silabada e lenta e saem daqui a saber ler e escrever ah fluidamente não é, e e com positiva a todas as disciplinas, temos miúdos que nos chegaram aqui com dificuldades, aliás a parte escolar é sempre o calcanhar daqueles penso eu de qualquer jovem institucionalizado pela experiência que eu tenho, nenhum jovem chegou aqui sendo espetacular a nível escolar ah e de facto ah porquê?! Porque perderam muita coisa atrás não é, falta sente-se mesmo uma grande falta de bases a nível escolar, ou porque faltavam muito, ou porque não eram estimulados, não tinham acompanhamento escolar e chegam aqui com dificuldades que eu digo são chocantes às vezes, porque não tem a noção de por exemplo em que regiões é que o país é dividido, e onde é que fica a cidade de Évora, não é, fica no norte, tivemos um miúdo que nos disse isto ah e de facto eles chegam-nos assim um bocadinho com com muitas dificuldades e por mais que a gente vá avançando às vezes, ainda ontem percebemos que havia um miúdo tinha esta dificuldade em perceber onde é que ficam as regiões, porque de facto é uma grande lacuna, uma grande lacuna, faltou muito para trás, muitos anos escolares, são miúdos com muito com historial de muitos chumbos alguns, ah e de facto a instituição está organizada de maneira que realmente se trabalhe o estudo como uma peça fundamental também para o bem-estar emocional deles, sentirem o sucesso na escola para poderem depois também ali sentir-se um bocadinho mais confiantes com eles próprios.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Fatores Ambientais e Recursos da Instituição**

**I** – Ok. Ah em que local ou locais da instituição as crianças e jovens realizam o estudo diário?

**TED** – *Poderá ser nos quartos ou numa sala que tem os computadores também para fazer trabalhos escolares e que no período de estudo a sala destina-se exclusivamente para isso, ou para trabalhos no computador ou para estudo na mesinha que eles lá têm. Fora do período de estudo é uma sala também usada para jogos de mesa, para brincadeiras também no computador, porque por logística da instituição é a única sala que poderemos ter disponível para para esse efeito, às vezes é necessário ah a televisão tar desligada na outra sala, porque numa semana em que todos tem muitos testes dividimos para ser mais rentável e ficam uns nessa sala que já é a sala de estudo, ficam outros na sala da televisão, a televisão apagada na mesa que nós temos lá e outros nos quartos e tentamos que assim seja.*

**I** – Ah e considera que esses locais têm as condições adequadas para concretizarem as tarefas escolares? Estou a falar a nível de luz, mobiliário, ruído, dimensão do espaço, temperatura, material escolar.

**TED** – *Ah sim nós lá em baixo nem todas as salas não têm isso, os quartos sim tem secretária e tem a cadeira deles e tem o material junto à secretária, o material que eles usam, ah lá em baixo nós temos um armário com o que eu costumo dizer brincar com eles e dizer-lhes que é a nossa biblioteca, temos um armário com manuais escolares de outros anos ou manuais que já não que estão em desuso por causa das metas curriculares e que são podem ser usados para consulta ah ou para fazer fichas diferentes das que eles estão a fazer para treinar a mesma matéria, portanto e temos os computadores também todo o material, têm dossiers, têm dicionários, portanto eu penso que que sim dentro do possível sim, não é a sala ideal, mas ah seria ideal para mim se tivesse por exemplo mais mesas em que eles pudessem estar mais individualmente, mas não sendo ideal pra a logística da própria casa, porque como vê é uma casa pequena ah tem tem material escolar, tem material que eles podem usar, tem folhas de rascunho, tem dicionários, tem o que eles precisam.*

**I** – Ah já referiu que tinha ah computadores, eles têm acesso à internet?

**TED** – *Têm.*

**I** – Têm aqui para fazer os trabalhos?

**TED** – *Têm...aliás normalmente para todos os tipos de trabalho eles normalmente é uma condição em que os professores pedem para que possam pesquisar qualquer coisa à internet que eles realmente tem tem isso tem essa possibilidade.*

**I** – Ah então considera que o local de estudo, os recursos tecnológicos e materiais que falou, portanto a nível escolar que é necessário da instituição contribuem para o sucesso escolar das crianças e jovens acolhidas?

**TED** – *Sim, sim sem dúvida que sim nós também temos os cdzinhos que veem com os manuais, cds com fichas interativas e matérias que eles podem, eles podem tem essa liberdade, essa disponibilidade para usar no computador.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Metodologia de Intervenção Escolar do CAT/LIJ**

**I** – Ok. Ah qual é que é a forma utilizada ah para a definição do encarregado de educação? Portanto, como é que uma criança chega ou um jovem qual é que é a metodologia utilizada para a definição do encarregado de educação?

**TED** – *Normalmente ah nós definimos o encarregado de educação entre nós os 3 técnicos...ah e tentamos consoante, tentamos dividi-los, ou seja, somos 3 são 12 jovens tentamos mais ou menos cada um tenha 3 ou 4 jovens para podermos conseguir chegar a todos e depois a escolha tem um bocadinho, é feita um bocadinho a partir, ou da relação que entretanto se criou com o jovem, poderá ter mais afinidade com aquela pessoa, às vezes por uma questão de idade, por exemplo normalmente eu eu fico com os mais pequeninos...ah porque lido muito bem com eles e talvez pela experiência de ATL que é mais antiga do que aqui, tou muito à vontade com com essa faixa etária ah e normalmente os mais novos ficam para mim assim, o primeiro impacto normalmente é é assim ah e depois vamos avaliando ao final do ano se é necessário haver troca de encarregado de educação por algum motivo ah fazemos.*

**I** – Ah quais é que são as principais regras existentes relativamente à área escolar na vossa instituição? Aquelas regras, que por exemplo o estudo diário.

**TED** – *Ok. Nós temos estudo obrigatório que é diário...ah porque achámos, por já tivemos várias experiências e achamos que resulta, o que resulta melhor eles terem a rotina de diariamente terem aquele horário de estudo que é flexível, ou seja, consoante o horário escolar, consoante se eles têm explicação, consoante se têm futebol, pronto.*

*Não é um horário não poderá nunca ser um horário fixo das 7 às 8 está tudo na hora de estudo é impossível, porque há uns que têm atividades, há outros que tem outras coisas ah e tentamos que nunca seja só realização de tpcs, portanto ah temos esta tentamos ter aqui algum rigor perceber ok este está mais fraco a português além dos tpcs vai debruçar-se sobre o português ah não trás tpcs, onde é que está mais fraco vai debruçar-se sobre isso e diariamente é assim. Aos fins-de-semana temos sempre plano de estudo ah que normalmente ah o estudo de fim-de-semana não é propriamente obrigatório ah tentamos que haja aqueles fins-de-semana que nós chamamos mais leves em estudo, porque não há grandes testes nessa semana e depois há aqueles fins-de-semanas mais pesados, porque eles têm 3, 4 e 5 testes numa semana ah e deixa-se um plano de estudo e aí também não há um horário fixo, ou seja, eles têm limpeza, às vezes têm atividades, têm pronto e dentro do do fim-de-semana é deixado um plano ah que é individual nós temos, ah não sei se me estou a adiantar a outras respostas, outras questões, nós temos um deixamos sempre à 6.ª feira, uma lista dos jovens sábado e domingo e pomos ah debaixo do nome do jovem que testes têm, que matérias está mais com mais dificuldade, sábado estuda o quê, domingo estuda o quê e dentro da gestão que é possível ah os educadores pegam nessa folhinha e veem o Martim ah tem teste de matemática e teste de ciências, no sábado vai se debruçar unicamente sobre matemática, no domingo unicamente sobre ciências, ok pegam nisso e vendo e ok as limpezas estão feitas, está isto feito, vai fazer, pronto mas de de semana é que é mesmo mesmo obrigatório. Ah à 6.ª feira, há uma questão é eles chegam a casa mostram cadernos e caderneta...ah temos uma folhinha que lhes damos e que também exigimos que eles registem tpcs e testes numa folha de nós próprios que fizemos e que eles metem no portfólio deles com o registo de tpc e registo de teste,s têm que têm que fazer isso ah deixe-me pensar mais regras...*

**I** – Por exemplo numa situação de um jovem faltar a uma aula?

**TED** – À ok.

**I** – Há qualquer coisa?

**TED** – Ah falta à aula compensa em casa com trabalho extra, por exemplo nós temos aqui um jovem que faltou a manhã toda, tinha tarde livre, teve toda a tarde a trabalhar...ah fui-lhe dando fichas, fui imprimindo fichas, fui pesquisar na internet, outras tirei fotocópia e fui-lhe dando trabalho ah pronto compensa as falhas que tem.

*Se houver necessidade de mais alguma medida reparadora, nós fazemos ou um pedido de desculpa ao professor, ou dependendo muito da situação ou se ele tá muito instável e a falta das aulas teve a ver com essa instabilidade e teve outro comportamento não foi só a falta à aula, outro comportamento que ah desadequado durante esse tempo em que teve em teve a falta também tentamos ter uma medida reparadora adequada à situação, saiu sem autorização da escola vai pedir desculpa ao porteiro da da escola, por exemplo depende muito ah, mas uma coisa que tentamos é compensar com trabalho, faltou mas vai fazer o trabalho e muitas vezes leva o trabalho à professora, mostrar que fez em casa que lhe deram esse trabalho em casa, porque ele faltou à aula, normalmente isso é é é mesmo regra. Ah a mesma coisa dos tpcs quando falha algum tpc e nos aparece um recadinho o jovem tal não fez o tpc da disciplina tal, chega a casa além de fazer o tpc se já não o fez na escola não é, porque normalmente depois corrigem e fazem na aula, têm ainda qualquer coisa extra para para compensar.*

**I** – Ok. Ah e como é que estas regras são transmitidas aos jovens neste caso? Como é que, no acolhimento, ah...

**TED** – *No primeiro impacto, quando acolhemos um jovem, primeiro dia de um jovem a chegar à instituição, explicamos ah o funcionamento da casa e na parte escolar explicamos que há ah este estudo, o mostrar os cadernos, o mostrar as coisas e organizar o estudo e diariamente temos uma hora para tu te organizares, organizares o teu estudo, tpcs que tenhas, algumas dificuldades disciplinas em que tens mais dificuldade vamos estudar mais sobre sobre elas e é normalmente assim que que vamos fazendo...E à medida que ele vai estando aqui vai aí sim vai vai conhecendo de mais perto, mais de perto as regras, achamos que no acolhimento por experiência é mais a questão do funcionamento e perceber em que escola vai estar, e o que é que, qual a rotina de chegar à escola e o que é que tem para fazer e depois nos dias seguintes, é que pronto, ah sentimos que eles vão-se ambientando e vão precisando diariamente de de uma explicação, pronto, mais coisas.*

**I** – Ah quem é que são os responsáveis pelo acompanhamento ao estudo diário?

**TED** – *Normalmente são os educadores ah mas os técnicos estão muito presentes também nisso não é, é diariamente, acabam por estar, o que quer dizer com o acabam por estar é que é assim nós diariamente fazemos troca de turno com os educadores e*

*normalmente dizemos assim ah esta semana o flano tal, tal e tal têm teste disto, disto, disto e daquilo, hoje é importante, é prioritário que na hora de estudo, tenha isto, tenha isto, tenha isto, ah ou seja, ah acabamos por estar presentes na parte da organização e às vezes deixamos fichas, e deixamos coisas, planos de estudo também para esse estudo diário ah para os educadores, deixamos material para os educadores e normalmente os educadores acompanham. É claro que em épocas em que temos todos os jovens a ter testes ao mesmo tempo às vezes há jovens aqui que precisam pelas suas dificuldades de um apoio individualizado, de alguém que esteja ali sentado ao lado dele e aí normalmente os técnicos também estão presentes ah mas é mais os educadores é que têm sempre essa responsabilidade de acompanhar o estudo.*

**I** – Ah considera que o número de colaboradores, voluntários ou estagiários no caso de terem ah que intervêm na área escolar são suficientes para o acompanhamento escolar destes jovens?

**TED** – *Ah eu penso que sim, eu penso que sim, às vezes há circunstâncias agora temos uma circunstância de termos uma formação obrigatória e e o educador tem que se ausentar durante um período que é crítico e aí sentimos que os técnicos tem que tar mais presentes, ou que se calhar dava jeito ter mais um par de mãos, mas por norma não sentimos isso, sentimos agora este mês que é uma exceção ah, mas por norma não sentimos isso temos sempre dois educadores de turno das quatro à meia-noite que é quando eles normalmente chegam da da escola, temos sempre também os técnicos e entrou à relativamente pouco tempo ah um professor para a equipa educativa que também tá muito ligado ao estudo, e por vezes ah é o terceiro elemento que está no no dia, ou seja, além dos dois educadores e dos técnicos ainda está o Jacinto que é, que é o nosso professor com o apoio a esses dois educadores, por vezes não ele faz turno com só com mais um educador, mas achamos que sim, porque eles depois ah temos as explicações é voluntário, o apoio é voluntário das professoras que dão explicações aos nossos jovens, e de facto a esse nível as coisas tem corrido muito bem.*

**I** – Ah acho que já me respondeu um pouco a esta questão, considera que a educação formal é uma prioridade para os colaboradores e direção da instituição?

**TED** – *Sim, eu acho penso que todas as equipas estão muito focados ah porque percebem que eles próprios quando sentem o sucesso escolar também há alguma*

*estabilidade nos jovens, ou seja, a organização esta quase rigidez do chegar, mostrar, organizar o dia e só depois televisão e só depois brincadeira, eles andam realmente estáveis né, nota-se uma estabilidade, nota-se que ficam contentes às vezes veem o caminho todo com o teste na mão para chegar eu tive, sei lá 80, 90 já tivemos muitos casos desses e cada vez temos mais, de miúdos com boas notas e fazem questão de mostrar o teste, que é a primeira coisa que eles nos dizem assim que entram em casa.*

**I** – Ah que sugestões daria à sua equipa e direção para melhorar o trabalho desenvolvido na área escolar?

**TED** - ...*Um apoio mais individualizado que às vezes não se consegue chegar, quando eu digo individualizado é perceber por exemplo um miúdo tá há uma hora a estudar história e vamos lá fazer perguntas e e percebemos que se calhar ele ainda não está bem lá e às vezes falta aqui qualquer coisa falta...o perceber que aquele miúdo se calhar não percebe é algumas, alguns conceitos, palavras, não percebe mesmo o significado tão misturadas com o texto corrido e que há ali um bloqueio para decorar, porque não percebe e e depois pede-se para ele estudar um bocadinho mais ah, porque o próprio miúdo também não sabe explicar as suas dificuldades, isto quando não também não, quando conhecemos bem isto não se coloca, mas quando não conhecemos bem e temos às vezes situações assim, era esta questão tentar mais individualizado, puxar mais ao miúdo um bocadinho também mais lúdico, porque às vezes esquecemo-nos que o estudo também pode ser feito numa forma mais lúdica ou que brincar também se estuda sem eles perceberem não é, através de jogos ah mas penso, porque é assim realmente nós temos um centrarmo-nos é muito difícil responder a essa questão por nós centrarmo-nos muito no estudo, centrarmo-nos muito nesta relação escola casa ah eu às vezes digo na escola que nós somos os encarregados de educação que a escola quiser ah isto para dizer que se os professores nos derem informação nós atempadamente reagimos, nós atempadamente em cima da ocorrência, portanto nós podemos ser os encarregados de educação que eles mais desejam e mais sonham podemos ser o encarregado de educação perfeito, porque nós realmente temos muita essa preocupação, portanto tirando esta parte de às vezes poder ser mais individualizado, porque temos... diariamente jovens, é a hora do jantar, é a hora do banho, é isto e aquilo ahahah e depois falta ali qualquer coisa, pronto ou falta a parte lúdica, falta não é porque também tem que ser não é, é uma instituição não é a*



*casa de família que é mais fácil de fazer essa parte, mas de resto e se calhar não estou a responder muito à sua questão, porque de resto realmente nós apostamos muito na na educação e e realmente as coisas tão tão muito bem, pronto penso que sim.*

**I** – Ah então considera que a metodologia que é aplicada na instituição relativamente à área escolar contribui para alcançar o sucesso escolar das crianças e jovens?

**TED** – *Sim, sim por por por tudo isto, quer dizer há esta organização diária, a preocupação de fazer planos de estudo ah de acordo com as necessidades e dificuldades de cada jovem, há a preocupação da equipa educativa tentar aplicar por em prática os planos de estudo que a equipa técnica deixa ah e há de facto esta comunicação escola casa que é...que é muito fluída e que não tenho nada a dizer, trabalhamos sobretudo com a escola D A e pronto e o canal de comunicação é é muito bom, qualquer coisa que a gente precise, qualquer coisa que eles nos digam sobre os miúdos eles veem veem feitos não é, quer no nosso estudo quer por exemplo se há alguma falha lá percebem que cá houve reacção, logo teve algum impacto no miúdo chegar a casa e e nós aplicarmos de imediato uma medida reparadora ou conversarmos com o jovem, pronto de facto.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Relação com os Estabelecimentos de Ensino**

**I** – Então no geral têm uma boa relação com os estabelecimentos de ensino, com os vários estabelecimentos de ensino?

**TED** – *Sim.*

**I** – Ah e quais é que são as formas de comunicação com esses estabelecimentos de ensino?

**TED** - *Ah nós tentamos, ah eu pelo menos tento, sei que os meus colegas quinzenalmente, e eu dependendo do jovem ou quinzenalmente ou semanalmente ligo para a escola nas horas de de atendimento dos diretores de turma aos encarregados de educação, mas os diretores de turma disponibilizam sempre outros horários e e são muito queridos e eu às vezes tenho alguma emergência falar sobre algum assunto e na hora do intervalo ligo e eles atendem e ajudam e resolvem ah às vezes qualquer coisa aqui com com um miúdo que o professor saber atempadamente aquela informação para tar ou mais sensível, ou pronto alguma coisa que ele nos disse que não está a bater*

*certo com o que o professor disse, pronto e às vezes para nós é fundamental olha hoje ele não tem hora de atendimento vamos ligar para ver se o professor está na escola, porque para quando o jovem chegar da escola a casa saber que nós sabemos e que e que realmente houve uma ação ah e depois vamos mais esporadicamente presencialmente à escola falar. Ah em casos excepcionais ah pedimos neste dia podemos reunir com o diretor da escola, com o diretor de turma e com o não sei quantos, porque queríamos agir desta e daquela maneira com o jovem, porque há coisas que não estão a correr bem nas aulas, mas queremos que ele sentisse aqui um aperto maior com a figura do diretor uma coisa mais formal, pronto e às vezes até somos nós a pedir ah porque achamos que é importante para o jovem sentir um bocadinho, cair mais nele e sentir não isto foi foi grave, nem que tenha sido uma coisinha assim que eles às vezes desvalorizam não é, à falei alto para a professora às vezes desvalorizam, mas se for repetido não é, perceberem que há uma grande falta de respeito ah dependendo da situação não é, não fazemos isto a torto e a direito não é, e se fazemos isso uma vez por ano já é muito, mas mas tentamos realmente, porque temos lá está o canal de comunicação muito bom e além dos dos contactos telefónicos e da hora de atendimento temos essa hipótese também de pedir, pode reunir comigo, pode estar presente outra pessoa, ou não ou só o diretor ou o professor, que seja seja o que for.*

**I** – Ah considera que as crianças e jovens acolhidos estão integrados nas respetivas comunidades educativas?

**TED** – *Sim....sim penso que não não temos problemas de integração a nível a nível escolar. Nós temos aqui um miúdo com com asperger e era um miúdo que tinha mais dificuldade na na integração escolar, porque ...pelas próprias características da da da perturbação dele, é um miúdo mais isolado, mais franzino ah trabalhamos essa questão já já já lhe deu ali o passo em frente e e pronto penso que sim, porque eles também todos têm atividades extracurriculares ah e só é possível se eles sentirem também que que os outros miúdos com quem eles estão que se sentem bem não é, que se sentem integrados e realmente temos temos miúdos com atividades extracurriculares no contexto escolar e temos miúdos em ATL, em COJ também é pronto é considerado um ATL ah e o COJ funciona dentro do espaço da escola, portanto penso penso que sim, neste momento sim.*

**I** – Ah relativamente à oferta escolar existente considera que responde às necessidades das crianças e jovens acolhidas?

**TED** - ...Ahah...é assim neste momento sim, mas nós sentimos ah, porque nós trabalhamos com aquilo que temos não é, mas nós sentimos há uns tempos atrás uma dificuldade muito grande que é temos miúdos que chegam aos 18 anos e não têm o 8.º ano feito. Onde é que os vamos colocar?! E aí sentimos que realmente há uma grande falta de resposta não deve ser só aqui na...na zona penso que será um bocadinho por todo o país, porque de facto há uma problemática que é estes jovens que vão chumbando têm tantas falhas a nível da história escolar que chegam aos 18 anos só tem o 7.º ano feito ou o 6.º às vezes não é, vamos pô-lo numa turma de ensino regular de 8.º ano com miúdos 5 anos mais novos, 4 anos mais novos, quer dizer ah e aí sentimos que realmente há aqui uma falta de resposta, temos os PIEF, temos os CEF, temos os PCA estas iniciais todas muito bonitas, mas depois tenho a sensação que é um despejar às vezes de de miúdos todos muito problemáticos e que às vezes as equipas precisam uma boa coordenação, uma boa formação para saber lidar com meninos problemáticos e às vezes isso não acontece. Pronto, mas de facto sim, neste momento nós conseguimos, ah tava a dizer sentimos isto há um tempo atrás por termos um miúdo lá está com 18 anos tá no 8.º, mas abriu no início de setembro, abriu cursos vocacionais na escola superior de educação ah, porque o liceu do colégio dos K, não sei se conhece que é no E, tem sede no E, abriu também valência no espaço da escola superior de educação aqui em C e abriu esta hipótese e é a primeira vez que eles estão a fazer estes cursos e e que é por ir, e pronto nós achamos que se calhar é a melhor resposta para para este miúdo, porque não, porque sentimos realmente e mesmo assim não sei se será, hoje apesar das coisas estarem a correr mais ou menos bem não sei se será mesmo a melhor resposta, porque realmente falta aqui qualquer coisa, uma boa coordenação, uma boa preparação de equipas para poderem saber chegar a estes miúdos que com 18 anos às vezes não se sentem muito motivados para estar a aprender o BABA não é, apesar de não o saberem ...ah mas sim.

**I** – Ah as ofertas educativas existentes no meio envolvente da instituição de acolhimento adequam-se às necessidades do mercado de trabalho? Os jovens terminam o 12.º agora.

**TED** – ...*Por acaso não temos nenhum nessas circunstâncias ah temos os 18 anos...temos dois com 18 anos que a nossa preocupação é ok ah é até trabalhar ao mesmo tempo que tão tão a a fazer escola, trabalhar ao fim-de-semana, que ainda não conseguimos e isso de facto também é uma lacuna, sim, também acho que é uma lacuna, haver mais programas de de inserção não é, de destes miúdos no mercado de trabalho, porque são miúdos que lhes falta muitas competências também a nível social não é, ah desadequados em termos de de de relações às vezes não percebem a distinção entre o formal e o informal e às vezes há aqui há aqui alguma coisa não é, às vezes andamos aqui eles vão procurar, vão enviar, entregam currículo noutras lojas, mas penso que falta aqui, falta apostar aqui mais na em programas mais específicos para para miúdos mais com mais dificuldades não só institucionalizados, mas com historial escolar complicado.*

**I** – Ok. Como é que as crianças e jovens se deslocam para a escola? Quais são os meios de transporte?

**TED** – *Normalmente é a pé, então ah em dias ah por exemplo de chuva ou assim nós podemos lá ir busca-los de carrinha, mas normalmente é a pé, porque são são aqui perto, temos 2 jovens não estou enganada, um estuda no E e outro estuda em F vão nos transportes públicos ou transporte escolar ou público.*

**I** – Qual é que é o tempo máximo de um jovem para ir para a escola, portanto para a sua deslocação?

**TED** – *Ah...*

**I** – Mais ou menos.

**TED** – *Eu penso que ele para chegar a F demora mais ao menos uma hora, portanto deverá ser isso ou nem tanto porque demoram mais tempo, porque vai buscar outros jovens ah talvez 40 minutos, mais ou menos.*

**I** – Ah de que forma é que os estabelecimentos de ensino contribuem para alcançar o sucesso escolar das crianças e jovens acolhidas? Qual é o contributo deles?

**TED** – *Especificamente das acolhidas é é esta flexibilidade, esta disponibilidade para falar connosco para termos presentes nos conselhos de turma e sensibilizarmos o grupo*

*de professores que vai estar com aquela criança sobre as características, especificidades da criança que vão receber e até dar algumas dicas como intervir caso haja alguma situação mais problemática ah e é um bocadinho por aí, ou seja, ...ah vou falar mais da D A a direção da escola da D A ah desde do primeiro momento em que normalmente sou eu que chego e digo vamos acolher no dia tal este jovem há turma não há turma, normalmente há sempre, pronto é uma escola super disponível ah e...e partir daí o canal de comunicação ah quer deles para nós, quer de nós para eles começa a a funcionar e e daí eles terem uma, quer dizer estarem disponíveis para receber um técnico de uma instituição num conselho de professores que não tem que estar presente, nem pode estar presente a ouvir o que eles dizem de outros alunos, mas pode estar presente durante um tempo em que ...só se fala daquele daquele miúdo, ou seja, quando estive presente não ouvi dos outros miúdos, entrei só naquele momento em que foi para falar especificamente daquele miúdo, portanto para os jovens acolhidos é um bocadinho, penso que é esta esta disponibilidade que eles demonstram, porque, os pais não podem não é estar presente nos conselhos de turma a não ser o representante dos encarregados de educação ah, portanto é é um bocadinho por aí por essa disponibilidade e por cederem tanto aos nossos pedidos e por também comunicarem muito bem, telefonarem-nos também e por há alguma questão ah é um bocadinho mais por aí, especificamente com as nossas crianças, é por aí.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Fatores Individuais dos Jovens**

**I** – Ah já falou de algumas dificuldades diagnosticadas. Ah quais é que são aquelas que destaca mesmo quando uma criança ou jovem é acolhida a nível escolar, as dificuldades?

**TED** – *Normalmente é quase sempre leitura e compreensão, ou seja, até podem ler, porque também às vezes não compreendem o que está escrito ah diria que é quase 50 50, ou seja, 50 miúdos que nunca aprenderam a ler efetivamente, tem uma leitura lenta e juntam sílaba com sílaba para tentar ler uma frase ah e depois outros miúdos que até leem fluidamente, mas depois vamos às perguntas de interpretação sobre o que leem, quer seja de português, quer seja ciências, quer seja história não entendem, não entendem a diferença entre enuncia ou identifica, caracteriza, pronto define, ah normalmente é é a compreensão e a leitura.*

**I** – Também destaca a falta de hábitos de estudo?

**TED** – *Ah falta de organização, do método de estudo, da organização, de chegar a casa terem alguém a quem mostrar as coisas, terem alguém a quem dizer tenho este tpc, terem alguém que teja lá a fazer os tpcs com eles se for caso disso, mas de facto há uma grande lacuna nessa área sim.*

**I** – Ah para colmatar estas dificuldades, para além das ações que já me foi falando do estudo individualizado, e se tem tpcs faz os tpc e em alguma área que tem que trabalhar mais, há mais alguma que destaque, assim uma ação?

**TED** – *Eu penso que que basicamente são essas ah a única coisa que poderemos ter mais além daquilo que eu disse é por exemplo sabemos que um miúdo, fazemos um levantamento das negativas, das notas em geral nós depois tentamos centramos nas negativas sinalizar e às vezes fazemos planos de estudo específicos para o levantamento das notas a essas disciplinas, pronto, penso que para além disso.*

**I** – Ok. E relativamente aos projetos de vida considera que o projeto de vida de uma criança ou jovem condiciona o seu percurso escolar? Por exemplo uma situação entre reunificação familiar e autonomização.

**TED** – *É assim às vezes nós temos aqui, nós tentamos gerir isto da melhor maneira, porque ah às vezes o projeto de vida é o regresso à família ah então nós é que tentamos gerir isto de maneira a que a família perceba vamos trabalhar usando também o ano letivo, para ver se no final do ano letivo consegue regressar à família e não ao meio do ano letivo né, porque depois é mudança de escola, é integração noutra escola, é quer dizer, é se eles têm tantas lacunas já a nível escolar se podermos trabalhar com a família no sentido não é, que que o período de tempo né, associado ao ano letivo normalmente tentamos fazer isso...mas desculpe.*

**I** – Ah se o projeto de vida condiciona o percurso escolar de uma criança ou jovem, portanto falou da reunificação familiar e autonomia acabam por por arranjar uma forma ah de não condicionar.

**TED** – *A não que haja aqui um caso que nós achemos que ah está estável emocionalmente, o regresso à família é o melhor independentemente de se mudar a meio do ano escolar, porque é um miúdo por exemplo não tem grandes dificuldades, e*

*acho que só temos um nessas circunstâncias, um miúdo que não tem grandes dificuldades escolares ah, mas também não se prevê o regresso à família ah, mas pronto tou só a prever que seria uma situação em que a não ser que haja alguma coisa, uma força maior do tribunal ou alguma coisa, nós tentamos trabalhar realmente com o ano letivo, porque parece-nos que é que é fundamental e mesmo para a autonomia igual. Se o projeto de vida do jovem é autonomia nós tentamos mesmo trabalhar passo a passo com o jovem para ele perceber que a autonomia e mercado de trabalho não se consegue sem ah a escola, sem investimento, não é, a escola é um ginásio para para o mercado de trabalho, tentamos conjugar muito bem as duas coisas, às vezes não é muito fácil, mas tentamos conjugar ah as duas coisas.*

**I** – Ah e o facto dos jovens ao completarem os 18 anos terem o poder de decisão em continuar na instituição ou sair dela condiciona o seu percurso académico?

**TED** – *Poderá condicionar sim se tivermos miúdos com muitas dificuldades por decisão achem aos 18 anos vou sair da instituição nós aí é eu não, ah tava a ver se me lembrava de uma situação desse género, mas penso que não ah pensamos um bocadinho não é, será que ele vai conseguir, eu tou imaginar um miúdo neste neste momento com 18 anos que não fez o 8.º ano, se ele tivesse decidido sair que não decidiu pediu para ficar até aos 21, se ele tivesse decidido sair eu não consigo ah visualizar que ele conseguisse ah ter a responsabilidade para ir tentar fazer o 8.º e 9.º ano e cumprir, cumprir, cumprir as coisas, portanto condiciona muito, porque nós, até miúdos que regressam à família, já tivemos a experiência que depois a escola começa outra vez a correr mal, ah, porque lá está falta esta maior rigidez que eles têm aqui, da organização diária, do estudo diário e que depois começa a ir um bocadinho mais abaixo depois conseguem pronto ir gerindo, mas de facto a saída muitas vezes condiciona sim o sucesso que eles conseguem ter.*

**I** – Ah e acha que o facto dos jovens acolhidos poderem permanecer legalmente, no máximo é até aos 21 anos pode inviabilizar a sua formação académica?

**TED** – *Eu penso que não, penso que não, ou seja, eles saírem aos 21 isso não não não ser o mais acertado para a vida académica deles, eu penso que não, ah penso que não, ah, porque aos 21 pressupõe-se que eles consigam ter minimamente o 9.º ano não é, e instituíram para tar entre os 18 e os 21 logo aí há projetos específicos para os preparar*

*para a saída e para ingresso no mercado de trabalho e como foram eles que pediram também estão motivados para para trabalhar nesse aspeto. Agora é claro nós temos aqui miúdos com 18 e pediram para ficar aos 21, mas eu acho que eles vão ficar mais tempo, pela imaturidade que têm, e que vão ficar mais tempo não aqui, se calhar, mas continuamente com o nosso apoio, vir de vez em quando aqui ou qualquer coisa ainda não temos essa situação, mas eu já vislumbro pela imaturidade que eles têm, o desfasamento entre a idade cronológica e idade mental que haja de facto, mas estamos com estes 2 miúdos, pediram que fizeram 18 e pediram para ficar aos 21 estamos a trabalhar para terminar escola e ah ingressarem no mercado de trabalho.*

**I** – Ah quais são as maiores dificuldades que encontra na área escolar do acolhimento institucional? Para si quais é que são as maiores dificuldades que encontra.

**TED** - ...Às vezes, não sei se vou responder diretamente, mas quando eu comecei a trabalhar nesta instituição começamos a ter os primeiros miúdos integrados em contexto escolar há uma preconceito muito grande ah para estes miúdos que é, nós tivemos uma professora que na minha ausência atrasei-me um bocadinho para uma reunião de encarregados de educação e na minha ausência ainda não estava lá para me defender, disse a todos os pais que vinha um miúdo de uma instituição e que ela não queria, que ia estragar a turma, e que tinha a turma tão bem trabalhada e que agora vinha ele vinha estragar a turma. Porquê?! Porque é miúdo de instituição. Pronto, e eu de vez em quando, já há muito tempo que não sinto isto, mas de vez em quando lá vem um bocadinho este preconceito ao de cima ou às vezes sai frases do género “olhe nem sabia que ele tava numa instituição tão bonzinho que eu nem imaginava que ele fazia parte de uma instituição” pronto e de facto há aqui uma série de preconceitos, ah e barreiras que de outros às vezes até pouco professores, mas também os há e mais dos outros encarregados de educação, o miúdo agora têm lá um miúdo da instituição na turma e as coisas não estão a correr bem com o meu filho, mas depois há uns quantos que têm pais e que são na mesma problemáticos ou piores. Ah e e há há muito esse esse preconceito e de facto há às vezes uma falta de preparação da própria escola de ter ali alguma maneira de sensibilizar a comunidade não só professores, mas tudo o que é comunidade educativa para perceber, porque os piores alunos da escola não são os miúdos que tão institucionalizados e esses não têm desculpa não é, entre aspas, ah tem uma família normalizada, também entre aspas, porque isso também é muito discutível,



*mas são sempre estes que são mal vistos não é, falta alguma coisa ou desapareceu qualquer coisa foi o miúdo institucionalizado, pronto e de facto é eu penso que é mais esta questão de haver aqui alguma falta de sensibilidade, de preparação, de formação até a escola D A por acaso teve a preocupação de fazer algumas ações de sensibilização e chamou-me a mim para fazer uma ação de formação para contínuos e professores, aberta a toda a comunidade e para falar um bocadinho da instituição, como é que funcionamos, como é que, para desmistificar aqui um bocadinho algumas noções e para sensibilizar um bocadinho as pessoas que não é, é um miúdo da instituição pronto é um rótulo, logo por acaso a a escola teve essa essa preocupação, mas quer dizer uma sala pequenina não é, também não, foi aberta a todos, mas depois veem poucos, porque pelo horário que foi por uma série de circunstâncias, a sala também que eles tinham também era pequenina, portanto se viesse muita gente não tinham espaço, mas acho que falta um bocadinho esta esta sensibilização.*

**I** – E que ações é que gostaria de implementar no futuro então para colmatar este preconceito? O que é que gostaria de fazer?

**TED** – *Nós fomos construindo uma imagem cada vez mais positiva e e é isso que fazemos cada vez mais, ou seja, nós tentamos estar presentes sempre nas reuniões de encarregados de educação e ao participarmos não é, há um problema qualquer na turma e ao participarmos as pessoas veem que nós não andamos aqui a brincar, e que realmente somos interessados e e que os miúdos ah se empenham e que estudam e essa é a melhor coisa que nós podemos dar, ah é essa envolvimento com ah escola e é realmente mais ações de formação, que é mesmo de formação pessoal e profissional para a comunidade educativa. Ah porque nós fazemos também muitos arraias e muitas coisas e convidamos também alguns elementos da comunidade que para para verem aqui a instituição, para tarem noutra contexto de brincadeira connosco, normalmente elementos da escola veem poucos ah, porque se não não conseguimos ter aqui, até somos nós que convidamos pouco, porque abrimos mais à comunidade aqui rua, vizinhos, ah voluntários, pronto ah e agora ia dizer uma coisa e perdi-me.*

**I** – E por exemplo também formações, por exemplo abertas aos pais?

**TED** – *Sim.*

**I** – Aos pais dos colegas da turma também era interessante?

**TED** – *Sim, mais nesse sentido, penso que sim, porque as pessoas às vezes não têm noção, começam a ter pela nossa presença dos técnicos nessas reuniões e perceberem a maneira como nós falamos e como nós abordamos os assuntos ah e aí sim percebem que não, que não realmente não andamos a brincar, que eles têm, quer apoio emocional, mimo, quer rigidez, ah e às vezes as pessoas não têm de facto não têm mesmo essa noção, portanto mais ações sim.*

### **BLOCO TEMÁTICO: Importância do Sucesso Escolar**

**I** – Ah o que é para si sucesso escolar?

**TED** – *Ah sucesso escolar é para mim é o ter um bocadinho, conseguir obter rendimento a todas as disciplinas ou ou algum aproveitamento, ou seja, mesmo que ele teve uma negativa a uma disciplina que nós consigamos ter aqui algum perceção que ele conseguiu retirar dali alguma coisa, ou seja, não é só as negativas que para nós fazem o insucesso escolar, mas também porque às vezes as positivas às vezes são muito relativas não é, mas também o que é que ele retirou dali, houve rendimento, houve aproveitamento sem ser só a nota ali no teste ah aprendeu, consegue explicar aos colegas e depois nós percebemos, porque às vezes temos aqui atividades mais a nível de férias mais lúdicas lá está de estudo e percebemos quem realmente ah não foi só a nota, mas realmente ganharam alguma coisa não é, e assimilaram ali mais qualquer coisa do que ter só a nota positiva, e porque às vezes temos miúdos com negativas, mas que sabemos que eles sabem que sabem a matéria, mas ou por dificuldade, ou por alguma dificuldade no dia ah por uma preocupação algum aspeto emocional possa ter interferido ah eu acho que é muito mais abrangente do que uma avaliação não é, é mais a nível do internamente o que é que retira e se realmente conseguem depois futuramente aplicar isso.*

**I** – E por fim, considera que a sua instituição contribui para alcançar o sucesso escolar das crianças e jovens acolhidas?

**TED** – *Sim, sim porque toda a metodologia está...está organizada de maneira a que eles tenham sucesso escolar, de maneira a que eles não só consigam tirar positivas, mas que realmente compreendem aquilo que estão a estudar, não só estudem na véspera de um teste para a nota, porque se não não o fazia o estudo diário e não*

*andávamos às vezes 3 semanas antes de um teste já a trabalhar para esse teste ah, mas realmente sim, temos essa metodologia que é específica também para um bocadinho para o sucesso escolar associado a esta autoconfiança, autoestima também.*

**I** – Ok. Obrigada pelo seu contributo.

## Anexo VIII – Categorias e Subcategorias de Análise

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>
Fatores Institucionais	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Formação dos colaboradores</li> <li>- Modo de organização</li> <li>- Importância dada à escola</li> </ul>
Fatores Ambientais e Recursos da Instituição	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Locais de estudo no CAT/LIJ</li> <li>- Condições dos locais de estudo (ex. luz, ruído, dimensão dos espaços, temperatura, mobiliário, material escolar.)</li> <li>- Recursos tecnológicos e materiais (ex. computadores, livros,...)</li> </ul>
Fatores Individuais dos Jovens	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perceção sobre o Acolhimento Institucional (jovens)</li> <li>- Historial escolar dos jovens (ex. n.º de retenções, dificuldades escolares diagnosticadas no acolhimento,...)</li> <li>- Relação com colaboradores e colegas da instituição</li> <li>- Relação com a comunidade educativa (ex. discriminação, integração,...)</li> <li>- Projeto de vida dos jovens</li> <li>- Aspirações académicas e/ou profissionais dos jovens</li> <li>- Importância do sucesso escolar</li> </ul>
Fatores Metodológicos de Intervenção Escolar dos CAT/LIJ	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Relação entre CAT/LIJ e estabelecimentos de ensino</li> <li>- Formas de comunicação entre CAT/LIJ e os estabelecimentos de ensino</li> <li>- Definição do encarregado de educação; - Regras institucionais na área escolar; - Acompanhamento e supervisão do estudo diário</li> <li>- Dificuldades sentidas pelos técnicos; - Sugestões e ações futuras</li> </ul>
Fatores Escolares/Formativos do Meio Envolvente	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Respostas escolares/formativas</li> <li>- Adequabilidade das respostas escolares/formativas ao mercado de trabalho,</li> <li>- Proximidade das respostas escolares ao CAT/LIJ</li> </ul>

## Anexo IX – Grelhas de Análise de Conteúdo

Categoria de Análise: Fatores Institucionais

Subcategoria: Formação	IA	Técnicos
	IA-A	<i>(...) sim, temos tido (...) participar numa série de formações também promovidas pela Segurança Social pelas instituições aqui do distrito. (...) do HCCP (...) formação de PNL (...).(...) tivemos o acolhimento terapêutico (...).</i>
	IA-B	<i>Sim, dá. Ah nós é que sugerimos muitas das vezes, comportamentos de risco, tem haver, com é mais ao nível de comportamentos a adotar, a nível da saúde também (...). Na última vez foi até foi o Centro de Saúde que veio e teve a falar sobre toxicodependência, sobre a sexualidade (...).</i>
	IA-C	<i>Não, não tem. (...), é nos dado o tempo para a formação, e normalmente nós é que optamos por fazer a nossa própria formação, portanto, mas a formação ah foi-nos dada uma vez (...) nós fazemos formação que achamos mais adequada. (...) ética e deontologia no trabalho terá sido uma delas, depois ah proteção de menores, ah depois depende também daquilo que surja, dos congressos, das dos interesses.</i>
	IA-D	<i>Sim. (...) ah a nível da inteligência emocional, e pronto essas questões assim quer mais psicológicas, quer também mais a nível da intervenção no direto com os jovens, quer para uma equipa quer para a outra. (...) à equipa educativa ah quer na área da comunicação, assertividade ah na questão da saúde mental também dos jovens, ah na intervenção do dia-a-dia com os jovens também (...).</i>



Subcategoria: Modo de Organização	IA	Técnicos
	IA-A	<i>Sim, eu posso dizer que a instituição pronto proporciona boas condições. (...) o meu horário de trabalho também está mais ou menos ajustado aos horários... das meninas ah consigo, consigo acompanhá-las e desenvolver aqui o meu trabalho. (...) trabalho das dez e meia às seis e meia (...) só de 2.<sup>a</sup> a 6.<sup>a</sup>.</i>
	IA-B	<i>Sim eu acho que sim, acho que a equipa no geral, ah apoiamo-nos uns aos outros, é uma equipa até multidisciplinar, ah tamos sempre com ah a mudar, sempre em mudança, não somos resistentes à mudança (sorriso) (...). (...) é inovador, é bom, é muito gratificante. Das 10 às 18, mas à 2.<sup>a</sup> feira ah faço das das 12 às 8 que é para acompanhar as jovens que vem ah pelo menos um dia até mais tarde.</i>
	IA-C	<i>É assim tendo em conta as limitações que nós temos sim, pronto é assim foram-nos facultadas todas as as condições, mas precisávamos mais gente para trabalhar não é, é um responsável para 25 meninos. (...) depende ah é assim consoante as reuniões que tenha, consoante as consultas que sejam marcadas, por norma seria ah duas vezes por semana das 2 às 10 e os restantes três dias das 10 às 6 (...).</i>
	IA-D	<i>(...) há uma organização que me permite ah desenvolver cada vez melhor o meu trabalho (...) e pronto a própria organização da instituição tentamos cobrir o horário da manhã até à noite em que esteja pelo menos um técnico presente (...) tou mesmo naquelas partes mais ah fulcrais aqui do dia-a-dia. (...) entre as 14:30/15 até às 17 e depois entre as 19 e as 21, normalmente é este o horário que faço aqui.</i>

Subcategoria: Importância dada à escola	IA	Técnicos	Jovens
	IA-A	<i>(...) é uma aposta e tem que ser, (...) porque para elas não é o mais importante, mas, mas para nós pensamos que ah estaremos a contribuir também de alguma forma para ah o futuro delas (...). (...) é para nós muito importante a educação formal, mas por outro lado se calhar outras questões que se deveriam trabalhar ah primeiro e evitar-se se calhar ah ah algum insucesso (...).</i>	<i>(...) acho que valorizam muito, mas acho que já valorizaram mais. (...) a fundação (...) começou também a tentar também a começar a compreender mais as meninas e se calhar deixando um pouco de parte essa situação da escola.</i>
	IA-B	<i>Ah sim, sim todas elas andam, aliás ah algumas jovens que são acolhidas até vem absentismo e abandono escolar não é, mas ah elas acabam sempre por ir porque sabem que nenhuma delas está em casa, elas à partida apercebem-se que não podem ficar não é, todas elas estão integradas na escola.</i>	<i>Acho que sim, valorizam até demais, porque ah dão muita atenção ao que é que acontece na escola (...).</i>
	IA-C	<i>(...) o que nós tentamos incutir nos garotos é a escola é uma alternativa a um futuro melhor (...). Ah, mas tentamos sempre incutir-lhes sempre aquela ideia de que sem sem a escolaridade obrigatória não conseguem tirar uma carta de condução, não conseguem encontrar um emprego, ah não têm as qualificações necessárias para fazerem determinadas (...) profissões (...).</i>	<i>Dizem que nós sem a escola não (...) somos nada e depois dão vários exemplos de pessoas que não aproveitaram as oportunidades lá dentro, e para nós nos agarrarmos aos estudos que se não se quando sairmos de lá podemos não ter nada.</i>
	IA-D	<i>Sim, eu acho penso que todas as equipas estão muito focados ah porque percebem que eles próprios quando sentem o sucesso escolar também há alguma estabilidade nos jovens, (...).</i>	<i>Sim, eles querem que nós temos (...) um futuro bom e nós não podemos ter um futuro sem a escola. A escola conta muito.</i>

Categoria de Análise: Fatores Ambientais e Recursos da Instituição

Subcategoria: Locais de estudo	IA	Técnicos	Jovens
	IA-A	<i>Temos duas salas de estudo.</i>	<i>(...) no quarto.</i>
	IA-B	<i>Tem uma sala de estudo, mas há aquelas que não conseguem estudar em grupo fazem no quarto delas.</i>	<i>(...) ah pronto na sala de estar ou aqui na sala de estudo.</i>
	IA-C	<i>Só temos uma sala de estudo.</i>	<i>No meu quarto.</i>
	IA-D	<i>Poderá ser nos quartos ou numa sala que tem os computadores também para fazer trabalhos escolares (...). (...) numa semana em que todos tem muitos testes dividimos para ser mais rentável e ficam uns nessa sala que já é a sala de estudo, ficam outros na sala da televisão.</i>	<i>Na sala ou no quarto.</i>

Subcategoria: Condições dos Locais de Estudo	IA	Técnicos	Jovens
	IA-A	<i>(...) uma delas é uma sala nova (...) neste momento nós achamos que tem as condições ideais. Uma outra sala não tem essas condições tão ideais tem mobiliário mais antigo ah não tão confortável, mas de qualquer das formas ah em termos de luminosidade também um pouco mais escura (...) acaba por sempre proporcionar um ambiente eheh confortável, vá lá.(...)</i>	<i>(...) é silencioso. (...) tem uma temperatura boa.</i>
	IA-B	<i>(...) tem boas condições. (...) aquelas que que não conseguem estudar com com ruído então deslocam-se para os seus espaços pessoais. (...) no inverno às vezes é um bocadinho mais complicado, mas mas ao final do dia liga-se sempre o aquecimento (...).</i>	<i>Ah barulhento! (...) Nem por isso, porque somos 11 e temos caber nesta sala! Todas à mesma hora. (...) depende dos dias, uns dias está mais frio, outros dias não está.</i>
	IA-C	<i>(...) acabo por estar 7,8,9 miúdos ao mesmo tempo na sala de estudo, que às vezes não não facilita. (...) a dimensão do espaço não é a ideal. Ah mas, a nível de condições materiais sim. (...) a casa tem aquecimento (...).</i>	<i>Silencioso, como barulhento, porque há dias que eu gosto de estudar com música, portanto. (...) tenho um candeeiro que ele é maleável que dá para apontar se for preciso para o livro.</i>
	IA-D	<i>(...) os quartos sim tem secretária e tem a cadeira deles e tem o material junto à secretária, o material que eles usam, (...), não é a sala ideal, mas ah seria ideal (...) mais mesas em que eles pudessem estar mais individualmente, (...).</i>	<i>É no meu quarto é bom. Na sala não é tanto, é mais frio.</i>

Subcategoria: Recursos Tecnológicos e Materiais	IA	Técnicos	Jovens
	IA-A	<i>(...) temos uma biblioteca ah elas não gostam muito de a usar, mas temos e gostam mais de recorrer às pesquisas na internet (...). (...) temos aqui uma dificuldade em termos de edifício que é ah a internet não se apanha em todo o lado, (...).</i>	<i>Sim, elas dão-nos tudo. (...) tenho o meu computador.</i>
	IA-B	<i>(...) é a instituição é que faculta tudo. Computador, sim, sim tem. Não é para cada uma (...). E internet.</i>	<i>Eu tenho o meu próprio. Há um aí, mas não é nada de jeito, já tentei fazer um trabalho e desligou-se e apagou todo o meu trabalho.</i>
	IA-C	<i>Computadores, internet, projetor (...). Impressora, fotocopidora (...). (...) os funcionários também ajudam nalguma coisa que falte os funcionários trazem de casa (...).</i>	<i>Tenho o meu, mas agora está estragado. Existe, um na sala de estudo mesmo. (...) na sala de estudo temos vários livros também.</i>
	IA-D	<i>(...) nós temos um armário (...) que é a nossa biblioteca, (...) com manuais escolares de outros anos ou manuais que já não que estão em desuso (...) todo o material, têm dossiers, têm dicionários,...). (...) aliás normalmente para todos os tipos de trabalho eles normalmente é uma condição em que os professores pedem para que possam pesquisar qualquer coisa à internet que eles realmente tem tem isso tem essa possibilidade.</i>	<i>Ah nós pedimos ao Renato e às vezes o Renato compra livros para para nós.</i>

Categoria de Análise: Fatores Individuais dos Jovens

Subcategoria: Percepção sobre o Acolhimento Institucional	IA	Jovens
	IA-A	<i>(...) aqui eu sei que tenho que estudar e mesmo o motivo de aqui é mesmo por estar a estudar e sei que se calhar se tivesse em casa seria um bocado mais baldas, se calhar já tinha chumbado mais vezes... e assim aqui não porque nós assim é mesmo estudar não temos, não temos outras abébias (...).</i>
	IA-B	<i>(...) eu algumas vezes fico mais triste por tar aqui e tenho muito menos tempo por exemplo quando eu tava na minha casa eu podia estudar toda a noite, podia fazer, podia estudar quando eu quisesse podia fazer atividades que pronto me fizessem sentir melhor e depois isso refletia-se nas minhas notas. Agora quando eu venho aqui, há pouca liberdade não podemos ter telemóveis temos uma hora destinada para o estudo, não há respeito as outras colegas quando estamos a estudar, coisas assim.</i>
	IA-C	<i>Já estou habituado, porque também fui para lá, entrei para lá novo e fui-me habituando, aquilo também houve mudança de direções e não sei o quê e sempre me habituei e sempre me dê bem com toda a gente. (...) dão-me vários apoios e oportunidades que nem todos, eu por acaso agarro as minhas oportunidades quero sair de lá da instituição com objetivos (...).</i>
	IA-D	<i>Porque eu tenho aqui pessoas, tratam-me bem e fazem um esforço pra eu ser um Homem.</i>



Subcategoria: Historial Escolar dos Jovens	IA	Técnicos	Jovens
	IA-A	<i>Normalmente não tem hábitos de estudo absolutamente nenhuns (...), muitas vezes já tem várias retenções veem (...) muito desmotivadas e com a ideia de que não vão conseguir (...).</i>	<i>(...) eu quando chumbei foi por faltar à escola e foi no 2.º ano, por isso não...eu sempre tive, eu na escola sempre fui aquela pessoa que não falta, que nunca faz nada (...).</i>
	IA-B	<i>(...) o absentismo escolar que esse aí é demasiado (...) a nível da ensino especial temos várias (...) e dificuldades de aprendizagem há algumas (...).</i>	<i>(...) eu vim de Q há quatro anos e ah e eu fui para o 9.º, só que eu depois reprovei por faltas, por isso, chumbei sim, mas o que aconteceu em Q é que nós começamos a escola mais cedo, por isso eu era um ano mais nova, por isso tecnicamente ninguém sabe que eu chumbei (...). (...) os únicos esforços que eu tou a fazer agora é é estar nesta casa, mas de resto tenho sorte, porque por algum motivo eu sempre apanho a matéria e consigo perceber.</i>

Subcategoria: Historial Escolar dos Jovens (Continuação)	IA	Técnicos	Jovens
	IA-C	<i>(...) muitos deles já vem com os programas educativos individualizados (...), com os projetos educativos individualizados, dificuldades de aprendizagem ah depois dificuldades ah alterações de comportamento que influenciam muito na capacidade de atenção (...) o déficite emocional é muito muito grande (...).</i>	<i>(...) também entrei um ano mais tarde para a escola, mas já foi na primeira instituição, mas quando chumbei foi mesmo por ser aquele ano da adolescência, experimentar novas coisas e assim. (...) porque no 9.º ano também tirei um curso de hidrobalneoterapia, (...), tinha que ter 18 anos para fazer continuação para o 12.º, eu não tinha, acabei com 17 e não, depois fui para o de hotelaria e depois para o de marketing.</i>
	IA-D	<i>Normalmente é quase sempre leitura e compreensão (...) que nunca aprenderam a ler efetivamente, tem uma leitura lenta e juntam sílaba com sílaba para tentar ler uma frase ah e depois outros miúdos que até leem fluidamente, mas depois vamos às perguntas de interpretação sobre o que leem, (...), não entendem a diferença entre enuncia ou identifica, caracteriza, pronto define (...). (...) falta de organização, do método de estudo, da organização, de chegar a casa terem alguém a quem mostrar as coisas, terem alguém a quem dizer tenho este tpc, terem alguém que teja lá a fazer os tpcs com eles se for caso disso, (...).</i>	<i>Foi duas. (reprovações) (...) é assim não fosse este curso, porque também a nossa escola é privada e temos muitas coisas, o Renato também ajudou um bocado a ir para aquele curso. Eu fui visitar aquela escola em há dois anos atrás, fui ver aquela escola e gostei muito daquilo e gostava de trabalhar naquilo.</i>

Subcategoria: Relação com colaboradores	IA	Técnicos	Jovens
	IA-A	<i>(...) existe bom relacionamento. (...) que temos um ambiente muito familiar (...) elas relacionam-se muito bem não temos assim problemas de relacionamento.</i>	<i>Damo-nos muito bem! (...) tenho muito à vontade com elas propriamente (...) conto-lhes tudo tanto que elas sabem de tudo (...) temos uma relação muito aberta.</i>
	IA-B	<i>No geral sim, há sempre um ou outro pormenor, mas ah existe uma boa articulação quer com a equipa técnica, (...), e então jovens e monitoras melhor ainda, porque tem um maior contacto, (...).</i>	<i>É boa, eu dou-me bem com com os funcionários.</i>
	IA-C	<i>(...) é um ambiente muito familiar, é assim há há o beijinho e o abraço quando chega a casa (...) é um ambiente muito muito acolhedor.</i>	<i>Damo-nos todos bem, quando precisamos de falar com eles, eles dão conselhos ou põe-nos em qualquer coisa que nós precisamos.</i>
	IA-D	<i>(...) uma das coisas que nós temos aqui de melhor é realmente uma boa relação com com todas as crianças,(...) temos muita preocupação em criar boas relações é um dos objetivos, até porque nós trabalhamos de acordo com o modelo de educador de referência e e de facto isso é a base para o trabalho.</i>	<i>São boas. (...) eu percebo ah ah a parte deles e percebo também a nossa, (...).</i>

Subcategoria: Relação com os colegas da Instituição	IA	Técnicos	Jovens
	IA-A	<i>(...) relacionam-se bem há uma ou outra queee gosta de provocar conflitos, mas pronto vai-se gerindo não há aqui problemas de relacionamento entre elas.</i>	<i>Também me dou bem.</i>
	IA-B	<i>(...) é alturas, alturas em que elas até andam muito estáveis ah principalmente neste piso, agora ah tá muito instável tem muitos conflitos e tudo à volta de uma única jovem (...).</i>	<i>Também me dou bem com algumas, outras nem por isso.</i>
	IA-C	<i>(...) nesta altura acho que sim que há muito bom ambiente ah, porque a faixa etária é muito parecida (...).</i>	<i>(...) dou-me bem com toda a gente, mas tenho dois como somos três mais velhos só, dou-me mais, melhor com os mais velhos, (...).</i>
	IA-D	<i>(...) nós temos aqui miúdos que são os melhores amigos um do outro (...) mas depois temos aqui jovens que não se dão tão bem (...) neste momento temos um bom ambiente (...).</i>	<i>Com alguns é bom e outros não, não é muita ligação que tenho com eles.</i>

Subcategoria: Relação com a Comunidade Educativa	IA	Técnicos	Jovens
	IA-A	<i>(...) pareciam que eram pessoas diferentes e às vezes também eram tratadas de forma diferente ah mas eu acho que se desmistificou um bocado essa história da da das meninas do lar. (...) mais preconceitos em relação a essas às nossas meninas eu acho que tem tem se dissipado (...) hoje em dia isso não acontece ah portanto e elas estão integradas (...) elas estão em várias escolas da cidade tentamos dispersá-las, porque elas juntavam-se sempre em grupos e então acabavam por não se relacionar com outros colegas (...) sentimos isso que elas tem dificuldades em fazer amizades fora de casa (...).</i>	<i>(...) aqui as pessoas não são só de X, são de vários sítios de X e isso torna a escola diferente. (...) saímos quando quisermos também é outro tipo de liberdade (...) também são pessoas mais velhas, então torna-se diferente. (...) os professores (...) são muito acessíveis, preocupam-se, (...) se nós quisermos falar com a diretora, vamos, batemos ao gabinete e entramos e ela está sempre disponível para nos recebermos. (...) o ano passado não me sentia muito integrada, mas se calhar era mais calada e não conhecia ninguém, este ano mesmo os meus próprios colegas dizem que eu tou muito mais aberta, brinco com todos.</i>
	IA-B	<i>Algumas jovens têm muito mais dificuldade de se integrar. (...) algumas algumas situações de jovens que que são excluídas. É mais da parte delas não tanto da parte da comunidade do que educativa, do que mas mais da parte das jovens.</i>	<i>(...) simplesmente não gosto das pessoas de lá, não gosto. (...) nunca fui para uma escola onde o cartão verde fosse só para o almoço supostamente é todos os intervalos podes sair é por isso que tens um cartão verde, não gosto. Gosto muito da minha turma. (...) eu passo por alguém que eu não conheço dizem “ai essa é da casa da Y”(…).(…) são cuscas e falam depois às outras professoras e depois toda a gente sabe.</i>

Subcategoria: Relação com a Comunidade Educativa (Continuação)	IA	Técnicos	Jovens
	IA-C	<i>Sim estão. Estão é assim como eu dizia a maioria deles estão na mesma escola, portanto acabam por ajudar também (...). (...) não vamos dizer que é tudo perfeito, (...) temos alguns casos (...) são miúdos muito complicados ah com problemas muito grandes de comportamento. (...) no geral posso dizer 90% dos miúdos muito bem integrados.</i>	<i>Porque dou-me bem com toda a gente e é bem organizada, quando precisamos de alguma coisa também estão prontos para para ajudar. Sim agora sim, no início (...) é mais difícil, mas depois com o passar do tempo é mais fácil de nos integrarmos na em qualquer turma.</i>
	IA-D	<i>(...) sim penso que não não temos problemas de integração a nível a nível escolar.</i>	<i>É daquelas escolas mais pequenas e mais que não metem todos uns com os outros nunca há guerras (...). Tem os professores, porque não há tantos alunos, (...) e os stores já sabem mais ou menos o que cada um tem, o que pode ajudar ou não. (...) porque na nossa escola percebe que nós temos numa instituição e eles percebem como é a nossa vida não é por tar numa instituição que sou diferente.</i>

Subcategoria: Projeto de Vida dos Jovens	IA	Técnicos
	IA-A	<p>(...) se a menina sabe que vai ficar aqui até aos 18 anos ou até aos 21 ah e que tá a fazer o seu percurso escolar, pronto, existe uma maior tranquilidade, não é, agora outras que não sabem o que é que lhes vai acontecer ou não sabem quando é que retornam à família às vezes ah isso mexe muito com elas. (...) tivemos também situações de meninas que decidiram ficar até aos 21 e que estavam a fazer um curso profissional e que a certa altura decidem ai afinal não é isto que quero para mim e afinal quero ser independente e saem e também desinvestem nos estudos. (...) agora é obvio elas são maiores de idade tem que ter o poder de decidir não é, ah mas que muitas vezes elas ficam desamparadas ah e não tem depois apoio. (...) se pensarmos em jovens que muitas vezes aos 15 anos tão no no 6.º ou 7.º mesmo que tenham sucesso escolar após ah ao virem para a instituição não vão conseguir completar aos 21 se quiserem ir fazer uma licenciatura por exemplo aos 21 não conseguem ter ah o curso terminado. (...) seria importante que houvesse uma maior abertura para e que elas pudessem continuar para além dos 21 quando quando quisessem.</p>
	IA-B	<p>(...) porque então num centro de acolhimento temporário acaba por por influenciar bastante. Temos casos de jovens que gostaríamos que permanecessem mais tempo mas, acabam por por sair não é, e ir para junto da família ou mesmo até para autonomia de vida, porque ultimamente notamos que temos jovens a entrar com 16, com 17 às vezes quase com 18 anos e pouco podemos fazer tendo em conta o seu projeto de vida não é. Algumas ficam até aos 21, mas ah muitas delas acabam também por querer sair, (...), pelo menos já tem os seus cursos terminados, é raro o caso em que elas saem e que não tenham pelo menos o curso terminado. (...) com este projeto ah conseguimos dar-lhe acompanhamento após elas saírem, dar-lhes o nosso apoio a nível escolar (...). (...) ensino superior já já não conseguem aqui (...).</p>

Subcategoria: Projeto de Vida dos Jovens (Continuação)	IA	Técnicos
	IA-C	<p>(...) quando eles entram na instituição, ah há muitos meninos que vão para ali convencidos que vão ali passar um período de 6 meses e passado 6 meses se vão embora então ah o mais fácil numa fase inicial é não se dedicar à escola, porque é assim basta portarem-se bem e a coisa há-de correr. E quando eles realmente percebem que as coisas não funcionam assim ah acabam por perceber que realmente se calhar tem que se dedicar à escola e tem que fazer ah alguma coisa por eles próprios, (...). (...) os projetos de vida são feitos, são lidos pelos miúdos, são acompanhados, são explicados (...) trabalham no sentido de orientação, é assim se querem continuar a estudar, se querem tirar o 9.º ano e depois ir para um curso profissional, se querem ir trabalhar. (...) a maioria dos miúdos ah aos 18 anos pede a extensão para os 21. (...) temos um caso de um jovem agora que tem 19, que tem um curso de três anos pela frente e só tem 2 anos para estar na instituição, (...), se conseguires arranjar trabalho vais ter que deixar a escola porque, ah é assim nós não podemos garantir-te não é, ah a partir dos 21, pronto e ninguém nos garante que a Segurança Social ah adote ah o apoio em autonomia de vida, (...).</p>
	IA-D	<p>(...) às vezes o projeto de vida é o regresso à família ah então nós é que tentamos gerir isto de maneira a que a família perceba vamos trabalhar usando também o ano letivo, para ver se no final do ano letivo consegue regressar à família (...) Se o projeto de vida do jovem é autonomia nós tentamos mesmo trabalhar passo a passo com o jovem para ele perceber que a autonomia e mercado de trabalho não se consegue sem ah a escola, sem investimento, (...). (...) mas de facto a saída muitas vezes condiciona sim o sucesso que eles conseguem ter. (...) aos 21 pressupõe-se que eles consigam ter minimamente o 9.º ano não é, e instituíram para tar entre os 18 e os 21 logo aí há projetos específicos para os preparar para a saída e para ingressão no mercado de trabalho e como foram eles que pediram também estão motivados para para trabalhar nesse aspeto.</p>



Subcategoria: Aspirações Académicas/Profissionais	IA	Jovens
	IA-A	<i>(...) quero ir estudar. (...) fora dela, em princípio. (...) depende se eu conseguir ir para a universidade cá em X se calhar fico aqui mais por perto da instituição, mas não na instituição inserida. Mas se for para fora daqui, se for para minha casa ai já é diferente (...).</i>
	IA-B	<i>Continuar a estudar. (...) para o ano eu faço 18, e até se eu, se eu tiver na casa eu vou querer sair não vou querer ficar aqui, porque eu vou ter 18 anos e não vou continuar a dar o meu telemóvel às dez horas, não vou fazer isso.</i>
	IA-C	<i>Quero ficar. Até atingir os 21 ou até ter emprego e a carta de condução. Emprego fixo.</i>
	IA-D	<i>(...) primeiro quero acabar o 12.º e a seguir quero ir para a Escola do Z. Só me vou embora quando tiver a minha vida mais ou menos feita.</i>

Subcategoria: Importância do Sucesso Escolar	IA	Técnicos	Jovens
	IA-A	<p>(...) acho que não só ter boas notas, estar bem integrado, ah elas sentirem-se bem integradas na turma, que não sejam excluídas ah que tenham boas notas (...). mas eu penso que sim que nós as ajudamos a esse nível e nota-se que muitas meninas que vieram para cá ah com já várias retenções depois aqui conseguem muitas vezes ah continuar e sem retenções ou ou, pronto, mas elas tem conseguido.</p>	<p>(...) então sucesso escolar é por exemplo nós conseguirmos, se nós tivermos um objetivo né, e conseguirmos alcançar esse nosso objetivo, acho que isso já é um sucesso escolar ou também sucesso escolar pode ser por exemplo nós tentarmos tirar um 20 a matemática, conseguirmos isso também já é sucesso escola né, é conseguirmos fazer aquilo que nós queremos, acho que é mais ou menos isso. Espero bem que me traga ah uma vida mais estável do que supostamente viria ter tido né que possa trabalhar para me sustentar a mim (...) é também para isso serve o nosso sucesso escolar. (...) como vim para aqui não elas, nem se quer pensei duas vezes se queria ou não continuar a estudar, foi começar a continuar a estudar e pronto.</p>

Subcategoria: Importância do Sucesso Escolar (Continuação)	IA	Técnicos	Jovens
	IA-B	<p><i>(...) tudo o que englobe o meio escolar não é, a nível das relações com os pares, com os colegas, ah com os professores, com os diretores, tudo isso é sucesso, porque pode ter boas notas mas depois a nível de do resto não ser bom, isso acaba por não ser um grande sucesso não é e vice-versa. (...) tar atento de todas dificuldades das jovens que lhes compete não é, ah e e e sentarmo-nos todos os dias com elas para tentar ajudar e apoiar, estar em contacto com os professores ah quer por via mail quer por telefonemas é isso que tentamos fazer.</i></p>	<p><i>(...) é ter boas notas é é estar-se contente com o que é que tu fazes, e pronto eu acho que é só isso para mim ao menos é só isso. (...) estar aqui faz-me triste e tirar boas notas faz-me contente, por isso é praticamente é a única coisa que me faz contente. (...) eu acho que vai ajudar-me a entrar para a universidade que é o que eu quero e pronto. (...) se eles eles não tivessem dado alguns materiais por exemplo os livros e tudo eu não eu não podia ter boas notas (...) mas além disso não ajudam assim tanto.</i></p>

Subcategoria: Importância do Sucesso Escolar (Continuação)	IA	Técnicos	Jovens
	IA-C	<i>(...) o sucesso escolar passaria por para mim por conseguir os miúdos ah a adquirir conhecimentos para ah fazer alguma coisa que lhes pudesse dar uma forma de vida, (...) se calhar temos é que pensar que ele teve ah um percurso muito positivo e que permitiu alcançar não é, ah alguns dos objetivos, portanto sucesso não só passa pela conclusão de um curso ou pela pela transição de um ano. (...) conhecendo os miúdos e sabendo quais são os interesses deles tentamos sempre adequar ah escolha dos cursos, das formações ah às qualidades do miúdo e os interesses do miúdo (...).</i>	<i>Para mim ter sucesso escolar é tar na escola e ter sempre boas notas e avançar sempre, atingir o máximo de cursos, sei lá, de escolaridade que conseguir. (...) ter um um bom sucesso escolar que depois nos poderá dar um bom trabalho. (...) é tão sempre aptos para nos ajudar a tirar qualquer dúvida que nós tivermos, darem conselhos e acho que é isso.</i>
	IA-D	<i>(...) sucesso escolar é (...) conseguir obter rendimento a todas as disciplinas ou algum aproveitamento, ou seja, mesmo que ele teve uma negativa a uma disciplina que nós consigamos ter aqui algum perceção que ele conseguiu retirar dali alguma coisa, (...) temos essa metodologia que é específica também para um bocadinho para o sucesso escolar associado a esta autoconfiança, autoestima também.</i>	<i>(...) como jogar futebol também começo a jogar futebol no início até ao fim e para mim estudar é tudo na vida, porque sem estudar não podemos fazer mais nada na vida quase.</i>

Categoria de Análise: Fatores Metodológicos de Intervenção Escolar dos CAT/LIJ

Subcategoria: Relação entre CAT/LIJ e Estabelecimentos de Ensino	IA	Técnicos
	IA-A	<i>Nós temos boa relação com todas as escolas com quem trabalhamos (...) portanto são três agrupamentos, todos funcionam de maneira diferente (...) já sabemos que com esta temos que fazer uma abordagem desta maneira, com aquela doutra. (...) há algum problema e eles próprios nos telefonam e dizem olhem passa-se isto assim assim com esta menina e ah portanto acho que isso é ótimo para para o nosso trabalho aqui também.</i>
	IA-B	<i>(...) temos muito boa relação com qualquer um dos estabelecimentos de ensino. é assim há alguns que nós próprios preferimos (...) e acabamos por coloca-las (sorriso) mais em A ou em B, ah algumas que são mais (...) escolas mais pequenas e acabamos, a própria escola acaba por dar mais atenção a essas jovens e então preferimos coloca-las lá, ah as as maiores (...) é mais difícil os próprios professores controlarem, porque são jovens com problemas não é associados, e e essas escolas maiores desvalorizam um bocadinho essa parte.</i>
	IA-C	<i>Muito boa, muito boa é assim nós temos quase todos os miúdos na mesma escola (...). a relação é muito próxima, é assim os miúdos acabam por frequentarem todos a mesma escola passam pelos professores quase todos, porque são muitos não é, os professores encontram-nos nos corredores acabam por nos abordar quase no dia-a-dia ah para para nos falar deste ou daquele aspeto positivo ou negativo e isso ajuda muito.</i>
	IA-D	<i>(...) esta comunicação escola casa que é...que é muito fluída e que não tenho nada a dizer, trabalhamos sobretudo com a escola D e pronto e o canal de comunicação é é muito bom, qualquer coisa que a gente precise, qualquer coisa que eles nos digam sobre os miúdos eles veem veem feitos não é, quer no nosso estudo quer por exemplo se há alguma falha lá percebem que cá houve reação, logo teve algum impacto no miúdo (...).</i>

Subcategoria: Formas de Comunicação entre CAT/LIJ e Estabelecimentos de Ensino	IA	Técnicos	Jovens
	IA-A	<i>(...) é basicamente o telefone (...). (...) as reuniões com os diretores de turma ah no horário de atendimento, ah as reuniões ah de avaliação (...). (...) por e-mail temos agora alguns professores que nos enviam e-mails logo assim que há alguma coisa (...). (...) agora existem plataformas, aquelas plataformas do livro de ponto digital é assim que se percebe as faltas, (...) mas ah algumas que não tem essa essa essas plataformas e que basta fazer um telefonema e as senhoras dizem-nos olhe esta menina anda não anda a tirar senhas, esta menina faltou ao refeitório, pronto.</i>	<i>A Li Li é amiga da diretora da escola que também é minha orientadora. Se for preciso a Li Li liga para ela e sabe...</i>
	IA-B	<i>(...) é reuniões presenciais, e usamos muito os e-mails.</i>	<i>Acho que é regular, vão muitas vezes lá à escola, especialmente o meu técnico vai lá muitas lá para a escola, mas não sei muito, porque não sei se falam com a minha dt, mas sabem tudo. Por isso devem falar.</i>

Subcategoria: Formas de Comunicação entre CAT/LIJ e Estabelecimentos de Ensino (Continuação)	IA	Técnicos	Jovens
	IA-C	<i>é o contacto imediato, é o telemóvel, é o e-mail, (...), (...) é assim tanto podemos receber um telefonema do diretor da escola, como da diretora de turma, como da funcionária, (...). Pessoal é quase diária de qualquer forma, (...).</i>	<i>Telefone, acho que ligam mesmo e se eles disserem para irem lá marcam uma hora e o Rogério, o educador, vai lá.</i>
	IA-D	<i>(...) dependendo do jovem ou quinzenalmente ou semanalmente ligo para a escola nas horas de de atendimento dos diretores de turma aos encarregados de educação, mas os diretores de turma disponibilizam sempre outros horários (...) eu às vezes tenho alguma emergência falar sobre algum assunto e na hora do intervalo ligo e eles atendem e ajudam e resolvem (...) vamos mais esporadicamente presencialmente à escola falar. (...) em casos excepcionais ah pedimos neste dia podemos reunir com o diretor da escola, com o diretor de turma e com o não sei quantos, porque queríamos agir desta e daquela maneira com com o jovem (...). (...) tarmos presentes nos conselhos de turma e sensibilizarmos o grupo de professores que vai estar com aquela criança sobre as características, especificidades da criança que vão receber e até dar algumas dicas como intervir caso haja alguma situação mais problemática (...).</i>	<i>Por telemóvel. Ou vão à nossa escola.</i>



Subcategoria: Definição do Encarregado de Educação	IA	Técnicos	Jovens
	IA-A	<i>(...) sou, ah ah encarregada de educação da generalidade das meninas, a nossa diretora técnica ah é responsável, é encarregada de educação de algumas que tão na formação profissional, mas todas as que estão pelo menos nas escolas oficiais, no ensino regular eh estão à minha responsabilidade.</i>	<i>É a Li Li. Nós conversamos, conversamos de tudo...há quem diga...a minha tia até diz que nós parecemos duas adolescentes às vezes a falar (sorriso).</i>
	IA-B	<i>(...) no acolhimento quando quando acolhemos uma jovem à partida somos ah desde de já o encarregado de educação. Pronto, sai uma é logo atribuído ah uma jovem a esse mesmo técnico (...) de referência (...) passamos a ser encarregado de educação deles para todas as áreas, educação, a saúde, tudo (...).</i>	<i>É o Dr. Paulo. Acho que é psicólogo. Ele percebe-me muitas das coisas, se calhar as outras técnicas não percebem.</i>
	IA-C	<i>É sempre o mesmo (sorriso) é o educador, o educador é o encarregado de educação de eles todos.</i>	<i>O Rogério. Também me dou bem, também tá sempre disponível para ajudar e para dar conselhos, quando eu preciso de alguma coisa ele tenta-me sempre ajudar e se me vir mal ou assim ah pergunta sempre se eu estou bem.</i>

Subcategoria: Definição do Encarregado de Educação (Continuação)	IA	Técnicos	Jovens
	IA-D	<p><i>Normalmente ah nós definimos o encarregado de educação entre nós os 3 técnicos...ah e tentamos consoante, tentamos dividi-los, ou seja, somos 3 são 12 jovens tentamos mais ou menos cada um tenha 3 ou 4 jovens para podermos conseguir chegar a todos e depois a escolha (...) é feita um bocadinho a partir, ou da relação que entretanto se criou com o jovem, poderá ter mais afinidade com aquela pessoa, às vezes por uma questão de idade, por exemplo normalmente eu eu fico com os mais pequeninos...(...) o primeiro impacto normalmente é é assim ah e depois vamos avaliando ao final do ano se é necessário haver troca de encarregado de educação por algum motivo ah fazemos.</i></p>	<p><i>É o Renato. Muito bom...porque gosto dele e preciso estar bem com ele. (...) posso confiar nele.</i></p>

Subcategoria: Regras Institucionais na Área Escolar	IA	Técnicos	Jovens
	IA-A	<p><i>(...) habitualmente ah elas vão percebendo e vamos explicando olha nós aqui fazemos assim (...). (...) todas as meninas tem diariamente um um tempo de estudo de 45 minutos (...) claro quando há testes, quando há trabalhos para entregar na escola ah esse tempo prolonga-se ah portanto não não existe uma obrigatoriedade de fazer 45 minutos e acabou o tempo (...) nós temos um sistema que é ah quando quando entram na sala de estudo ah vão verificar ah se tem pronto habitualmente no início da semana verificam os testes que tem, se tem trabalhos para entregar e e quando entram na sala de estudo vão verificar ah tudo o que tem para fazer se tem trabalhos de casa para o dia seguinte, se tem alguma coisa para estudar ah e habitualmente vão rever a lição daquela disciplina da aula anterior</i></p> <p><i>(...). (...) dependendo da gravidade da situação nós conversamos com elas tentamos incentiva-las para não para não repetirem por exemplo se houver uma falta a uma aula ou se não fez o tpc normalmente conversamos com elas e portanto não existe nada regras rígidas relativamente a medidas reparadoras nesses casos.</i></p>	<p><i>(...) pelo menos quando eu entrei (...), não me explicaram assim concretamente como eram as regras de estudo (...) ao longo do tempo que tive cá e que porque nós não vamos logo para a escola então, (...) aquela duas semanas ou aquela semana que ficamos cá observamos (...) que elas fazem e depois vamos também aprendendo a nós próprias (...). (...) fazemos todos os dias um estudo de uma hora mesmo quando não temos nada para estudar, sei que temos que ficar pelo menos a ler. (...) depende das meninas, né, umas que faltam muito comum e dão-lhe um castigo, mas depende né, isso também depende muito das meninas e da situação (...).</i></p>

Subcategoria: Regras Institucionais na Área Escolar (Continuação)	IA	Técnicos	Jovens
	IA-B	<p>(...) nós numa primeira abordagem, quando elas entram ah transmitimos-lhes isso, (...) nós damos-lhe um um regulamento, um contrato digamos que onde tem vários direitos e deveres delas na instituição, a nível de escolar, a nível da saúde, a nível de das atividades que elas realizam e tá logo escrito (...). (...) e elas próprias transmitem-se, as mais velhas acabam por transmitir aquelas que chegam (...). (...) tem uma hora de estudo diária (...) que depois não possam prolongar ou se vierem mais cedo da escola fazem quando chegam da escola, mas durante aquela hora pelo menos não pode haver ruídos ah que que dificulte ou que destabilize aquelas aquelas que estão a realizar a hora de estudo. (...) normalmente nós penalizamos naquilo que elas mais gostam (...) ou retiramos o telemóvel ou o computador se tiverem, ou não vão ao facebook, a fazemos por escrito, usamos muito o método de elas próprias escreverem o porquê que faltaram à aula, ou porquê que fizeram isto ou aquilo ah elas próprias refletirem e escreverem no papel (...).</p>	<p>Disseram-me logo numa folha que temos que ler logo no início quando entramos para a instituição. (...) temos que nos portar bem, não podemos sair da escola se não temos cartão verde, temos que temos cumprir a hora de estudo sempre, (...). Levo um zero na tabela. (...) tiram-me dinheiro da semanada. Penalizava-as no telemóvel, as saídas.</p>

Subcategoria: Regras Institucionais na Área Escolar (Continuação)	IA	Técnicos	Jovens
	IA-C	<p>(...) eles têm uma reunião comigo todas as semanas, portanto às segundas-feiras, (...) são discutidos os aspetos positivos e negativos, onde são encontradas muitas vezes com eles alternativas ah às repreensões (...) temos uma tabela ah gigante assim um placard grande na sala do educador ah que têm uma avaliação diária do comportamento deles, das avaliações, das faltas (...). (...) embora haja regras definidas, o horário da sala de estudo, as avaliações isso está tudo bem definido com eles desde o início do ano. (...) todos os meninos principalmente no 2.º e 3.º ciclo têm que passar pela sala de estudo. (...) têm uma folhinha que lhes é dada diariamente com o nome com o nome das disciplinas e com opções para saber se têm trabalhos de casa, se não têm, se foram às aulas que é assinada pelos professores que nos permite também controlar (...) portanto eles todos os dias têm que passar pela sala de estudo, mostrar essa folha, realizar as atividades propostas. Achamos que os cursos profissionais são diferentes, muitos deles nem nós conseguimos dar o apoio (...). (...) tentamos sempre falar com eles, numa primeira abordagem ver o porquê da falta e depois é assim a repreensão é mediante a razão pela qual faltaram. (...) todas as repreensões são dadas ao miúdo são explicadas aos outros o porquê, porque eles são todos diferentes (...).</p>	<p>Acho que lhe dizem tudo logo quando a diretora o recebe, acho que diz tudo (...) Tem as horas de estudo, acho que tem uma certa hora para eles estudarem, (...) porque a sala de estudo tá aberta, que é quando chegamos da escola para aí das cinco às seis e meia se não me engano, ou mais cedo depende se alguém tiver tarde livre vai para lá antes, os outros que cheguem da escola tem que ir logo para lá (...). Levo um ralhete do Rogério, é assim. Se for abusivo levo um castigo.</p>

Subcategoria: Regras Institucionais na Área Escolar (Continuação)	IA	Técnicos	Jovens
	IA-D	<p>(...) quando acolhemos um jovem, primeiro dia de um jovem a chegar à instituição, explicamos ah o funcionamento da casa e na parte escolar explicamos que há ah este estudo, o mostrar os cadernos, o mostrar as coisas e organizar o estudo e diariamente temos uma hora para tu te organizares, organizares o teu estudo. (...) depois nos dias seguintes, é que pronto, ah sentimos que eles vão-se ambientando e vão precisando diariamente de de uma explicação (...). Nós temos estudo obrigatório que é diário (...) terem aquele horário de estudo que é flexível (...) tentamos que nunca seja só realização de tpcs, (...) tentamos ter aqui algum rigor perceber ok este está mais fraco a português além dos tpcs vai debruçar-se sobre o português ah não trás tpcs, onde é que está mais fraco vai debruçar-se sobre isso e diariamente é assim. (...) eles chegam a casa mostram cadernos e caderneta (...) temos uma folhinha que lhes damos e que também exigimos que eles registem tpcs e testes numa folha de nós próprios que fizemos (...). (...) tentamos ter uma medida reparadora adequada à situação, (...). (...) mas uma coisa que tentamos é compensar com trabalho, faltou mas vai fazer o trabalho e muitas vezes leva o trabalho à professora, mostrar que fez em casa que lhe deram esse trabalho em casa (...).</p>	<p>(...) fui perceber como eram as regras desta casa. Chego a casa, oh tpc ou estudar para os testes, às vezes quando não temos testes estudamos a matéria que nós temos mais dificuldade. O Renato chama diz que quer falar connosco, fala e escreve num papel que é, que há um papel nesta casa que é os castigos das pessoas, (...). Ou lavar a loiça, ou estudar mais. É sempre estudar mais, porque é tipo de aula. Mais castigos de estudo.</p>

Subcategoria: Acompanhamento e Supervisão do Estudo Diário	IA	Técnicos	Jovens
	IA-A	<i>(...) duas colegas uma delas educadora social outra animadora ah de formação, (...) tão as duas responsáveis pelas salas de estudo, cada uma por uma (...). Eu acabo por dar um reforço e um apoio ah em ambas as salas até porque preciso ah à outras questões às vezes para para tratar nomeadamente ah que elas ver os recados da caderneta, os testes, essas coisas assim. (...) temos tido a oportunidade de ter aqui alguns voluntários professores (...). (...) uma professora do 1.º ciclo que dá depois um apoio ah a nível do 2.º ciclo, mas dá faz ah mas uma explicação, vá lá, a nível geral de todas as disciplinas, (...) temos por vezes estagiários (...) neste momento temos duas estagiárias do curso de educação básica ah temos uma estagiária de serviço social (...).</i>	<i>Eu penso que seja a Filipa e a Cristina...e a Filipa Cota. É assim ah costuma ser uma pessoa ah uma ou duas, é sempre quase sempre uma, uma por cada sala (...).</i>
	IA-B	<i>(...) o técnico que tá até mais tarde acompanha sempre, tá as monitoras de serviço que geralmente tão duas em cada, em cada piso e e quando conseguimos um voluntário ou normalmente é individual, conseguimos e temos neste momento duas, duas voluntárias que tão a dar apoio ah a duas meninas.</i>	<i>São todas.</i>

Subcategoria: Acompanhamento e Supervisão do Estudo Diário (Continuação)	IA	Técnicos	Jovens
	IA-C	<i>Os auxiliares de ação educativa (...). Por norma é assim, ah tudo o que sejam ah trabalhos mais específicos que às vezes que os auxiliares não conseguem dar resposta, (...) dirigem-se ao educador, ah o restante do apoio é dado pelos auxiliares, o educador vai à sala de estudo sempre que tem oportunidade para ver como é que as coisas estão a correr, para ajudar, para pronto, também às vezes temos o apoio da da própria assistente social quando ela tá com um momentinho mais liberto também vai lá acima, se for necessário até a diretora, (...).</i>	<i>Os monitores que tiverem de serviço.</i>
	IA-D	<i>Normalmente são os educadores ah mas os técnicos estão muito presentes também (...) acabamos por estar presentes na parte da organização e às vezes deixamos fichas, e deixamos coisas, planos de estudo também para esse estudo diário (...). (...) além dos dois educadores e dos técnicos ainda está o Jacinto que é, que é o nosso professor com o apoio a esses dois educadores, (...) ah temos as explicações é voluntário, o apoio é voluntário das professoras que dão explicações aos nossos jovens, (...).</i>	<i>É mais o os sei lá isso os educadores (...). E o Renato, e a Flávia e o Raúl.</i>



Subcategoria: Dificuldades Sentidas pelos Técnicos	IA	Técnicos
	IA-A	<i>(...) ah as matérias por vezes que já passou já passaram-se muitos anos, (...). (...) noto às vezes uma falta de motivação na parte delas (...) é um pouco frustrante nós estarmos a investir e elas não corresponderem (...).</i>
	IA-B	<i>(...) eu acho que é mais o acompanhamento ah individual, pronto que realmente as dificuldades são muito diferentes de de jovem para jovem não é, e depois também a formação do próprio pessoal, da própria equipa não é, de a nível das monitoras temos algumas que também não têm formação muito elevada (...).</i>
	IA-C	<i>(...) a grande dificuldade é assim, os meninos não sabem o que querem fazer, pronto, a maioria deles não sabe, a escola para eles é sempre um ambiente ah onde eles não querem estar, onde eles se sentem constrangidos ah e a grande dificuldade é consegui-los fazer perceber que têm concluir o 12.º ano e que têm a possibilidade de escolher alguma coisa que lhes possa dar ferramentas para serem alguém no futuro.</i>
	IA-D	<i>(...) e eu de vez em quando, já há muito tempo que não sinto isto, mas de vez em quando lá vem um bocadinho este preconceito ao de cima (...). (...) às vezes uma falta de preparação da própria escola de ter ali alguma maneira de sensibilizar a comunidade não só professores, mas tudo o que é comunidade educativa para perceber, (...) é mais esta questão de haver aqui alguma falta de sensibilidade, de preparação, de formação (...).</i>

Subcategoria: Sugestões e Ações Futuras	IA	Técnicos	Jovens
	IA-A	<p>(...) temos os horários de estudo todos concentrados durante a tarde, elas tem possibilidade, se houver algum problema elas elas claro que podem estudar à noite, mas acaba por estar tar institucionalizado que é é instituído vá lá é que é aquele horário é só até às sete e meia ah penso que se houvesse uma maior abertura para que elas pudessem até mais tarde ou durante outro horário ah poderem estudar (...). (...) nos últimos anos temos tido a oportunidade de ter aqui alguns voluntários professores (...). Neste momento não temos ninguém e sentimos essa falta ah que é ah um professor de matemática por exemplo ah ou de inglês, que nós próprias vamos a determinada altura ah ter que estar sempre a estudar também com elas para conseguirmos acompanhar as matérias ah e nem sempre conseguimos depois responder, (...). (...) em trazer cá algumas pessoas para dar o seu testemunho sobre o como o investimento no estudo compensou.</p>	<p>Era se por exemplo, a menina não está estudar ou não tem nada para estudar acho que não é preciso ficar ali a cumprir aquele horário tar ali uma hora dentro da sala de estudo. Ir para o atelier ou outra coisa qualquer ou andar aí pela casa (...).</p>

Subcategoria: Sugestões e Ações Futuras (Continuação)	IA	Técnicos	Jovens
	IA-B	<i>(...) mas eu acho que ah mesmo a questão do voluntariado era acho que era mais importante era mesmo tentar recrutar o máximo possível, pessoas com formação que pudessem dar apoio ah individual a determinadas jovens. (...) também para dar a continuidade também à formação que temos vindo a ter, ah a nível da educação, (...).</i>	<i>(...) se não querem fazer a hora de estudo não tem que fazer a hora de estudo, cada um sabe da sua vida se não fazem, não trabalham, se não trabalham, não ganham dinheiro, pronto é assim e e se não querem estudar pronto é o problema é delas, eu não forçava ninguém a estudar.</i>
	IA-C	<i>Ter mais colaboradores e pessoas que pudessem estar dedicadas exclusivamente ah aquela área e com ah com ah com outras competências (...).</i>	<i>Tentarem meter um explicador para os mais novos que é o mais complicado, nós mais velhos já passámos e eu pelo menos por mim consigo estudar se tiver organizado, mas os mais novos tem que aprender a organizar os dossiers e para para estudarem melhor.</i>
	IA-D	<i>(...) era esta questão tentar mais individualizado, puxar mais ao miúdo um bocadinho também mais lúdico, (...). (...) é realmente mais ações de formação, que é mesmo de formação pessoal e profissional para a comunidade educativa.</i>	<i>Era mais uma pessoa a ajudar. Porque há pessoas que tem outras dificuldades, outros são do, uns são do 10.º, outros são do 9.º, 7.º, 8.º (não audível) eu acho que podia haver sempre mais uma pessoa para isto.</i>

Categoria de Análise: Fatores Escolares/Formativos do Meio Envolvente

Subcategoria: Respostas Escolares/Formativas	IA	Técnicos	Jovens
	IA-A	<i>(...) temos tido aqui uma grande dificuldade em integrar algumas jovens que nos chegam com já ah com 16 às vezes 17 anos queee não tem ainda o 3.º ciclo feito e que depois não temos oferta em termos de de cursos. (...) mas de qualquer das formas eu penso que os cursos que vão aparecendo agora, esses cursos vocacionais são muito úteis e que para algumas jovens não digo para todas porque algumas estão perfeitamente integradas nós temos meninas no ensino regular (...) portanto penso que a oferta é muito pouca.</i>	<i>(...) era isso que queria que gostava de tirar.</i>
	IA-B	<i>(...) quer dizer a nível de saúde mental não há isso (sorriso) não há mesmo ah e tivemos agora recentemente a nível do vocacional há jovens que estão integradas no ensino vocacional e aqui temos um mas não, mas já não tem mais vaga, pronto e então temos que as colocar no regular, mas são jovens com muitas dificuldades e acabam por não por ir só por ir, porque não há outra resposta. Mas geralmente é um caso ou outro. (...) aqui a maioria é tudo CEFs e é o vocacional serviço de mesa/bar.</i>	<i>Eu gostava de fazer ciências só que por causa tanto de eu mudei sempre de casa nunca consegui a matemática tava sempre a mudar, eu nunca consegui apanhar a matemática e por isso não vou para ciências, porque não vou conseguir fazer a matemática.</i>

Subcategoria: Respostas Escolares/Formativas (Continuação)	IA	Técnicos	Jovens
	IA-C	<i>Aliás neste momento sim, tendo em conta a faixa etária que nós temos ah, porque temos miúdos mais pequeninos, portanto sétimos, oitavos e aí já não é muito complicado quando estamos quando fazemos o acolhimento a miúdos com 15, 16 com muitas reprovações, com problemas de comportamento torna-se muito complicado conseguir inseri-los nas nas escolas. As escolas não os aceitam pelos processos, não os aceitam, porque não têm idade, não ah pronto, e a oferta que nós temos muitas das vezes não é a mais adequada (...) é muito complicado inseri-los e chegamos a ter miúdos ah seis meses sem integração escolar, pronto.</i>	<i>(...) gostava, gostei sempre tive interesse em técnico de vendas, porque já tive em outros, hotelaria e também era para o 12.º ano não, cheguei ao estágio, mas depois saí, porque não interessava muito.</i>
	IA-D	<i>(...) temos os PIEF, temos os CEF, temos os PCA estas iniciais todas muito bonitas, mas depois tenho a sensação que é um despejar às vezes de de miúdos todos muito problemáticos e que às vezes as equipas precisam uma boa coordenação, uma boa formação para saber lidar com meninos problemáticos e às vezes isso não não acontece. (...) abriu cursos vocacionais (...).</i>	<i>(...) eu gosto ah de trabalhar com outras pessoas e às vezes tenho muita paciência que temos que ter com os cliente, ca as pessoas.</i>

Subcategoria: Adequabilidade das Respostas Escolares/Formativas ao Mercado de Trabalho	IA	Técnicos
	IA-A	<i>Eu penso que não, porque nós temos aqui por exemplo ah os cursos profissionais que vão abrindo são todos na área de de vendas, pronto vendas claramente é uma área que que tem alguma saída profissional ah ou serviço de mesa (...) cursos nomeadamente cabeleireiro, ah esteticista que são, que são ah áreas que elas gostam são áreas que pensamos nós que têm saída profissional, mas que depois não existe (...). (...) agora, em termos de cursos vocacionais tem aparecido assim algumas coisas interessantes ah mas como é a nível de 3.º ciclo (...).</i>
	IA-B	<i>(...) mas há aqui, mas depois quando elas vão para casa não sei até que ponto é que na na na atual residência elas, lá exista ou não, se essa vertente não é, essa área (...)</i>
	IA-C	<i>(...) é assim nós temos miúdos em curso de serralharia que têm sempre saída, em cursos de técnico de vendas, em curso de ah assistentes administrativos, portanto acabam por ser cursos que ainda vão dando resposta às necessidades que que há e é assim, muitos dos miúdos até acabam por mesmo a nível de estágio não é difícil integrá-los, (...).</i>
	IA-D	<i>(...) haver mais programas de de inserção não é, de destes miúdos no mercado de trabalho, porque são miúdos que lhes falta muitas competências também a nível social não é, ah desadequados em termos de de de relações (...) falta apostar aqui mais na em programas mais específicos para para miúdos mais com mais dificuldades não só institucionalizados, mas com historial escolar complicado.</i>

Subcategoria: Proximidade das Respostas Escolares/Formativas ao CAT/LIJ	IA	Técnicos	Jovens
	IA-A	<i>(...) duas escolas aqui que são mais longe mas vão na mesma a pé, demoram cerca de 15 minutos lá a chegar. Temos uma escola ah que já fica fora da cidade e que elas vão no transporte escolar, de autocarro urbano, (...). (...) máximo talvez meia hora (...).</i>	<i>A pé, estudo já aqui em baixo. (...) costumo demorar mais ou menos 7 a 10 minutos.</i>
	IA-B	<i>Em transportes escolares. Rodoviária ou da câmara. Máximo... É uma hora.</i>	<i>De autocarro. Meia hora.</i>
	IA-C	<i>De transportes públicos sempre, (...). Máximo 25 minutos.</i>	<i>Autocarro. 5 minutos.</i>
	IA-D	<i>Normalmente é a pé (...) temos 2 jovens (...) vão nos transportes públicos ou transporte escolar ou público. (...) talvez 40 minutos, mais ou menos.</i>	<i>De autocarro da escola. Uma hora.</i>